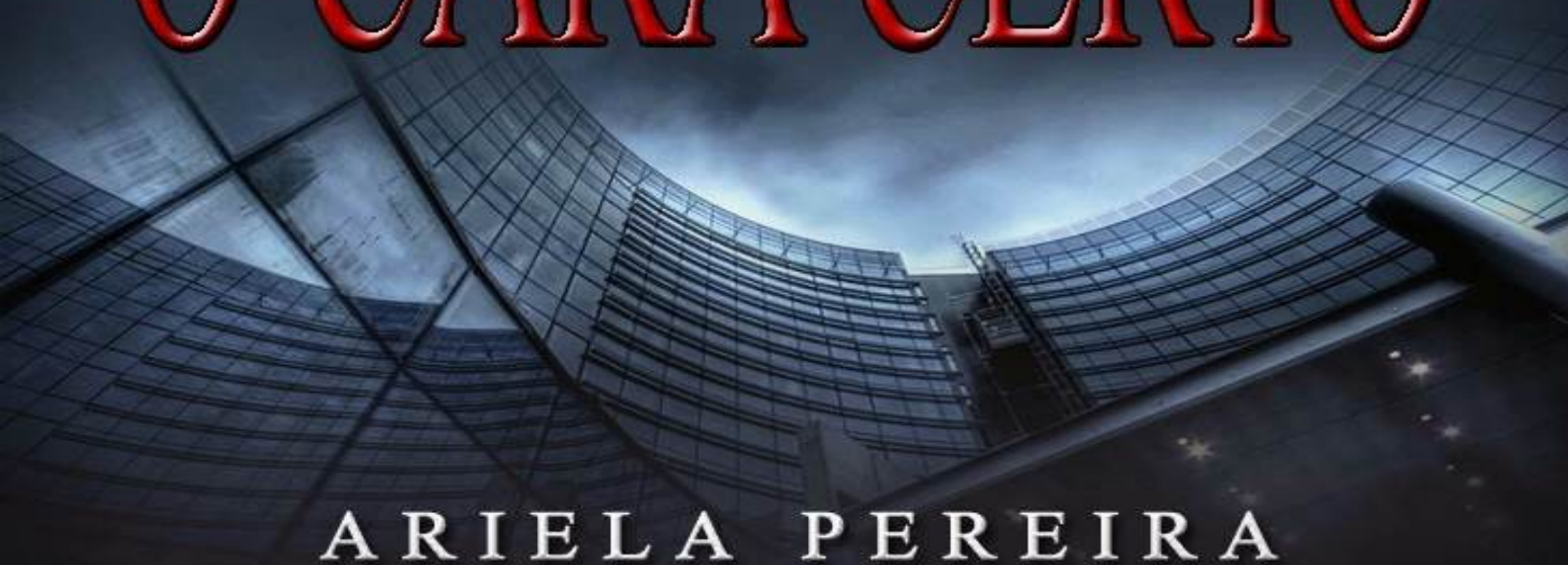




O CARA CERTO



ARIELA PEREIRA



O CARA CERTO
Ariela Pereira

Copyright© 2017 Ariela Pereira

Todos os direitos reservados de propriedade desta edição e obra são da autora. É proibida a cópia ou distribuição total ou de partes desta obra sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

1º Edição

2017

ÍNDICE

PRÓLOGO

Cariel

CAPÍTULO I

Abby

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

CAPÍTULO IV

Cariel

CAPÍTULO V

CAPÍTULO VI

Abby

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X

CAPÍTULO XI

CAPÍTULO XII

Cariel

CAPÍTULO XIII

CAPÍTULO XIV

Abby

CAPÍTULO XV

CAPÍTULO XVI

CAPÍTULO XVII

CAPÍTULO XVIII

CAPÍTULO XIX

Cariel

CAPÍTULO XX

Abby

CAPÍTULO XXI

CAPÍTULO XXII

CAPÍTULO XXIII

CAPÍTULO XXIV

CAPÍTULO XXV

Cariel

CAPÍTULO XXVI

NACIONAIS-ACHERON

PERIGOSAS

[CAPÍTULO XXVII](#)

[EPÍLOGO](#)

[PROMOÇÃO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

NACIONAIS-ACHERON

PRÓLOGO

Cariel

O avião de pequeno porte sobrevoava a Ilha do Pecado — eu chamava assim a pequena Ilha que havia comprado no sul de Cingapura, porque lá podíamos fazer tudo o que quiséssemos, desde as farras mais indecorosas, até as aventuras mais radicais, algumas ilegais, sem que a polícia nos importunasse —, tentando emparelhar com a lancha que seguia em alta velocidade através do mar de águas azul turquesa.

O desafio era saltarmos de paraquedas e pousarmos sobre a lancha em movimento. Jonathan e eu éramos os competidores e o prêmio era uma noite com Savana, a garota mais sexy e exótica de toda a Austrália. Exótica porque tinha um olho azul e o outro dourado, algo que ela considerava uma deficiência, mas que a tornava diferente de todas as outras mulheres, a tornava especial.

Eu não participava da competição por causa do prêmio, meu objetivo era impedir que Savana passasse a noite com aquele imbecil, um cara que queria comer toda mulher que passasse por dele e não respeitava nenhuma, costumava sair falando tudo o que fazia com elas, com detalhes, o que eu considerava uma tremenda molecagem. Precisava protegê-la desse tipo de coisa, porque afinal ela fora a minha namorada por três anos e ainda éramos amigos.

O meu prêmio seria a adrenalina do desafio. Quanto à minha noite, já estava garantida nos braços de uma universitária loirinha que visitava a ilha pela primeira vez. Afinal carne fresca era sempre mais gostosa.

Jonathan foi o primeiro a saltar, assim como eu, gostava de correr riscos e sequer hesitou antes de pular do avião. Para a minha felicidade, ele errou o alvo e acabou caindo no mar, a cerca de um metro de distância da lancha.

Quando chegou a minha vez, também saltei sem hesitar, mirei diretamente

a lancha e não desviei os meus olhos da proa alongada até que estivesse completamente alinhado a ela, então abri o paraquedas e consegui pousar onde deveria.

Savana se encontrava na embarcação, esperando o vencedor do prêmio e veio abraçar-me exultante, embora já soubesse que nada aconteceria entre nós, que naquela noite não seria nos braços dela que eu estaria.

Ao atracarmos na praia, não perdi a oportunidade de caçoar de Jonathan, por causa da sua derrota e fiquei satisfeito ao perceber o olhar de admiração que a loirinha me lançava, dando-me a oportunidade que eu precisava para lançar o meu charme e garantir que ela estivesse na minha cama aquela noite.

Como sempre fazíamos à tarde, nos reunimos na praia para beber, tomar sol e nadar. Eu já estava meio tonto, pelo efeito da tequila, quando a empregada da única casa na Ilha apareceu com o telefone residencial em uma bandeja, avisando que minha irmã queria falar comigo, parecia que não estava se sentindo bem.

Ela me ligava desde aquela manhã e como eu sabia que ia me pedir para voltar para casa, me recusei a atender, pois embora a amasse com todo o meu coração, eu tinha a necessidade da minha liberdade, de estar ali no meio da farra. Ficar em casa cuidando de uma adolescente não era exatamente o meu conceito de diversão.

Novamente não atendi e continuei bebendo junto aos amigos da faculdade, cerca de uma dúzia de pessoas que tinham o privilégio de frequentar a Ilha do Pecado.

Aquela noite foi tudo o que eu esperava e mais um pouco. Ficamos na praia até o pôr do sol e ao voltarmos para a casa, fui direto para o meu quarto com a loirinha gostosa. Estávamos nos divertindo bastante quando a amiga dela apareceu para se juntar a nós e as coisas não poderiam ficar mais perfeitas.

Como sempre, acordei tarde e com ressaca no dia seguinte, no instante em que deixei o quarto a empregado veio quase correndo me encontrar, tinha a fisionomia alarmada, os olhos arregalados, como se algo grave tivesse acontecido.

— Caryl, ligaram do Hospital Geral de Sidney, a sua irmã está internada e

NACIONAIS-ACHERON

parece que é grave — Disse ela.

Lembrei-me de todas as tentativas que Kristen fizera de falar comigo durante o dia anterior e meu coração pesou dentro do peito, o remorso recaindo sobre os meus ombros. Minha nossa! O que teria acontecido com ela?

Apressadamente, telefonei para o hospital, quando fui informado, pelo médico que cuidava de Kristen, que haviam acabado de encontrar um câncer no pulmão dela, um tumor do tamanho de um tomate, o qual dificilmente poderia ser curado.

Processei suas palavras e a dor já conhecida tomou conta de mim, se resolvendo em minhas entranhas, enchendo-me de angústia. Era a mesma dor que senti quando fiquei sabendo que o avião dos meus pais havia caído e eles estavam mortos, a mesma dor que Alexander, meu irmão mais velho, certamente experimentara quando sua esposa morreu em um acidente de carro, há alguns meses atrás, uma dor irreparável, para a qual não havia remédio, a dor de perder alguém que se amava.

Só que dessa vez parecia pior, talvez pelo fato de Kristen ser a última pessoa que me restava, já que Alexander havia se transformado quase em um zumbi depois da morte da esposa. Eu não podia perdê-la também, a vida não podia ser tão cruel e injusta, a ponto de me tirar todas as pessoas que eu tinha e me deixar sozinho no mundo.

Quando deixei a ilha, no meu avião particular, ainda antes do meio dia, ao lado de Savana, que se mostrava uma verdadeira amiga ao me acompanhar e me dar apoio naquele momento tão difícil, prometi a mim mesmo que faria tudo o que estivesse ao meu alcance, e até aquilo que eu não pudesse alcançar, para salvar a vida da minha irmã. Não permitiria que a droga de um tumor no pulmão a tirasse de mim. Isso nunca.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO I

Abby

Como se não bastasse ter terminado nosso namoro de três meses por telefone, Andrew ainda tinha a cara de pau de flertar com a nova estagiária bem na minha frente, sabendo que eu podia enxergá-los de dentro do aquário. Eu chamava de aquário o compartimento no qual trabalhava, porque este tinha todas as paredes em vidro, de modo que eu podia enxergar quem estava lá fora e podia ser vista também. Era um compartimento pequeno, com cerca de quarenta metros quadrados onde eu e um privilegiado grupo de seis membros trabalhávamos diretamente com Dr. Young, um dos maiores cientistas do mundo. O lado de fora, era o espaço reservado para o restante da equipe, composta por médicos experientes, estagiários, pesquisadores e cientistas minuciosamente escolhidos. A maioria dos quais eram professores ou ex estudantes da universidade onde me formei, assim como o Dr. Young, um dos mestres mais antigos.

No mesmo andar, havia também a enfermaria que usávamos para acomodar os pacientes com os quais testávamos nosso mais novo experimento, algo grande em que trabalhávamos há quase dois anos, uma possível cura para o câncer. O prédio onde estávamos fazia parte do Texas Medical Center, um dos maiores centros médicos do mundo, localizado em Houston.

Entre os membros da equipe pessoal do Dr. Young eu era a mais jovem. Aos vinte e quatro anos de idade, já trabalhava em meio a médicos experientes e renomados. Todos diziam que eu era uma pessoa privilegiada por ter sido escolhida pelo Dr. Young quando ainda era aluna dele na faculdade, devido ao meu bom desempenho. O restante da equipe, aqueles que ficavam do lado de fora do aquário, também haviam sido minuciosamente escolhidos, pessoas de confiança, médicos antigos na carreira e jovens recém-formados que também se destacaram na faculdade e atuavam como estagiários.

Antes de vir trabalhar conosco Andrew era médico em um hospital em Dallas. Ele havia se mudado para o centro médico há cerca de um ano e meio e há três meses começamos a sair juntos. Tudo bem que não nos encontrávamos com muita frequência fora do trabalho, nos víamos menos do que ele gostaria, geralmente apenas nos finais de semana, mas isso não era desculpa para que ele estivesse trocando amassos discretos com a nova estagiária, sem se importar que eu estivesse vendo.

Não que isso justificasse o que ele fazia, mas a garota era linda, tinha a minha idade, era alta, loira, se vestia de forma sexy e possuía uma boca carnuda de fazer inveja a qualquer mulher, ao contrário de mim, que não passava de uma garota comum. Algumas pessoas até me achavam bonitinha, mas a verdade era que eu vinha tentando melhorar. Seguindo os conselhos da minha melhor amiga Melissa, eu havia tingindo os cabelos de castanho escuro, escondendo aquele tom de ruivo quase incandescente, tinha também trocado os óculos de graus grossos pelas lentes de contato e até mudado o meu guarda-roupas, substituindo os suéteres largos e jeans por algo menos casual. Porém, quando eu me olhava no espelho ainda via aquela garota de olhos azul escuros absurdamente enormes, abaixo da testa grande e uma boca pequena demais. Melissa me aconselhara a fazer preenchimento nos lábios, já que o fato de serem muito finos me incomodava, mas aquilo já era demais. Se algum cara tivesse que se apaixonar por mim um dia, teria que ser pelo que eu era e não pelo preenchimento nos lábios.

Enquanto observava Andrew com a estagiária, eu me perguntava se eles já estavam se encontrando antes de ele me telefonar terminando tudo. Eu não duvidava nada disso, afinal minha vida afetiva sempre foi um verdadeiro desastre. Desde o colegial, passando pela faculdade, até a vida adulta, tudo foi uma consecução de decepções, traições e abandonos. Meus amigos costumavam dizer que as coisas eram assim porque eu estudava demais, trabalhava demais e nunca conseguia relaxar como deveria. Contudo, eu não via problema algum em trocar as baladas, as noitadas e os passeios, pelos estudos. Eu só não queria acabar como a minha mãe, uma viciada em drogas presa ao namorado traficante e tarado que a espancava quando ela se negava a permitir que ele usasse a casa dela para traficar drogas, o que me fez sair de casa bem cedo. Não havia nada errado em querer ter uma vida diferente, em querer prosperar e me destacar na profissão pela qual lutei com unhas e

NACIONAIS-ACHERON

dentes.

Às vezes eu chegava a ficar depressiva com a minha falta de sorte na vida afetiva, e nesses momentos, meus amigos diziam que eu ainda não havia encontrado o cara certo. Às vezes eu acreditava que esse cara não existia e que eu havia herdado o carma ruim da minha mãe para homens.

Do lado de fora do aquário, quando acreditou que ninguém a sua volta estava olhando, Andrew teve o descaramento de dar um beijo na boca da saltitante estagiária. Por um instante achei que ele estivesse fazendo aquilo para me provocar, mas logo me dei conta de que eu não era tão significativa assim para ele, se fosse, teria feito uso de mais que um simples telefonema para terminar nosso namoro. Sim, três meses saindo juntos já se podia chamar aquilo de namoro, não que eu o amasse perdidamente, mas aquilo me magoou mais até do que eu gostaria e me trouxe um velho desânimo já conhecido, quase uma certeza de que eu jamais encontraria alguém com quem dividiria minha vida. Andrew não era o primeiro a fazer aquilo comigo, na verdade eu não tinha a menor sorte no amor. Como Melissa costumava dizer, algumas mulheres nasciam para se tornarem esposas fiéis e leais, outras nasciam para serem vadias, como a minha mãe, e algumas nasciam para ficar sozinhas, como eu. Era tudo questão de carma, ou destino.

Durante o restante da tarde praticamente me arrastei pelo laboratório, forçando minha cabeça dolorida a funcionar, realizando o trabalho sem muita concentração. Para piorar a situação, o Dr. Young me pediu para ficar até um pouco mais tarde e quando cheguei a casa, mais tarde, sentia meus pés latejando de dor, minhas pernas pareciam inchadas e minha cabeça estava quase explodindo. Naquela noite eu só queria me espichar na minha cama e dormir até a metade do dia seguinte, ainda bem que seria sábado e eu estaria de folga, entretanto, quando se morava com amigos como Melissa e Norman dormir não era uma opção.

Encontrei ambos acomodados no sofá da sala, Melissa terminando de secar as unhas recém-pintadas, Norman sentando ao seu lado. Eram os meus melhores amigos, com quem eu dividia o apartamento de dois quartos desde o segundo ano da faculdade. Formavam um casal perfeito, estavam juntos desde que ingressaram na universidade, ela no curso de jornalismo e ele no de direito, já haviam se formado, como eu, mas ainda lutavam por uma vaga

significativa no mercado de trabalho. Melissa era hiperativa, toda elétrica, enquanto Norman era lerdão, devagar para tudo, por isso ambos se completavam e me matavam de inveja — inveja branca, claro — por não ter o que eles tinham.

Em busca de aconchego, eu me acomodei entre os dois, deixando o meu corpo cansado afundar no estofado e soltei um longo suspiro.

— Isso é hora de chegar? Estão te explorando no trabalho de novo? — Melissa indagou, enquanto assoprava as unhas com o esmalte ainda molhado.

— Quem me dera fosse só isso. — Apertei os olhos para tentar controlar a dor na cabeça.

— Já sei, o Andrew aprontou alguma. — Melissa soltou e cheguei à conclusão de que minha vida afetiva era tão desastrosa que meus amigos já previam que algo de ruim aconteceria.

— Sim, ele estava praticamente se pegando hoje com a nova estagiária.

— Aquela loira gostosa que chegou há poucos dias? — Norman indagou e Melissa deu um cutucão no ombro dele.

— Não fala assim, não vê que ela está magoada?

— Eu só disse que ela era... — Norman pareceu se dar conta de que estava enaltecendo a garota diante de mim e que isso poderia me fazer sentir ainda mais inferiorizada, o que o fez se silenciar.

— Tudo bem, Norman. Ela é gostosa mesmo. Quem me dera ter aquela aparência. — Falei.

— Não fala assim, Abby, você é linda. Se olha no espelho mais vezes, menina. Só precisa melhorar essa autoestima e vamos resolver isso hoje na balada. — Melissa falava depressa, como sempre, quase sem parar para recuperar o fôlego. — Você vai arranjar coisa bem melhor que o idiota do Andrew. Hoje tem festa no Ranch, vamos dançar, beber todas e nos divertirmos. É exatamente disso que você precisa garota.

Melissa estava certa. Eu precisava sair, relaxar, me divertir, encher a cara e esquecer todo o resto. Eu não costumava fazer esse tipo de coisa, mas aquela noite era exatamente do que eu precisava, afinal, de vez em quando

era bom tirar uma folga do trabalho e relaxar.

— Quer saber, acho que você está certa. Vamos pra balada hoje. — Declarei e os dois entreolharam-se surpresos, pois não esperavam que eu concordasse assim tão facilmente, visto que quase todos os finais de semana me convidavam para sair e eu recusava.

— Beleza, vamos caprichar na sua aparência. Vou fazer a maquiagem e te emprestar uma roupa bem sexy. Hoje você não sai daquele bar sem um gatinho a tiracolo.

Eu esperava que ela estivesse certa. Quem sabe não seria aquela noite que eu conheceria o homem da minha vida? Só que antes eu precisava descansar um pouco, estava exausta, minhas pernas doíam.

— Vou dormir um pouco, quando estiver faltando alguns minutos para vocês saírem me chamem.

Fui para o meu quarto, um cômodo pequeno com vista para o centro da cidade, mobiliado com uma cama de solteiro, armário, escrivaninha com computador e alguns livros empilhados em um canto. Tomei mais um comprimido para a dor de cabeça e deitei-me sem me dar ao trabalho sequer de tirar os sapatos.

Ao longe ouvi a voz de Melissa me chamando, repetidamente, insistentemente, mas estava tão exausta que me recusei a abrir os olhos e simplesmente voltei a dormir, ignorando-a.

Já era dia quando finalmente o cansaço me deixou e consegui levantar-me, surpreendendo-me ao ver que já eram dez horas. Eu devia estar mesmo muito cansada, pois jamais havia dormido até tão tarde, só lamentava ter perdido a balada. Droga!

Fiquei surpresa ao encontrar Melissa e Norman tomando o café da manhã na ilha da cozinha, eles nunca acordavam cedo, principalmente depois de uma noite de sexta-feira. Estavam diante do computador ligado e sorriam como se algo na tela os divertisse.

— O que fazem acordados a essa hora? Tinha formiga na cama?

Servi-me com as torradas que estavam perto da pia, uma xícara de café fresco e sentei-me diante do casal.

NACIONAIS-ACHERON

— Melissa não se sentiu bem ontem à noite, então voltamos para casa mais cedo. — Norman falou — Está tudo bem com você? — Observei o rosto da minha amiga em busca de algum sinal de palidez, mas não havia nada.

— Estou ótima, acho que a tequila daquele bar não me fez bem ontem. — Ela apontou para a tela mostrando algo a Norman e ambos sorriram juntos mais uma vez.

— O que vocês estão vendo aí? Acharam um novo mangá de comédia? — Mordi a torrada com muito apetite e ingeri um gole do café fumegante — Melhor que isso, fizemos um perfil em um site de relacionamentos pra você e estamos examinando seus possíveis pretendentes.

Digeri aquela informação e fiquei pasma. Como a minha vida afetiva agora havia virado motivo de piada?

— Que história é essa? Apaga logo esse perfil, não estou tão desesperada a ponto de procurar homens na internet. — Fiquei roxa de constrangimento pelo fato de eles acharem que eu precisava daquilo.

Era enalhecimento demais para uma pessoa só!

— Não é questão de desespero. Muitas pessoas conhecem sua cara-metade nesses sites, basta que se escolha a pessoa certa. — Foi Norman quem disse.

— De jeito nenhum que vou concordar com uma coisa dessas. Pode apagar, não posso expor a minha imagem dessa maneira.

— Ai, deixa de ser tão certinha o tempo todo. Você precisa se soltar mais, amiga, olha esse gato aqui, ele já mandou duas mensagens para você.

Melissa virou a tela do computador na minha direção, mas me recusei a olhar. Aquilo era um absurdo!

— Pode virar isso pra lá, não quero nem ver.

— Dá só uma olhadinha e me diz o que você acha desse cara.

Vencida pela curiosidade, ergui o olhar para tela do computador e foi então que me deparei com a fotografia do homem mais bonito sobre o qual meus olhos já estiveram. Parecia um Deus grego, com cabelos loiros curtos, meio espetados, olhos azul claros, a pele naturalmente bronzeada,

o queixo forte e o nariz pontudo. Embora usasse terno e gravata, tinha uma tremenda pinta de surfista e havia algo selvagem na expressão do seu olhar que me causou um calafrio repentino na nuca. Aquele homem não podia ser real, alguém com aquela aparência jamais faria um perfil na internet para encontrar uma namorada, as mulheres deviam se jogar aos pés dele.

— Não seja ingênua, Melissa, essa foto aí é *fake*. Um homem bonito como esse jamais ia procurar mulher na internet.

— Não é, amiga, ele parece ser bem real olha o perfil dele. É pediatra, mora em Houston, gosta das mesmas coisas que você e procura alguém que tenha exatamente o seu perfil.

— É *fake*, pode ter certeza. Um homem perfeito assim não estaria solteiro.

— Não é *fake*, ele tem várias fotos. Geralmente *fakes* têm uma foto apenas e mesmo que fosse, não custa nada arriscar. Ele te enviou mensagens, resposta e peça para falar com ele na webcam. Aí você vai ter certeza se é *fake* ou não.

— Mesmo que não seja *fake*, pode ser um assassino. Deus me livre. Não vou entrar em uma furada dessas.

— Ela está certa. O cara pode ser um bandido foragido da justiça, quem vai saber? — Norman tomou o meu partido.

— Ah! Vocês são muito caretas e desconfiados. Um bandido jamais ia colocar a própria foto na internet. — Melissa retrucou. — Ao meu ver esse cara é perfeito. Se eu fosse solteira nem pensaria duas vezes antes de responder as mensagens dele.

— Mas acontece que você não é solteira, então pode esquecer o assunto — Norman ficou emburrado.

Após o café da manhã, ele foi para o seu jogo de beisebol, como fazia todos os sábados, e Melissa deu início a uma faxina profunda no apartamento, enquanto eu varria os sites da internet a procura de algum indício de que havia vazado alguma informação do projeto no qual trabalhávamos no Medical Center, como eu costumava fazer, só para ter certeza de que nosso experimento continuava em sigilo. Nós não falaríamos sobre ele ao mundo até que tivéssemos certeza absoluta da sua eficácia e de

que não haveria efeitos colaterais danosos.

Eu tentava me concentrar nas buscas, entretanto, a imagem daquele cara no site de relacionamentos não deixava a minha mente nem por um minuto, eu não sabia se era só curiosidade, ou se realmente me senti atraída por alguém que podia nem ser real e acabei abandonando os sites de notícias para entrar no maldito site de relacionamentos, onde havia mensagens de pelo menos cem homens diferentes, considerando que meu perfil havia sido feito há menos de doze horas, era um absurdo. Por onde andavam todos aqueles homens que nenhum deles jamais havia cruzado o meu caminho? Alguns deles eram feios, desinteressantes, mas outros eram até bonitos, possuíam uma boa profissão e pareciam inteligentes. Porém, nenhum se comparava àquele cuja fotografia Melissa me mostrara. O cara era simplesmente a imagem da perfeição masculina, lindo, atraente e másculo.

Abri o perfil dele e examinei suas outras fotografias. Tinha um físico atlético de dar água na boca, era alto, forte, com ombros largos e quadris estreitos e gostava de praticar esportes, principalmente surf. Chamava-se Paul, era australiano, tinha vinte e sete anos e vivia nos Estados Unidos desde que ingressara na faculdade de medicina.

Li e reli suas mensagens, tinham várias, dizia que queria me conhecer. Tentei resistir àquela loucura, mas acabei sendo vencida pela tentação e respondi direto no chat.

— *Olá estranho.* — Foi o que escrevi.

Achei que ele demoraria para responder, afinal ninguém fica na frente de um computador em pleno sábado, porém, em questão de minutos veio a resposta.

— *Olá estranha. O que faz na frente do computador em pleno sábado?*

— *Estava quase perguntando a mesma coisa a você. Não tem vida social?*

— *Não. Atividades em grupo não são muito a minha praia. O que você procura na internet?*

E agora, o que eu procurava mesmo na internet? Não fazia ideia, há cinco minutos estava garimpando notícias sobre o projeto no qual trabalhava junto ao Dr. Young, no entanto agora estava em um site de relacionamentos. Que

ridículo!

— *O mesmo que todos procuram aqui: um relacionamento.* — Caramba! Eu não podia acreditar que havia falado uma coisa dessas. A internet realmente deixa as pessoas com a língua solta, ou melhor, com os dedos soltos sobre o teclado.

— *Que coincidência, é o que procuro também. Podemos conversar por uma chamada de vídeo?*

Ai meu Deus! O que eu estava vestindo mesmo? Como estava o meu cabelo? Examinei a minha aparência e levei um susto. Parecia um operário de obra usando um suéter folgado, e calça de moletom cinza antiga e os cabelos presos no alto da cabeça.

— *Você me dá um minuto? Acho que ignorei minha escova de cabelos esta manhã, preciso fazer as pazes com ela.*

Ele digitou algo que interpretei como um sorriso e disse que eu podia ficar à vontade.

Tão apressada quanto uma bala disparada de um revólver, troquei o conjunto horrível por um vestido branco de algodão confortável e casual, escovei bem os cabelos, tentando domar as ondas rebeldes, passei um pouco de rímel e dei um pouco de brilho aos lábios. Não queria parecer oferecida por isso a maquiagem discreta. Voltei para a frente do computador e cliquei sobre o botão que acessava a chamada de vídeo.

Meus olhos quase saltaram na tela quando a imagem do homem loiro, com olhos azul claros como duas piscinas, com a pele ligeiramente dourada, surgiu do outro lado, em tempo real. Era realmente o cara da fotografia, atraente como água no deserto. O que um homem como aquele fazia em um site de relacionamentos?

Aquele ar de selvageria que vi nas suas fotos realmente existia em seu olhar e causava-me arrepios, mas eram arrepios gostosos.

— Olha só, é você mesmo. — Falei, tentando parecer descontraída, como era a maioria das garotas da minha idade e como nunca consegui ser.

As pessoas que me conheciam costumavam dizer que eu era séria demais, parecia uma velhinha ranzinza.

NACIONAIS-ACHERON

— E você é a garota da foto.

Para criar o meu perfil, Melissa havia usado algumas fotografias que foram tiradas no dia da minha formatura, uma das raras ocasiões em que meu cabelo estava lindamente escovado e meu rosto perfeitamente maquiado.

Era a minha vez de falar, mas eu simplesmente não sabia o que dizer, então seguiu-se um longo momento de silêncio até que ele voltasse a falar.

— Como uma garota tão bonita quanto você pode estar solteira?

Não era a primeira vez que eu ouvia aquela pergunta e isso nunca acabava bem, ou eu era traída, ou era abandonada, ou simplesmente ignorada, mas já que ele estava ali e eu estava aqui sozinha, por que não dar mais uma chance ao destino?

— Não sou o tipo de pessoa que tem muita sorte no amor, de acordo com os meus amigos, ainda não encontrei o cara certo.

— Eu quero ser esse cara. Quero ser o cara certo na sua vida.

— Você é sempre direto assim?

— Sou, por quê? Isso te incomoda?

— Não, eu até gosto. O que me incomoda é falsidade.

— Não estou sendo falso, pode acreditar. Quando vi sua foto senti algo intenso. Estou muito atraído por você. Podemos nos encontrar pessoalmente?

Nossa! Ele realmente era direto e autoconfiante.

— Mas assim tão depressa?

Eu não sabia por quanto tempo as pessoas que se conheciam em sites de relacionamentos precisavam conversar antes do primeiro encontro. Era normal marcar encontro logo depois da primeira conversa?

— Não vejo motivo para esperar, a não ser que você tenha outra pessoa.

— Eu não tenho ninguém e você tem razão, não há motivo para esperar.

Eu realmente havia dito aquilo? Minha nossa, eu devia estar parecendo uma solteirona desesperada.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO II

Depois de mais algumas horas de conversa, marcamos um encontro para aquela noite, em um restaurante requintado e seguro que havia no centro da cidade, não muito longe de casa.

Conversando com aquele sujeito, o tempo passou tão depressa que quando dei por mim Melissa estava batendo na porta do quarto para checar se eu ainda estava viva, já que não havia saído para o almoço. Minha amiga ficou feliz com a notícia de que eu ia encontrá-lo e prometeu ajudar-me com minha produção. Disse que para que eu estivesse apresentável ao lado de um homem como aquele, precisava estar linda e não havia pessoa melhor do que ela para me deixar mais próxima possível disso.

Não dei meu endereço a Paul, pois isso seria imprudência. Marquei de encontrá-lo no restaurante. No horário combinado, deixei o apartamento usando um dos vestidos de Melissa, um modelito cor de pele de um ombro só, cuja saia se estendia até abaixo do joelho de um lado e até o meio da coxa do outro, era colado e possuía detalhes em renda que o tornava sensual e sofisticado ao mesmo tempo. Meus cabelos estavam escovados em fio reto, brilhavam como nunca e havia maquiagem demais em meu rosto.

Chegando ao restaurante, ainda da recepção na entrada, eu o avistei, sozinho, sentado a uma mesa com o olhar fixo no vazio a sua frente, como se refletisse sobre algo que o perturbava. Pessoalmente, parecia uma miragem, ainda mais lindo que na tela do computador, lembrava um surfista descolado dentro de um terno caro.

Que mulher poderia resistir? Mesmo que aquilo não desse em nada, mesmo que não saísse um relacionamento dali, já havia valido a pena ter colocado aquele vestido só para olhar para aquele homem de perto. E eu não era a única a reparar nisso, todas as mulheres do salão reparavam, de vez em quando viravam o pescoço na direção dele, principalmente um grupinho que ocupava uma mesa do outro lado.

Ao me ver aproximando-me, ele levantou-se e seus lábios bem desenhados se curvaram em um sorriso charmoso, revelando a fileira de dentes brancos e

NACIONAIS-ACHERON

perfeitos. fitou o meu rosto por um instante e então seu olhar desceu vagorosamente pelo meu corpo, examinando-o com detalhes, o que me fez corar violentamente. Ao voltar a me encarar, havia fogo em seu olhar, além daquela selvageria discreta que eu já havia percebido antes e que de perto parecia ainda mais excitante.

Uau! Aquela noite ia ser quente. Mesmo que não estivesse conhecendo o homem da minha vida — até porque dificilmente um homem como aquele se amarraria a uma garota como eu —, eu não deixaria passar aquela oportunidade de me esbaldar em uma cama com ele.

Isso sim seria uma atividade relaxante e revigorante.

— Olá estranha. — Ele repetiu o cumprimento que usamos na internet, só que não éramos mais estranhos.

— Olá Paul. — Falei, sem conseguir desviar meu olhar do rosto dele, fascinada com sua beleza máscula.

De perto, seus olhos eram de um azul ainda mais cristalino e sua boca parecia um convite à rendição.

Ele puxou uma cadeira para mim e acomodou-se de volta do outro lado da mesa.

— Você é ainda mais bonita pessoalmente. — Disse. — Mas você deve ouvir isso toda hora, não é?

— Na verdade não.

— Nesse caso, está confirmado, os homens dessa cidade precisam urgentemente usar óculos.

Sorri do seu comentário bobo.

A garçonete se aproximou com o cardápio, encarando Paul com olhos esfomeados, sem ao menos disfarçar.

— Me fale mais sobre você, Paul. — Falei, após fazermos nossos pedidos.

— Não há muito o que falar. Nasci e cresci na Austrália, filho de pais australianos, tenho um irmão e uma irmã e decidi vir morar nos Estados Unidos quando ingressei na universidade. Sou formado em medicina, estudei em Harvard e atualmente trabalho no hospital municipal.

NACIONAIS-ACHERON

Ele continuou falando sobre sua vida, com a voz tão bonita, grossa e meio rouca, que eu poderia passar horas ouvindo-o e não me cansaria.

Pelo que dizia, era possível notar que se tratava de uma pessoa bem normal, com uma vida tão perfeita que chegava a lembrar aqueles comerciais de margarina em que mostrava famílias em momentos de felicidade e harmonia. Eu podia apostar que era assim na casa dele, a família se reunia em torno da grande mesa da cozinha para sorrir e tomar o café da manhã juntos.

Quando chegou minha vez de falar sobre mim mesma, decidi não mentir e falar sobre minha origem conturbada, humilde e não muito digna, porém omiti alguns fatos, para não escandalizá-lo. Não contei o que minha mãe fazia e tampouco falei sobre como consegui o dinheiro para pagar os primeiros anos da faculdade, isso eu me recusava a proferir em voz alta até para mim mesma.

Era tão fácil conversar com aquele homem, ele se mostrava tão encantador, tão gentil, que me deixava completamente à vontade, mais que isso, eu estava hipnotizada pelos seus olhos azuis, de modo que o tempo passou sem que eu percebesse, e quando dei por mim estava começando a ficar tonta pelo efeito do vinho que tomávamos, visto que não tinha o hábito de beber e já estávamos na segunda garrafa.

O restaurante começava a ficar vazio quando por fim Paul propôs que fôssemos a uma danceteria. Quando ele segurou minha mão para me conduzir até a porta de saída, o contato da sua pele diretamente com a minha causou-me a sensação de uma descarga elétrica que descia pelo meu corpo, seu toque se mostrando tão intenso quanto tudo mais nele.

Eu queria muito que ele me convidasse para ir a um lugar mais íntimo, onde pudéssemos ficar a sós. Não que eu tivesse o costume de sair por aí transando no primeiro encontro, mas aquele homem me atraía demais e com a sorte que eu tinha, dificilmente o veria de novo. Eu poderia fazer o convite, afinal estávamos no século vinte e um, igualdade de direitos entre homens e mulheres era o que se pregava, mas isso faria eu me sentir uma oferecida vulgar. Essa atitude seria típica da mulher que me trouxe ao mundo e eu não queria me comparar a ela.

Na danceteria, uma das mais bem frequentadas da cidade, fomos direto

para a área VIP no segundo andar, onde nos acomodamos a uma mesa de canto cujos estofados confortáveis ficavam mergulhados quase que totalmente na penumbra, o ambiente perfeito para uns amassos.

— Vou tomar uísque e você? O que quer beber? — Paul sentou-se tão perto de mim que sua perna se colou à minha e pude sentir a energia poderosa que partia da sua coxa firme, protegida pelo tecido da calça, enquanto o cheiro gostoso do seu perfume me inebriava.

— O mesmo que você. — Seus lábios se curvaram brevemente em um discreto sorriso de satisfação.

Continuamos conversando assuntos sem muita relevância, enquanto bebíamos o uísque, forte demais para quem não estava familiarizada com o álcool. Eu estava muito tonta, vendo tudo girar à minha volta, quando me remexi no assento e aproximei-me mais dele, encostando todo o meu corpo no seu. Ele retribui com aquilo que eu mais queria. Segurou minha nuca com uma mão e aproximou sua boca da minha. A princípio, roçou seus lábios nos meus muito suavemente, para depois ir aumentando a pressão. Sugou o meu lábio inferior, depois o superior e por fim inseriu sua língua na minha boca, explorando-a com avidez, quando tudo dentro de mim pareceu incendiar.

Seu braço contornou minha cintura e me puxou mais para ele, seu corpo se colando ao meu, enquanto minhas mãos se enroscavam em seus cabelos curtos e os puxavam, empurrando-a mais para mim.

Quando o beijo terminou, eu estava completamente sem fôlego, arrebatada de luxúria, queria muito que ele me tocasse mais intimamente e queria tocá-lo também, porém, em vez disso, Paul me ofereceu mais uma dose de uísque, para em seguida me convidar para a pista de dança.

— Eu não sei dançar e mesmo que soubesse preferiria ficar aqui com você. — Minha voz estava embolada pelo efeito do álcool, que parecia ter também me feito perder a cabeça, para me oferecer a um homem daquela maneira.

— Depois a gente volta.

Sem esperar resposta, ele segurou-me pela mão e saiu me puxando para a pista lotada no primeiro andar. Estava tocando um remix de Timebomb, de Lylie Minogue, em um volume tão absurdo que fazia o chão estremecer,

NACIONAIS-ACHERON

enquanto as pessoas se agitavam freneticamente.

Eu já era desengonçada para dançar, podia imaginar estando bêbada. Ainda assim, me coloquei diante de Paul e me soltei, deixando o ritmo da música me levar, desconfiada de que estava pagando o maior mico do século, mas decidi não pensar naquilo.

Entre uma música e outra, Paul foi até o bar e retornou logo em seguida com mais duas doses de uísque, uma das quais virei sem pestanejar, antes de devolver-lhe o copo.

Eu estava muito louca, completamente fora de mim, quase inconsciente do mundo à minha volta, quando Paul me conduziu até um canto escuro do salão e me encurralou na parede, apoiando suas duas mãos no concreto, uma de cada lado do meu corpo. Achei que me beijaria de novo, mas em vez disso ele fuzilou-me com seu olhar, que parecia ainda mais selvagem que antes e falou: — Agora chega de brincadeira. Me fale sobre o experimento no qual você está trabalhando com o Dr. Young.

O quê?! Como assim?! Como ele podia saber sobre isso, se nada foi mencionado no perfil que Melissa criou na internet e tampouco durante nossa conversa? Nós não tínhamos permissão para falar sobre isso com ninguém, muito menos com um completo estranho.

— Eu não sei do que você está falando. — Tentei.

— Sim, você sabe. Quero saber tudo sobre a cura que vocês descobriram. — Senti o cheiro do perigo muito próximo e lancei um olhar na direção dos seguranças perto da porta de saída, imaginando se eles me socorreriam caso eu gritasse e dissesse que estava sendo agredida. — Nem pense em fazer um bobagem dessa. — Ele alertou, ao observar o meu gesto.

Senti minha cabeça girar com mais violência e de repente minhas pernas ficaram trêmulas. Não tive dúvidas de que ele havia colocado algo em minha bebida, aquilo não podia ser só o efeito do álcool.

— O que você colocou na minha bebida? — Ouvi o som da minha voz saindo como se estivesse sob algum efeito que a deixava mais lenta e grossa.

— Nada que vá te fazer mal. Eu só quero que você me diga a verdade. Não vou te machucar.

Aquela era a minha sorte no amor. Quando finalmente encontrava um homem que me atraía a ponto de me fazer querer ir para a cama com ele logo no primeiro encontro, esse homem não estava interessado em mim e sim em descobrir informações sigilosas sobre o meu trabalho. O que eu ia fazer agora? Bêbada e drogada como estava, não conseguiria pedir socorro a ninguém e mesmo se conseguisse, duvidava que alguém me daria ouvidos.

— Por favor, me deixa em paz.

Tentei sair do lugar, mas minhas pernas se recusaram a obedecer a ordem da minha mente, meu corpo estava tão pesado e lento quanto minha voz.

— Fica calma, não vou te machucar, vai ficar tudo bem. Eu só quero saber, só quero que você responda às minhas perguntas. — Ele falava, entre uma pergunta e outra. — Me diz tudo o que você sabe. Não lute contra a vontade de falar, não lute contra você mesma, apenas fale e tudo vai acabar bem.

“Não lute contra a vontade falar”?! Meu Deus! O que ele havia colocado na última dose de uísque? Aquela que me trouxera na pista de dança, era ainda pior do que eu podia supor.

O estranho à minha frente continuou fazendo perguntas, uma atrás da outra e não tive certeza sobre o que aconteceu em seguida, tudo se transformou em um borrão em minha mente. Não sabia se havia respondido as perguntas que ele fazia, se falei sobre o nosso projeto, sobre a localização dele no centro médico, não tive certeza se entreguei a um estranho o experimento no qual trabalhávamos há tanto tempo, uma possível cura para o câncer.

O momento que se seguiu foi completamente apagado da minha memória, como se uma etapa da minha existência houvesse sido arrancada de mim. Não tinha certeza se desfaleci de imediato ou se continuei falando o que ele queria ouvir, não tinha certeza de nada do que aconteceu, tudo se transformou em um grande vazio.

Quando recobrei a consciência, encontrava-me sozinha, deitada em uma cama grande e confortável, aninhada sob lençóis de seda, completamente nua. Atordoada, pisquei repetidamente até que meus olhos se acostumassem com a claridade e olhei em volta, tentando me lembrar de onde estava e de como fui

para ali. Tratava-se de um quarto sofisticado, amplo e bem mobiliado, um lugar desconhecido, onde fazia um frio absurdo devido ao ar condicionado ligado em uma temperatura muito baixa.

Sentindo uma dor terrível na cabeça e o pavor percorrendo minhas entranhas, levantei-me, tentando me localizar, descobrir que lugar era aquele. Enrolada nos lençóis, fui até a janela e reconheci o centro da cidade lá embaixo. Encontrava-me na suíte de um hotel cinco estrelas, bastante conhecido, não muito distante do meu apartamento. Minhas roupas estavam estendidas no espaldar de uma poltrona e minha bolsa, estilo carteira, se encontrava aberta, toda revirada, sobre um estofado.

Apavorada com tudo aquilo, desliguei rapidamente o ar condicionado e vasculhei todo o lugar à procura do sujeito com quem saí na noite anterior. Olhei no banheiro, no closet, na antessala e não o vi em parte alguma. Puxei pela minha memória, tentando me recordar do que havia acontecido. A última coisa de que conseguia me lembrar era de ele ter me encurralado na parede da danceteria e me fuzilado com várias perguntas sobre o trabalho que eu realizava no Medical Center. Não tinha certeza se havia falado a ele sobre a nossa descoberta, se eu tivesse aberto a boca significaria o fim da minha carreira, pois meu diploma seria cassado por quebrar um importante termo de confidencialidade. Pior que isso, significaria o fim de tudo ao que nos dedicamos durante anos de pesquisas, pois havia muita gente atrás da nossa descoberta, se caísse em mãos erradas, na melhor das hipóteses o mérito seria dado a outro cientista, na pior delas, todas as pesquisas seriam destruídas e a cura jamais chegaria aos pacientes que precisavam.

Mas que merda! Por que fui dar ouvidos para Melissa?! Por que fui sair com um estranho que encontrei na internet?! Eu devia ter desconfiado, devia ter deduzido que um homem bonito e charmoso como aquele não ia procurar mulheres na internet, menos ainda ia se interessar por alguém como eu.

Desalentada, quase deprimida, sentei-me na beirada do colchão e afundei o rosto entre as mãos. Eu não sabia nem se havia feito sexo com aquele sujeito. Considerando que acordei completamente nua, podia deduzir que sim. Ele não estava interessado em mim, só queria obter as informações, mas era homem, não ia deixar passar a oportunidade de tirar uma casquinha.

Vergonha, humilhação e medo me tomavam de forma devastadora,
NACIONAIS-ACHERON

formando uma profusão de sentimentos dentro de mim. Para intensificar ainda mais minha vergonha, tive que vestir o vestido que Melissa me emprestara e que nunca me pareceu tão vulgar. Como já esperava, fui alvo de olhares insinuosos de outros hóspedes e até dos funcionários do hotel por quem passei no hall do hotel, quando deixei o prédio.

Para minha completa surpresa, meu carro se encontrava estacionado diante do suntuoso edifício.

— Me conta tudo, desde o minuto em que você chegou no restaurante, até a hora que você saiu de perto dele. — Melissa falou, animada, no instante em que entrei no nosso apartamento.

Como acontecia todos os domingos, já era quase meio-dia e ela ainda tinha o rosto inchado pelas horas de sono e pela ressaca adquirida na balada da noite de sábado, usava apenas uma camisola nada comportada e se encontrava espichada no sofá da sala. Norman não estava, certamente havia ido à padaria ou ainda dormia no quarto.

— Agora não Melissa, estou cansada. — Tentei passar direto para o meu quarto, mas ela tomou-me o caminho impedindo-me de prosseguir.

— Uau! Se está cansada é porque a noite foi boa. Ai, me conta amiga, eu quero saber se ele é bonito como na foto. Pelo horário que você está chegando acho que vocês foram até o final. Foi bom? Me conta, eu preciso saber.

Eu não ia dizer a verdade a ela, nem a ninguém, me recusava a passar pela vergonha de todo mundo saber que fui feita de trouxa, que fui usada por um desconhecido para fornecer informações, me recusava a pronunciar isso em voz alta. Jamais contaria a alguém, até porque se essa história viesse à tona, eu correria o risco de perder não apenas o cargo pelo qual batalhei duramente durante a faculdade, deixando de lado a diversão para me dedicar aos estudos mais que os outros alunos. Também colocaria meu diploma em risco.

— Foi bom, Melissa. Era isso que você queria ouvir? Foi normal. O cara é bonito, exatamente como na fotografia, é atraente, nós bebemos dançamos e acabamos passando a noite juntos.

— Ai que tudo! Vocês vão se ver de novo?

E agora, o que eu ia dizer? Falando a verdade ou não, sairia como uma estúpida daquela história. Que ódio! Se algum dia aquele cara aparecesse na minha frente de novo, eu o faria pagar por tudo.

— Acho que não. Foi apenas uma transa de uma noite.

Vi o sorriso de Melissa se desfazer lentamente, até desaparecer da sua face, a piedade se refletindo na expressão do seu olhar, o que me fez sentir ainda pior.

— Que pena, achei que dessa vez você tinha acertado.

— Pois é, não foi dessa vez.

Consegui passar por ela e fui direto para o meu quarto, me sentindo tão estúpida que tinha vontade de chorar, mas não ia me permitir derrubar uma só lágrima, eu já havia passado por coisas piores nessa vida e nem por isso vivia chorando, porque chorar não resolvia nada, só provava mais fraqueza.

CAPÍTULO III

Aproveitei o domingo para me atualizar nas temporadas de The Walking Dead, eu era simplesmente louca pela série. Não saí da frente da televisão naquele dia, a não ser nos momentos de necessidade e mesmo assim o tempo passou tão depressa que quando dei por mim já era segunda-feira de manhã e eu estava deixando o meu prédio para mais um dia de trabalho. A manhã de segunda-feira estava ensolarada e ventava bastante, o que sempre conseguia me animar.

No instante em que as portas do elevador se abriram, no andar onde ficava o nosso setor e saí, Andrew desviou o olhar da tela do seu computador para me cumprimentar e tive a impressão de que ele podia enxergar-me por dentro, que sabia de tudo o que acontecera comigo na noite de sábado, o que fez com que meu rosto ficasse vermelho de constrangimento, a sensação de humilhação que me acompanhava desde então se intensificando dentro de mim.

— Você tá legal? — Minha nossa! Será que ele estava desconfiado de alguma coisa?

Não, isso não era possível.

— Estou ótima. Só um pouco de ressaca. — Forcei meu tom de voz a parecer casual. — E você, se divertiu no final de semana? — Lancei um olhar insinuativo na direção da estagiária loira que nos observava com o canto do olho, disfarçadamente.

— Passa tão depressa que não dá tempo nem de se divertir, mas foi legal.

— Beleza, a gente se vê por aí então.

Cumprimentei rapidamente os outros membros da equipe que já haviam chegado e confinei-me no aquário, concentrando todas as minhas energias no trabalho, a fim de esquecer o que havia acontecido, se é que era possível esquecer uma coisa dessas. Como diria minha mãe: eu devia estar grata por continuar viva, aquele sujeito poderia facilmente ter me assassinado depois de obter as suas informações, para que eu não o reconhecesse futuramente.

Alguns dias se passaram e aos poucos aquele episódio foi se distanciando dos meus pensamentos, fiz com que Melissa excluísse o perfil do site de relacionamentos na internet e minha rotina voltou a ser a mesma. Como costumava fazer na época da faculdade, afundei-me no trabalho, porque nisso eu era boa de verdade. Talvez eu tivesse nascido para ser não apenas uma mulher sozinha, mas também uma grande médica, uma privilegiada integrante da equipe que livraria a humanidade do câncer.

Muitas pessoas acreditavam que era um privilégio ter um cargo como o meu, trabalhar diretamente com uma lenda da medicina como o Dr. Young, então decidi aplicar todas as minhas energias naquilo em que eu era boa e esquecer todo o resto. Se algum dia tivesse que encontrar alguém, esse alguém teria que cair de paraquedas na minha vida, porque eu não ia mais procurar.

Na semana seguinte, tanto Melissa quanto Norman conseguiram se empregar, cada um em sua área de formação, em diferentes lugares da cidade, o que me trouxe um grande alívio, pois assim eles voltariam a ter condições de pagar o aluguel e eu poderia me mudar, arranjar um cantinho só para mim, como toda mulher precisava ter. Não que estivesse ansiosa para me distanciar dos meus amigos, eles eram a minha família, mas eu estava cansada de ficar entre os dois, atrapalhando seus momentos de intimidades. Tanto eu quanto eles, precisávamos do nosso próprio espaço e eu já havia deixado isso claro.

No centro médico, havíamos acabado de fazer um experimento muito bem sucedido com os pacientes, estávamos a poucos passos de encontrarmos a cura definitiva para o câncer, o que nos deu um novo ânimo para continuarmos, ao mesmo tempo em que o trabalho se tornava mais árduo, havia mais coisas para se fazer e para se pensar.

Na quarta-feira, mais uma vez o Dr. Young pediu-me para ficar até mais tarde, ajudando-o, de modo que ficamos apenas nós dois no laboratório, confinados no aquário.

Eu sentia pena do Dr. Young, pois ele não tinha mais idade para trabalhar tanto e até tão tarde, e mesmo assim era o mais dedicado ao projeto entre toda a equipe, não porque a descoberta fosse dele, mas porque se empenhava em encontrar a cura para aquela doença maldita mais que todo mundo na face da terra. Ele nunca havia comentado nada a respeito, mas eu podia apostar como

NACIONAIS-ACHERON

perdera alguém querido para o mal contra o qual lutava.

Eu via nele quase uma figura paterna. Embora não soubesse quem era o meu pai — talvez nem mesmo minha mãe tivesse certeza de quem era ele —, se tivesse um queria que fosse como Dr. Young, um grande homem, com uma grande personalidade, que sabia ser rigoroso nos momentos certos, na mesma medida em que era terno nas horas ideais. Só que um homem parecido com ele, jamais faria um filho com uma garota de programas viciada em drogas como minha mãe era quando ficou grávida de mim, a não ser que tivesse acontecido algum acidente com o preservativo.

Trabalhávamos mergulhados no mais completo silêncio, apenas nós dois no nosso setor, quando de repente um estrondo violento partiu da parede lateral, a qual dava acesso ao lado de fora do prédio e grande parte da qual se estilhaçou em pedaços, deixando um rombo enorme no vidro, por onde começaram a entrar homens vestidos de preto, usando máscaras da mesma cor que escondiam seus rostos, deixando apenas os olhos de fora.

Aquilo estava realmente acontecendo? Demorei a acreditar, pois parecia surreal demais. Estávamos no vigésimo andar, como aqueles homens conseguiram escalar a parede até àquela altura?

O que acontecia parecia cena de um filme de ação. Os homens mascarados e armados com fuzis e metralhadoras, invadiram o andar em um piscar de olhos, cerca de meia dúzia deles, ocupando toda a área do lado de fora do aquário. Apontaram suas armas em nossa direção, através das paredes de vidro, e imediatamente levantamos as duas mãos no ar, declarando que estávamos desarmados.

— Abram a porta, imediatamente! — Ordenou um dos homens, aquele que se encontrava a frente e parecia o líder do bando, com um carregado sotaque russo ou alemão, não consegui distinguir.

Sua voz estrondosa irrompeu pelo setor e só então minha ficha caiu. Aquilo realmente estava acontecendo, nós realmente estávamos sendo atacados por homens armados que obviamente queriam tomar posse do nosso experimento. Foi nesse instante que o meu coração começou a bater acelerado no peito, a adrenalina correndo solta em minhas veias, me fazendo tremer dos pés à cabeça. Tanto eu, quanto o Dr. Young permanecemos

imóveis, paralisados de medo. Sabíamos que as paredes do aquário eram a provas de balas, mas nem isso serviu para amenizar o terror que nos invadia, pois a porta estava fechada, mas não estava trancada e embora imitasse o desenho arquitetônico das paredes, tornando praticamente impossível sua localização, em algum momento aqueles bandidos a encontrariam.

— Eu já disse para abrirem a porta, não me façam perder a paciência. — O homem esbravejou novamente, enquanto seus comparsas procuravam a porta.

Se a encontrassem, bastaria um empurrão para abri-la e tudo em que vínhamos trabalhando nos dois últimos anos, seria tirado de nós.

O botão que acionava tanto as travas da porta quanto o alarme, se encontrava quase ao meu lado, a poucos centímetros de distância de onde eu estava, bastava que eu desse um passo naquela direção e o acionasse, mas eu teria coragem de arriscar tanto? Era necessário.

— Trave as portas, Abby. — O Dr. Young sussurrou.

Então, jogando toda a minha covardia para o alto, dei um passo na direção do botão, para que no instante seguinte um dos integrantes do bando se aproximasse da parede de vidro e cravasse seus olhos nos meus.

Fiquei pálida ao reconhecer o par de olhos azul claro como duas piscinas. Era o sujeito da internet, com quem sai na noite daquele sábado.

— Nem pense em cometer uma loucura dessas. — Ameaçou ele, com a voz tão familiar quanto o seu olhar.

Imediatamente compreendi que ele me embebedou e me drogou com o intuito de obter as informações que os trouxeram até ali, certamente obteve de mim todas as respostas que precisava para nos localizar, enquanto eu estava quase inconsciente. A culpa por estarem ali era toda minha, da minha promiscuidade, do desejo ridículo e desenfreado de conquistar um grande amor, se roubassem o nosso experimento eu seria a responsável. Porém, não permitiria que ele obtivesse êxito em seu plano sórdido. Se eu os havia trazido até ali, então providenciaria para que fossem embora de mãos vazias. Foi isso que me deu coragem suficiente para dar mais um passo na direção do botão e espalmar minha mão sobre ele, o que imediatamente travou as portas ao mesmo tempo em que acionava o alarme, que soava estridente, audível em

NACIONAIS-ACHERON

todo o prédio. Em questão de minutos os seguranças armados apareceriam.

— Mas que merda você fez?! — O loiro esbravejou, parecendo um animal selvagem do outro lado da parede de vidro transparente.

Nesse instante, todos os atiradores apontaram suas armas na direção do aquário e dispararam ao mesmo tempo, o som ensurdecedor dos estampidos dos tiros tomando todo o ambiente. Os estilhaços das balas acertavam o vidro, mas não o quebravam, ainda assim, por via das dúvidas, eu e o Dr. Young nos atiramos no chão, de bruços, atrás da pilha de equipamentos.

Não demorou muito para que os seguranças chegassem, pelo elevador. Já entraram na sala atirando contra os invasores. Alguns dos atiradores tentaram confrontá-los, eu podia observar toda cena do meu esconderijo sob os equipamentos, quando pude ver os corpos caindo ao chão, alguns vestidos de preto, outros com o uniforme da segurança do prédio, enquanto outros fugiram pelo espaço aberto na parede de vidro do edifício, até que por fim tudo se silenciou.

O Dr. Young e eu nos entreolhamos, ambos temerosos em poder levantar do chão ou não, até que a voz do segurança nos alcançou, tranquilizadamente.

— Dr. Young, Dra. Willis, vocês estão bem? — Indagou o homem uniformizado do lado de fora do aquário.

O Dr. Young foi o primeiro a se levantar, tinha seu corpo ligeiramente trêmulo e o rosto pálido. Imaginei como devia estar sendo difícil passar por uma situação como aquela na idade dele. Se eu que era jovem tremia dos pés à cabeça. Logo o imitei, levantando-me também.

— Quem eram eles? Como entraram aqui? — O Dr. Young indagou, a voz fraca, perceptivelmente cansada.

— É o que vamos descobrir. Uma equipe foi atrás deles. Podem sair daí se quiserem, o perigo maior já passou. — Completou o homem.

Havia cerca de dez seguranças uniformizados e armados do lado de fora do aquário e três corpos caídos no chão, imóveis, aparentemente sem vida, cada um deles em meio a uma poça de sangue. Dois deles eram dos invasores, o outro, era um dos seguranças, os demais certamente tinham

conseguido escapar.

O pavor que me invadia era tão grande que precisei observar atentamente o rosto de cada segurança lá fora, buscando familiaridade neles, só para ter certeza de que não eram mais bandidos disfarçados, determinados a nos fazer abrir aquela porta e agradei aos céus quando reconheci cada um deles, homens que trabalhavam no prédio diariamente, por quem passávamos ao chegarmos e ao sairmos.

Foi o Dr. Young quem tomou a iniciativa de destrancar a porta, então saímos do nosso refúgio.

Uma hora se passou e eu ainda não havia conseguido parar de me tremer. Alguém havia colocado um cobertor sobre os meus ombros, deduzindo que eu tremia de frio, mas na verdade eu tremia de medo, o pavor se recusando a me deixar, não apenas porque estivemos muito perto da morte, mas porque no fundo eu sabia que era responsável pelo que acontecera, fora eu quem dera informações àquele sujeito para que encontrasse o nosso laboratório, para que soubesse exatamente onde estava o nosso experimento, para que nos localizasse em meio aos vários edifícios que faziam parte do centro médico. Se não fosse por mim nada daquilo teria acontecido.

— É necessário que haja uma investigação minuciosa entre a equipe que trabalha comigo, pois aqueles homens sabiam exatamente o que procuravam e onde procurar. Alguma informação vazou aqui de dentro. — O Dr. Young falou, para o detetive do FBI que conversava conosco em uma sala confortável do edifício, um andar abaixo do nosso laboratório e suas palavras só serviram para intensificar o terror dentro de mim. Se descobrissem que, embora contra a minha vontade, fora eu a informante, eu estaria acabada, minha carreira chegaria ao fim, minha licença seria cassada, minha imagem estaria irremediavelmente debilitada e eu nunca mais poderia clinicar em lugar nenhum.

— O senhor tem alguma suspeita de quem possa ter passado informações?
— Indagou o detetive.

— Não, nenhuma suspeita. Até esta noite eu achava que trabalhava com uma equipe de confiança.

A tristeza que surgiu no olhar dele era desoladora, eu não queria nem
NACIONAIS-ACHERON

imaginar o tamanho da sua decepção se a minha parcela de culpa nessa história viesse à tona. Da mesma forma como eu o via como um pai, sabia que ele me via como uma filha, pois me tratava como tal, eu era a sua pupila, a aluna que escolheu entre toda a comunidade acadêmica para fazer parte da sua seleta equipe pessoal. Decepcioná-lo desta forma, parecia pior até que perder minha licença médica.

Depois daquela noite, tivemos que parar todo o nosso trabalho para nos transferirmos para outro edifício do Medical Center, visto que aquele setor não era mais seguro, as pessoas que queriam nosso experimento já sabiam onde trabalhávamos, precisávamos nos esconder, sendo assim, passamos dois dias em casa, enquanto o FBI colhia o máximo de provas que pudesse do local.

Nenhuma palavra sobre aquilo foi divulgada à imprensa, devido à confidencialidade do nosso projeto, algo que o mundo todo desejaria colocar as mãos se conhecesse a existência. Conteí apenas para Melissa e Norman, porque eram meus amigos e eu precisava de apoio em um momento difícil, só não falei sobre ter dado informações ao cara que conheci na internet. Melissa quis abandonar seu novo emprego para ficar em casa me fazendo companhia, mas eu não podia permitir que fizesse uma coisa dessas.

No terceiro dia depois do incidente, eu e o restante da equipe voltamos ao centro médico para realizarmos a mudança de edifício. Foi um dia difícil, pois todos ali dentro eram suspeitos de ter passado as informações aos bandidos, a troca de olhares acusadores se tornou constante. Poucos eram os que desconfiavam de mim e eu continuava sendo a queridinha do Dr. Young, enquanto a minha consciência me torturava pelo que eu havia feito.

Durante aqueles dias o medo de sair às ruas não me deixava nem por um minuto, eu temia que aquela quadrilha de bandidos viesse atrás de mim, para se vingar pelo fato de eu ter acionado o alarme e as travas da porta, vivia com medo até da minha sombra e o pior era que não podia contar a ninguém como me sentia ou todos saberiam que eu era a traidora do nosso grupo, a pessoa que passou as informações para que aquele ataque acontecesse.

Depois da mudança de edifício nos foi dado mais dois dias de folga, o tempo necessário para que os técnicos realizassem algumas adaptações nas novas instalações, e embora eu ainda tivesse a impressão de que a qualquer

NACIONAIS-ACHERON

momento aqueles homens apareceriam para me matar, decidi engolir o meu medo e aproveitar aquele tempo para procurar um apartamento, porque se eles quisessem realmente me pegar, me pegariam dentro de casa, ficar trancada sem sair não os impediria.

CAPÍTULO IV

Cariel

Aqueles russos eram nojentos demais. Haviam alugado as suítes mais luxuosas, do melhor hotel da cidade, a fim de se passarem por casais de turistas — sim, havia mulheres entre eles e sabiam atirar muito bem —, mas agiam como porcos, sem a mínima educação, nem a menor noção de higiene. Faziam as refeições, fumavam e bebiam no quarto, no mesmo ambiente em que dormiam e em que carregavam e manuseavam suas armas.

Andrey, o líder do bando, parecia que nunca tinha visto um hambúrguer na vida, toda hora comia um e deixava resquícios de ketchup e maionese nos cantos da boca e caindo pela barba espessa. Os outros não ficavam atrás, apesar de fazerem parte da inteligência do governo russo — pelo menos foi o que me disseram —, pareciam ter menos que meio neurônio no cérebro.

Cada um dos casais tinha o seu próprio quarto, mas geralmente ficavam todos reunidos na suíte de Andrey, fazendo planos, se comunicando com as pessoas para quem trabalhavam na Rússia. Como eu falava pouco o idioma deles, capturava apenas algumas poucas frases, o que era insuficiente para que compreendesse tudo o que tramavam, tinha apenas uma noção por alto do que era decidido.

Antes do ataque ao laboratório, eles somavam cinco homens e cinco mulheres, como perderam dois membros, restaram três homens e as cinco mulheres, mas eu desconfiava que esse número fosse aumentar em breve, pois pelo que entendi mais mafiosos estavam a caminho dos Estados Unidos.

Eram integrantes da máfia russa — mas trabalhavam também para o governo deles. Essa parte ainda estava meio confusa para mim —, e estavam em Houston para roubar a cura para o câncer, recentemente descoberta pelo Dr. Gary Young. Acontecia que eles não eram os únicos interessados naquela cura, eu a queria também e pretendia roubar deles assim que colocássemos nossas mãos nela. Foi o único jeito que encontrei de consegui-la.

Eu havia tentado de várias outras formas. Quando surgiu o boato de que a

NACIONAIS-ACHERON

cura havia sido descoberta, a primeira coisa que fiz foi mandar que um dos meus advogados entrasse em contato com o Dr. Young e tentasse convencê-lo a vendê-la para mim, ofereci toda a quantia em dinheiro na qual estava avaliada a fortuna que herdei dos meus pais, mortos em um acidente de avião, e mesmo assim ele insistiu em dizer que aquela descoberta não passava de boato, que a tal cura não existia. Cheguei a acreditar que ele pudesse estar falando a verdade, afinal, quem em sã consciência recusaria trinta bilhões de dólares? Entretanto, na noite em que saí com a Dra. Willis, minhas esperanças haviam sido renovadas, quando a deliciosa medica confirmou a existência da cura, ainda em fase experimental.

Quando os integrantes do meio médico me falaram sobre essa novidade, depois de tentar comprar a fórmula do Dr. Young e receber um não como resposta, eu decidi que a pegaria de outra forma, se não fosse por bem, seria por mal. Foi então que tentei contratar os melhores caçadores de recompensa para roubá-la, tentei as agências de seguranças, matadores de aluguel e até agentes da CIA, mas não teve acordo, todos pulavam fora quando ficavam sabendo que a máfia russa estava envolvida, diziam que contra eles ninguém podia.

Pedi também ao meu advogado que oferecesse milhões em dinheiro ao governo da Rússia e ao líder da máfia deles para que a vendessem para mim depois de tomá-la, mas não houve acordo, eles não queriam apenas os lucros financeiros que aquela descoberta grandiosa geraria, queriam também o mérito da descoberta e isso nenhum dinheiro poderia tirar deles.

A única opção que tive foi me inserir entre os russos através de um agente da CIA que havia trabalhado junto com eles, a quem paguei uma quantia exorbitante em dinheiro. Usava o disfarce de um comunista traidor do governo americano. Pelo menos foi disso que o agente disse para eu me autodenominar, a fim de conquistar a confiança do bando.

O resto foi fácil, aprender a atirar e a manusear armas modernas como as deles estava sendo até divertido, restava esperar que os babacas pegassem o que procuravam, para que eu tirasse deles.

A minha parte para que aquele plano desse certo tinha sido feita, eu já havia arrancado da médica de confiança do Dr. Young as informações sobre onde eles atuavam, onde ficava o laboratório, em que lugar do laboratório se

NACIONAIS-ACHERON

encontrava o projeto e como ele funcionava. Apesar de jovem, a garota sabia de tudo, era uma “expert” no assunto e me disse tudo o que eu precisava saber, enquanto eu lutava bravamente contra o desejo do meu pau de se enterrar todo naquele corpinho gostoso dela.

Nosso plano inicial era invadir o laboratório quando não restasse mais ninguém da equipe lá dentro, porém não tivemos sorte e fomos surpreendidos ao encontrarmos a garota e o Dr. Young trabalhando até mais tarde, o que fez com que tudo desse errado e não conseguimos nada.

Depois daquela tentativa fracassada, os agentes russos estavam planejando assassinar a garota como retaliação pelo fato de ela ter acionado as travas da porta e o alarme. Ao mesmo tempo em que ela foi a pessoa que nos deu a oportunidade de chegarmos perto do que queríamos, foi também a tirar aquela chance de nós.

Eu não compreendia tudo o que os russos estavam dizendo naquela tarde, enquanto fumavam e bebiam na suíte do hotel, deixando todo o ambiente impregnado de fumaça, sabia apenas que estavam tramando a morte dela.

Não seria nada grandioso para eles, apenas mais uma bala na cabeça de uma cidadã – algo que já fazia parte da rotina deles —, de modo que parecesse um assalto sem importância, nada que atraísse a atenção da polícia para eles, que continuariam se passando por turistas despreocupados enquanto tramavam o próximo ataque, porque a palavra desistir parecia não fazer parte do vocabulário daquela gente e eu agradecia aos céus por isso, porque essa parecia ser a única forma de adquirir aquela cura e eu precisava dela para minha irmã, que definhava sobre uma cama com um câncer no pulmão.

Eu queria realmente não me importar, queria agir como meu irmão mais velho, que não ligava para nada, mas não conseguia ignorar o fato de que minha irmãzinha estava morrendo.

Ela tinha apenas quatorze anos, não merecia terminar assim.

Mesmo que eu e ela não fôssemos mais tão próximos quanto antes, mesmo que eu andasse ocupado demais curtindo o que a vida tinha de melhor a oferecer, em vez de estar cuidando dela como deveria, eu faria de tudo para conseguir a cura para Kristen, me recusava a deixar minha irmã morrer sem

lutar, já bastava ela ter perdido os pais aos dois anos de idade e ter sido criada por um porra louca como eu e por empregados, porque Alexander, nosso irmão mais velho, nunca se importou com nenhum de nós dois, só tinha olhos para a esposa e meio que surtou depois que a perdeu.

Era por isso que eu não podia interferir no plano daqueles homens de assassinar Abby, a médica que me dera as informações. Embora ela fosse inocente e não merecesse morrer, eu não podia protegê-la. Apesar de sentir pena, de me sentir culpado pelo que ia acontecer a ela — afinal a ideia de seduzi-la para descobrir onde ficava o laboratório deles dentro de centro médico, fora minha —, eu me recusava a intervir, não podia fazer isso sem comprometer o meu disfarce, se o fizesse, perderia a confiança daqueles homens e tudo estaria acabado, eu não conseguiria a cura, teria trocado a vida da minha irmã pela de Abby e não estava disposto a isso. Kristen era mais importante para mim que qualquer outra coisa na vida.

Depois da morte dos nossos pais eu só tinha a ela. Alexander estava sempre ocupado com seus negócios e depois da morte da sua esposa, ele parecia ter ficado meio louco, meio fora de si, se tornara um sujeito intragável, frio e arrogante, de modo que ninguém mais conseguia se aproximar dele, como se tivesse erguido uma barreira transparente entre si mesmo e o resto do mundo.

Consegui compreender quando o líder do bando decidiu que Dimitri, o gorducho barbudo, seguiria Abby no dia seguinte e aproveitaria o momento propício para assassiná-la, daria um tiro na cabeça dela e levaria sua bolsa para que parecesse um assalto. Aquilo seria crueldade demais, até porque ela parecia ser uma boa pessoa, mas eu não ia interferir, não podia fazer isso, não podia colocar em risco a única chance que a minha irmã tinha de sobreviver.

Como eu havia colocado um grampo no celular de Abby sabia que ela estava procurando um imóvel para se mudar. Naquela manhã, ela se encontraria com a funcionária de uma agência imobiliária para olhar um apartamento na região norte da cidade, quando então Dimitri agiria. Eles também tinham acesso ao grampo no celular dela e o plano era segui-la, esperar que estivesse sozinha e então simular um assalto que seria mortal para ela.

Quando Dimitri se foi, inventei ao líder da quadrilha que precisava sair
NACIONAIS-ACHERON

para resolver alguns assuntos pessoais e peguei o meu carro para segui-lo de longe, sem deixar que percebesse a minha proximidade, tentava me convencer de que fazia aquilo somente porque a garota era inocente, porque me sentia culpado por tê-la envolvido naquela história, por ter tido a bendita ideia de drogá-la para obter informações. Seguir o seu matador nada tinha a ver com a forma como ela enfiou a língua na minha boca quando a beijei naquela boate, ou com o fato de que tive uma dificuldade absurda em manter meu pau dentro da calça quando tirei suas roupas sujas de vômitos no quarto daquele hotel, quando vi cada uma das curvas deliciosas do seu corpo nu e só não perdi o controle porque não sou homem de molestar uma mulher desacordada. Eu era louco por uma boceta, mas não cometia a burrice de seguir aquele russo por causa da dela, faltava apenas enfiar isso na minha cabeça.

Além do mais, aquela garota nem fazia o meu tipo, não passava de uma nerd certinha e careta que passara a maior parte da sua vida com o nariz enfiado nos livros, como tantas outras que conheci, embora houvesse algo nela de diferente das outras, um fogo que parecia suplicar para ser saciado, que parecia esperar pelo homem certo e era claro que eu não seria esse homem.

Dimitri dirigia uma minivan e usava macacão de operário e boné, a fim de passar despercebido da polícia rodoviária ou de quem mais pudesse suspeitar de alguém com o sotaque dele. Estacionou nas proximidades de um grande edifício residencial, enquanto eu estacionava alguns metros atrás, tomando cuidado para não ser visto.

Algum tempo depois, Abby deixou o prédio caminhando lado a lado com outra mulher, obviamente a funcionária da agência imobiliária. Conversava despreocupadamente, sem desconfiar que a morte a rondava de perto.

Ela entrou em seu carro e partiu na direção do centro da cidade, sem que nós dois deixássemos de segui-la, o russo á frente, esperando pela oportunidade certa de enfiar uma bala na cabeça dela, e eu mais atrás.

Como se não tivesse a menor noção do perigo, ela cometeu a besteira de parar em um posto de gasolina localizado em uma área pouco movimentada da cidade. Abasteceu o seu carro tranquilamente e quando entrou na pequena lanchonete, para pagar a conta, Dimitri saiu da van e foi na direção do carro

NACIONAIS-ACHERON

dela, deixando claro que iria agir.

Quando comecei a segui-lo, eu tinha jurado para mim mesmo que se houvesse qualquer risco de ele me ver e me reconhecer eu desistiria daquilo, pois jamais colocaria a vida da minha irmã em risco em troca da vida daquela garota, por mais inocente que ela fosse, entretanto, naquele momento, nem consegui pensar direito nas consequências dos meus atos, quando o vi indo na direção do carro dela, saltei do meu e esgueirei-me até a entrada da lanchonete. Como eu usava um boné com a aba abaixada, cobrindo grande parte do meu rosto e uma jaqueta de couro folgada, dificilmente seria reconhecido de longe, o que me deu confiança para fazer o percurso do meu carro até a lanchonete.

Do lado de dentro do estabelecimento, varri o lugar com o olhar procurando a garota, mas não a encontrei em parte alguma, perguntei à garçonete se tinha visto alguém com a descrição dela entrando e fui informado de que havia seguido para o banheiro. Era a minha chance de alertá-la, apenas a avisaria que ela estava em perigo e deixaria que se virasse, não podia interferir mais que aquilo sem colocar meu disfarce em risco.

Sem deixar de vasculhar os arredores com o olhar, tentando prever se o russo entraria na lanchonete, fui para o banheiro feminino e entrei. Abby estava diante da pia de mármore lavando as mãos e ao me ver, ainda pelo reflexo do espelho, seus olhos se arregalaram de pânico. Pressenti que gritaria e antes que tivesse tempo corri ao seu encontro e agarrei-a pela cintura, por trás, prendendo-a ao meu corpo, de modo que ela não tinha como sair correndo e tapei a sua boca com a outra mão.

— Presta bem atenção no que vou dizer, porque não vou ficar repetindo. Eu vim aqui te ajudar, os caras que invadiram o seu laboratório aquela noite estão tentando te matar, vim te avisar que tome cuidado, que fuja daqui agora mesmo, pois um deles está lá fora, com a arma em punho, rondando seu carro. — Esperei que ela se aquietasse e perguntasse o que deveria fazer, entretanto ela continuou lutando, se debatendo em meus braços, tentando se libertar de mim, como se não tivesse ouvido uma palavra do que eu disse, como se eu fosse o perigo ali. — Você por acaso entendeu o que eu falei? Eu não estou aqui para te fazer mal, pelo contrário, vim te ajudar. O seu matador está lá fora, você precisa fugir, deve haver alguma saída daqui que não seja

pela frente. — Percorri os olhos pelas janelas no alto das paredes do banheiro e constatei que ela podia passar por ali facilmente. — Agora eu vou tirar a mão da sua boca, você precisa me prometer que não vai gritar. Posso confiar em você?

Ela assentiu com um gesto de cabeça e no instante em que tirei a mão da sua boca o grito saiu alto e agudo, o que me fez amordaçá-la com a mão novamente.

— Por acaso você é louca? O que tem na cabeça? Eu acabei de te dizer que tem um homem lá fora tentando te matar e você solta um grito dessa altura! Puta merda! Agora ele vai estar aqui em questão de segundos. Você precisa ser rápida, sai pela janela. Vou tirar a mão da sua boca mais uma vez, se você gritar de novo eu juro que deixo ele te matar. Entendeu?

Ela assentiu com gestos meio desesperados e soltei sua boca, dessa vez ela não gritou, em vez disso virou-se para me encarar com os olhos arregalados de pavor. Era tão bonita quanto eu me lembrava, com olhos azuis enormes, a pele de porcelana e uma boca tão pequena que parecia de uma boneca. Por instinto, meus olhos desceram pelas curvas do seu corpo, não que desse para enxergar alguma coisa por trás daquele jeans folgado e do casaco de moletom, maior que o seu número, que ela usava.

— O que você quer de mim? Porque está me seguindo? — Ela continuava me fitando com olhos arregalados, como se visse um ET de sete cabeças.

— Que parte de que tem um homem lá fora tentando te matar e eu estou aqui para te ajudar, você não entendeu?

— Me ajudar? Você invadiu o meu laboratório, atirou contra mim, você me drogou para arrancar informações, você é responsável por tudo o que está acontecendo.

Ela deu meia volta e saiu em disparada na direção da porta. A alcancei bem a tempo de impedi-la de deixar o banheiro e segurei-a pelo braço para impedir que cometesse uma estupidez.

— Não brinque com a sorte, Abby, esses caras são da máfia russa, aquele cara lá fora não está brincando, ele veio aqui para te matar, se você não fugir agora não vai ter outra chance, acredite em mim. — Olhei dentro dos olhos dela enquanto falava, e um lampejo de compreensão finalmente atravessou a

NACIONAIS-ACHERON

expressão do seu olhar.

Nesse instante, houve uma batida na porta e a voz que partiu do outro lado tinha um carregado sotaque russo, além de uma familiaridade que me deu a certeza de que era seu matador.

— Aqui é o segurança, ouvi um grito partindo daqui. Está tudo bem? — Indagou ele, do lado de lá da porta.

Não precisei dizer mais nada, pela forma como meus olhos se arregalaram sobre os de Abby, e pelo sotaque russo que certamente reconheceu, ela também soube que era ele.

— Está tudo bem. Foi só uma barata saindo do ralo. Já vou sair. — Disse ela, em voz alta, então ouvimos os passos do brutamontes se afastando da porta.

— Merda! Agora se eu sair daqui ele vai me ver e meu disfarce estará comprometido. Mas que droga! Porque eu fui me meter numa merda dessa? — Eu falava a medida em que fazia a constatação.

Obriguei minha mente a trabalhar depressa, analisei novamente a janela do banheiro, era alta, acima da pia, cabia perfeitamente Abby, mas eu não sabia se cabia a mim. Ainda assim eu precisava tentar passar por ela, pois agora aquela era a minha única saída. Se eu deixasse o banheiro pela porta, o russo certamente me veria e saberia que eu estava tentando proteger a garota, aí meu disfarce estaria comprometido, tudo o que fiz para chegar até aqui estaria perdido, todos os meus esforços para aprender a atirar, a espionar, para conseguir me infiltrar entre aqueles caras, iria por água abaixo e a vida de Kristen estaria comprometida.

Caralho! Porque mesmo fui tentar ajudar aquela garota?

— Temos que sair daqui agora mesmo.

Com agilidade, subi na pia, tirei meu revólver de dentro da jaqueta e usei a coronha para quebrar o vidro da janela. Não era um espaço muito grande, mas eu precisava atravessar, precisava manter o meu disfarce. Do lado de fora havia um beco bastante sujo e depois dele a parede de outro prédio. Era possível que saíssemos em segurança sem sermos vistos, eu pelo menos sairia.

— Você vem? — Perguntei observando o rosto da garota que encarava meu revólver com olhos apavorados, enquanto tremia do pés à cabeça.

— Você está armado. — O pavor estava vidente no tom da sua voz.

— Ah, deu para perceber foi? Se você vem, anda logo, porque o nosso tempo está se esgotando.

Ela olhou na direção da porta do banheiro, depois olhou para mim novamente, parecia indecisa, até que por fim tomou a decisão certa e subiu na pia junto comigo, cuidadosamente. Como ela era mais leve que eu, levantei-a com meus braços e a empurrei através do pequeno espaço, de modo que ela caiu de ponta cabeça no chão do outro lado, demorando a se recompor. Depois foi a minha vez de atravessar a janela, tão apertada quanto sair do útero de uma mãe. Consegui cair do outro lado bem a tempo de segurar a garota pelas pernas e impedi-la de sair correndo com uma louca.

— Nada disso, nem pense em fugir, você vai sair daqui comigo e só vamos nos separar quando ambos estivermos em segurança.

Segurei-a firmemente pelo antebraço, guardei minha arma de volta na jaqueta e nos conduzi para a rua movimentada. Antes de deixarmos o beco, olhei na direção da frente da lanchonete, Dimitri não estava lá, mas a van que dirigia continuava estacionada no mesmo lugar, indicando que ele podia estar em qualquer parte, espreitando, de modo que não podíamos ir até o meu carro sem corrermos o risco de sermos vistos. Então, sem deixar de segurar o braço da garota, segui com ela na direção oposta, caminhando depressa pela calçada, tentando fazer com que parecêssemos um casal normal, para não atrair a atenção de ninguém, porém Abby não colaborava e a todo momento puxava seu braço da minha mão, com um safanão, tentando se libertar, o que estava começando a atrair a atenção das pessoas que passavam por nós.

— Você quer parar com isso? Não vê que só estou tentando ajudar? — Esbravejei, puto da vida.

— Eu não preciso da sua ajuda e nem pedi por ela, se você realmente quisesse me ajudar não teria me metido nessa situação. Agora me solta, vou procurar a polícia. — Nem afrouxei minha mão no braço dela. — Eu sei me virar sozinha. Me solta!

— Só para eu ter uma ideia do que se passa pela sua cabeça, me diz o que

NACIONAIS-ACHERON

a polícia ia poder fazer contra os caras da máfia russa. Você acha mesmo que eles vão bater de frente com essa gente?

— Nós estamos na América, aqui tem as Forças Armadas, nenhuma máfia russa é ameaça para nós.

—Acredite, até você conseguir convencer a polícia a convencer as Forças Armadas de que a máfia russa está te caçando, você já estará apodrecendo em um cemitério.

— Eu não pedi a sua ajuda, não pedi por isso, nem sei porque você está me ajudando se é um deles.

— Tem razão, eu devia ter deixado ele te matar, estou te ajudando porque sou um idiota.

Nós precisávamos de um carro urgentemente, caminhar não ia nos ajudar a fugir se Dimitri desconfiasse que ela não estava mais na lanchonete e decidisse sair de van para procurar lá. Eu precisava roubar um carro. Ainda bem que havia aprendido como fazer isso durante os dias de treinamento, pois sabia que em algum momento esse conhecimento me seria útil. Entretanto, quando percorri os olhos em volta, à procura de algum carro que pudesse estar destrancado, ou fácil de roubar, enxerguei a minivan vindo em nossa direção. O atirador havia descoberto nossa fuga e provavelmente de onde estava já tinha me enxergando com a garota.

Mas que merda! Eu não podia acreditar nisso! O meu disfarce acabava de ser comprometido, a vida da minha irmã estava terminada e a culpa era toda minha.

CAPÍTULO V

— O seu atirador está vindo aí, se quiser viver corra e corra depressa. —
Falei.

Eu devia ter soltado o braço dela para fugir mais depressa sozinho, ou devia ter fingido que havia conseguido apanhá-la e entregado-a para o russo, mas simplesmente a segurei com ainda mais firmeza e a puxei junto comigo, enquanto corria pela calçada, atropelando as pessoas que passavam.

Contudo, tentar fugir de uma van a pés era como nadar de encontro a uma onda e esperar que ela não te acertasse, em questão de segundos Dimitri emparelhou conosco na rua e olhou dentro dos meus olhos, a fim de me dar a certeza de que sabia que eu a estava ajudando.

Pobre Kristen, eu a havia condenado a morte naquele instante e nada nunca livraria minha consciência desse peso.

Vi o atirador enfiando a mão dentro da sua jaqueta para pegar sua arma e, agindo por impulso, puxei Abby para dentro da primeira loja cuja entrada meus olhos alcançaram. Era uma loja de quinquilharias, cheia de bijuterias, jarros ornamentais e outros apetrechos decorativos antigos.

— Tem uma saída pelos fundos que possamos usar? — Praticamente gritei, ofegante, dirigindo-me à garota afrodescendente, com dreads no cabelo, que se encontrava atrás do balcão e nos encarava com olhos arregalados, pressentindo a proximidade do perigo.

— Por favor, chame a polícia, esse homem está tentando me raptar e tem outro lá fora que está tentando me matar. — Abby falou, apenas para piorar o pânico que dominava a pobre atendente.

Não esperei para saber se a garota chamaria a polícia ou se nos mostraria a bendita saída, sem soltar o braço de Abby, corri para os fundos do estabelecimento, alcançando um pequeno corredor no instante em que ouvi a porta da frente sendo aberta, com uma batida forte e soube que era Dimitri. No fundo do corredor havia outro banheiro, onde entramos e tranquei a porta por dentro. Enquanto vasculhava o lugar em busca de outra janela, houve

uma batida forte na porta e a voz do russo soou do outro lado, estrondosa e ameaçadora como trombetas do Inferno anunciando a nossa morte.

— Está vendo o que você fez? Se não tivesse gritado naquele maldito banheiro já estaríamos livres dele. — A repreendi, com a voz baixa, sem deixar de procurar uma saída.

Graças aos céus todos os banheiros dos estabelecimentos de Houston pareciam ter uma janelinha de fuga, e mais uma vez subi, desta vez no vaso sanitário, para quebrar o vidro da tal janelinha com a coronha do meu revólver, em uma operação rápida e dinâmica que nos permitiu escapar da morte mais uma vez.

Tão logo atravessamos o pequeno espaço, ouvi o estrondo da porta sendo arrombada e agradei novamente aos céus, desta vez pelo chefe dos mafiosos ter enviado um sujeito gordo para aquela missão, pois definitivamente ele não caberia no espaço da janela, pequeno demais para o seu corpo rechonchudo.

Caímos de cara no chão em outro beco imundo, desta vez corremos para a rua oposta, do outro lado do quarteirão, de modo que nosso perseguidor teria que dar a volta com sua van se quisesse nos alcançar. Tivemos que pular por cima de uma grade alta para conseguirmos alcançá-la, porém ao chegarmos lá havíamos ganhado uma vantagem grande sobre o matador.

Precisávamos urgentemente de um carro para fugir, então avancei na direção daquele que avistei primeiro, um Dodge preto que se encontrava estacionado no acostamento, diante de uma loja de departamentos. Como nada na vida é fácil, a porta estava trancada e precisei ser rápido e ao mesmo tempo discreto para abri-la, usando apenas uma mão — já que ainda segurava Abby com a outra — para manusear o ímã que sempre carregava no bolso interno da jaqueta, para situações de emergência como aquela, para destravar a porta, mais um truque que aprendi durante o meu período de treinamento para ingressar naquela loucura toda, o que agora, pelo visto, acabaria em nada.

Tão logo abri a porta do carro, empurrei Abby para dentro e me enfiei em seguida, tomando o volante apressadamente, enquanto ela tentava abrir a porta do carona para escapar. Mas que garota idiota! Não percebia que eu estava ariscando não apenas o meu pescoço, mas também a vida da minha

irmã, para salvar a dela?

Partimos em uma velocidade moderada, para não atrair a atenção de qualquer guarda rodoviário, seguindo na direção oposta de onde estava a loja de quinquilharias na qual o atirador certamente já constataria que não nos encontrávamos mais. Só que ele era muito mais experiente e bem treinado que eu e logo avistei a minivan pelo retrovisor, nos seguindo em alta velocidade.

— Caralho! Ele está atrás da gente. — Falei, quase para mim mesmo.

— Como você sabe? — Abby olhou para trás, com os olhos sempre arregalados de pânico.

Mesmo que escapássemos daquela com vida, ela ia ficar traumatizada depois de tudo isso.

— Se segura, porque vamos ter que correr.

Dirigir em alta velocidade pelas ruas da cidade não foi algo que aprendi durante o treinamento, eu costumava fazer isso antes, era parte das loucuras que eu cometia em busca de diversão, desde que era bem jovem. Costumava participar de todos os tipos de competições automobilísticas na Austrália, inclusive as ilegais. Era o que acontecia com um cara que perdeu os pais aos doze anos de idade, não tinha ninguém para controlá-lo e achava que podia fazer tudo o que quisesse, como eu sempre achei. Experimentei de tudo em busca de prazer e de diversão, tive tudo o que o dinheiro podia comprar e o que não podia também, a única coisa que me faltava era a cura para a doença da minha irmã, o que parecia mais distante a medida que eu lutava para salvar a vida daquela estranha sentada ao meu lado.

Se eu soubesse que as coisas fugiriam do meu controle e acabariam assim, teria deixado o atirador fazer o trabalho dele sem me intrometer. Eu era mesmo um grande babaca por estragar tudo. Se Kristen morresse, eu jamais me perdoaria.

— Reduza a velocidade, você está correndo demais. — Abby falou, a voz carregada de terror.

— Ou você morre em um acidente de carro, ou morre com uma bala na cabeça, a diferença é que no carro você tem uma chance de escapar.

NACIONAIS-ACHERON

Ela me olhou ainda mais aterrorizada.

Eu acompanhava os avanços da minivan através do retrovisor, estava se aproximando depressa, mas ainda tínhamos chance de sobreviver. Se eu pensasse rápido, se me concentrasse na direção e não pegasse nenhuma estrada que nos obrigasse a parar, teríamos chances de escapar dele.

No entanto, aquilo não parecia bom, dirigir em alta velocidade pelas ruas de uma cidade grande era divertido, mas não era tão divertido quando se tinha um matador bem treinado que não saía da sua cola. Por mais manobras que eu fizesse, por mais que furasse sinais vermelhos, desse a seta para um lado e virasse para o outro, tentando despistá-lo, o cara não saía da minha cola, estava lá e estava perto. Pelo menos não estava atirando... Ainda.

— Precisamos nos livrar dele, daqui a pouco acaba a gasolina e eu tenho certeza que o tanque dele deve estar cheio.

— Eu sei como dar um jeito nisso. — Abby declarou.

Ela tirou seu celular da bolsa e segurei seu braço bem a tempo de impedi-la de fazer qualquer chamada.

— O que pensa que vai fazer? — Indaguei, com rispidez.

— Nada demais, só vou avisar à polícia rodoviária que tem uma minivan com uma bomba circulando em alta velocidade pelas ruas, isso vai nos dar tempo suficiente para fugirmos.

Encarei-a com admiração, foi a melhor ideia que ela teve na última hora.

— Nada mal para uma nerd.

— Eu não sou uma nerd. De onde você tirou isso?

— Uma médica bem-sucedida, com a sua aparência, não faria um perfil em um site de relacionamentos na internet a menos que seja uma nerd que passou o colegial todo e a faculdade com nariz enfiado nos livros de medicina, usando um gigantesco óculos de grau.

— Não que seja da sua conta, mas não fui eu quem fiz aquele maldito perfil.

Eu sabia que não, sabia exatamente quem fizera, e porque fizeram. Podia imaginar o tamanho da decepção que ela teria quando soubesse a verdade.

Mas ela aceitou participar, ou não teria ido me encontrar.

Abby usou seu celular para discar para a emergência e falou exatamente o que me disse quealaria. Ao encerrar a ligação, apressei-me em tomar o aparelho dela, só por precaução.

Continuamos correndo pelas ruas desgovernadamente, a van ora se aproximando, ora se distanciando, dependendo do perímetro que percorríamos. Eu seguia na direção da autoestrada, porque era para onde se ia quando se queria fugir, afinal quanto menos movimento de carros existisse á nossa volta, maiores seriam nossas chances de não sofrermos um acidente.

Não demorou muito para que o plano da nerd desse resultados, logo ouvimos sirenes de motocicletas da polícia rodoviária atrás de nós e a minivan foi cercada, sendo obrigada a parar. Prendi a respiração por alguns segundos, esperando que Dimitri atirasse contra os policiais, mas felizmente não aconteceu. Ele provavelmente entregou-se, a fim de evitar se expor, usando o disfarce de turista para não ser preso ou mesmo investigado, pois não havia bomba alguma em sua van, como a garota dissera ao ligar para a emergência. Embora sua quadrilha não seria descoberta por causa disso, nos deu uma chance enorme de escaparmos e logo pegamos a autoestrada, com a certeza de que ninguém mais nos seguia.

Dirigi durante todo o dia, com apenas uma pausa rápida para reabastecer em um posto isolado, na autoestrada, distante de tudo, onde Abby comprou alguns pacotes de salgadinhos para nós dois.

— Posso saber para onde estamos indo? — Ela estava visivelmente cansada, o rosto abatido, consternada.

— Port Mansfield.

— E o que tem em Port Mansfield?

— Nada de mais, só um lugar onde podemos nos esconder.

Era quase noite quando entramos na pequena Port Mansfield, um lugarzinho tranquilo para onde eu ia quando precisava esfriar a cabeça. Comprei a casa ali para que servisse de esconderijo caso viesse a precisar de um durante os dias em que fazia parte de toda aquela loucura, como de fato estava precisando, pois era isolado e distante de Houston o bastante para que

os mafiosos russos não nos encontrassem, pelo menos por enquanto. Por ora estaríamos seguros.

Como havia deixado a chave na minha mochila, no quarto do hotel, tive que arrombar a porta da garagem, já que não podia deixar o carro diante da moradia, à vista dos satélites e depois precisei arrombar também a porta de entrada, enquanto imaginava que a essa altura os russos já sabiam que eu era um traidor infiltrado, já haviam revirado minhas coisas, analisado meus documentos, já sabiam o nome dos meus parentes, de onde eu era e porque estava entre eles. Já sabiam tudo sobre mim e agora não apenas Abby era o alvo deles, mas também eu, porque sabia demais e precisava ser eliminado.

— De quem é essa casa? — Abby indagou, ao me ver arrombar a fechadura, com a coronha do meu revólver, para que entrássemos.

— Isso não tem a menor importância, o que importa é que podemos ficar aqui por enquanto. Estaremos Seguros.

—Ficar aqui até quando?

— Eu não sei. Até eu pensar no que fazer agora.

— Isso está começando a parecer um episódio de The Walking Dead. — Ela disse, enquanto examinava a sala ampla, distraidamente, ao entrarmos. — Eu sei que você foi generoso ao me salvar daquele troglodita, agradeço por isso, mas acho que já vou indo. Não vou falar a ninguém onde você está, só quero voltar para perto das pessoas que eu conheço.

Eu não podia acreditar que depois de tudo pelo que passamos, ela ainda achava que estaria mais segura longe de mim do que ao meu lado. Eu me sentia exausto por ter passado o dia todo dirigindo, e também estava cansado de dizer a ela que sem a minha proteção sua vida valeria menos que uma moeda de um centavo.

Observei-a por um instante e perdi a paciência.

— Quer saber? Eu cansei de te dizer que você vai morrer se sair por aí sozinha. Se você quiser ir a porta está aberta, é só sair. — Gesticulei abruptamente na direção da porta, enquanto a encarava diretamente nos olhos, a raiva pipocando em minhas veias, raiva de tudo ter saído errado, de todos os meus esforços para salvar a vida da minha irmã terem ido por água

abaixo por causa dela.

— Nesse caso adeus. Espero que você fique bem.

Ela deu meia volta e foi na direção da porta, enquanto eu ia para o outro lado, para os fundos da casa, onde havia uma varanda com uma amurada de madeira, de onde era possível enxergar o mar. Era o meu lugar preferido da residência, porque dali eu podia observar o oceano e me lembrava da minha vida em Sydney, era o mais próximo que eu chegava do mar, de sentir o cheiro de maresia, desde que viera para os Estados Unidos e vivia naquele constante inferno, em meio a bandidos perigosos, lutando pela vida de Kristen, pela única coisa que poderia salvá-la da morte, e agora tudo estava perdido, ela morreria e a culpa ia ser toda minha.

Céus! Como pude ter sido tão irresponsável e inconsequente? Eu deveria colocar Kristen sempre em primeiro lugar em tudo, no entanto, na primeira oportunidade havia deixado-a de lado, por causa de uma pessoa que eu sequer conhecia, por causa de um beijo em uma noite de bebedeira. Como pude ser tão impulsivo? Estava tão perto de colocar as mãos na cura e agora jamais estive tão longe.

Eu me sentia desolado, quase deprimido, quando ouvi os passos vagarosos atrás de mim, aproximando-se. Antes mesmo de me virar eu soube que era Abby, ela podia ser uma nerd certinha, mas não era estúpida a ponto de sair por aí sozinha sabendo que a máfia russa estava caçando a sua cabeça.

— Acho melhor ficar por aqui mais um tempo, até as coisas acalmarem lá fora. Nunca se sabe quando pode aparecer um mafioso russo armado pelo caminho querendo te dar um tiro no meio da testa. — Disse ela, com a voz calma.

— Sábia decisão. — Não me dei ao trabalho de me virar para encará-la, estava cansado demais, fadigado e angustiado. Eu só queria ficar sozinho.

Abby aproximou-se de mim e recostou-se na amurada ao meu lado, observando o pôr do sol formando uma faixa amarelada sobre o azul do oceano.

— E então, você vai me dizer quem é você e por que estava no meio daqueles caras? Você por acaso também faz parte da máfia russa? Você não tem cara nem sotaque de russo.

NACIONAIS-ACHERON

— Não, eu não faço parte, estava infiltrado entre eles com um disfarce.

— Ah, quer dizer então que você é um agente da CIA que estava os investigando?

— Não sou um agente da CIA e nem estou a fim de dizer quem sou. Aliás, se você puder não falar comigo nesse exato momento eu agradeço.

— Tudo bem. Se não se importa vou procurar algo para comer na cozinha. Estou faminta.

Ela afastou-se com seus passos quase silenciosos, deixando-me mergulhado no tormento de ter acabado com a única chance que a minha pequena Kristen tinha de sobreviver.

Fiquei ali pensando durante mais de uma hora, até que cheguei à conclusão de que talvez Abby pudesse ajudá-la, afinal era médica, fazia parte da equipe que descobriu a cura para o câncer, conhecia a fórmula, sabia cada passo. Eu podia levá-la comigo para a Austrália, para que ajudasse os médicos de lá a tratarem minha irmã. Ela podia ensiná-los como fazer a cura, e assim livrariam Kristen da morte. Não seria tão difícil assim, seria? E, considerando que eu acabara de salvá-la de ser assassinada, ela me devia esse favor, me devia uma vida.

Como não pensei nisso antes? Essa era a saída para Kristen, eu estava com a médica que descobrira a tal cura, bastava que ela repetisse esse processo na Austrália, junto a uma equipe médica competente e minha irmã estaria salva.

Com uma nova chama de esperança se acendendo dentro de mim, avancei pela casa à procura da doutora nerd. Ao passar pela sala senti o cheiro da comida partindo da cozinha e meu estômago fez um barulho me avisando de que estava vazio há tempo demais. Eu a encontrei ao fogão, preparando algo que cheirava muito bem.

Silenciosamente, sentei-me à bancada e como se fosse capaz de sentir a minha proximidade ela se virou para me encarar.

— Está quase pronto. Fiz almôndegas com macarrão. Espero que goste.

— Com a fome que estou sentindo, se você tivesse preparado pólvora derretida eu ia comer com o maior apetite.

Ela revirou os olhos, como se não tivesse encontrado graça no meu comentário e deu-me novamente as costas.

— Muito obrigada pela parte que me toca. — Zombou.

Logo ela serviu a comida na bancada, junto com dois pratos, talheres e uma garrafa de vinho branco que encontrou na geladeira, sentou-se diante de mim e serviu-se, comendo com muito apetite. Servi-me também e me surpreendi ao descobrir que a comida estava uma delícia. Nunca imaginei que uma médica bem-sucedida soubesse cozinhar, tinha a impressão de que elas não faziam mais nada além de estudar.

— Essa casa é sua? — Ela indagou, após as primeiras garfadas de macarrão, percorrendo os olhos em volta.

— Sim. A comprei assim que cheguei aos Estados Unidos, para uma situação como essa.

— É uma bela casa. — Ela parecia admirada e imaginei como ficaria quando visse minha casa na Austrália. — Você não é mesmo pediatra, é? Um médico na sua idade não teria dinheiro para comprar uma casa como essa.

— Eu não sou médico.

— E o que você faz quando não está dando tiro no laboratório dos outros?

— Eu sabia que aquelas paredes eram a prova de balas, descobri isso quando a primeira metralhadora foi disparada. E, respondendo a sua pergunta, estou desempregado no momento.

Dizer a uma mulher que eu era herdeiro de uma fortuna milionária e não precisava trabalhar, sempre a impressionava, entretanto, dizer isso para Abby parecia ridículo, talvez por ela ser tão inteligente e esforçada.

— O que você fazia antes de ficar desempregado?

— Nada, eu sempre estive desempregado. — Ela ficou examinando-me em silêncio, seu olhar desconfiado fixo em meu rosto.

— O que mais naquele perfil da internet era mentira?

— Tudo, menos o fato de que nasci na Austrália. — Uma expressão indecifrável atravessou o seu olhar. — Preciso da sua ajuda, Abby. — Falei, quase com súplica.

Ela engoliu a última garrafada do seu prato e bebeu um generoso gole de vinho antes de perguntar.

— O que posso fazer por você?

— Eu me infiltrei em meio àqueles mafiosos por uma razão, eu pretendia roubar a cura deles quando a pegassem, a cura que você ajudou a criar, pretendia fazer isso porque a minha irmã tem um câncer no pulmão, um tumor do tamanho de um tomate, os médicos já desistiram dela, a única esperança que ela tem de sobreviver é a sua cura.

Os olhos azul escuros de Abby já eram enormes, quando terminei de falar eles estavam ainda maiores, quase saltando das órbitas, tamanha era a perplexidade com que ela me fitava. Abby permaneceu em silêncio por um longo momento, como se digerisse lentamente aquela informação.

— Eu realmente sinto muito, mas não posso ajudar sua irmã. Não temos uma cura definitiva para o câncer, isso não passa de um boato, o que temos são experimentos que funcionaram para algumas pessoas, mas que levaram outras a óbito. Só não fomos processados pelo conselho de ética de medicina porque as pessoas nas quais testávamos o nosso projeto haviam assinado um termo de responsabilidade, estavam cientes de que o óbito podia acontecer. E mesmo que a sua irmã estivesse disposta a se submeter ao teste, para a possibilidade de obter resultados positivos, eu não conseguiria fazer sozinha, eu precisaria levá-la ao nosso laboratório e juntá-la aos outros pacientes, o que eu acho bastante difícil com esses caras me perseguindo. Não acho que eles vão desistir tão facilmente de mim e eu nem sei porque eles querem me matar, eu não era única naquela sala.

— Eles querem te matar porque você travou a porta e acionou o alarme. Eu te disse para não fazer aquilo, você devia ter me ouvido.

— Eu fiz o que qualquer pessoa no meu lugar teria feito, não entendo como esperaram que fosse diferente.

— Isso já não tem tanta importância, você nunca mais vai voltar a ter a vida de antes, nunca mais vai poder andar nas ruas sem ter medo da própria sombra, porque esses caras são muito perigosos, eles fazem parte da inteligência russa. Sua única saída é ir para a Austrália comigo, onde vai poder ajudar a minha irmã e ao mesmo tempo viver sem medo. Nós temos

médicos excelentes por lá, basta que você mostre a eles o que devem fazer para que se alcance a cura.

O meu desespero aumentava a medida que ela me olhava com olhos de piedade, como se já tivesse certeza que aquilo não daria certo, como se soubesse que mesmo que tentasse, que mesmo que fosse para a Austrália comigo, não conseguiria dar a cura à minha irmã, o que me deixou ainda mais desolado.

— Você me deve isso, Abby, eu entreguei meu disfarce para salvar a sua vida. — O desespero estava evidente no tom da minha voz.

CAPÍTULO VI

— Eu sei que devo e salvaria a sua irmã se pudesse, mas não é assim que funciona. Eu sinto muito, Paul.

— E como funciona?

— Para começar, precisaríamos de equipamentos que só existem no nosso laboratório, equipamentos de última geração. Para que uma fórmula fosse feita em outro lugar, nós precisaríamos desse equipamento, precisaríamos de informações que só existem nos computadores que estão no centro médico, precisaríamos praticamente transportar o nosso laboratório para a Austrália, o que seria impossível. Me desculpe se não posso ajudar.

Suas palavras apenas confirmaram o que o seu olhar já havia me dito, eu realmente tinha condenado Kristen ao salvar a vida dela, mas devia haver outra saída, eu não podia e nem ia desistir assim tão fácil, pensaríamos em alguma coisa no dia seguinte, por hora, precisávamos de uma boa noite de sono, pois estávamos exaustos do dia de viagem.

— Meu nome não é Paul, é Cariel, inventei aquilo para o perfil na internet.

— Pelo visto nada em você é verdadeiro. — Ela virou a taça de vinho, bebendo todo o resto de uma só vez.

Ah se ela soubesse o quanto meu desejo por ela foi verdadeiro naquela noite na boate, o quanto aquele beijo foi inesquecível, pelo menos foi da minha parte, o quanto eu desejei tocá-la de verdade e ainda desejava, mas tínhamos coisas mais importantes para pensar, o meu apetite sexual precisava continuar em segundo plano por muito tempo ainda, até que Kristen estivesse bem.

— Apenas o fato de que nasci na Austrália.

— Quer saber de uma coisa, eu não quero ouvir mais nada, só quero dormir um pouco e pensar no que vou fazer da minha vida agora que a máfia russa está atrás de mim. Onde acho uma cama?

— No segundo andar. Fique à vontade, escolha o quarto que quiser.

Abby subiu e continuei ali na cozinha sozinho, bebericando o vinho aos poucos, com a mente absorta por pensamentos, tentando encontrar uma saída para tantos problemas. Eu sabia que a cura para a minha irmã estava nas mãos de Abby, ela era inteligente o suficiente para dar um jeito nisso, repetir a fórmula na Austrália, bastava querer e isso a tornava valiosa demais para mim. Ela era a única chance que eu tinha de salvar a vida de Kristen.

Foi essa constatação que me fez subir para o segundo andar e procurar o quarto no qual ela estava. Eu a encontrei no último do corredor, um dos quartos de hóspedes, encolhida sob os lençóis, os cabelos escuros, cheios e ondulados, espalhados sobre o travesseiro.

Eu dormiria ali só por precaução, para ter certeza de que os russos não a encontrariam e acabariam com ela.

Como se tivesse levado um susto com o rangido da porta se abrindo e o som dos meus passos se aproximando, ela virou-se depressa para me encarar e puxou o lençol mais para cima, deixando-o na altura do seu queixo, seus olhos alarmados cravados em meu rosto.

— O que você pensa que está fazendo?! — Indagou, espavorida.

— Não é nada do que você deve estar pensando, eu só vou dormir aqui para garantir a sua segurança, aqueles caras não estão de brincadeira, se eles cismaram que vão acabar com você não vão desistir até conseguirem. Você vai ficar mais segura se eu estiver aqui, pois tenho uma arma e sei como usá-la.

— Eu não vou conseguir dormir com você aqui, por favor, saia. Já basta o que você fez comigo naquele maldito hotel, enquanto eu estava desacordada.

Definitivamente suas palavras conseguiram capturar a minha total atenção. O que ela achava que eu havia feito naquele quarto de hotel? Estava pensando que... Ah, minha nossa! Ela estava pensando sim, realmente achava que eu tinha me aproveitado da sua inconsciência.

— E o que você acha que eu fiz com você naquele hotel? Posso saber? — Queria ouvir de sua boca.

— Você sabe o que fez, Paul, ou Criel, seja lá como você se chama. Não espere realmente que eu mencione isso em voz alta.

Ela falava com uma certeza absurda, sem me dar ao menos a chance da dúvida. Eu devia ter deixado realmente uma péssima impressão naquela noite.

— Como você pode ter certeza que eu fiz alguma coisa? Você por acaso acordou com a vagina cheia de esperma? — Vi sua face enrubescendo violentamente e aquilo me pareceu inacreditavelmente divertido.

— Você sabe que não, deve ter usado proteção. Mas acordei nua debaixo dos lençóis, não preciso de mais evidências que isso.

— Você está enganada, Abby, eu não fiz nada com você naquela noite, apenas tirei suas roupas porque você vomitou nelas. Não que eu não me sentisse tentado a fazer alguma coisa, eu me senti, mas não sou um cara que se aproveita de uma mulher inconsciente, como também não vou me aproveitar de você esta noite, pode dormir tranquila, com a certeza de que não vou tocar em um fio do seu cabelo sem o seu consentimento.

Ela observou-me em silêncio por um instante, como se decidisse se deveria acreditar em mim ou não, então, respirou profundamente, aliviada e voltou a deitar-se, tão na beirada da cama que podia cair no chão a qualquer momento.

Fui direto para o banheiro e me enfiei embaixo dos jatos de água quente do chuveiro, onde permaneci por um longo tempo, deixando que meu corpo cansado relaxasse. Quando voltei ao quarto, Abby estava na mesma posição, deitada de lado, de costas para o espaço vazio no colchão, completamente imóvel, com os olhos fechados. Parecia adormecida e era ainda mais bonita com o rosto totalmente relaxado, sem aquela ruga de preocupação no meio da testa, que possuía quase todo o tempo. Ela era o tipo de garota que não tinha consciência dos próprios encantos, do poder que exercia sobre um homem. Meu desejo, naquele momento, era de poder tocá-la, acariciar seus cabelos só para ter certeza se eram tão macios quanto pareciam, mas eu jamais faria isso sem a permissão dela.

Com a toalha enrolada em torno dos quadris, fui até o armário em busca de qualquer coisa que não estivesse fedendo a suor para vestir e fiquei surpreso ao encontrar um conjunto de moletom. Eu não fazia ideia de que havia roupas ali. Quando comprei a casa, sequer olhei todos os quartos.

Como estava fazendo calor, vesti apenas a calça do moletom e deitei-me na cama ao lado de Abby, com cuidado para não acordá-la. Não consegui dormir de imediato, não apenas porque a proximidade daquela garota era perturbadora demais, ou porque o cheiro que partia dela mexia comigo, causando-me tantos pensamentos eróticos que eu mal conseguia ficar parado no lugar, mas porque deitar na mesma cama que uma mulher e não me acabar de prazer em cima dela era algo inédito para mim.

Abby

Acordei sentindo um calor absurdo. Meus mamilos doíam, tudo em mim parecia incendiar, minha pele estava febril, o centro das minhas pernas parecia latejar. Pisquei diversas vezes tentando me localizar, me recordar de onde estava e foi apenas ao me remexer na cama que percebi que Cariel estava completamente agarrado ao meu corpo, por trás, com seu braço jogado por sobre o meu torso, a perna em cima dos meus quadris, o peito largo e duro colado às minhas costas e algo ainda mais duro empurrando a minha bunda. Cacete! Aquilo era uma ereção!

Com um sobressalto, desvencilhei-me apressadamente do seu corpo e saltei da cama, já procurando algo pelo quarto com o que pudesse golpeá-lo caso aquilo fosse o início de uma tentativa de estupro, porém ao observar o seu rosto, eu percebi que estava dormindo, nem mesmo o gesto abrupto que fiz para me soltar dele o havia despertado.

Fiquei imóvel por um instante, sem desviar meu olhar do seu rosto, esperando para ter certeza se ele não estava fingindo estar adormecido, então, como se tivessem vida própria, meus olhos foram atraídos para o seu corpo, para o peito largo cheio de músculos bem definidos, sem qualquer vestígio de pelos, para o abdômen em forma de V, onde o cós da calça, mais embaixo do que deveria, revelava o início de uma camada de pelos negros. Tudo nele era tão atraente e exprimia tanta masculinidade, que minha vontade era de me aproximar e tocar, só para ter certeza se era real.

Ele usava apenas a calça do moletom cinza, diante da qual havia uma protuberância enorme e senti minha face corando ao constatar que se tratava da sua ereção. Cada uma das células do meu corpo me ordenou a colocar minhas mãos nele, a voltar a deitar-me ao seu lado, aninhada em seu corpo. Eu só podia estar ficando louca por me sentir atraída por aquele homem, visto que ele não era confiável, embora afirmasse que estava salvando a minha vida, e agisse como tal, tudo poderia não passar de uma armação para arrancar informações sobre o nosso projeto. Da mesma forma como ele fingiu estar interessado em mim na internet, afim de obter informações, poderia estar fingindo também desta vez, pelo mesmo motivo, poderia estar de

conluio com o sujeito que dirigia a minivan e ter inventado aquela história de ter uma irmã doente apenas para me convencer a dar a eles as informações que queriam, o que eu não poderia fazer sem ter acesso à vasta documentação das pesquisas que realizamos durante os último dois anos, a qual se encontrava nos computadores do laboratório.

Se todas essas suposições fossem verdadeiras, eu não estava segura, aquele cara poderia acabar comigo a qualquer momento, bastava que desconfiasse que não poderia arrancar mais nada de mim, por isso eu precisava ser rápida ao me defender dele.

Por outro lado, ele podia estar falando a verdade, aquele maldito russo gorducho poderia estar realmente tentando me matar e foi essa incerteza que me fez voltar para o lado dele quando me deixara partir, assim que chegamos à casa. Eu não era burra a ponto de sair por aí sozinha sabendo que existia a possibilidade de que a máfia russa podia estar realmente atrás da minha cabeça. Nada era garantido naquele momento, tudo era uma profusão de incertezas em meio a qual eu precisava lutar pela minha sobrevivência.

Aproveitei que Cariel ainda estava adormecido para procurar meu celular pelo quarto, ou a arma com a qual poderia rendê-lo e obrigá-lo a dizer a verdade. Movendo-me sorrateiramente, a fim de que meus passos não fossem ouvidos, procurei primeiro no armário, depois nos dois criados ao lado da cama e por fim em baixo da cama, onde encontrei o revólver e o peguei, corajosamente. Não era a primeira vez que eu pegava em uma arma de fogo, só não sabia se ainda me lembrava de como usá-la.

Estava saindo de debaixo da cama, com a arma em punho, quando Cariel começou a gemer, parecendo angustiado, meio desesperado, ainda dormindo, com os olhos fechados. Repetia consecutivamente o nome de uma mulher, Kristen, como se uma dor absurda lhe atormentasse a alma, como se a ausência dela fosse um veneno que o matasse aos poucos. Se Kristen fosse uma garota com quem ele saía, eu precisava conversar com essa mulher e pegar algumas aulas de sobre como conquistar um homem como aquele, a ponto de ele gemer o meu nome com tanto desespero enquanto dormia.

Eu estava ali parada ao lado da cama, petrificada, observando-o sem sequer piscar, quando ele abriu os olhos de repente e os deteve diretamente na arma em minha mão. Antes que eu tivesse tempo de sair do lugar, ele fez

uso de uma agilidade impressionante para pular na minha direção, jogando-se sobre mim, para no instante seguinte me atirar sobre a cama, colocando-se em cima mim, aprisionando-me com suas mãos e suas pernas antes de tomar a arma da minha mão.

— O que você pretendia fazer com isso? — Ele praticamente rosnou, seus olhos raivosos cravados nos meus, de forma assustadora.

Naquele instante, acreditei que ele me mataria.

Que grande sobrevivente era eu, tive duas chances de fugir e ainda assim acabava nas mãos do meu suposto assassino.

— Eu não ia fazer nada só estava procurando o meu celular para ligar para os meus amigos e avisar que estou viva. Achei a arma por acaso. Eu não ia usá-la. — Me defendi.

— Quem me garante que você não ia usá-la? Você não é de confiança. Como pode fazer uma coisa dessas depois de eu ter salvado o seu pescoço?

— Eu não ia fazer nada, eu juro. — O medo começava a me dominar, causando tremores em todo meu corpo, o que, aparentemente, o motivou a sair de cima de mim e sentar-se na beirada do colchão com a arma ainda na mão. — Eu só queria ligar para os meus amigos, avisar que estou bem.

— Você não pode usar mais o seu celular, porque eu o joguei fora.

Fitei-o aturdida.

— Você tem ideia de quantos contatos tinha naquele aparelho?!

— Perder os contatos é o menor dos seus problemas agora. Há um grampo no seu celular, eu mesmo o coloquei e considerando que foram os russos que me deram, não duvido nada que contenha também um rastreador, com o qual eles nos encontrariam facilmente. Se eu não tivesse me livrado do aparelho, aqueles caras já estariam aqui e nem estaríamos mais vivos. Eles querem a minha cabeça agora também, não apenas a sua.

Se ele estivesse falando a verdade, significava que havia colocado não apenas a vida da sua irmã, mas também a dele próprio, em risco para salvar a minha e esse era um preço alto demais para ele pagar por ter me colocado nessa encrenca quando me seduziu e me drogou naquela noite para obter

informações, além do mais, mesmo que não tivesse feito isso eu teria acionado as trancas da porta e o alarme durante o ataque e os russos estariam atrás do meu pescoço do mesmo jeito. Se tudo o que ele dizia fosse verdade, eu devia minha vida a ele.

— Eu sinto muito por tudo isso, sinto mesmo que você esteja encrencado por minha causa e que a sua irmã não tenha recebido a cura. — Fui sincera ao dizer.

— Não, você não sente. Você nem mesmo acredita em mim, ou não estaria com a minha arma na mão ao lado da cama observando-me, decidindo em que parte do meu corpo ia atirar primeiro.

— Eu não ia atirarem você, te render, talvez. Só estava procurando o meu celular e encontrei a arma por acaso, estava te observando porque você parecia desesperado chamando pelo nome de uma Kristen. Quem é essa afinal? Sua namorada?

Eu me arrependi de ter pronunciado aquelas palavras com tom de deboche no instante em que vi a angústia atravessar o azul do seu olhar, a qual me dizia que Kristen era mais que uma namorada para ele, talvez uma pessoa amada que ele perdera e eu havia brincado com seus sentimentos. Que merda.

— Eu não tenho namorada, Kristen é a minha irmã.

Caramba! Que mancada a minha! Era claro que toda aquela angústia só podia ser por causa da irmã doente. Não que eu conhecesse bem os homens, mas não imaginava que eles fossem sentimentais a ponto de sofrerem tanto por causa de alguém da família, achava que não tinham muitos sentimentos. Pelo visto eu estava enganada, ou então Cariel era diferente de todos os outros homens que já conheci.

Ele levantou-se, guardou a arma no cós do moletom e caminhou até a janela, ainda com aquela protuberância gigantesca em seu colo, sem que eu conseguisse parar de olhar para ela, o que fez com que meu rosto corasse.

Será que não percebia como estava?

— Está tudo tranquilo lá fora. Ainda estamos seguros aqui. — Ele disse, observando o lado de fora da casa através do pequeno espaço que abriu ao afastar a cortina da janela. Disse mais alguma coisa que meus ouvidos não

conseguiram registrar e apenas quando chamou o meu nome voltei a olhar em seu rosto, vermelha de constrangimento por ter sido flagrada observando sua ereção. — Relaxa gata, Isso é só uma ereção matinal. Você já deve ter visto uma. — Completou, com um sorriso safado, fazendo meu rosto queimar ainda mais.

— O-o q-que v-você quer dizer com ainda estamos seguros aqui? — Gaguejei ao proferir a pergunta.

— Que aqueles russos não vão desistir até nos pegarem, mas ainda não nos localizaram, pelo menos por enquanto. — Processei aquela informação, vagorosamente, e um calafrio desceu pela minha espinha — E então, quer tomar um banho e se livrar das suas roupas sujas? Tem roupas de uma garota que passou um final de semana aqui comigo no meu quarto, estão limpas. Se você quiser usar, fique à vontade.

Nem morta eu ia usar roupas de uma pessoa cuja origem eu desconhecia, ainda mais sendo um peguete dele.

— Estou bem com minhas roupas, obrigada.

— Você é quem sabe. Vou tomar banho no meu quarto, sintase em casa.

Meu olhar foi capturado pelo seu traseiro empinado dentro do moletom enquanto ele deixava o quarto, ainda com a barraca armada e o revólver preso ao cóis da calça.

CAPÍTULO VII

Tomei um demorado e revigorante banho quente e me senti incomodada ao vestir as mesmas roupas com as quais passara todo o dia anterior, sujas de poeira e de suor devido às horas de viagem na autoestrada. Tirei o excesso de água dos cabelos com uma toalha e descii para o primeiro andar. Encontrei Cariel na cozinha, diante do fogão, preparando ovos com bacon. A aparência dele dava mais água na boca que o cheiro gostoso da comida. Tinha os cabelos ainda molhados, usava um jeans colado que revelava cada curvinha das suas coxas grossas e do traseiro musculoso e uma camiseta de malha de mangas curtas que deixavam os braços fortes à mostra.

Ao ouvir os meus passos, virou-se para me observar e seus olhos azuis cristalinos examinaram-me dos pés à cabeça, obviamente constatando o quanto eu estava ridícula dentro daquelas roupas sujas e folgadas.

— As roupas femininas que te falei estão no meu quarto. Fique à vontade se quiser trocar.

Imaginei que tipo de garota passaria um final de semana inteiro em uma casa isolada como aquela com um homem, sem que tivesse um compromisso com ele. Era uma garota de sorte, sem dúvida, porém de procedência duvidosa.

— Não precisa, estou bem assim. Não gosto de usar roupas de outras pessoas.

Ele examinou-me com os olhos desconfiados por um instante e voltou sua atenção para as frigideiras à sua frente.

— Se isso te tranquiliza, a garota que esteve aqui comigo não era nenhuma vadia vulgar, era uma universitária quase tão séria, certinha e nerd quanto você, só um pouco mais solta. Na verdade, ela era muito mais solta.

O que ele estava dizendo? Que eu era uma pessoa travada?

Sentei-me do lado de cá da bancada apreciando a bela visão do seu traseiro dentro da calça apertada.

— De onde você tirou essa ideia de que sou séria, certinha e nerd? Você não me conhece nem um pouco.

— Não conheço, mas basta prestar atenção em você para te decifrar. Aposto como passou pelo menos metade da sua vida estudando e a outra metade vendo séries na Netflix.

Pobre coitado! Ele nem imaginava o quanto estava enganado a meu respeito. Se soubesse tudo que já fiz na vida, tudo o que fui obrigada a fazer devido às condições em que nasci e cresci, ficaria escandalizado. Mas era bom que pensasse que eu era uma mulher certinha e nerd, pois assim não tentaria nada comigo e a tentação ficaria mais fácil de resistir.

Ele serviu o bacon com os ovos em dois pratos, junto com duas xícaras de café e sentou-se do outro lado da bancada, diante de mim.

— E onde está a sua universitária certinha agora? — Levei uma garfada da comida à boca, estava uma delícia.

— Sei lá. Acho que na universidade.

— Você sempre faz isso?

— Isso o quê?

— Sair com garotas sem compromisso?

Ele pareceu ficar surpreso.

— Todo mundo faz, você não?

— Não. Prefiro conhecer a pessoa primeiro.

Ele me lançou o mais malicioso dos olhares e preparei o meu psicológico para ouvir o que diria.

— Você não me parecia muito disposta a me conhecer antes de se entregar a mim aquela noite em que fomos à danceteria.

Minha mão congelou com o garfo a meio caminho da minha boca, a medida em que minha face enrubescia de novo, como se minha sina fosse ficar constrangida na frente daquele homem.

— Prefiro não falar sobre isso.

— Tudo bem.

NACIONAIS-ACHERON

— Por quanto tempo vamos ficar aqui?

— Por quanto tempo for necessário.

— E quanto tempo vai ser necessário? Você disse que os russos jamais vão desistir de nos matar, então não adianta muito nos escondermos. Nós podemos voltar para Houston e acionar a polícia e o FBI, eles vão nos proteger, não vão nos deixar morrer, é melhor do que ficar aqui esperando sermos encontrados.

Cariel soltou uma gargalhada forçada e sarcástica sem que sua fisionomia acompanhasse o gesto.

— Como você é ingênua! Você acha mesmo que a polícia, ou o FBI, vão conseguir nos proteger daqueles caras se eles não desistirem de nós? Eles não vão, Abby e a máfia russa tem espiões em todos os lugares, na polícia, no FBI, na Cia e onde mais você puder imaginar, eu sei disso porque tenho convivido com eles nos últimos meses, sei como pensam, como agem e do que são capazes. Nós estamos por conta da nossa própria sorte. Se não conseguirmos escapar deles por conta própria estaremos condenados.

A forma como ele anunciava aquilo me fez estremecer de pavor. Se as coisas eram mesmo como ele dizia, estávamos completamente ferrados, pois tudo o que tínhamos para nos defendermos era um revólver, contra todas aquelas metralhadoras e fuzis dos russos.

Eu conhecia uma organização que podia nos proteger e talvez nos ajudar a nos livrarmos dos russos, a organização criminosa para a qual o meu padrasto e minha mãe trabalhavam em Nova Iorque. Eram traficantes que comandavam a distribuição de drogas em toda aquela região do país, centenas de homens com armas modernas, treinados para atirar. Eu só não sabia se estava preparada para pedir ajuda a eles ou mesmo para voltar a falar com minha mãe depois de tudo o que eles me fizeram e de tudo o que fiz a eles. Já havia se passado sete anos desde que nos falamos pela última vez, na ocasião em que saí de casa sem deixar rastro nem endereço, embora eu tivesse quase certeza de que eles não nos negariam proteção, não porque fossem pessoas generosas, mas porque, de certa forma, me deviam isso, por não terem sido responsáveis por mim quando deviam, por quase terem me inserido naquele mundinho sujo e vil no qual viviam, assim como fizeram

com meu meio-irmão, o que o levou a ser morto aos vinte e um anos, com uma bala na testa, durante uma disputa por território de traficantes. Eles me deviam uma retratação por tudo isso, a droga que roubei do meu padrasto para vender e pagar a faculdade, não era nada comparado ao que eles me deviam.

Se não conseguíssemos encontrar outra saída, eu engoliria o meu orgulho e o meu ódio e os procuraria. Por ora precisava avisar Melissa, Adam e o Dr. Young que estava tudo bem comigo, eles deviam estar surtando com meu sumiço, visto que eu jamais havia faltado ao trabalho antes e nunca tinha passado uma noite fora sem avisar. Eles já deviam ter desconfiado que algo estava errado e deviam estar caindo os cabelos de preocupação.

— Preciso de um telefone para avisar os meus amigos e o Dr. Young que estou bem, eles devem estar carecas de preocupação comigo.

Uma expressão indecifrável surgiu no olhar de Cariel.

— Acredite em mim, seus amigos não estão preocupados com você.

— Como você pode falar isso com tanta certeza? Você não os conhece, não sabe nada sobre eles.

Ele continuou olhando-me de forma estranha, sem que eu compreendesse o que se passava em sua mente.

— Não podemos usar celular aqui, nem mesmo o meu, pois ele pode estar sendo rastreado também, e aqui não tem telefone fixo.

— Resumindo: estamos isolados do resto mundo. — Completei com consternação.

— Exatamente.

Dei de ombros e continuei comendo sem olhar mais para ele. Daria um jeito de telefonar mesmo que precisasse procurar um orelhão na pequena cidade.

Depois do café, Cariel e eu nos reunimos no pequeno espaço entre a bancada e a pia da cozinha para cuidarmos das louças sujas, inclusive as do jantar da noite anterior, enquanto ele lavava, eu enxugava. A todo momento nossos corpos se tocavam, mesmo que minimamente, e a cada toque eu tinha

a impressão de que uma descarga de eletricidade descia pelo meu corpo, tamanha era a energia sexual, luxuriosa, que partia daquele homem. Tudo nele parecia um convite irresistível à tentação.

Após ajudá-lo a deixar tudo organizado, fui explorar a casa como pretexto para me afastar dele e de toda aquela inquietação que sua proximidade me causava. Eu não podia me sentir atraída por ele nas circunstâncias em que nos encontrávamos, precisava colocar a minha cabeça em ordem e encontrar uma forma de sair daquela situação.

Vagando pelos cômodos, cheguei à conclusão de que aquela era realmente uma bela moradia, com dois andares, sendo que no primeiro havia duas salas amplas, a cozinha, um escritório e uma biblioteca com estantes enormes repletas de livros, um lugar perfeito para se viver, quando não se estava sob a mira de matadores russos e que não havia custado menos que alguns milhões de dólares.

De onde Cariel tirava tanto dinheiro? Como conseguiu adquirir um imóvel caro como aquele? Seria alugado?

De todos os lugares da casa o mais belo era o terraço nos fundos, de onde era possível enxergar o mar, a alguns metros de distância, por trás de algumas árvores frondosas. Não se tratava de uma praia e sim de um pequeno porto repleto de veleiros, lanchas e até um navio, embora isso não desvanecesse a beleza do lugar.

Foi lá que encontrei Cariel, meio debruçado sobre a amurada de madeira, observando a paisagem diante de si, seu corpo visivelmente tenso.

Do lado de fora constatei que a temperatura havia despencado drasticamente desde o dia anterior, devia estar fazendo uns quatro graus e as roupas sujas em meu corpo não estavam me ajudando nem um pouco a me aquecer.

— Você não está à vontade usando isso, vista as roupas que eu te falei, estão no primeiro quarto do corredor, estão limpinhas, foram lavadas recentemente. — Disse ele, após me lançar um rápido olhar por cima do ombro ao ouvir os meus passos.

— Ah é? E quem lavou? — Recostei-me na amurada ao lado dele, não muito próxima.

NACIONAIS-ACHERON

— Tem uma mulher que trabalha aqui uma vez por semana e deixa tudo limpinho.

Ele estava certo, talvez vestir algo limpo e quente me fizesse sentir melhor. Então, fui até o quarto dele no segundo andar, o cômodo mais luxuoso da casa, decorado com requinte, inclusive com uma cama com dossel e um jogo de poltronas provençal. Encontrei a roupa feminina dentro do closet enorme, uma calça de tecido elástico cinza, que mais parecia uma segunda pele, tão colada no corpo que era possível enxergar os contornos da minha pélvis através do tecido, era minúscula, de modo que o cós ficava muito abaixo do umbigo. A outra peça era uma camisetinha preta de mangas, longa o bastante para esconder meu umbigo, a menos que eu levantasse os braços. Joguei uma jaqueta de couro preta por cima e continuei usando minhas roupas íntimas que havia lavado durante o banho.

— Quantos anos tem a garota dona dessas roupas, doze? — Indaguei, ao voltar para o terraço, vestida com as roupas da peguete dele, parecendo essas adolescentes que pintam as unhas de preto e usam piercing no nariz e no umbigo.

Cariel virou-se para me observar e como na primeira vez em que nos vimos, seus olhos desceram pelo meu corpo, examinando atentamente cada detalhe, com uma expressão esfomeada, como um animal que contemplava seu alimento, depois, virou-se de costas novamente, com pressa.

— Não, ela tem dezenove, estuda administração. — Ele respondeu, com certa tristeza, como se seu corpo estivesse ali, mas sua mente em outro lugar.

Voltei a recostar-me na amurada, observando a bela paisagem diante de nós. Seguiu-se um longo momento de silêncio antes que ele falasse.

— Vamos para Austrália comigo, Abby. Podemos ir direto daqui, tenho documentos falsos, passaporte, passagens e dinheiro vivo para providenciar tudo isso para você também. Além do mais estaremos seguros lá.

Eu estava começando a achar que ele acreditava que eu não ajudava sua irmã porque não queria, só que isso não era verdade.

— Eu sinto muito, Cariel, se pudesse fazer algo pela sua irmã eu faria sem pensar duas vezes, mas é impossível recriar a fórmula sem os equipamentos e sem as pesquisas que estão no laboratório.

NACIONAIS-ACHERON

Eu realmente sentia por não poder ajudar. Recriar o experimento em outro país, sem os equipamentos necessários, seria um trabalho de formiguinha que poderia demorar meses, talvez anos e um câncer no pulmão não esperaria por tanto tempo. Eu conhecia a dor de perder um irmão, sabia o que ele estava sentindo e lamentava realmente não poder fazer nada.

— Caralho! Você pode ajudar se quiser! Você é uma mulher inteligente, esteve presente durante todo o período de descobertas e pesquisas do projeto, com o auxílio da equipe médica australiana, você vai conseguir, eu confio em você.

Eu não sabia nem mais o que dizer a ele, no lugar dele eu estaria agindo da mesma forma, apegando-me a qualquer vestígio de esperança, por desespero. Teria feito isso por Jonathan se tivesse tido a oportunidade, mas quando fiquei sabendo sobre a morte dele eu já morava em Houston, não havia mais nada que eu pudesse fazer a não ser me arrepender por tê-lo deixado para trás quando parti, por não ter insistido o bastante, até convencê-lo a deixar as drogas e vir comigo.

— Olha, eu não quero te dar falsas esperanças, mas tem uma coisa que podemos fazer. Se sua irmã tiver forças para fazer uma viagem longa como essa, podemos trazê-la para os EUA e levá-la até o laboratório, podemos juntá-la aos outros pacientes e aplicar a fórmula como experimento. — Minha nossa, o que eu estava fazendo? Podia até imaginar a cara do Dr. Young quando dissesse a ele que queria introduzir a irmã de um dos caras que nos atacou entre os pacientes selecionados com tantos critérios. — Mas como eu já te falei, há o risco de ela reagir negativamente ao medicamento e acabar indo a óbito, é um risco grande a se correr, e tem outra coisa: depois do ataque, o laboratório precisou ser todo transferido para outro edifício do centro médico, de modo que não serão feitos experimentos em pacientes durante pelo menos um mês.

A expressão que se refletiu no olhar de Cariel era indescritível, uma mistura de esperança, fé e expectativa, tão maravilhosos que senti meu peito encher de uma satisfação imensa. Entretanto, as chances desse plano dar certo não eram muito grandes, primeiro porque o Dr. Young dificilmente concordaria em fazer experimento em um paciente que não fora selecionado por ele mesmo, segundo porque seria praticamente impossível chegarmos

perto do laboratório com a máfia russa em nosso encalço.

— Abby, você não imagina o quanto está me fazendo feliz ao me dar essa notícia, eu nem sei o que dizer, não tenho e nem nunca vou ter como te agradecer. — A voz dele estava embargada de emoção.

— Você salvou minha vida, acho que isso é suficiente.

Sem que eu esperasse, ele estreitou-me em seus braços, apertando-me firmemente contra o seu corpo sólido e grande, deixando-me quase sem fôlego. O abracei pelo pescoço, ternamente. A princípio fiquei toda retesada, tensa, como se o meu corpo estivesse preso a uma rocha sólida, porém logo o calor que emanava dele tomou conta de mim, abalando cada uma das minhas terminações nervosas e meu coração bateu em um ritmo descompassado, como se estivesse prestes a explodir dentro do peito, meu corpo se tornando muito consciente do dele, dos meus mamilos pressionados contra o peito largo, do volume na sua calça de encontro ao meu ventre. Eram sensações tão gostosas que eu poderia passar o resto do dia nos braços dele e não enjoaria, porém quando Cariel afundou o rosto em meus cabelos e desceu sua boca até meu rosto, algo me alertou de que aquilo não acabaria bem e apressei-me em desvencilhar-me do abraço, afastando-me.

— Não comemore ainda Cariel, precisamos pensar em como chegaremos perto do Dr. Young com aqueles mafiosos atrás de nós.

— Eu vou dar um jeito nisso, eu sempre dou um jeito. Até alguns meses atrás eu era apenas um surfista desocupado e já aprendi a atirar, a pilotar aviões e helicópteros, a roubar carros e a fugir da polícia e de bandidos. Eu vou dar um jeito de falarmos com o Dr. Young pessoalmente sem correremos o risco de levarmos uma bala na testa. — Ele falava com certeza e fé. — Agora vou até a cidade comprar um celular pré pago, preciso falar com minha irmã.

— Não fale sobre nosso plano ainda, pode não dar certo e não fará bem a ela ter esperanças em vão.

— Não vou falar, não ainda, só quero matar a saudade de ouvir a voz dela. — Cariel tirou o revólver do cós da sua calça e ofereceu-o a mim. — Quero que você fique com isso, que tranque todas as portas por dentro e se ouvir qualquer ruído não hesite em atirar. Não vou demorar, quando voltar a chamarei pelo nome para que você saiba que sou eu.

NACIONAIS-ACHERON

Olhei a arma na mão dele e um pinicão atravessou minha nuca.

— Prefiro que você leve a arma, estarei mais segura aqui trancada do que você na rua.

— Eu vou estar seguro lá fora, a loja fica a duas quadras daqui, irei a pés para o caso de estarem procurando o carro por satélite. Também vou usar um boné para esconder o rosto, fique com a arma. — Recebi o revólver da mão dele, e um frio atravessou meu estômago, parecendo anunciar um mau Presságio. — Você quer que eu traga alguma coisa da loja?

— Sim, por favor, traga roupas menos apertadas que essa, escova de dentes e roupas íntimas, muitas roupas íntimas.

O canto da sua boca se curvou em um sorriso muito charmoso.

— Certo, agora vai trancar as portas.

Cariel deixou a casa usando uma jaqueta de couro preta e um boné cuja aba escondida a maior parte do seu rosto. Tão logo ele atravessou a porta, a tranquei por dentro, como havia feito com todas as outras. Com o revólver guardado no bolso interno da jaqueta que usava, fui para a biblioteca e tranquei a porta por dentro. Encontrei um livro de um filósofo francês que abordava uma teoria inédita sobre anatomia humana, parecia interessante, porém não consegui me concentrar na leitura, só conseguia pensar em Cariel lá fora, correndo o risco de ser encontrado pelos nossos perseguidores. Eu não devia ter ficado com a arma, devia tê-lo obrigado a levá-la.

CAPÍTULO VIII

A hora que se seguiu pareceu transformar-se em um dia, de tão arrastada que estava. Por fim, ouvi sua voz chamando meu nome do lado de fora da casa e corri para destrancar a porta, meus lábios se curvando em um sorriso largo, de pura satisfação, ao ver que ele estava bem.

— Prontinho, tudo resolvido. — Cariel disse, ao entrar na casa, carregando várias sacolas. — Trouxe tudo o que vamos precisar caso tenhamos que ficar aqui por mais alguns dias até eu encontrar uma forma segura de levar você para falar com o Dr. Young.

As roupas que ele comprara para mim pareciam pertencer a uma stripper, havia vestidos colados e curtos demais, cada um com um decote maior que o outro, alguns chegavam a ser escandalosos, as calcinhas então nem se falava, eram todas transparentes e fio dental e alguns dos sutiãs nem mesmo tapavam o bico do peito, como se eu fosse usar coisas como aquelas e desfilas pela casa enquanto ele me devorava com seu olhar de pervertido. Trouxe também mantimentos suficientes para manter todo um exército alimentado, trouxe perfume, xampu, loção para o corpo e o celular pré-pago do modelo mais barato que existia.

— Não gostou das roupas que comprei? — Cariel indagou, ao me ver descendo do segundo andar, ainda usando as roupas da sua peguete.

— Acho que você está me confundindo com uma stripper. — O canto da boca dele se curvou em um sorriso meio safado. — Já lavei minhas roupas, daqui a pouco estarão secas enetão as visto.

— Você é muito caretinha, Dra. Willis. Aquelas roupas não são vulgares, são sexys. Iam ficar lindas em você.

— Acontece que não sou uma mulher sexy.

— Mas poderia ser se quisesse.

— Só que eu não quero.

Passei por ele, indo na direção da biblioteca.

— Quer ligar para alguém? — Indagou, seguindo-me com o celular pré-pago na mão.

Parecia piada, mas o único número que eu tinha memorizado era o da casa da minha mãe e não queria falar com ela. Eu poderia procurar o número do Centro Médico na lista telefônica e contatar o Dr. Young, mas não estava preparada para falar com ele sobre Kristen, precisava pensar no que exatamente diria para convencê-lo a interná-la, não podia simplesmente pedir que inserisse um paciente totalmente desconhecido no nosso experimento. Além do mais, tínhamos tempo de sobra para planejar essa conversa direito, pois o procedimento não seria realizado tão cedo, devido à transferência do laboratório para a outra sede.

Melissa e Norman estavam no trabalho àquela hora e eu não sabia o número do celular deles de cabeça.

— Agora não. Preciso pensar em uma forma de convencer o Dr. Young a aceitar um novo paciente no experimento, mas não precisamos de pressa, pois não vão fazer novos testes por enquanto, já que foram feitos recentemente. Além do que, o laboratório está em fase de mudança de sede e isso pode demorar semanas.

Cariel encarou-me com consternação. Eu sabia que ele esperava que eu fizesse mais, que convencesse o Dr. Young a atender sua irmã antes do próximo experimento, individualmente, separada dos outros pacientes, afinal parecia que seu estado era grave e que ela não tinha muito tempo.

Eu poderia tentar isso, porém seria arriscado demais, visto que não se podia descartar a possibilidade de que tudo aquilo era uma armação para levar os russos até o Dr. Young e o novo local onde estava sendo instalado o laboratório. Da mesma forma como me persuadira a ir encontrá-lo naquela noite, usando a internet para fingir interesse por mim, Cariel podia estar inventando tudo aquilo para me enganar de novo, porque foi muito fácil para ele da primeira vez. Talvez ele não tivesse irmã alguma, talvez aquela perseguição fosse uma farsa, talvez ele estivesse representando durante todo o tempo, inventando tudo aquilo para me fazer cair na sua armadilha, como fizera uma vez. Embora parecesse um absurdo, não se podia confiar totalmente em alguém que se conheceu em tais circunstâncias.

Com um longo suspiro, Cariel deu meia volta e subiu as escadas para o segundo andar. Eu sabia que se ele realmente tivesse uma irmã com câncer, ligaria para ela naquele exato momento e não resisti à tentação de ouvir sua conversa, de ter certeza de que tudo o que ele dizia era verdade, então fui até o pé da escada e fiquei esperando que ele batesse a porta do seu quarto para em seguida subir para o segundo andar e entrar no quarto ao lado do seu, de onde talvez eu pudesse ouvir a conversa.

— *Desculpe não ligar antes tive alguns problemas, nada grave, não se preocupe nem por um minuto comigo, eu estou completamente bem, Kristen, estaria melhor se você estivesse aqui comigo. Sinto sua falta.* — Havia uma dor amarga no tom da sua voz, o que me deixou comovida. Cariel ouviu por um instante de silêncio antes de continuar falando. — *Não fala assim, mana, não são os seus últimos dias, nós vamos dar um jeito nisso, eu estou dando um jeito nisso, você vai viver por muito tempo ainda, teremos muito tempo para ficarmos juntos. Quando estivermos velhinhos, você com os cabelos brancos, cheia de netinhos, vou olhar para você e te lembrar desse dia.* — A voz dele tremeu e foi como se um punhal atravessasse o meu peito. Ele amava demais a pessoa do outro lado da linha, isso estava evidente e sofria por ela. — *Eu ainda não sei, Kristen, mas não vai demorar muito, em breve estaremos juntos de novo. Eu preciso que até lá você seja forte, lute, faça o tratamento que os médicos mandarem, tome todos os remédios, não sinta a minha falta e tente se concentrar nas coisas boas que você tem.* — Fez outra pausa para ouvir. — *Não, eu não sou a única pessoa que se importa, seus amigos da escola vão te visitar sempre, porque gostam de você. Em breve estaremos juntos eu prometo.* — Ouviu por mais um instante e despediu-se, encerrando a ligação.

Seguiu-se um longo momento de silêncio do outro lado da parede, até que de repente ouvi um estalo, como se ele tivesse arremessado algum objeto na parede oposta. Continuei ali parada, tão imóvel que mal respirava, esperando para ouvir o que ele faria em seguida, quando então ele deu outro telefonema, para um cara chamado Alexander, com quem teve uma fervorosa discussão. Pelo que compreendi Alexander era seu irmão mais velho e não estava muito preocupado com o estado de saúde de Kristen, preferia se dedicar ao trabalho, se negava inclusive a ir visitá-la. Mesmo que Cariel tentasse convencê-lo de que ela precisava da sua companhia, o cara se negava a ir vê-la, parecia estar

convencido de que a irmã não sobreviveria. Como podiam ter o mesmo sangue correndo nas veias e ser tão diferentes? Cariel tão afetuoso, a ponto de arriscar a própria vida para salvá-la e o outro tão frio?

Ao encerrar a ligação ele continuou trancado no quarto por um longo tempo. Desconfiei que pudesse estar chorando e todas as fibras do meu corpo me ordenaram a bater naquela porta, abraçá-lo e consolá-lo, mas havia algo que me impedia, não apenas a desconfiança — depois daqueles telefonemas eu já não tinha mais dúvidas de que ele realmente estava atrás da cura para irmã —, eu só não queria me envolver com toda aquela dor, não queria me deixar afetar pelo sofrimento alheio, me apegar a alguém que podia não sobreviver. Eu já havia esgotado a minha cota de perdas por uma vida inteira ao perder o meu irmão para o tráfico de drogas.

Quando me convenci de que Cariel não sairia daquele quarto tão cedo, fui para a cozinha preparar alguma coisa para almoçarmos. Ele havia trazido muitos mantimentos, como se acreditasse que pudéssemos passar as semanas seguintes trancados naquela casa. Preparei vitela com legumes cozidos. Estava quase pronto quando ele por fim adentrou a cozinha, com os olhos avermelhados, como se realmente tivesse chorado.

— Eu estava quase indo bater na sua porta para saber se você ainda estava vivo. — Tentei parecer descontraída para animá-lo, mas ele continuou sério, uma ruga franzindo a sua testa.

— Estava conversando com os meus irmãos por telefone. Meu irmão mais velho tem o poder de me fazer querer ficar sozinho no meu canto.

Fiquei curiosa a respeito do seu irmão, quis perguntar qual era o problema dele, além de ter perdido a esposa, mas realmente não queria me envolver sentimentalmente com toda aquela história, pois o risco de Kristen não sobreviver era grande, muito maior do que a possibilidade de ela escapar com vida.

Fizemos a refeição na bancada da cozinha mergulhados quase no completo silêncio. Na hora de lavarmos a louça, eu lavando e ele secando, o episódio daquela manhã se repetiu, a todo momento nossos corpos se tocavam no pequeno espaço e aquela corrente de eletricidade parecia descer pelo meu corpo. Era algo gostoso, porém perigoso, algo que precisava ser evitado.

Depois do almoço nos acomodamos nos estofados da sala diante da televisão. Quase surtei quando descobri que tinha Netflix e obriguei Cariel a assistir The Walking Dead junto comigo. O coitado estava ficando verde por causa das cenas sanguinárias, mas resistiu bravamente ao desejo de deixar a sala e permaneceu o tempo todo ao meu lado. Depois fizemos pipoca e tivemos uma tarde bastante agradável.

Até que a companhia de Cariel não era tão ruim, pelo contrário, eu me sentia tão à vontade na presença dele que quando dei por mim estava deitada no sofá com as pernas penduradas em seu colo, sem perceber como aquilo aconteceu.

No final da tarde, estávamos no meio de um dos episódios mais macabros da última temporada, quando de repente o som agudo de um alarme irrompeu pela sala e Cariel levantou-se do sofá com um pulo.

— O que é isso? — Indaguei sobressaltada, levantando-me também.

— É o sensor de movimento, tem alguém lá fora, podemos ver pelas câmeras.

Processei aquela informação e um calafrio desceu pela minha espinha.

Usando o controle remoto da televisão, Cariel fez com que fosse exibido na tela imagens dos arredores da casa. Já estava quase escuro, mas ainda assim foi possível enxergarmos os homens aproximando-se pelos dois lados, cerca de cinco deles, todos vestidos de preto, com máscaras de ninja, como estavam quando invadiram o laboratório. Caminhavam sorrateiramente, sem desconfiar que já haviam sido descobertos e estavam armados com metralhadoras e fuzis.

— São eles! Temos que sair daqui depressa Abby. Agora!

Cariel precisou segurar a minha mão e sair me puxando para fora da sala, pois eu estava paralisada, petrificada no lugar, como se mergulhasse em estado de choque, tamanho era o horror que me invadia. Se aqueles homens conseguissem entrar na casa, não conseguiríamos nos defender com apenas um revólver, estaríamos mortos.

Cariel já estava com revólver em punho, havíamos nos afastado alguns passos do lugar quando ouvimos os vidros da janela sendo estilhaçados e o

estalo que veio em seguida nos indicou que algo havia sido jogado dentro da sala.

Meu coração quase saiu pela boca quando vi a granada sobre o assoalho.

— Puta merda! Corre Abby. — A voz alterada de Cariel penetrou minha mente, arrancando-me do transe causado pelo horror.

Com agilidade, nos atiramos para fora da sala em direção à escadaria que levava ao segundo andar. Conseguimos subir alguns degraus antes que a explosão acontecesse, devastadora, causando um barulho ensurdecedor, destruindo tudo à sua volta. Estilhaços dos móveis foram lançados violentamente contra nós, de modo que precisamos nos encolher e proteger nossa cabeça com as mãos. Tivemos sorte por conseguirmos alcançar o corredor a tempo de não sermos atingidos pelos fragmentos lançados para todos os lados e tudo o que levamos da explosão foi um zumbido nos ouvidos devido ao barulho estrondoso.

Sem soltar minha mão, Cariel nos fez correr até o final do corredor onde havia uma porta no teto, que até então eu acreditava dar acesso a um sótão, porém ao abri-la enxerguei o céu cinzento do lado de fora, anunciando o final daquele dia. Apressadamente, Cariel puxou uma escada e me fez subir na frente, ainda consegui enxergar um dos atiradores avançando pelo corredor antes de sair para o terraço e meu corpo gelou de medo ao ouvir os tiros sendo disparados contra Cariel, que usou seu revólver para revidar aos tiros, o que não era nada significativo, considerando que o outro homem tinha uma metralhadora. Ainda assim, graças aos céus, ele não foi atingido e conseguiu atravessar a porta a tempo de puxar a escada para cima e trancá-la pelo lado de fora com um grosso cadeado.

O lugar onde estávamos tratava-se de um imenso terraço a céu aberto, onde havia um helicóptero, a última coisa que eu esperava ver em uma casa no interior.

— Porque tem um helicóptero aqui? — Minha voz tremia tanto quanto o meu corpo.

— Para situações como essa. — Enquanto corríamos na direção da aeronave, ouvimos tiros sendo disparados contra a porta fechada. Os homens estariam ali a qualquer momento. — Entre depressa, Abby. Precisamos sair

daqui.

Cariel abriu uma das portas do helicóptero e me empurrou para dentro fechando-a rapidamente por fora, entrou pelo outro lado e tomou o controle, manuseando com habilidade as dezenas de botões no grande painel.

— Você sabe pilotar essa coisa? — Indaguei, apavorada.

A adrenalina corria solta em minhas veias fazendo meu coração bater cada vez mais depressa no peito. Era como se eu estivesse dentro de um filme de ação, só que tudo era real e aterrorizante demais. Nada havia me preparado para passar por uma situação como aquela, nem mesmo a minha infância em meio ao tráfico de drogas.

— Claro que sei. Eu não ia deixar um helicóptero aqui se não soubesse pilotá-lo. Fica calma, respira, eu fiz todos os treinos necessários antes de me infiltrar entre esses caras e nesse treino havia aulas sobre como pilotar um helicóptero. Eu sei também pilotar um caça do exército, pena que não temos um aqui, né?.

— Não é hora para brincadeira! Já que sabe pilotar essa coisa, nos tira logo daqui. Aqueles caras podem subir no terraço a qualquer momento.

Cariel tirou o revólver do cós da sua calça e entregou-me.

— Segura isso, se eles entrarem antes de decolarmos, não hesite em atirar.

Ai meu Deus! Se a nossa vida dependesse dos meus tiros estávamos mesmo muito ferrados. Eu já havia segurado uma arma antes, mas jamais atirara contra algo a não ser as latinhas de cerveja vazias colocadas sobre uma cerca para treinar a minha pontaria.

Cariel conseguiu nos fazer decolar no mesmo instante em que a porta do terraço foi arrombada e os cinco homens o invadiram, atirando incessantemente contra nós. Alguns estilhaços de bala acertaram o helicóptero, sem que eu soubesse se Cariel conseguiria nos manter no ar. Provavelmente não, estávamos condenados à morte.

— Porra, Abby! Atira neles!

A voz alterada de Cariel pareceu me puxar de uma espécie de torpor. Apontei o cano da arma na direção dos nossos agressores, fechei os olhos e

disparei um tiro atrás do outro, sem parar para olhar se estava acertando alguém.

Lentamente, o helicóptero foi nos levando cada vez mais para o alto e em questão de minutos estávamos fora do alcance da mira dos atiradores, sobrevoando a pequena cidade na direção oposta ao oceano.

— Eles nos acertaram? Acertaram o helicóptero? Nós vamos cair? — As perguntas saltavam da minha garganta, motivadas pelo terror que me dominava.

— É, eles nos acertaram. Estamos perdendo combustível e o motor parece que foi atingido também.

Caramba! Ele não precisava ser tão direto, podia ter me ocultado a verdade só para me tranquilizar.

— Ai minha nossa, vamos morrer!

— Fica calma, entrar em pânico agora é tudo o que não precisamos. Vamos nos afastar enquanto o helicóptero conseguir permanecer no ar.

— E quando ele não conseguir mais permanecer mais no ar?

— Aí a gente vê o que faz.

Eu não me lembrava de quando foi a última vez que havia rezado, mas naquele instante fiz uma prece silenciosa, por puro desespero, ciente de que podíamos cair a qualquer momento. Eu não entendia como Cariel conseguia se manter tão calmo e confiante sabendo que estávamos tão próximos da morte.

O helicóptero balançava de um lado para o outro enquanto voávamos baixo. Deixamos o perímetro urbano de Port Mansfield, as luzes da pequena cidade ficando para trás e passamos a sobrevoar um trecho totalmente escuro, que parecia se tratar de uma floresta, não era possível enxergar direito. Cada minuto que passava parecia se estender a horas, as horas pareciam se transformar em dias, enquanto eu mantinha a respiração presa, esperando pelo pior.

Estávamos bastante afastados do nosso local de decolagem quando o helicóptero começou a perder altitude, vagarosamente e meu coração se

transformou em sardinha dentro da lata, apertado no peito, porque eu sabia que havia chegado o momento em que morreríamos.

— Precisamos aterrissar. — Cariel anunciou.

— Ah, você percebeu? — Ele teve a coragem de olhar para mim e esboçar um sorriso torto, embora estivesse visivelmente nervoso. — E como vamos aterrissar em cima de todas essas árvores?

— Parece haver uma área aberta ali adiante, podemos tentar lá, mas acho que é um rio.

Minha nossa! Eu preferia arriscar as árvores.

— E é possível aterrissar na água?

— É o que vamos descobrir. Agora aperta o cinto, gatinha, guarda o revólver para não perder. Prende no cóis da sua calça e aperta bem firme.

Ai meu Deus! Como ele conseguia falar com tanta calma em um momento como aquele?

Fiz como ele disse, apertei o cinto de segurança, guardei o revólver no cóis da calça e tentei fechar os olhos para não ver nossa queda, mas eles se recusaram a me obedecer e continuaram arregalados de medo.

CAPÍTULO IX

Quanto mais descíamos, mais era possível enxergar com clareza as águas do rio correndo sob os últimos vestígios de luz daquele dia. Era um trecho largo do rio e para a nossa sorte parecia não haver pedras. Cariel alinhou o helicóptero ao meio do lençol de água e fomos descendo devagar, balançando muito de um lado para o outro. Estávamos a poucos metros de distância do rio quando um grito agudo começou a escapar da minha garganta, sem que eu tivesse controle algum. Gritei histericamente enquanto atingíamos a água, o atrito fazendo com que o helicóptero desse um solavanco violento, chacoalhando-nos bruscamente dentro dele, o cinto de segurança nos impedindo batermos a cabeça no painel. Antes que tivéssemos tempo de pensar sobre como sairíamos de dentro dele o helicóptero tombou para o lado até virar completamente, os pés para cima, a hélice parando de girar ao submergir. Seria questão de segundos até ele afundar completamente, era o tempo que tínhamos para sairmos dali.

— Precisamos ser rápidos, Abby, temos que sair daqui.

Como aconteceu quando vi os homens invadindo a casa, fiquei paralisada, em estado de choque, teria afundado junto com o helicóptero se Cariel não tivesse me livrado do meu cinto de segurança, aberto a porta do meu lado e nos colocado para fora depressa, segundos antes de a aeronave afundar.

— Nade Abby, é preciso que você nade. Temos um longo percurso até a margem.

O som autoritário da sua voz, unido ao frio gélido da água, pareceram me despertar do transe, religando o alerta de perigo dentro de mim. Então, numa luta desesperada pela vida, comecei a mover os meus braços freneticamente, nadando em direção à margem, perto de Cariel, que seguia um pouco atrás de mim.

Fui a primeira a alcançar a terra firme e sentei-me sobre a areia úmida, exausta, congelando, todo o meu corpo tremendo em um misto de frio e medo. Cariel chegou logo em seguida e sentou-se ao meu lado. A essa altura o helicóptero já havia afundado por completo e senti um pinicão na nuca ao

NACIONAIS-ACHERON

imaginar que se não tivéssemos conseguido sair lá de dentro estaríamos no fundo do rio agora.

— Nós conseguimos. — Disse ele, batendo o queixo, seus lábios arroxeados de frio. Observou-me em silêncio por um instante e então segurou-me pelo braço e me puxou para ele. — Vem cá precisamos nos aquecer. — Estreitou-me de encontro ao seu corpo sólido, aninhando minha cabeça em seu peito.

O calor que partia dele era gostoso e rapidamente me aqueceu, trazendo-me uma sensação boa de conforto e segurança. Então o abracei de volta oferecendo o meu calor a ele e assim permanecemos por um longo momento, apenas duas pessoas no meio do nada lutando pela sobrevivência.

— Percebi que você fica paralisada quando está com medo. Se tivesse agido assim quando invadimos seu laboratório e deixado de acionar as travas da porta, não estaríamos metidos nessa confusão.

— Você não estaria envolvido nessa confusão se não tivesse me salvado do homem que foi enviado para me matar.

— Eu seria incapaz de te deixar ser morta sem fazer nada. — Ele apertou-me ainda mais forte contra seu corpo, de forma protetora.

Foi nesse instante que minha consciência pesou, por ter desconfiado dele, por ter achado, mesmo por um breve instante, que tudo não passava de uma armação. Cariel simplesmente estava colocando a vida de Kristen em risco para salvar a minha, eu só não compreendia o porquê.

— Você realmente pretendia roubar nosso experimento desses caras se eles tivessem conseguido pegá-lo?

— Sim. Era a única chance que eu tinha de salvar a vida da minha irmã.

— Como você ia fazer isso? E como conseguiu se infiltrar entre eles? Eles parecem tão... sei lá, perigosos e bem treinados.

— Isso é uma longa história, eu te conto depois, agora precisamos sair daqui, eles podem estar nos procurando e não estamos muito distantes da casa. — Havia gravidade no tom de sua voz.

Já estava completamente escuro quando nos levantamos do chão. Segurando firmemente a minha mão, Cariel me conduziu floresta adentro, como se guiasse-se por instintos, visto que não era possível enxergar um palmo na frente do nariz. Ali tudo parecia aterrorizador, os sons de pássaros que eu jamais ouvi antes pareciam saídos de um filme de terror, o que me fez apertar a mão de Cariel ainda mais forte, agradecendo aos céus por tê-lo ao meu lado. Ele parecia tão corajoso, tão confiante, que me deixava um pouco mais tranquila.

Caminhamos durante horas e não chegamos a lugar nenhum, estávamos exaustos e famintos, parecia não haver nada por perto, nenhuma estrada, nenhuma fazenda, nenhuma moradia.

— Vamos parar um pouco para descansar, estou exausta minhas pernas estão doendo. — Falei.

— Não podemos parar, aqueles homens são treinados para passar dias sem comer e sem dormir, até encontrarem o que procuram e no momento nós somos a caça deles.

Ele falava aquilo com uma naturalidade absurda, como se não enxergasse o horror embutido em suas palavras, o qual fez com que todo o meu corpo estremecesse.

Movida pelo pavor, obriguei minhas pernas cansadas e fracas a me levarem para frente, enquanto Cariel continuava segurando firmemente a minha mão, praticamente me puxando através do percurso. Como não tínhamos nenhuma lanterna e nem um ponto de referência, às vezes eu tinha a impressão de que estávamos andando em círculos, pois não era possível que houvesse uma floresta tão grande, tão distante de uma estrada, naquela região do Texas. Tudo parecia muito absurdo e surreal, porém era a realidade na qual nos encontrávamos naquele momento.

Eu já não sabia distinguir se ainda estava acordada ou se havia adormecido enquanto caminhava quando Cariel anunciou o que parecia impossível.

— Tem uma cabana ali na frente gata, podemos ver se tem alguém que possa nos ajudar. O revólver ainda está com você?

Uma pessoa minimamente civilizada teria negado o revólver a ele, para que não ameaçasse os moradores daquela cabana, contudo, no estado em que

NACIONAIS-ACHERON

eu me encontrava, ser civilizada não era exatamente uma opção, então nem hesitei antes de pegar o revólver e entregar a ele.

Em meio a negra escuridão, nos aproximamos da cabana, sorrateiramente, tomando cuidado para que nossos passos sobre as folhas secas não emitissem qualquer ruído. Não havia nenhum sinal de luz acesa dentro da tosca e pequena moradia, ou qualquer sinal de vida por perto, parecia mais uma cabana abandonada em meio ao nada, o que a tornava muito macabra.

— Será que não tem ninguém aí? Parece tudo tão quieto. Acho que está abandonada. — Cochichei próximo ao ouvido de Cariel, temendo ser ouvida pelos possíveis moradores, os quais eu duvidava que existissem.

— Só tem uma forma da gente saber. Vamos bater na porta.

Nos entreolhamos em um gesto de cumplicidade, ambos cientes dos riscos que aquela atitude acarretaria, porém estávamos dispostos a tudo para sobrevivermos.

Ainda de mãos dadas, Cariel segurando o revólver com a mão livre, nos aproximamos da entrada da cabana e ele bateu na porta, uma, duas, três, quatro vezes, nada de resposta. Não ouvimos qualquer ruído partindo do lado de dentro, realmente aquele lugar estava abandonado. Eu só não sabia se isso era bom ou ruim.

— Temos que arrombar a porta e entrar, talvez possamos ficar abrigados aqui até o dia clarear. — Cariel declarou.

Ele usou a coronha do revólver para arrombar a fechadura, como fizera quando chegamos a sua casa perto do porto.

— Isso está ficando cada vez mais parecido com The Walking Dead, já estamos até arrombando cabanas no meio da floresta.

Cariel sorriu.

— Ainda bem que não temos os zumbis esfomeados atrás de nós.

— Aqueles russos não são muito diferentes deles.

Ele abriu a porta e avançamos pelo que parecia uma sala completamente mergulhada na escuridão, tateamos o lugar à procura de um fósforo, ou isqueiro e nada. Passamos para outro cômodo, mais adiante, onde havia uma

mesa velha de madeira e sobre ela, milagrosamente, uma caixa de fósforos e um lampião antigo. Pelo visto alguém estivera ali não havia muito tempo.

Cariel acendeu o lampião e finalmente enxergamos o ambiente que nos acolhia. Era uma moradia antiga, de madeira, sem pintura. No cômodo onde estávamos havia um fogão antigo, a mesa, algumas cadeiras e mais nada. Estava completamente suja, coberta por teias de aranhas, fuligens que passavam pelo teto e poeira. Era apenas esse cômodo e a sala, onde havia um estofado antigo, preto de sujeira, um tapete grande forrava o chão e diante dele uma lareira.

— Acho que estamos com sorte, passaremos a noite aqui. — Disse Cariel.

— Pela quantidade de sujeira dá para notar que os moradores não vêm aqui há muito tempo.

— Deve ser usada por caçadores na época de caça, talvez eles venham apenas nesses períodos.

Vasculhamos a cozinha em busca de algo para comer, mas não havia nada além de um pedaço de queijo mofado e algumas frutas podres. Decidimos então acender a lareira para nos aquecermos, quando Cariel quebrou alguns móveis para usar como lenha. Ainda tremendo de frio, tomados pela exaustão, nos acomodamos diante do fogo, sentados no velho tapete forrado no chão com as costas apoiadas no estofado.

— Tudo perdido. — Cariel disse, quase para si mesmo, após soltar um longo suspiro.

— O que está perdido?

— Tudo o que havia na casa, documentos falsos para viajarmos, dinheiro vivo, armas, o celular que comprei esta tarde, provas contra os russos, suas calcinhas novas.

Eu não podia acreditar que ele disse aquilo.

— Pelo menos estamos vivos.

— É tudo que temos agora, nossas vidas e um revólver quase sem balas, porque você desperdiçou quase todas atirando de olhos fechados.

— Temos o mais importante que são nossas vidas.

Ele fitou-me diretamente nos olhos, parecendo ainda mais lindo com as labaredas do fogo iluminando parcialmente o seu rosto bem esculpido.

— É verdade temos nossas vidas. Ainda.

Aquela última palavrinha foi completamente desnecessária.

— Vamos dormir, precisamos descansar para que amanhã estejamos prontos para pensar sobre o que faremos. — Falei.

— Você tem razão precisamos descansar Cariel levantou-se, puxou o sofá mais para perto da lareira e simplesmente começou a se despir de suas roupas, peça por peça, exibindo o corpo mais magnífico que eu já havia visto. Apesar da luz fraca do fogo, era possível enxergar cada contorno dos seus músculos bem definidos, nos braços, no peito e no abdômen em formato de V. As coxas eram grossas e peludas e a pele tinha um charmoso tom dourado por causa do bronzeado. Fiquei sem fôlego apenas olhando para ele, pois era a verdadeira tentação em forma de homem, capaz de deixar qualquer mulher com a calcinha molhada, apenas exibindo seu físico.

— O que você está fazendo? — Indaguei.

— Precisamos deixar as roupas perto do fogo para secar. Você devia fazer o mesmo. Se passarmos a noite com as roupas molhadas vamos ficar doentes. Você é médica, devia saber disso.

Ele estava certo, podíamos adoecer dormindo com as roupas molhadas.

Esprei ansiosamente que ele tirasse também a cueca, mas não o fez. Estendeu a calça e a camisa sobre o espaldar do sofá, perto do fogo, e estirou-se sobre o tapete ao meu lado.

— Acho que dá para secarem no corpo. Amanhã as minhas estarão secas também. — Falei, relutante em tirar as roupas na frente dele.

— Não seja infantil, Abby, não tem nada de mais tirar a roupa na minha frente, eu não sou nenhum tarado, você já me conhece o suficiente para saber que pode confiar em mim. Se você dormir com as roupas molhadas vai amanhecer doente e as roupas ainda vão estar molhadas.

Ele estava certo, nossa vida já estava complicada demais para que eu arranjasse um resfriado. Além do mais, embora não o conhecesse o bastante

para ter certeza, ele não parecia ser o tipo de homem que precisava forçar uma mulher a nada.

Então, tirei a calça apertada e a camiseta da peguete dele, ficando apenas com a calcinha e o sutiã e estendi as peças ao lado das suas roupas no espaldar do estofado.

Ciente de que Cariel devorava o meu corpo com seus olhos esfomeados, deitei-me na outra extremidade do tapete, o mais longe possível dele, ainda tremendo de frio.

— Isso não é uma cantada, mas você é muito linda.

Minha face ficou vermelha de vergonha e agradeci aos céus pela pouca claridade não permitir que ele me visse corando. Um homem como ele devia estar acostumado a ver as mulheres mais lindas nuas, definitivamente falava aquilo apenas para ser gentil.

— Linda? Ah, sei. — Soltei.

Cariel deitou-se de lado, apoiando a cabeça sobre o cotovelo para focar o meu rosto.

— “Ah sei” o quê? Você acha que não é bonita?

— Eu sei que não sou, se fosse, meu namorado não teria me trocado por outra garota.

Eu não ia dizer a ele que fui trocada por outra garota mais de uma vez. Não mesmo.

— Você está falando do babaca do Andrew? Ele não te deixou por que você não é bonita e sim porque você não dava a mínima para ele. Eu não sei se você já se deu conta disso, Abby, mas você prefere a companhia dos livros e das séries de TV do que a companhia das pessoas, você não o amava de verdade ou não o deixaria de lado como fazia. Esse foi o motivo pelo qual ele te deixou e aposto como ele não foi o primeiro.

Deitei-me de lado também e o fitei completamente atônita. Como ele podia saber tantos detalhes sobre minha vida afetiva? Como sabia o nome de Andrew?

— Como você sabe de tudo isso?

— Os russos começaram a investigar vocês muito antes do ataque ao laboratório, como parte deles eu participava das investigações. Observei você durante semanas. Via como era seu relacionamento com aquele idiota, ele sempre mendigando sua atenção e você o trocando pelos livros e pela televisão.

Embora todos à minha volta me alertassem que eu estudava e trabalhava demais, jamais havia me dado conta de que as coisas eram assim, de que trocava o convívio social pelos livros e filmes, de que preferia ficar sozinha. Não foram poucas as vezes que Andrew me propusera que nos encontrássemos com mais frequência e eu sempre dizia não. Teria sido assim com meus outros namorados também? Talvez aí estivesse o segredo da minha falta de sorte no amor: eu nunca havia amado ninguém a ponto de priorizar a companhia desse alguém.

— O que mais vocês sabem sobre mim? — Indaguei, lembrando-me da minha origem em meio ao tráfico de drogas. Será que investigaram sobre isso também?

— Não muita coisa, nós apenas observávamos vocês esperando a oportunidade certa para chegarmos perto.

Respirei aliviada.

— E a oportunidade surgiu quando Melissa fez aquele perfil na internet para mim — Exatamente.

— Foi ideia sua me seduzir para arrancar as informações que precisavam, ou foi ideia dos russos?

Ele hesitou antes de responder

— Não vou mentir para você, Abby, a ideia foi minha. Eu sabia que podia fazer melhor que aquele babaca do Andrew.

— Porra nenhuma! O que você fez foi perceber que eu era uma presa fácil, isso sim.

— Não fala assim, toda garota é fácil quando se usa as cartas certas. — Eu não duvidava nem um pouco de que para ele realmente as mulheres eram fáceis. — Agora vamos parar de falar sobre isso e vem aqui, deixa eu te esquentar.

Sem esperar permissão, ele simplesmente agarrou-me pelo braço e me puxou para junto de si, passou o braço em volta da minha cintura, apertando-me, colando seu corpo no meu, de cima à baixo, o peito largo pressionando meus seios sensíveis, o volume na cueca tornando-se maior e mais firme a medida que pressionava o meu abdômen.

A princípio fiquei tensa, toda retesada, devia ter me afastado naquele momento, enquanto era tempo, mas logo o calor do seu corpo me invadiu inteira, despertando um desejo selvagem, até então desconhecido, dentro de mim e era tarde demais, eu já não conseguia mais pensar direito, tudo em mim implorando por ser tocado e beijado, até os lugares mais íntimos.

— Está vendo só como isso é gostoso? Melhor que dormir com frio e com roupas molhadas. — Cariel sussurrou, seu hálito quente acariciando o alto da minha cabeça.

— Sim, isso é muito gostoso, estou bem aquecida agora. — Amaldiçoei a mim mesma por minha voz sair arrastada, denunciando a minha respiração ofegante.

Como se minhas palavras o incentivassem, Cariel desceu vagarosamente a sua boca pelo meu rosto, até alcançar minha boca, pressionou seus lábios contra os meus, primeiro devagar, depois mais forte, me devorando com um beijo sôfrego, carregado de erotismo, ao qual eu devia ter resistido, mas simplesmente não consegui, minha fome por aquele homem era maior que qualquer outra coisa que já havia sentido na vida.

Me deixando levar pelo fogo dentro de mim, joguei uma perna sobre o quadril dele e esfreguei meu sexo protegido pela calcinha na sua ereção, ao mesmo tempo em que a ponta dos meus dedos percorriam os contornos perfeitos dos seus músculos, nos ombros e no peito.

CAPÍTULO X

Fazer sexo casual com Cariel seria magnífico, até para ajudar a amenizar a tensão que nos envolvia, só que eu não podia me entregar, pois com a sorte que eu tinha com os homens, era bem possível que ele estivesse tentando me seduzir apenas para me convencer a ajudar a sua irmã, como fizera na danceteria para arrancar informações, talvez nem me desejasse de verdade e isso me fazia sentir um objeto sendo usado.

Sua mão grande desceu pelo meu ombro, passou pela curva do meu seio e contornou minha cintura, fazendo minha pele arder de desejo por onde passava. Ao alcançar minha bunda, apertou-a, empurrando-me mais para ele, pressionando sua ereção mais forte contra meu corpo, tão deliciosamente que um gemido escapou da minha boca e morreu na sua.

Caramba, como eu o desejava! Como o queria dentro de mim! Jamais antes desejei um homem com tamanha intensidade. Em seus braços meu corpo todo latejava, suplicando pelo dele. E estávamos muito perto de sermos um do outro, bastava que afastássemos o tecido frágil da sua cueca e da minha calcinha, as únicas barreiras que nos separava.

Sua mão entrou espremida entre nós dois e seus dedos tentaram penetrar pelo cóis da minha calcinha, foi então que tive certeza de que se não parássemos ali, não teria mais volta, iríamos até o fim e eu não podia permitir que isso acontecesse enquanto tivesse essa sensação de que estava sendo usada. Meu vasto currículo de decepções afetivas não precisava de mais uma história.

Foi então que desviei meu rosto para o lado, separando minha boca da dele, puxei sua mão de dentro da minha calcinha e tentei me desvencilhar do aperto do seu braço, sem que ele deixasse.

— Para Cariel. Não podemos fazer isso. — Minha voz saiu entrecortada pela respiração pesada.

— Claro que podemos. Nós somos solteiros, você quer, eu também quero, não há nada que nos impeça.

Como se não tivesse me ouvido, ele segurou meus cabelos atrás da cabeça e tentou guiar minha boca até a sua, quando então cerrei os dois punhos e fiz uso de toda a minha força física para esmurrá-lo no peito.

— Já disse pra parar! — Esbravejei.

Espantado com a minha atitude, Cariel afastou-se com um sobressalto e sentou-se no tapete, com as costas apoiadas no estofado, passou os dedos entre os cabelos emaranhados, em um gesto de nervosismo, e encarou-me com a fisionomia contraída.

— O que há de errado com você. Abby? Parece até que eu estava te forçando.

— Não estava.

— Mas você agiu como se eu estivesse. Não precisava de tudo isso, não sou nenhum tarado. Era só me pedir pra parar.

— Eu pedi e você não parou. — Acusei.

Ele pareceu ficar surpreso. Permaneceu em silêncio por um instante, como se repassasse mentalmente o momento recente e então falou.

— Me desculpe. Eu achei que você também me quisesse. — Sua voz estava tão carregada de culpa que me despertou certo remorso por tê-lo empurrado tão abruptamente.

— Eu quero, mas eu não posso.

— Vai me dizer que você só se entrega a um homem quando tem um relacionamento sério com ele? — Havia sarcasmo no tom da sua voz, como se ter um relacionamento sério com alguém fosse motivo de deboche.

— Você sabe que não é isso, eu teria me entregado a você aquela noite na danceteria, mesmo sem te conhecer, mas não estou com cabeça para isso agora, nossas vidas estão em risco, nosso futuro é incerto, por favor, vamos dormir.

Dando-lhe as costas, ajeite-me sobre o carpete desconfortável e fechei os olhos, ciente que ele continuava imóvel no mesmo lugar, observando-me.

Por fim, deitou-se ao meu lado, sem me tocar, ficou quieto por um instante e então voltou a colar seu corpo no meu, por trás, seu braço forte em torno da

minha cintura, seu sexo semiereto empurrando minha bunda. Eu estava pronta para me afastar do contato, quando ele falou.

— Eu prometo que vou me comportar, não vou tentar nada com você, só quero te aquecer, pode confiar em mim.

— Comporte-se Cariel. — Falei, me esforçando para conter o tesão ensandecido que corria solto em minhas veias, deixando minha intimidade molhada, latejando, suplicando por ele.

Seu outro braço passou por debaixo da minha cabeça, servindo como um travesseiro, o que me deixou um pouco menos desconfortável.

Lutei bravamente contra todo aquele fogo que jazia dentro de mim, me fazendo ferver inteira, até que por fim a exaustão me venceu e com muito custo, consegui adormecer, aquecida pelo corpo de Cariel.

Passei a noite toda tendo sonhos pornográficos, em um momento a boca quente e gostosa de Cariel estava entre minhas pernas, sua língua movendo-se freneticamente sobre o meu clitóris, depois estávamos no sofá velho da cabana, eu de quatro, ele me pegando por trás enquanto puxava os meus cabelos. Pelo menos nos meus sonhos foi uma noite quente e agitada.

Acordei com sua voz grossa chamando pelo meu nome, repetidamente, estava em pé ao meu lado, completamente vestido, observando-me com uma ruga profunda franzindo sua testa, a fisionomia contraída.

— Levanta preguiçosa. Precisamos sair daqui.— Disse Cariel, sério como se tivesse acabado de chupar um limão.

Espreguiceei-me sobre o tapete, sentindo frio, embora fosse possível notar, pelas frestas entre as tábuas da parede, que havia sol lá fora.

— Tem alguma coisa aí para comer? — Indaguei, faminta.

Mais de doze horas era tempo demais para meu estômago aguentar sem ser reabastecido.

— Você sabe que não tem nada para comer aqui. — Sua voz estava ríspida, se equiparando à sua cara de poucos amigos.

— Achei que você pudesse ter arranjado algo. Estou faminta.

— O que você queria que eu fizesse? Que matasse um coelho e assasse no
NACIONAIS-ACHERON

fogo da lareira? Isso não é um episódio de The Walking Dead, é a vida real.

Caramba, que bicho o havia mordido para acordar com todo aquele mau humor?

Sem que Cariel deixasse de me observar atentamente, levantei-me e vesti rapidamente as roupas apertadas da peguete dele, secas durante a noite.

— Precisamos ir agora. Deve haver alguma estrada por perto. — Continuou ele, com mau humor.

Cruzei meus braços na frente do corpo e empinei o nariz, em um gesto de desafio.

— Não saio daqui até comer alguma coisa. Talvez não haja estrada alguma por perto, talvez tenhamos que passar o dia inteiro caminhando, como aconteceu ontem a noite. Precisamos aproveitar que temos fogo e um teto para preparar alguma comida.

Com isto dei-lhe as costas e deixei a cabana. Embora ainda fizesse frio do lado de fora, o sol brilhava forte, penetrando as folhagens das árvores frondosas, formando um belo espetáculo da natureza.

— Não devemos estar tão longe assim da estrada, caminhamos muito ontem à noite. Devemos estar perto. — Cariel me seguia, ainda com mau humor. — Não podemos ficar aqui perdendo tempo, Abby, aqueles russos podem estar nos rastreando nesse exato momento, se ficarmos aqui seremos encontrados mais facilmente.

— O helicóptero afundou no rio. Eles não têm ideia de onde pousamos, podem estar nos procurando a quilômetros de distância daqui.

— Mas podem também estar por perto.

— Não importa, se não nos encontrarem morreremos do mesmo jeito, só que de inanição. Não vou arriscar sair por aí com fome, sem ter certeza se encontraremos uma estrada ou uma casa tão cedo. Se você quiser ir fique à vontade, eu me viro sozinha.

Cariel soltou um palavrão atrás de mim, mas não disse mais nada.

Era lógico que com a ajuda dele encontraríamos uma caça mais facilmente, mas já que ele não estava disposto a ajudar eu ia me virar sozinha.

Não devia ser tão difícil assim encontrar um cervo, ou um coelho, ou uma coruja dando mole por aí.

Adentrei a mata sorrateiramente a procura do meu alimento. A natureza em volta da cabana era quase intocada, as árvores eram enormes e seus galhos altos balançavam ao sabor do vento. Caminhei alguns metros com cautela, evitando os arbustos rastejantes e tomando cuidado para não me perder da cabana. Não demorei muito a localizar minha presa: um pequeno esquilo que se alimentava tranquilamente sobre o galho grosso de uma árvore. Não era grande coisa, nada comparado a um cervo, mas devia servir por enquanto. Era tão fofinho que dava pena matar, mas naquele momento meu apetite estava maior que meu senso humanitário, então peguei um grande graveto no chão, silenciosamente para não despertar a atenção do bichinho e mirei diretamente na sua direção. Estava prestes a atirar o pedaço de madeira quando o estampido de um tiro partiu de trás de mim, quase me matando de susto, me fazendo soltar um grito agudo.

Ainda tive tempo de ver o esquilo caindo da árvore, com a cabeça transformada em uma bola de sangue, antes de me virar e me deparar com Cariel, em pé atrás de mim, segurando o revólver.

— Que susto! Quer me matar do coração? — Repreendi, pousando a mão sobre o peito esquerdo, como se isso fosse capaz de controlar as batidas aceleradas no meu coração.

— Você não esperava realmente acertar aquele esquilo com esse graveto, não é? — Cariel indagou e me senti meio ridícula.

— Isso não importa mais, agora temos uma refeição. Vamos pegá-lo.

— Pegue você que tem costume com sangue. A parte mais difícil eu já fiz.

Sem me importar com o sangue que jorrava da cabeça do pequeno animal, o segurei pelas patas traseiras, o levei para a cabana e o preparei para ser assado enquanto Cariel apenas observava, com cara de nojo, o rosto pálido, ao ver os órgãos internos do esquilo sendo retirados, uma tarefa nada difícil, era como fazer uma cirurgia.

Pelo menos ele reacendeu a lareira para que eu preparasse a refeição.

— Como você conseguiu se infiltrar no meio desses russos? — Perguntei,

enquanto devorávamos o esquilo assado ali mesmo na sala, sentados sobre o tapete no qual passamos a noite, parecendo dois selvagens.

Cariel respirou fundo antes de começar a falar, como se escolhesse cautelosamente as palavras.

— Eu paguei um agente da CIA para me infiltrar entre eles.

— E por que o próprio agente não se infiltrou? Ele não é mais experiente?

— Quando se trata da máfia russa ninguém quer se envolver, nem mesmo um agente experiente da CIA, porque sempre acaba dando merda.

— Mas você me disse que está desempregado há muito tempo, onde encontrou o dinheiro para pagar esse agente da CIA, aquele helicóptero, aquela casa e o seu treinamento?

— Eu estou desempregado porque nunca precisei trabalhar. Meus pais eram ricos, depois que morreram, em um acidente de avião, eu e meus irmãos herdamos tudo o que eles tinham. O único que trabalha é Alexander, porque a ambição dele nunca tem fim.

— Ah, então quer dizer que você é rico e estava escondendo o jogo, hein.

— Eu não estava escondendo nada. Eu nunca te disse que sou pobre.

A cada revelação que ele fazia eu o admirava mais. Com tanto dinheiro à sua disposição, ele podia estar se divertindo em qualquer lugar do mundo, entretanto estava ali em meio à selva, sentando no tapete sujo de uma cabana abandonada, comendo um esquilo assado em uma lareira, correndo risco de ser morto a qualquer momento, para salvar a vida da sua irmã, algo que o irmão mais velho não se dispunha a fazer. Kristen devia ser mesmo muito importante para ele.

Após a refeição, deixamos a cabana e avançamos pela floresta, caminhando depressa, a procura de uma estrada, ou de alguma moradia com telefone, sem sabermos ao certo para que lado seguir, já que tudo ali parecia muito igual. Caminhamos durante todo o dia, com pausas rápidas para descansamos as pernas e não chegamos a lugar nenhum. Aquela floresta parecia não ter fim, era como estar na floresta do filme “A Bruxa de Blair”, andávamos até cansar e não chegávamos a parte alguma, como se estivéssemos vagando em círculos. Ainda bem que tive a ideia de caçarmos

aquele quilo ou, além de exaustos, estaríamos também morrendo de fome.

Andamos tanto que eu tinha a impressão de que meus pés começavam a inchar, tão cheios de calos que estavam.

A noite já havia caído, o frio havia voltado, quando por fim alcançamos uma estrada asfaltada, que passava no meio do nada. Fiquei tão exultante que quase beijei o asfalto, porque finalmente estávamos a salvo, bastava esperar que um carro passasse e pedíssemos uma carona até a cidade mais próxima. Tão cedo eu não queria ver uma floresta na minha frente de novo.

— Quando chegarmos à cidade, quero comer um hambúrguer beeem grande. — Falei, sentada na beira do asfalto, ao lado de Cariel, que se mantinha em pé.

— Isso se passar algum carro nesse fim de mundo. — Cariel disse, impaciente e azedo como vinha se mostrando desde que acordara naquela manhã.

Os minutos se arrastaram e nada de um carro aparecer. Não era possível que aquela estrada estivesse abandonada, seria muita falta de sorte da nossa parte.

Eu estava quase dormindo sentada, tamanha era a minha exaustão, quando por fim, depois de quase meia hora, ouvimos o ronco do motor de um veículo se aproximando e logo em seguida as luzes dos faróis surgiram no horizonte, iluminando a negra penumbra.

— Cacete! É um carro! — Levantei-me com um pulo.

Ambos começamos a gritar e agitar as mãos no ar, como loucos desesperados, porém o carro sequer reduzir a velocidade. Ao perceber que ele não ia parar, Cariel ainda chegou a pular no meio da estrada, correndo o risco de ser atropelado, mas o maldito motorista apenas desviou e passou direto, na certa achando que se tratava de um assalto, ou algo assim.

— Puta que pariu! — Cariel gritou, furioso. — Eu não acredito nisso! Mas que filho da mãe miserável! Por que não parou para nos ajudar?

— Porque você é homem. Nenhum carro vai parar para um homem. Vão pensar que é assalto.

Ele observou-me em silêncio por um instante, como se tentasse deduzir o que se passava em minha mente.

— Pode esquecer! Não vou te deixar aqui sozinha de jeito nenhum.

— Eu não vou estar sozinha. Você vai estar logo ali. — Gesticulei para os arbustos do outro lado da pista. — Você fica ali escondido e quando alguém parar você sai com o revólver em punho e roubamos o carro.

— Eu acho que você assiste muita televisão.

— E você tem uma ideia melhor? Essa é a nossa única opção. Ninguém vai parar para um marmanjo do seu tamanho em um lugar isolado como esse.

Cariel hesitou por um momento, como se buscasse outra saída, mas não havia, ou era isso ou ficaríamos ali até morrermos de fome e de frio.

— Está certo. Vou me esconder, mas você precisa me prometer que não vai entrar sozinha no carro de um tarado.

— Eu não vou.

Cariel atravessou a rodovia e escondeu-se atrás de alguns arbustos. Sem ele por perto, tudo ficou muito silencioso, quieto e muito mais assustador.

— Cariel. — Chamei, depois de alguns minutos.

— O que foi?

— Nada não, só queria ter certeza de que você ainda está aí.

— Eu não vou a lugar nenhum sem você, pode ter certeza disso.

Não demorou muito, por fim ouvi o ronco do motor de um carro se aproximando e logo em seguida o clarão dos faróis surgiram ao longe. Levantei-me e comecei a acenar antes mesmo que estivesse sob as vistas do motorista, tamanho era o meu desespero para sair dali. Ao me enxergar, ele apenas reduziu a velocidade e passou direto.

Eu já estava amaldiçoando mentalmente até a quinta geração daquele idiota, quando o carro parou e voltou de ré.

“Graças a Deus!”

Tratava-se de um carro popular, dentro do qual havia apenas o motorista, um homem calvo, com cerca de quarenta anos, usando óculos e um terno

NACIONAIS-ACHERON

bege barato.

— O que faz sozinha em um lugar como esse, gatinha? Está perdida?

Ele desceu seu olhar pelo meu corpo, examinando-me atentamente, com malícia e aquele peso na consciência que começava a surgir porque levaríamos o seu carro e o deixaríamos sozinho ali na mata desapareceu rapidinho.

— Ah, é que eu saí com um babaca, aí ele tentou me agarrar, eu não deixei e ele me largou aqui, dá para acreditar? Você pode me dar uma carona até a cidade mais próxima?

— Claro entra aí.

No instante em que ele abriu a porta do carona, Cariel surgiu do seu esconderijo, empunhando a arma. Aproximou-se sorrateiramente e apontou o cano do revólver direto para a cabeça do motorista, antes que esse tivesse tempo de vê-lo chegando perto.

— Aí cara, sai do carro devagar e não tenta nenhuma gracinha. A gente só quer levar o seu carro, tá legal? — Cariel disse, parecendo um assaltante de verdade.

O homem proferiu um palavrão, furioso, mas não reagiu, em vez disso levantou as duas mãos no ar e saiu do carro, para que em seguida Cariel tomasse o volante, enquanto eu entrava pelo lado do carona, sentindo-me acolhida pelo calor no interior do veículo.

— Ei, vocês não podem me deixar aqui, esse lugar pode ser perigoso. — O dono do carro protestou.

— Ele está certo, Cariel, vamos levá-lo no porta-malas, a gente o deixa na primeira cidade e passa direto.

— Se fizermos isso ele vai chamar a polícia ainda mais depressa. Ele não vai morrer se ficar aqui por uma noite.

Com isso, ele deu a partida e arrancou em alta velocidade, cantando pneus no asfalto.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO XI

Com meu estômago roncando mais que uma escavadeira, apressei-me em procurar alguma coisa para comer, encontrei apenas um pacote de biscoitos recheados no porta-luvas, o qual dividi com Cariel. Era pouco para o tamanho do nosso apetite, mas era melhor que nada. Encontrei outras coisas que também nos seriam úteis, como um celular com carregador e algumas notas de cem e cinquenta dólares dentro de uma carteira.

— Quer ligar para sua irmã? Deve ser dia agora na Austrália. — Ofereci o celular a ele.

— Agora não. Precisamos encontrar um lugar para passar a noite.

Envolvidos por um silêncio tenso, percorremos vários quilômetros da estrada completamente deserta, sem termos ideia de que parte do país nos encontrávamos. Não sabíamos sequer se ainda estávamos no Texas.

Por fim, avistamos sinal de vida, uma parada para caminhoneiros onde havia um posto de gasolina, um hotel com o letreiro de “há vagas” e um bar que parecia bastante movimentando, além de algumas poucas casas por perto.

Cariel reduziu a velocidade enquanto passávamos, mas não parou, o que me deixou intrigada.

— Porque não parou? Precisamos descansar e tem um hotel lá. Precisamos também de uma boa refeição, estou morrendo de fome.

— Eu sei. Fica tranquila, nós vamos voltar, só precisamos nos livrar desse carro, pois se o dono dele conseguir fazer com que alguém pare na estrada e chamar a polícia, a primeira coisa que eles vão procurar é o carro roubado. Vamos esconde-lo em algum lugar e voltamos a pés.

Só consegui me lembrar da dor nos calos em meus pés, mas ele estava certo, parar naquele lugar com um carro roubado atrairia a polícia e consequentemente nossa localização chegaria ao conhecimento dos russos, visto que eles tinham espões infiltrados em todas as organizações.

Alguns metros à frente do posto de gasolina, Cariel deixou a estrada e

NACIONAIS-ACHERON

adentrou a floresta, penetrando-a até que os troncos das árvores se tornassem uma barreira para prosseguirmos. Pegamos tudo o que nos seria útil, voltamos para a estrada e caminhamos de volta até o pequeno hotel. O cara da recepção parecia exultante ao nos atender, como se fôssemos seus primeiros hóspedes em semanas. O quarto que pagamos com o dinheiro roubado, era pequeno e simples, mas tinha chuveiro quente e uma cama, eu não precisava de mais nada. Porém, estava tão exausta que deixei o banho para depois e atirei-me sobre a cama macia, sem me dar ao trabalho sequer de tirar os sapatos.

— Vai dormir sem comer nada? — Cariel indagou, com aquele humor ácido que vinha demonstrando durante todo o dia, sem que eu entendesse motivo.

— E o que tem para comer aqui?

— Aqui acho que nada, mas naquele bar cheio de caminhoneiros deve vender algum sanduíche. Vou lá dar uma verificada.

Suas palavras me deixaram tensa, preocupada.

— Não é perigoso sair por aí?

— Eu sei me cuidar. Quero que você fique alerta enquanto eu não estiver. Mantenha-se acordada e não saia do quarto de jeito nenhum, você entendeu?

Concordei com um gesto de cabeça, sentindo-me cansada demais para contestar o fato de que ele estava me tratando como se mandasse em mim. Depois de um dia inteiro caminhando em meio a uma floresta, eu só queria uma boa noite de sono em uma cama confortável, no dia seguinte pensaria sobre o que fazer da minha vida.

Em primeiro lugar precisaria telefonar para Melissa e Norman para avisar que ainda estava viva. A essa altura eles já deviam ter chamado a polícia e avisado sobre o meu desaparecimento. O Dr. Young então, já devia ter contatado até o FBI para me procurar. Eu queria que eles pudessem me ajudar a me esconder da máfia russa, mas eles não podiam, ninguém podia, aqueles homens eram caçadores implacáveis e pelo visto nunca desistiriam de ter minha cabeça e a de Cariel. Provavelmente eu ia precisar sair do país para não ser morta e tudo pelo que lutei, a carreira que construí com tanto esforço, iria por água abaixo, porque eu ia precisar mudar de nome e nem mesmo um

NACIONAIS-ACHERON

currículo constando todas as minhas conquistas poderia levar.

Maldita hora em que fui acionar o alarme e as travas daquela porta, eu devia tê-los deixado nos saquear, teríamos perdido todo o nosso projeto, mas pelo menos eu ainda teria a minha liberdade e não estaria correndo o risco de levar um tiro na cabeça a qualquer momento.

Maldição! Eu precisava aprender a controlar os meus impulsos.

Nem vi quando Cariel deixou o quarto, apenas ouvi a porta sendo batida com força, como se ele estivesse com raiva, eu só não entendia o que o havia enfurecido tanto, eu não tinha feito nada de mal a ele.

Talvez estivesse tendo uma crise de consciência, arrependido por ter impedido aquele matador de tirar a minha vida, o que o levou a estragar o seu disfarce, a se tornar alvo dos russos também e o que era pior: a perder a única oportunidade que acreditava ter de salvar a vida da sua irmã. Talvez ele já estivesse de saco cheio de mim, por isso, no dia seguinte eu daria um jeito de me separar dele, buscaria proteção em outro lugar, mesmo que tivesse que voltar para perto da minha mãe e da quadrilha de bandidos na qual ela vivia inserida. Eu odiava todos eles, começando pelo meu padrasto, por tantos motivos que sequer conseguia enumerar, entretanto, eram os únicos a quem eu podia recorrer naquele momento.

Não demorou muito e Cariel apareceu com um hambúrguer, uma latinha de refrigerante e sua cara emburrada. Deixou a comida sobre a mesinha de canto e anunciou que voltaria para o bar, pois precisava espairecer, respirar e esfriar a cabeça.

Nossa! A coisa estava pior do que eu imaginava. Ele ia colocar o pescoço em risco só para se livrar da minha companhia, era isso mesmo?

— Estou deixando o revólver aqui Abby, mas quero que você me prometa que não vai sair desse quarto. Você me dá sua palavra?

Por que eu tinha que ficar trancada no quarto enquanto ele saía para se divertir em um bar? Aquilo não me parecia muito justo, só que eu estava cansada demais para protestar ou reclamar de qualquer coisa, eu só queria aquela cama confortável debaixo de mim.

— Não é perigoso ficar em um bar? O dono do carro que roubamos pode

aparecer por lá com a polícia.

— Não se preocupe com isso, eu sei me cuidar.

Com tais palavras, ele deu meia volta e se foi, batendo a porta por fora com força, como fizera da outra vez.

Senti um forte aperto no coração por vê-lo colocando a própria vida em risco, mas ele era adulto, sabia o que estava fazendo, quem era eu para interferir? Além do mais, nós mal nos conhecíamos, sequer éramos amigos, não passávamos de dois estranhos lutando pela própria sobrevivência, lado a lado. O beijo e as carícias que trocamos não faziam de nós coisa alguma um para o outro, continuávamos sendo dois desconhecidos que tinham em comum apenas o fato de que a máfia russa queria nossa cabeça.

Devorei aquele hambúrguer com muito apetite, sem que nenhuma outra comida tivesse me parecido tão gostosa até aquele momento, tamanha era a fome que eu sentia. Aproveitei que o sono havia despertado e tomei um demorado banho quente. Como não tinha roupas limpas para vestir, lavei apenas minhas roupas íntimas, coloquei para secar e deitei-me completamente nua, o que não seria nenhuma novidade para Cariel, considerando que ele havia me visto nua antes, quando me despiu das minhas roupas naquele quarto de hotel, além do mais, eu dormiria com os lençóis jogados por cima de mim, não haveria nada para ele ver.

Tentei a todo custo pegar no sono, mas, por mais incrível que pudesse parecer, não consegui, todo o cansaço parecia ter se esvaído do meu corpo, sentia-me ansiosa, receosa, preocupado com Cariel sozinho lá fora. O que ele estava fazendo naquele maldito bar por tanto tempo? Por que estava demorando tanto? Será que os russos o haviam encontrado e o estavam torturando para que ele dissesse onde eu estava? Ai minha nossa! Se os russos o tivessem pegado ele poderia estar morto enquanto eu continuava ali deitada sem fazer nada.

Com tais pensamentos fervilhando em minha mente, atormentando-me, levantei-me num sobressalto, vesti as roupas sujas, preendi o revólver ao cós da calça, ocultando-o por sob a barra da camiseta e deixei o quarto.

Não foi muito difícil encontrar o bar, bastou que eu seguisse o som da música country que tocava em volume alto. Tratava-se de uma espelunca de

NACIONAIS-ACHERON

quinta categoria, ao lado do posto de gasolina, diante da qual havia vários caminhões enormes estacionados.

Ao entrar, me senti sufocada pela falta de circulação de ar, pelo cheiro forte de cerveja e pela grossa camada de fumaça de cigarros que parecia incrustada no ar.

Como alguém conseguia se divertir, ou mesmo sobreviver, em um ambiente poluído como aquele?

A música que tocava, partia de uma dessas máquinas movidas a moedas e os caminhoneiros barrigudos e barbudos circulavam por toda parte, alguns jogavam sinuca, outros apenas bebiam e conversavam, enquanto as garçonetes os servia, usando muito pouca roupa. Aliás, elas não eram as únicas garotas seminuas ali, havia muitas outras, jovens e bonitas demais para serem esposas ou namoradas dos caminhoneiros. Talvez aquilo fosse um bordel, ou um clube de strip tease, ou os dois.

Ciente de que vários olhares maliciosos recaíram sobre mim, enquanto eu avançava pelo salão imenso, semiescuro, eu percorria os meus olhos por todos os lados à procura de Cariel, duvidando que ele estivesse em um ambiente como aquele, embora torcesse para que sim, pois pelo menos estaria seguro.

Já estava quase desistindo de encontrá-lo quando finalmente o enxerguei, quase ao meu lado, sentado a uma mesa com duas garotas, uma loira peituda e uma mulata com curvas exuberantes. A loira estava sentada no colo dele, rebolando a bunda no seu pau, ao mesmo tempo em que beijava e lambia seu pescoço. Estavam quase transando bem ali na frente de todo mundo, enquanto a mulata parecia esperar que chegasse a sua vez de agarrá-lo também.

A raiva que me tomou ao observar aquela cena foi indescritível, fazia meu sangue ferver nas veias. Eu não podia acreditar que havia perdido meu sono, preocupada com sua segurança, enquanto ele se esbaldava na orgia, com duas vadias e ainda por cima gastando o pouco dinheiro que tínhamos com bebidas. Como ele conseguia se divertir assim enquanto nossas cabeças estavam a prêmio? Como podia ter me deixado sozinha para cair na farra com aquelas mulheres? A fúria tomava conta de mim.

Eu não pretendia deixar que ele me visse, ia dar meia volta e voltar para o hotel, esperar que o dia clareasse e ir embora, me afastar de Cariel de uma vez, mesmo que para isso tivesse que procurar abrigo em meio à quadrilha da qual minha mãe fazia parte. Em algum momento aquela situação ia me obrigar a procurá-la, era bobagem adiar o inevitável. Entretanto, antes que eu tivesse tempo de dar meia volta e sair do lugar, ele me avistou e chamou alto pelo meu nome.

— Ei Abby, o que está fazendo aqui? Achei que tivesse mandado você ficar no quarto! — Sua língua estava embolada pelo efeito do álcool e seu tom de voz era ríspido, como se ele mandasse em mim, o que me deixou ainda mais furiosa.

Eu não pretendia falar nada, ia deixar o hotel sem uma palavra, assim que o dia clareasse, mas já que ele havia me visto e chamado pelo meu nome, não consegui me calar.

— Por que você está gastando o pouco dinheiro que temos pagando bebidas para essas mulheres? — Indaguei abruptamente, aproximando-me da mesa, encarando-o diretamente nos olhos, a raiva pipocando em minhas veias.

— Essas mulheres não, porra! Vê como fala da gente! — A mulata engrossou, ameaçando vir para cima de mim.

— Calma garotas, essa é a Dra. Willis, a mulher que se acha melhor que o resto do mundo, só porque é inteligente Ah, então era isso que ele pensava de mim? Foi bom saber.

— Na verdade, Cariel, eu não ligo para o que você pensa de mim, ou que esteja se divertido enquanto nossas cabeças estão em risco. — Menti, sem saber se sentia mais ódio por ele ter me deixado sozinha para ficar com aquelas duas mulheres vulgares, ou se por ter me preocupado com ele enquanto ele me trocava por elas. — A única coisa que me preocupa é que você está gastando pouco do dinheiro que temos para sobreviver até Deus sabe quando.

— Não se preocupe, gata, não estou gastando nada. As gatinhas aqui estão pagando a conta, aliás, senta e bebe com a gente, você é muito estressada, relaxar de vez em quando faz bem. — Ele indicou a cadeira do outro lado da

mesa, um pequeno gesto que só serviu para atizar ainda mais minha raiva.

Ele realmente queria que eu ficasse ali o assistindo se pegando com aquelas duas?

Como se percebessem o meu estado de espírito e quisessem me provocar ainda mais, as duas garotas entreolharam-se e então a loira, que continuava sentada no colo de Caryl, simplesmente cobriu a boca dele com a sua em um beijo demorado e erótico, enquanto rebojava a bunda em cima do colo dele.

A raiva que me tomava alcançou níveis tão alarmantes que se eu fosse um pouco menos civilizada teria puxado o revólver da bainha da minha calça e dado um tiro naquela cabeça oxigenada.

Como se marcasse território, a mulata enfiou sua mão por sob a camiseta dele e levou a boca até sua orelha, sussurrando algo em seu ouvido que o fez sorrir de um jeito meio cafajeste.

Fiquei ali petrificada, observando a cena, esperando que um buraco se abrisse sob os meus pés e me engolissem antes que tivesse que assistir os três levantando-se da mesa e indo para um quarto, continuar a orgia de forma mais íntima, porém, como nenhum buraco ia se abrir, dei meia volta e me dirigi depressa na direção da saída, decidida a ir embora dali, mesmo que tivesse que pegar carona com um daqueles caminhoneiros.

A meio caminho da porta, fui abordada por um homem, alto, musculoso, com os braços cheios de tatuagens de caveira, as quais o tornavam meio assustador, que tomou-me a frente, impedindo-me de passar.

— O que uma gatinha linda como você faz sozinha por aqui? — Indagou ele, varrendo meu corpo de cima a baixo com olhos luxuriosos.

Era só o que me faltava!

— Nada não, eu já estava de saída.

Tentei contorná-lo e passar, mas novamente ele tomou o meu caminho, desta vez segurou-me pelo braço e me puxou com um safanão, forçando meu corpo a encostar-se ao dele.

Cacete! Seria possível que os meus problemas nunca acabavam? Eu devia estar em meio ao meu inferno astral, só podia!

— Me solta cara! Não estou aqui procurando companhia, só quero ir embora. — Esbravejei, preste a levar a mão à arma e sacá-la.

Entretanto, antes que tivesse tempo de fazer essa besteira, Cariel surgiu de trás de mim, espalmou os dois punhos cerrados no peito do homem, mais alto e mais forte que ele, e o socou com brutalidade, empurrando para trás, para longe de mim.

— Solta ela, cara, a gata está comigo. — Disse Cariel.

Bela hora para ele dar uma de herói.

Antes que o grandalhão tivesse tempo de se recompor, Cariel segurou-me pelo antebraço e saiu me puxando para fora do bar, como se fosse meu dono, como se tivesse o direito de me conduzir para onde quisesse. Antes de sairmos, lancei um olhar por cima do ombro e vi as duas periguetes com quem ele se pegava nos observando emburradas.

— Qual parte de “fique no quarto e não saia por nada nesse mundo” você não entendeu?! — Ele falou, com rispidez, a voz alterada, no instante em que alcançamos a calçada do lado de fora.

Quem ele pensava que era para falar comigo naquele tom?! Se alguém ali devia estar zangada, esse alguém era eu, por ter sido deixada sozinha em uma espelunca, correndo risco de vida, enquanto ele se esbaldava na gandaia com duas vadias.

— Acontece que você não manda em mim. — Com passos largos, me dirigi na direção do hotel, enquanto ele me seguia de perto.

— Eu sei que não, mas você devia ter me ouvido. Viu só o que quase te aconteceu? — Ele gesticulou com a mão na direção do bar.

— Não aconteceu nada. O cara me deu uma cantada e eu disse não, estava tudo sob controle. Eu não precisava de você para me defender, tá legal?

Uma lufada de vento frio atingiu o meu corpo, me fazendo cruzar os braços na frente do tórax, então caminhei ainda mais depressa em busca de abrigo no quarto do hotel, enquanto Cariel continuava me seguindo, sem calar a boca nem por um minuto, deixando-me cada vez mais enfurecida com suas palavras, por que agia como se tivesse algum tipo de autoridade sobre mim.

— Você estaria sendo violentada agora se eu não tivesse aparecido, sua mal agradecida.

— Você não fez mais que sua obrigação! A culpa foi sua. Eu fui àquele lugar horrível porque estava preocupada com você e quando chego lá o que você está fazendo? Quase trepando com duas vadias em cima de uma mesa, na frente de todo mundo!

— Eu não estava...

— Eu não me importo! — O interrompi, abruptamente. — Volta pra lá e termina o que começou, elas estão te esperando de pernas abertas para dar o que você quer! Aliás o que você está precisando!

— Estou precisando mesmo, mas acontece que não é elas que eu quero, é você.

Lá vinha ele de novo com aquela história de que me desejava, só para me convencer a ajudar sua irmã doente, como se eu fosse estúpida o bastante para cair nessa conversa. Eu conhecia bem esse tipo de homem, não passava de um mauricinho rico acostumado a pegar todas as mulheres que via, mas comigo não.

— Quer saber de uma coisa? Estou cansada de você. Vou pedir carona a um daqueles caminhoneiros e dar o fora daqui.

Movida pela raiva, dei meia volta, decidida a voltar para o bar e conversar com um dos caminhoneiros, porém, antes que tivesse a chance de dar o primeiro passo, enxerguei o grandalhão que tentara me agarrar saindo lá de dentro, junto com outros dois homens quase tão grandes quanto ele. Pela forma como olhavam aos arredores, não tive dúvidas de que procuravam por nós e se nos encontrassem estaríamos ambos ferrados, pois restava apenas uma bala no revólver.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO XII

— Cacet...

Antes que eu tivesse tempo de completar o palavrão, Cariel tapou minha boca com a sua mão grande, agarrou-me por trás, pela cintura, e me puxou para o esconderijo mais próximo: um beco escuro que separava uma casa do hotel.

— Quietinha. Aqueles homens não podem nos ver. — Cariel sussurrou. Virou-me de frente para ele e me encurralou contra a parede, enquanto eu me debatia, tentando tirar sua mão pesada de cima da minha boca. — Tá, eu vou te soltar, mas vê não faz barulho. Aqueles caras parecem ser violentos e temos apenas uma bala no revólver. — Seu hálito com cheiro de álcool conseguiu reacender a raiva dentro de mim, mas não era hora de exteriorizá-la.

— Nós podemos usar o revólver só para assustá-los, para colocá-los pra correr. — Cochichei.

— Isso não ia dar certo, eles podem estar armados.

Por alguma razão desconhecida, Cariel pressionou ainda mais seu corpo grande contra o meu, imprensando-me com força contra a parede, tornando meu organismo muito consciente do seu calor gostoso, da sua solidez máscula, do volume que se formava, duro e potente, de encontro ao meu ventre. Tentei protestar contra aquele excesso de proximidade, mas sequer consegui me mover do lugar, como se tivesse mergulhado em um tipo de hipnose para o qual o desejo dentro de mim me arrastava cada vez que aquele homem me tocava.

— Onde você estava com a cabeça para cogitar pedir carona a um daqueles homens? — Ele indagou, sua voz mais arrastada que antes, devido à sua respiração pesada.

Seus olhos azuis claros estavam fixos nos meus, expressando uma cobiça descomedida, como se eu fosse a última garrafinha de água mineral do deserto.

— Só quero me distanciar de você. — Minha voz saiu entrecortada, denunciando minha respiração ofegante e o desejo que causava esse efeito, sem mencionar que minhas palavras não esboçaram convicção alguma.

Droga!

— Por que fui a um bar?

— Porque você me deixou sozinha naquele hotel, correndo perigo, para ir se esbaldar com aquelas duas vadias!

— Isso é culpa sua, Abby. — Ele inclinou brevemente os joelhos, nivelando nossos sexos e esfregou sua ereção bem no centro das minhas pernas, o que me fez arquejar, um incêndio acontecendo dentro de mim. — Será que você não percebe o que está fazendo comigo?

Cerrei os dois punhos e esmurrei-lhe o peito, tentando afastá-lo, mas era como esmurrar uma rocha sólida, ele nem se movia do lugar, ao invés de me soltar, segurou meus dois pulsos com uma mão, aprisionando-os acima da minha cabeça, me fazendo parecer muito frágil em seus braços fortes.

— Me solta, Cariel. Eu não...

Minha frase foi silenciada pela sua boca faminta, que tomou a minha com ímpeto, como se quisesse me devorar. Sugou meus lábios com força, antes de inserir sua língua entre eles, penetrando minha boca de forma erótica, fazendo com que cada fibra do meu corpo latejasse de tesão e em questão de segundos abandonei todas as minhas resistências, correspondendo ao beijo com toda a fome que eu tinha por ele.

Mas que merda! Lá estava eu novamente perdida, fervendo de desejo nos braços daquele homem. Até quando eu ia aguentar me segurar?

Com experiência, Cariel usou seu joelho para me fazer abrir mais as pernas e continuou se esfregando em mim, me fazendo senti-lo muito próximo, pulsante. Ao mesmo tempo, sua mão livre percorria as curvas do meu corpo, passando pela minha silhueta, buscando espaço entre nós para tentar se infiltrar sob minhas roupas.

Sem pensar direito, tirei os meus pés do chão e me pendurei nele, contornando seus quadris com as minhas pernas, esfregando meu sexo no dele, ensandecida, louca de tesão.

Cariel soltou os meus pulsos, quando então pude abraça-lo pelo pescoço e enterrar meus dedos em seus cabelos curtos, puxando-o mais para mim, enquanto esfregava minha língua na dele. Ele desceu as duas mãos pelo meu corpo, uma de cada lado, foi até minha bunda, apertou a, passeou pelas minhas coxas e refez o percurso de volta, deixando um rastro de fogo pelo caminho. Enfiou uma das mãos sob o tecido da camiseta e segurou um dos meus seios, apertando-o com força, para em seguida prender o mamilo entre o indicador e o polegar e esfregá-lo, quando precisei me conter para não soltar um gemido.

Mais uma vez estávamos muito perto de pertencermos um ao outro, bastava que abaixássemos nossas calças e aconteceria ali mesmo, entretanto, apesar de todo o meu corpo suplicar pelo dele, eu não podia me entregar às sensações que me tomavam para depois descobrir que estava sendo usada como um objeto descartável, que ele estava me seduzindo apenas para conseguir o que queria, que era tentar salvar a vida de Kristen.

Sua boca gostosa deixou a minha e deslizou pela pele do meu pescoço, mordiscando, lambendo, beijando, deixando-me cada vez mais molhada no meio das pernas, cada vez mais tomada pela luxúria.

— Cariel — Sussurrei, com tom de súplica.

— Não me pede para parar de novo, Abby, eu quero me enterrar inteiro em você. Dá essa bocetinha para mim, gata, me deixa te sentir inteira, eu sei que você também quer, todo o seu corpo está me dizendo isso.

Ele continuava esfregando meu mamilo entre seus dedos, alternando entre um seio e outro, enquanto espalhava beijos e lambidas sobre a pele do meu pescoço e explorava minhas curvas com a outra mão, levando-me muito perto de mergulhar no êxtase. Eu ia gozar com apenas o toque da sua boca e das suas mãos, mas então lembrei-me da loira sentada em seu colo no bar, da forma como ele sorriu quando a mulata sussurrou algo em seu ouvido, obviamente ele dissera a elas as mesmas palavras que acabava de dizer a mim e tal constatação foi o bastante para que meu corpo inteiro se retesasse, o desejo dando lugar à raiva em minhas entranhas.

— Me solta, Cariel. — Exigi, o mais firme que consegui, tomando cuidado para não ser ouvida pelos homens que ainda podiam estar nos

procurando lá na rua e tirei minhas pernas de em torno dos seus quadris.

— Por que você fica me atijando se não quer dar para mim? — De todas as coisas que ele podia ter dito, aquela foi a mais horrível.

Concentrei toda a minha raiva em meus punhos cerrados e esmurrei-lhe no peito, com brutalidade, até que por fim ele se afastou, de supetão, encarou-me em silêncio por um instante, a princípio com confusão, para que logo a fúria tomasse conta da expressão do seu olhar.

Sem que eu esperasse, Cariel desferiu um soco do seu punho cerrado na parede atrás de mim, bem ao lado da minha cabeça, com tanta violência que cheguei a estremecer inteira de pavor.

Será que ele era do tipo que batia em mulher? Minha nossa, eu estava mesmo no meio do meu inferno astral.

— Não é de mim que você tem que ter medo, Abby. — Declarou ele, ao observar minha reação. — É dos caras que estão lá fora nos procurando, do caminhoneiro a quem você pretendia pedir carona e principalmente dos russos. Eu só estou aqui para te proteger de todos eles e te dou minha palavra que, por mais que eu a deseje, não vou voltar a tocar em você, até que você me peça. Está bom assim pra você? — Sua voz possuía um tom frio, tão cortante quanto a mágoa que se misturava à fúria refletida em seus olhos azuis.

Eu quis implorar que ele não desistisse de mim, pois gostava de ser desejada por ele e em algum momento acabaria cedendo, entretanto, seria melhor assim, pois se eu fraquejasse e me entregasse, certamente me arrependeria depois, quando tivesse certeza que ele só queria me seduzir para me convencer a levar Kristen até a cura e me sentisse usada como um objeto descartável. Era melhor que as coisas ficassem como estavam, que nos concentrássemos em sairmos de toda aquela confusão e voltássemos a viver nossas vidas, se era que ainda tínhamos uma.

— Acho que aqueles caminhoneiros não estão mais nos procurando. Podemos sair daqui. — Falei.

— Espero que você tenha tirado da cabeça essa loucura de pedir carona sozinha.

Eu havia. Aquilo foi só uma decisão tomada em um momento de raiva. Eu sabia que ficar com ele era muito mais seguro que sair por aí sozinha.

— Não vou fazer isso.

— Ótimo. Vou dar uma olhada aí fora, espera aqui.

Cariel se esgueirou até a entrada do beco, colocou a cabeça para o lado de fora e observou os arredores antes de me chamar.

— Eles já foram. Podemos ir.

Um silêncio tenso instalou-se entre nós enquanto caminhávamos de volta para o hotel, a poucos metros de distância. Chegando lá fui direto para a cama, deitei-me na beirada do colchão, de costas para o espaço vazio ao meu lado, o qual esperava que ele ocupasse, embora tivesse dúvidas de que ainda chegasse perto de mim depois da promessa que fizera, e me cobri.

Cariel enfiou-se no banheiro e tomou um banho que durou mais de uma hora. Ao sair de lá, vestindo apenas a cueca, deitou-se ao meu lado e, para minha imensa satisfação, abraçou-me por trás, aconchegando minhas costas ao seu peito largo, entrelaçando suas pernas nas minhas, transmitindo-me uma sensação gostosa de aconchego e segurança, como se presa em seu abraço nada de mal pudesse me acontecer.

— Achei que você não fosse voltar a me tocar até que eu pedisse.

— Não estou te tocando. Não como eu queria. Só estou me certificando de que você estará aquecida e segura.

E eu estava, tão aquecida que meu sangue fervia, mas era de puro tesão.

— Eu estou. — Sussurrei, sonolenta, completamente relaxada.

Cariel beijou meus cabelos antes de dizer.

— Boa noite Abby.

Seu hálito quente acariciou meu couro cabeludo, fazendo-me arrepiar inteira.

— Boa noite Cariel.

Fechei os olhos e sufoquei todas as sensações luxuriosas que me tomavam em algum canto esquecido da minha mente, para o só então conseguir

PERIGOSAS

finalmente pegar no sono.

NACIONAIS-ACHERON

Cariel.

Em meu sonho, eu me encontrava na minha lancha próximo à Ilha do Pecado, navegando sob o sol escaldante de uma tarde de verão. Estava completamente nu, espichado sobre as espreguiçadeiras estofadas, enquanto a garota se mantinha de joelhos entre as minhas pernas, chupando meu pau, como os seios fartos balançando para cima e para baixo, de acordo com os seus movimentos, os mamilos roçando no interior das minhas coxas, tão gostoso que eu estava quase gozando. A princípio achei que fosse Savana, por causa dos cabelos escuros e porque ela sabia mamar um cacete como ninguém, parecia uma bezerrinha, com aquela boca carnuda devorando o meu pau.

Aproximando-me do êxtase, me remexi sobre a espreguiçadeira e segurei seus cabelos longos para enterrar o meu pau mais fundo em sua garganta. Apenas ao olhar em seu rosto percebi que não era Savana e sim Abby quem me chupava, engolindo meu cacete até a raiz.

Porra! Ver seu rosto delicado, seus olhos azuis escuros reluzindo contra a luz do sol, sua boquinha linda em volta do meu membro, me deixou ainda mais duro e o gozo veio abundante, quente e prolongado, os espasmos me fazendo ondular sobre o estofado macio enquanto sua boca pequena sugava até a última gota do meu esperma.

Foi então que despertei e levei um susto ao constatar que havia acabado de ejacular de encontro à bunda de Abby enquanto ela dormia profundamente em meus braços, de conchinha.

Caramba! Ela ia me matar quando acordasse e visse sua calça suja de porra.

Fiquei ali sem saber o que fazer, tão imóvel quanto ela, fingindo ainda estar adormecido, esperando para me certificar de que não a havia despertado. Ela já me considerava um tarado, podia imaginar depois desse episódio.

Para minha mais completa surpresa, Abby estava acordada e moveu ligeiramente sua bunda, protegida pelo tecido da calça, contra o meu pau

ainda ereto dentro da cueca. Ela estava gostando daquilo, sabia o que havia acontecido e não estava nem um pouco preocupada com isso. Na verdade, foi aquela mexidinha do seu traseiro que me levava ao gozo, então eu não era o único culpado ali.

Definitivamente Abby era a garota mais difícil de se decifrar que eu já havia conhecido. Para começar era a primeira mulher que me rejeitava, embora também me desejasse, e isso estava me deixando louco. Eu a queria tanto que chegava a ser doloroso, física e sentimentalmente, minhas bolas estavam começando a ficar roxas por tantas ereções não saciadas. E eu tinha certeza que ela também me queria, todo o seu corpo, a forma como ela me olhava e as suas atitudes confessavam isso, eu só não conseguia entender porque ela não cedia, porque relutava tanto em se entregar.

Às vezes eu achava que sua atitude se devia ao fato de que mal nos conhecíamos e ela era o tipo de garota que esperava ter um relacionamento sério antes de pertencer a um homem, contudo, quando nos encontramos aquela noite na boate, pela primeira vez, ela me conhecia menos ainda e mesmo assim estava disposta a ser minha.

Definitivamente eu não conseguia decifrar aquela mulher e isso estava me deixando maluco, a ponto de me fazer a deixá-la sozinha, correndo perigo, para ir a um bar me encontrar com duas vadias, com as quais teria transado e gozado até ficar fraco se Abby não tivesse aparecido. Não porque as quisesse de verdade, ou porque fosse um pervertido e sim porque eu precisava aliviar esse tesão absurdo que me tomava cada vez que eu olhava para a mulher dormindo ali em meus braços, com a bunda molhada do meu esperma.

Apesar do que, nada justificava eu tê-la deixado sozinha para ir àquele maldito bar, havia agido como um verdadeiro cretino e devia desculpas a ela por isso. Eu nunca havia agido assim com uma mulher, como também nunca tinha sido rejeitado por uma, Abby estava sendo a grande exceção e com isso estava conseguido me mudar, me fazendo perder o autocontrole, ao me rejeitar de forma tão fervorosa. A forma como ela agiu na cabana, insinuando que tentei forçá-la — embora talvez meu desejo exacerbado tivesse me levado perto de fazer isso — deveria ter sido a gota d'água, mas tive que tentar de novo, motivado pelo descontrole ao qual ela me levava, só que desta vez foi a última, mesmo que eu morresse de tesão, voltaria a tocá-la apenas

quando ela me pedisse. E se não pedisse, eu daria um jeito de sufocar tudo o que sentia por ela.

Quando me movi sobre a cama, fazendo menção de me levantar, Abby ficou completamente imóvel, como se quisesse me convencer de que estava dormindo e de que não percebera nada do que se passava ali.

Safadinha!

Quando deixei a cama, espantei-me ao ver no relógio de cabeceira que já passava das dez horas da manhã. Nós estávamos mesmo muito cansados para dormirmos até uma hora daquelas. Fui direto para o banheiro, tomei um banho quente e demorado, resolvi o problema da ereção que se recusava a se desfazer, lavei a cueca suja e vesti o jeans e a camiseta que usava há três dias, lembrando-me de que precisava comprar pelo menos uma muda de roupas limpas.

De volta ao quarto Abby continuava dormindo, ou pelo menos fingindo, eu não tinha certeza. Como um bobo hipnotizado, coloquei-me em pé ao lado da cama e passei a observar o seu rosto, tão lindo que eu podia ficar ali parado por dias olhando-a e não me cansaria. Tinha a pele translúcida, desprovida de qualquer imperfeição, os olhos eram grandes, mesmo estando fechados, os cílios longos, as sobrancelhas bem desenhadas, os cabelos sedosos e volumosos emolduravam sua face e se espalhavam sobre o travesseiro, a boca era pequena como de uma boneca e parecia implorar por um beijo, só que eu não a beijaria mais, pelo menos não até que ela me pedisse, pois precisava recuperar a minha dignidade. Eu havia passado por um pervertido por duas vezes perto dela e pretendia mudar esse jogo.

Eu ainda estava lá parado, observando-a, como um obcecado, quando seus olhos azuis se abriram e focaram o meu rosto. Não vi surpresa neles, como deveria haver se ela realmente estivesse dormindo e não soubesse que eu estava ali.

— Bom dia dorminhoca.

— O que você faz aí parado me olhando? Ainda está bêbado? — Ela soltou um longo bocejo e sorri.

— Não, estou sóbrio. Aliás, quero te pedir desculpas por ter saído e te deixado aqui sozinha ontem a noite. Eu fui um babaca.

NACIONAIS-ACHERON

— É, você foi.

— Isso não vai acontecer de novo. — Ela se espreguiçou, mas não se levantou. — Aconteceu alguma coisa diferente enquanto dormíamos? — Não consegui disfarçar o tom malicioso e vi seu rosto lindo assumido um tom vermelho que a deixava ainda mais encantadora.

— Como assim alguma coisa diferente? Me dá um exemplo. — Aquela era Abby sendo dissimulada, fingindo não compreender que eu falava sobre ter tido um orgasmo enquanto ela esfregava a bunda no meu pau durante o meu sono.

— Esquece, isso é bobagem. Vou sair para comprar alguma coisa pra gente comer e roupas para trocarmos, se não daqui a pouco estaremos atraindo moscas com essas roupas sujas. Será que tem alguma possibilidade de você me ouvir pelo menos uma vez na vida e ficar trancada no quarto até eu voltar?

— Eu não vou a lugar nenhum. Prometo.

— Isso é sério, Abby, você não pode sair por aí sozinha, se já é perigoso quando estamos juntos imagina se estivermos separados, isso ia facilitar muito as intenções daqueles caras.

Vi todo o seu corpo estremecer de medo e me arrependi por ter pronunciado tais palavras.

— Não vou sair desta cama até você voltar eu prometo. Só não demora, tá cara.

Concordei com o gesto de cabeça, peguei o dinheiro que havíamos roubado do motorista e deixei o quarto.

Foi fácil encontrar uma lanchonete onde comprei dois cafés com bolinhos, mas encontrar uma loja de roupas parecia impossível, parecia não haver nenhuma na pequena cidade. Por fim, depois de muito perguntar, achei uma sacoleira que vendia em sua própria casa, onde comprei duas mudas de jeans e camisetas para mim e para Abby. Havia alguns vestidos sexys que ficariam lindos nela, mas eu sabia que ela se recusaria a usá-los.

De volta ao hotel, como já era de se esperar, Abby não havia cumprido a sua palavra de ficar na cama até eu voltar, havia levantado e tomado banho,

NACIONAIS-ACHERON

pelo menos não tinha saído do quarto. Se encontrava diante do espelho, tentando secar os cabelos volumosos com uma toalha, enquanto seu corpo salpicado de água estava enrolado em outra.

Fiquei de pau duro ao olhar seu corpo esguio e delicado dentro daquela toalha branca minúscula. Minha vontade era de arrancar a peça com os dentes, jogá-la sobre a cama e fazê-la gozar no meu pau e na minha língua até que ela ficasse toda mole.

Não era apenas um desejo comum que eu sentia por aquela garota, o que Abby despertava em mim era muito maior, era algo quase animalesco, talvez pela ausência de outras garotas à minha disposição com quem eu pudesse transar, como eu costumava ter, talvez pelo tempo prolongado sem sexo, ou talvez por ela ser diferente de todas as outras mulheres que já conheci, com aquele jeito de menina certinha, mas com o fogo de uma mulher quente, o que eu sentia era intenso demais, chegava a ser quase uma loucura. E o fato de ela me rejeitar tão ferrenhamente estava me deixando quase doente.

CAPÍTULO XIII

— Roupas limpas e café. — Depositei tudo o que havia comprado sobre a mesinha no canto e tentei voltar minha atenção para qualquer coisa no quarto que não fosse aquela mulher.

Animada com as novas aquisições, ela agradeceu, pegou as roupas do seu tamanho e correu para o banheiro. Saiu de lá vestindo o jeans colado e a camiseta que serviram perfeitamente.

— Nossa! Serviram certinho. Como você sabe o meu tamanho?

— Não sei, acho que já memorizei o seu corpo.

Vi seu rosto ficando vermelho, como se eu tivesse recitado um poema pornográfico e não apenas dito que já havia memorizado as curvas do seu corpo.

Nos acomodamos à pequena mesa, um de cada lado, e tomamos o café da manhã com um apetite medonho.

Precisávamos pensar sobre como sairmos dali, aquele lugar parecia seguro, mas não era, pelo contrário, um hotel na beira da estrada, em um local isolado, seria o primeiro local onde os russos nos procurariam se descobrissem a direção em que havíamos seguido com o helicóptero. Eu só não ia dizer isso a Abby para não deixá-la ainda mais assustada do que já estava.

Contudo, antes de mais nada, eu precisava telefonar para casa e saber como Kristen estava. Era início de noite na Austrália, ela ainda devia estar acordada. Então usei o telefone do dono do carro que roubamos para fazer a ligação e fiquei surpreso por ter sido Savana a atender o celular da minha irmã.

— Savana? O que está fazendo com o celular da Kristen? — Indaguei, tomado por um mau pressentimento.

— *Eu sinto muito, Cariel, ela não está bem. Foi hospitalizada hoje cedo, os médicos estão fazendo drenagem no pulmão, mas não têm certeza se ela*

vai sobreviver dessa vez. — Processei suas palavras e senti como se uma mão perfurasse a minha carne e arrancasse o meu coração do meu peito.

Com as pernas bambas, sentei-me na beirada da cama, mudo, a dor tomando conta de todo o meu ser — *Cariel, você ainda está aí?* — A voz de Savana partiu do outro lado da linha.

Percebendo que havia algo errado, Abby sentou-se ao meu lado e pousou uma mão em meu ombro.

— Como aconteceu Savana? Por que você está com o celular dela? Por que Alexander não está aí? — Em meio ao meu desespero eu proferia uma pergunta atrás da outra.

— *Eu fui visitá-la ontem à noite, ela não estava bem, me pediu para dormir lá e de manhã estava ainda pior, então chamei o médico e a trouxeram para o hospital. Passei o dia todo com ela e não vou sair daqui até que ela melhore. Você pode contar comigo, Cariel, pode ter certeza que Kristen não ficará sozinha.*

— E Alexander?! — Eu gritei, raiva e indignação se misturando a tudo mais dentro de mim.

Como ele podia ignorar o fato de que sua irmã estava morrendo? Como podia não ligar a ponto de Savana ter que ficar ao lado dela, mesmo não sendo da família? Como alguém podia ser tão cruel?

— *Ele esteve aqui na hora do almoço, ficou um pouco com ela, mas não demorou muito. Já foi embora. Mas não se preocupe, ela não vai estar sozinha, Cariel, eu vou estar aqui o tempo todo.*

Eu já esperava por isso. Aquele maldito não se preocupava nem um pouco com Kristen, era como se ela não fosse nada para ele, como se não tivesse o mesmo sangue correndo nas veias. Alexander estava provando, mais uma vez, que não se importava com nada nem com ninguém, só ligava para a sua ganância absurda, para dinheiro e o poder que conquistava mais a cada dia. Ainda bem que Savana estava lá, ou minha Kristen estaria completamente sozinha.

— Eu gostaria de falar com ela, Savana, leva o celular dela, por favor.

— *Ela não está acordada desde o início da tarde, mas os médicos dizem*

que está estável, acho que foi por causa da drenagem.

— Me promete que não vai sair daí, Savana. Me promete que não vai deixar ela sozinha. Me promete. — O desespero tomava conta de mim, sem que eu pudesse evitar.

— Eu prometo, Cariel. Você tem a minha palavra. Eu não vou sair daqui até você chegar. Agora me diz onde você está e quando volta. Nós estamos sentindo a sua falta.

— Ainda estou nos Estados Unidos, estava tentando conseguir a cura para Kristen, mas pelo visto falhei. — Minha voz saiu trêmula e só então me dei conta do quanto havia me desviado do objetivo que me trouxera aos Estados Unidos, por causa daquele desejo absurdo, quase doentio, que sentia por Abby. — Vou continuar tentando, ainda há esperança, mesmo que pouca. Eu não posso desistir, não posso deixar que ela morra assim.

— Você já fez tudo que podia ser feito. Se não tiver jeito volta pra casa, não coloca sua vida em risco também, eu tenho certeza que a sua presença aqui vai fazer com que ela melhore.

— Você não entende Savana, eu não posso desistir da única chance que ela tem. Agora vou desligar. Não ligue nesse número, pois o telefone não é meu. Ligo de novo assim que possível.

Com isto, encerrei a ligação.

Tomado pelo mesmo desespero que vinha me acompanhando desde que fiquei sabendo que minha irmã tinha um câncer no pulmão, afundei o rosto entre as mãos e deixei que as lágrimas rolassem pela minha face. Eu jamais me perdoaria se a perdesse, se fracassasse naquela missão de conseguir a cura, eu havia prometido a ela e a mim mesmo que não a deixaria morrer, eu não podia fracassar de jeito nenhum, tinha que conseguir, mas como, se a cada dia que passava aquela merda parecia mais distante de se alcançar? Encontrar o novo laboratório do Dr. Young não era mais o único desafio, eu precisava me livrar da perseguição dos russos, precisava conseguir o que fui buscar naquele país, não podia me permitir desistir.

Vagarosamente, Abby colocou-se em pé diante de mim, me fez erguer o rosto para encará-la, observou-me por um instante, com compaixão — como se não tivesse consciência de que parte da culpa por eu não ter conseguido a

NACIONAIS-ACHERON

cura era dela — e então abraçou-me, afundando minha face em seu peito.

Naquele instante eu quase a odiei, porque ela tinha o poder de ajudar Kristen, podia salvar sua vida e mesmo assim não fazia nada. Guiado por um impulso, a empurrei para longe de mim e levantei-me, dando-lhe as costas, sem conseguir olhar em seu rosto enquanto chorava.

— Ela está mal não é? — Abby indagou, com a voz pesarosa, como se se importasse, quando eu sabia que não era verdade.

— Sim. Ela teve uma crise grave, está hospitalizada — Virei-me de frente para ela e vi a piedade claramente estampada em seus olhos azuis ao observar o meu rosto banhado de lágrimas. — Mas o que te interessa isso? Você não se importa com a vida dela! Você não liga, Abby, pois não conhece a dor de perder um irmão! Você é fria como Alexander, não tem um coração dentro desse peito vazio. Você poderia ajudá-la e não ajuda. — Cuspi todas as acusações enquanto a encarava fixamente.

— Cariel, eu...

— Não me venha de novo com essa história de que não pode! — A interrompi, abruptamente. — Só me deixa em paz, ok? Me deixa ficar sozinho por um instante.

Esperei que ela saísse do quarto, mas ela continuou imóvel no lugar, observando-me com aquela piedade irritante e inútil. Então dei-lhe as costas novamente, evitando olhar em seu rosto e deitei-me na cama, fingindo que ela não estava lá, permitindo que a dor me consumisse o quanto pudesse, pois ela me tornaria mais forte, me faria mais obstinado a lutar para encontrar a cura para a minha irmã, para enfrentar a máfia russa ou quem mais se colocasse entre mim e a única chance que ela tinha de sobreviver.

Eu chorava como uma criança desolada, como havia chorado apenas quando meus pais morreram. Sem que eu esperasse, Abby deitou-se ao meu lado e me abraçou, aconchegando sua cabeça em meu peito, jogando uma perna e um braço sobre mim, como fazia quando dormíamos juntos. Procurei forças dentro de mim para afastá-la, pois naquele instante a considerava o inimigo mais próximo, por se negar a ajudar quando podia, mas não consegui, meu coração insistia em mantê-la perto, como se sua essência estivesse impregnada em mim, de uma forma irremediável e tudo o que

consegui foi abraçá-la de volta, apertando-a com força, como se aquele fosse o último instante da minha existência.

— Eu vou falar com Dr. Young, Cariel. — Declarou ela. — Vou tentar convencê-lo a fazer o experimento com Kristen o quanto antes, assim que ela puder viajar. Não sei se ele vai concordar, mas vou fazer de tudo para convencê-lo, você tem a minha palavra.

Fitei sua face linda tomado pela incredulidade e por um novo sopro de esperança. Se o Dr. Young concordasse, Kristen teria uma chance de sobreviver, sua única chance.

— Você faria isso por ela? — Indaguei, ainda sem conseguir acreditar.

— Sim, por ela e por você. Vou ligar para ele agora mesmo e vou convencê-lo mesmo que para isto precise ameaçar me demitir.

— Obrigado, Abby.

A apertei com tanta força contra meu corpo que tive a impressão de que ela não conseguia respirar. Permanecemos imóveis por um longo momento, gratidão e paixão se misturando dentro de mim, então a soltei, peguei o celular e lhe entreguei.

Abby telefonou primeiro para o serviço de informações, em busca do número do telefone do Centro Médico, depois ligou para a recepção, identificou-se e pediu que o seu telefonema fosse transferido para a sala do Dr. Young. Ao parar para ouvir a pessoa do outro lado da linha, seu rosto ficou subitamente pálido, seus olhos, naturalmente grandes, se arregalando ainda mais, tomados pelo mais profundo horror.

— O que houve Abby, você está bem? — Indaguei, preocupado com seu estado.

— Mas quando isso aconteceu? — Ela perguntou para a pessoa do outro lado da linha.

Ouviu por um momento, com aquela expressão de horror, levantou-se da cama e começou a caminhar de um lado para o outro do quarto, parecendo aflita, angustiada, enquanto a pessoa do lado de lá continuava falando. De vez em quando Abby fazia uma pergunta e cada resposta parecia mais macabra e longa que a anterior.

Por fim ela encerrou a ligação e sentou-se na beirada do colchão, imóvel como uma estátua, o rosto pálido, o olhar chocado, perdido no vazio à sua frente.

— Me diz logo o que aconteceu, Abby. Você está me deixando maluco. — Exigi, preocupado, sentando-me ao seu lado.

— Os russos invadiram o laboratório de novo, mataram o Dr. Young e dessa vez conseguiram o que queriam: levaram tudo o que tínhamos, as pesquisas, os equipamentos, as fórmulas, tudo em que trabalhamos nos últimos dois anos. — Sua voz estava baixa, mortificada. — Agora a cura para o câncer será descoberta pela Rússia, nós perdemos tudo.

Senti minhas esperanças de salvar Kristen esvaindo-se de mim como se todo o meu sangue fosse drenado do meu corpo, uma angústia dolorosa enchendo meu peito pela certeza, quase absoluta, de que eu perderia a minha irmã, a quem vi nascer e crescer, para quem fui a única família desde que perdemos os nossos pais. Eu não podia acreditar que depois de todo o esforço que havia feito para salvá-la ia acabar perdendo-a.

Caralho! Se existisse uma forma de trocar a minha vida pela dela, eu faria isso, pois a morte parecia muito pouco diante da dor que me tomava naquele momento.

— Como eles encontraram a nova sede do laboratório? O Dr. Young não a havia mudado? — Indaguei, intrigado.

— Ninguém sabe de nada ainda. Tudo aconteceu ontem à noite. Como sempre, o Dr. Young estava trabalhando até mais tarde, sozinho, quando o laboratório foi invadido. A inteligência da CIA foi acionada para investigar o caso, mas a pessoa com quem falei quase não tem informações, nem para a imprensa o caso foi divulgado.

Lembrei-me dos amigos traiçoeiros que ela tinha, estava na cara que ela havia comentado com eles sobre a localização da nova sede e eles haviam vendido essa informação aos russos, da mesma forma como a venderam para mim quando decidi me aproximar para obter as respostas que precisava.

— Você contou a Melissa e ao Norman onde ficaria a nova sede?

Abby encarou-me depressa, os olhos desconfiados.

— Sim, devo ter comentado alguma coisa, mas eles são de confiança, eu os conheço desde a faculdade, são meus amigos, jamais dariam essa informação a alguém.

Imaginei o quanto ia doer nela o que eu tinha a lhe dizer sobre aqueles dois.

— Eu sinto muito ter que te dizer isso, Abby, mas aquelas pessoas não são suas amigas. Foram eles que me levaram até você quando eu quis obter as informações de que precisava.

— Como assim? Do que você está falando? — Ela levantou-se e afastou-se de mim.

— Eu sei que é difícil ouvir isso, mas eles sempre tiveram inveja de você, pelo sucesso que você tem na sua carreira enquanto eles não passam de dois fracassados. Eu percebi isso logo nos primeiros dias em que começamos a observar vocês. Eles sempre quiseram ser como você, queriam ter uma carreira próspera como a sua, mas não conseguiam sair do lugar, então ofereci dinheiro a eles e também vagas de empregos na área de cada um para que armassem um encontro entre nós dois. — Abby ficava mais pálida a medida que eu revelava-lhe a verdade. — Nós nos conheceríamos em um bar, na noite anterior ao dia em que fizemos contato pela internet. Você deve se lembrar que os dois se esforçaram bastante para te convencer a sair com eles naquela noite, não é? Como não deu certo, tivemos a ideia de criarmos o perfil na internet. Puxe pela memória, Abby, a minha fotografia foi a primeira que Melissa te mostrou e insistiu para que você retornasse as minhas mensagens.

Como se processasse vagarosamente cada palavra que saía da minha boca, Abby voltou a sentar-se na beirada da cama, pálida, imóvel como uma estátua, os olhos vidrados no vazio a sua frente, a boca entreaberta, como se estivesse em estado de choque. Eu podia imaginar o quanto aquelas revelações estavam sendo difíceis para ela, afinal Melissa e Norman eram os únicos amigos que tinha. Eles e o do Dr. Young, que agora estava morto, pareciam ser a única família que ela possuía. Era lamentável constatar que Abby não tinha mais ninguém no mundo, porém se algum dia ela me aceitasse, eu seria seu pelo resto da minha vida.

— Meu Deus! Como pude ter sido tão estúpida? Como nunca percebi nada disso? Eu sempre achei que eles eram perfeitos, acreditava que eram felizes por terem um ao outro, enquanto eu não tinha ninguém. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu sempre os invejei, invejava o amor que os tornava tão unidos e completos, mas jamais os trairia de forma tão cruel. Eu seria incapaz de uma coisa dessas.

— Eu sei, Abby, você não é como eles. Você é boa e eles não são, simples assim.

Tomados pela mesma dor, por motivos diferentes, nos entregamos a um abraço apertado e caloroso, como se encontrássemos um no outro uma tábua de salvação em meio àquele mar de tormentos no qual nos encontrávamos mergulhados até a raiz dos cabelos. Eu queria poder beijá-la demoradamente, acariciar o seu corpo inteiro, deitá-la naquela cama e fazê-la minha, mas eu não podia, havia prometido a mim mesmo que não tentaria mais possuí-la até que ela me pedisse. Então, sufoquei o desejo que corria quente em minhas veias e me desvencilhei do abraço, antes que perdesse o controle de novo.

— O que vamos fazer agora? — Abby indagou. — Minha nossa, eu me sinto tão perdida! Ainda não posso acreditar que o Dr. Young está morto, ele era como um pai para mim e o trabalho que fizemos no laboratório era tudo o que eu tinha. Agora tudo o que tenho é a sensação de que minha vida foi reduzida a nada. Não tenho mais ninguém, não tenho nada — Seu desespero parecia crescer dentro de si.

— Parece que não estamos tendo o melhor dia das nossas vidas, não é?

Ela me olhou rapidamente e um silêncio profundo, pesaroso, carregado de tristeza e de angústia, instalou-se no quarto, como se cada um de nós vivesse seu próprio luto, porém, para Kristen talvez ainda houvesse esperança, se Abby fosse para a Austrália comigo e recriasse a fórmula na qual passara dois anos trabalhando, talvez minha irmã conseguisse escapar da morte, como outros pacientes terminais conseguiram. Seria praticamente esperar por um milagre, embora não deixasse de ser uma possibilidade, muito remota, mas ainda assim uma possibilidade de salvar a vida da minha irmã.

Com tais pensamentos, aproximei-me novamente de Abby, agachando-me no chão, diante dela, a fim de nivelar nossos rostos, segurei suas mãos entre

as minhas e a fitei diretamente nos olhos.

— Venha para Austrália comigo, Abby. Lá ambos estaremos seguros, os russos não poderão nos alcançar, pois teremos o governo do nosso lado e você não estará sozinha.

— Cariel, eu adoraria ir com você, mas sei que você não está me pedindo isso porque me quer por perto e sim porque espera que eu recrie a fórmula inibidora do câncer para Kristen, só que isso não é possível sem todas as pesquisas que havia no computador do laboratório. Eu gostaria realmente de ajudar, mas precisaria de todos os dados que foram levados do nosso computador.

— Você pode tentar. Os médicos da Austrália têm equipamentos modernos e também fazem pesquisas relacionadas ao câncer, você pode orientá-los. Com a sua ajuda, com a sua orientação, vocês vão conseguir, eu tenho certeza. Não sei se Kristen vai viver tempo suficiente para esperar, mas acho que devemos tentar.

Seus olhos lindos novamente se encheram de lágrimas. Ela refletiu por um longo momento de silêncio antes de falar.

— Não há mais nada aqui para mim, não é mesmo? — A tristeza estava evidente no tom da sua voz, uma tristeza tão desoladora quanto aquela que jazia dentro de mim.

Como aconteceu comigo quando perdi os meus pais, ela acabara de perder todas as pessoas que considerava ser a sua família, Melissa, Norman e o Dr. Young, a diferença era que eu ainda tinha Kristen. Ainda.

— Não é só por isso, Abby, e tampouco é só porque você pode ajudar Kristen, eu quero sim ter você por perto, como pode duvidar disso? Como pode ter uma visão tão depreciativa de si mesma, se é uma das pessoas mais incríveis que já conheci?

— Não precisa me elogiar, Cariel, eu vou para Austrália com você, vou tentar recriar a fórmula para Kristen, embora tenha quase certeza de que isso não seja possível.

Demorei um instante para me certificar de que a tinha ouvido direito. Ela realmente disse que ia para Austrália comigo? Ah, minha nossa, ela

realmente disse! Havia esperança de salvar a vida da minha irmã, muito remota, mas era melhor que nada.

CAPÍTULO XIV

Emocionado, a tomei novamente em meus braços, com ternura e a apertei forte contra o meu corpo, apreciando o seu calor gostoso mais do que já apreciei qualquer coisa nessa vida. Mais uma vez desejei poder tocá-la intimamente, beijar sua boca linda até deixá-la sem fôlego, levá-la para a cama e torná-la minha, fazer de tudo o que um homem fazia para dar prazer a uma mulher, mas não podia, então a soltei contra a minha vontade e me afastei.

— Você não vai se arrepender, Abby. Você pode reconstruir a sua carreira na Austrália. Vai gostar da nossa gente e da nossa cultura, eu tenho certeza que é lá que está sua verdadeira felicidade. Agora só precisamos pensar em uma forma deixarmos os Estados Unidos em segurança.

Aquela ia ser a parte mais difícil, pois eu não fazia ideia de como conseguir passaportes falsos, dinheiro vivo, ou mesmo uma forma de chegarmos até o aeroporto sem sermos localizados e mortos pelos russos.

— Como assim? Os russos já conseguiram que queriam, já pegaram a cura. Eles não devem estar mais atrás de nós. Além do mais você disse que é rico, pode pedir ao seu irmão ou a essa tal de Savana que envie dinheiro para você.

— Quem me dera as coisas fossem assim tão simples. Aqueles russos jamais desistirão de nos matar, para eles é uma questão de honra, porque você os desobedeceu ao travar aquelas malditas portas e porque eu os enganei e sei demais sobre eles, aliás nós somos as únicas testemunhas de que foram eles quem saquearam o laboratório, o que torna nossa cabeça ainda mais valiosa para eles que antes. — A palidez voltava ao rosto de Abby a medida que ela me ouvia, mas ela precisava saber que ainda corríamos risco de vida, mais até que antes. — Aqueles homens não são bandidos comuns, eles matam pela honra. Eu posso apostar como estão monitorando cada transação bancária feita nesse país, cada aeroporto, cada sistema operacional, esperando que meu nome apareça em qualquer um desses lugares e onde meu nome aparecer eles vão estar lá, prontos para terminarem o que começaram. Por isso não posso

receber dinheiro da Austrália, certamente eles já conhecem a minha verdadeira identidade e esperam que eu faça exatamente isso. O único lugar onde estaremos seguros será no país onde nasci, pois tenho amigos no governo e o governo australiano pode se livrar deles num estalar de dedos.

— Caramba! Como vamos sair daqui, então? Como vamos a parte alguma, Cariel? Estamos praticamente presos aqui, o dinheiro que roubamos mal dá para algumas refeições e mais uma noite no hotel.

— Eu não sei ainda, mas vou dar um jeito nisso. Talvez possamos roubar algumas armas dos caminhoneiros, enquanto eles estiverem no bar e assaltar um banco.

Eu nem sabia de que parte obscura da minha mente aquela ideia absurda havia saído, mas até que não era um plano assim tão ruim. Com o dinheiro de um assalto a banco poderíamos falsificar documentos e comprar as passagens para a Austrália sem problema algum.

— Você está falando sério, ou surtou de repente? — Abby parecia escandalizada e quem podia culpá-la?

— Não sei, acho que estou começando a surtar. Precisamos pensar, deve haver outra saída, mas se não houver devemos levar o assalto em consideração. — Eu só podia estar ficando louco, mas foi exatamente o que pensei quando decidi me infiltrar na máfia russa e ali estava eu fugindo deles.

Abby respirou fundo, hesitou várias vezes antes de começar a falar, até que por fim permitiu que as palavras atravessassem sua garganta.

— Eu acho que sei como podemos fazer isso, mas não vai ser fácil — Assenti com um gesto de cabeça, incentivando-a a continuar. — Conheço pessoas que talvez possam nos ajudar, se pagarmos.

— Que pessoas são essas?

— Minha mãe e meu padrasto. — Era novidade para mim que ela tivesse uma mãe e um padrasto. — Não quero que você fique chocado com o que vai ouvir agora, mas eles fazem parte de uma grande quadrilha de traficantes de drogas em Nova Iorque. Na verdade, acho que comandam essa quadrilha e têm armas suficientes para nos levar em segurança até o aeroporto, além do que podem conseguir documentos falsos e dinheiro para viajarmos.

Como a mãe de uma pessoa tão certinha podia ser traficante de drogas? Eu estava atônito.

— É sério isso? Sua mãe é traficante de drogas?

— Não me olha com essa cara, eu te disse para não ficar chocado — Suspirou consternada, como se fosse confessar um crime, antes de continuar. — Não sou a pessoa certinha que você pensa, já errei muito nessa vida, mas acertei também e o meu maior acerto foi ter saído de casa cedo o bastante para estudar e fazer aquilo que amo que é a medicina.

— Eu não estou chocado, e também não estou te julgando, jamais faria isso. Só estou surpreso. Achei que você fosse filha de uma família evangélica, dessas bem rigorosas, que te obrigavam a estudar o dia todo e não te deixavam sair de casa, te forçando a ficar o tempo todo na frente da televisão.

Seu rosto lindo se iluminou com um sorriso amplo, o que contribuiu para amenizar um pouco aquela atmosfera mórbida que parecia impregnada no ambiente.

— Você ia ficar espantado se eu te falasse como fui concebida.

— Me fala, agora fiquei curioso.

— Promete que não vai me julgar por nada do que eu te disser?

— Lógico que prometo, eu jamais julgaria você por nada.

— Eu nunca falei sobre isso com ninguém antes.

— Pode falar comigo, pode confiar em mim.

Ela assentiu respirou fundo mais uma vez e voltou a falar, deixando-me mais surpreso e estupefato a cada palavra que proferia.

— Minha mãe era garota de programas em Nova Iorque quando era jovem, primeiro teve o meu irmão Jonathan, sem fazer ideia de qual dos seus clientes era o pai dele, depois engravidou de mim, da mesma forma, sem saber qual dos homens com quem transava era meu pai. Eu tinha nove anos quando ela conheceu o cara com quem vive até hoje, ele era um traficantezinho de esquina quando os dois foram morar juntos no Brooklin, ela o ajudou a crescer, pois tinha muitos contatos, conhecia muitos homens

ricos, os caras com quem trepava por dinheiro. Começaram vendendo drogas em grande quantidade por um preço acima do habitual para esses homens e assim foram crescendo até se tornarem os donos da maior quadrilha de tráfico de drogas da cidade. Meu irmão começou a participar dessa coisa desde que tudo começou, tinha vinte e três anos quando foi assassinado por uma quadrilha rival. A essa altura eu já havia saído de casa e não consegui vê-lo nem mesmo dentro do caixão — Havia dor no tom da sua voz, a angústia se refletia na expressão do seu olhar. — Eles queriam que eu fizesse parte de tudo aquilo também, mas sempre me recusei. Vivia como uma criminosa, escondida dentro de casa, fugindo do assédio do meu padrasto, das tentativas deles de me tornar em uma traficante e me dedicando quase que integralmente aos estudos. Eu não estudava apenas para me tornar alguém na vida, mas principalmente para fugir daquela realidade maldita. Quando completei dezessete anos e fui aceita na universidade do Texas, roubei praticamente toda a droga que eles tinham guardada e vendi para um traficante rival, foi assim que consegui o dinheiro para pagar a faculdade. Desde então não tive mais contato com os dois, falava de vez em quando com Jonathan, mas falhei em convencê-lo a abandonar aquela vida.

Eu estava de queixo caído. De todas as coisas que eu podia imaginar sobre Abby a última delas seria que uma garota tão doce, tão certinha e tão careta fosse capaz de roubar as drogas de um traficante perigoso e vendê-las para o seu rival. Eu não conseguia nem imaginá-la fazendo uma coisa dessas.

— Se você não fala com eles desde os dezessete anos e fugiu depois de tê-los roubado, o que te faz acreditar que eles vão nos ajudar a ir para Austrália?

— Eu não sei se eles vão ajudar, mas eles me devem isso, principalmente minha mãe. Ela me deve uma retratação por quase ter transformado minha vida em um inferno e principalmente por ter colocado meu irmão em uma situação que o levou à morte. Essa é a chance que ela vai ter de se retratar comigo. Além do mais você vai pagar, transfere o dinheiro depois que chegarmos à Austrália. Essa gente faz qualquer coisa por dinheiro, até ajudar alguém de quem não gostam.

— Eu sinto muito pelo seu irmão, sinto de verdade.

— Pelo menos foi rápido com ele.

Entendi que ela quis dizer que pelo menos não teve que vê-lo morrendo aos poucos, como eu estava vendo Kristen e só então compreendi que a perda do irmão a estava motivando a ir para Austrália comigo tentar salvar a vida da minha irmã.

— Você quer ligar para a sua mãe? — perguntei e vi seu corpo estremecer.

— Agora não. Preciso me preparar primeiro, afinal são sete anos sem nos falarmos. Eu prometo que até a noite vou ligar.

— Tudo bem, mas não podemos ficar aqui, o dono desse celular já deve ter chamado a polícia, talvez os russos estejam rastreando o número desde que você ligou para o Centro Médico.

— E como vamos sair daqui sem dinheiro? Vamos ter que roubar outro carro?

— Não. Tenho uma ideia melhor, vamos pedir carona a um dos caminhoneiros. Nós dois juntos não tem perigo.

Abby

Encerramos a conta do hotel ao meio-dia bem a tempo de não sermos obrigados a pagar por mais uma diária, comemos sanduíches no bar ao lado, o qual durante o dia funcionava como um restaurante para caminhoneiros e depois nos sentamos sob a estrutura do posto de gasolina, próximos às bombas de combustível, carregando a mochila com as poucas peças de roupas que possuímos e o revólver. Não que pretendêssemos assaltar alguém, o plano era pedir carona a um dos caminhoneiros que iam para o norte, porque era naquela direção que ficava Nova Iorque, onde minha mãe morava.

Os caminhões paravam um atrás do outro, abasteciam e seguiam viagem. Pretendíamos pedir carona a qualquer um deles, entretanto, Cariel se recusou a pedir ao primeiro que parou, porque o achou muito mal encarado, disse que poderia ser um bandido perigoso. Ele também não quis pedir ao segundo, alegando que este havia olhado para mim com malícia, algo que não percebi. Quanto ao terceiro, de acordo com Cariel, mantinha a cabine do seu caminhão muito suja por fora, de modo que supostamente estaria do mesmo jeito por dentro. Quando percebeu que estávamos perdendo tempo com aquela seleção descabida, ele decidiu conversar com quarto motorista que parou, um sujeito magro e baixinho, com uma expressão mais suavizada que os outros. Pediu que nos levasse, mas o homem pareceu ficar desconfiado e se recusou, quando então cheguei à conclusão de que precisávamos inventar alguma história para justificar o fato de estarmos pedindo carona naquele fim de mundo.

O caminhão que parou para abastecer em seguida, era enorme estava limpo, o motorista não era mal encarado e não me olhou com malícia, portanto estava aprovado por Cariel. Nos aproximamos dele juntos, inventamos que éramos recém-casados e estávamos em viagem de lua de mel, mas havíamos sido assaltado, já tínhamos dado queixa na polícia, mas não conseguimos recuperar nossas coisas, inclusive nosso carro.

Compadecido com aquela história inventada, o motorista acabou concordando em nos levar.

Do lado de dentro, a boleia o caminhão era ainda maior, possuía inclusive

NACIONAIS-ACHERON

uma cama atrás dos assentos, oculta por uma cortina, na qual Cariel se sentou, entre mim e o motorista, enquanto eu ocupava o assento do carona próximo à janela. O ambiente ali dentro era limpinho e agradável, havia inclusive um sachê de morango que espalhava um cheirinho gostoso pelo ar.

A princípio a viagem foi tensa, havia desconfiança por parte do motorista em relação a nós e de nós em relação a ele, entretanto, com o passar do tempo a conversa foi fluindo naturalmente entre nós e aos poucos acabamos percebendo que aquele motorista se tratava de um sujeito solitário. Descobrimos que vivia na estrada há quase trinta anos, longe da família durante as longas viagens, sozinho, sem ninguém com quem conversar, de modo que nossa companhia estava sendo um privilégio para ele. Se chamava Joe e ao relatar seu cotidiano, nos revelou uma realidade completamente desconhecida, pelo menos para mim. Eu não fazia ideia e nunca havia parado para pensar no quão solitária poderia ser a vida de um caminhoneiro que vivia pelas estradas do país. Isso explicava o fato de que havia tantas garotas seminuas naquele bar, elas se aproveitavam da carência afetiva deles para arrancar o seu dinheiro, uma troca justa, considerando que elas ofereciam aquilo que eles não tinham tempo de conquistar de graça, já que nunca ficavam parados por muito tempo no mesmo lugar.

A medida em que a conversa ia se tornando mais solta, mais descontraída, a nostalgia que nos tomava desde aquela manhã ia amenizando, o pesadelo ia ficando para trás, embora jamais pudesse ser esquecido. Eu jamais apagaria da minha memória a expressão que vi no rosto de Cariel quando ele ficou sabendo que Kristen havia piorado e estava hospitalizada, jamais me esqueceria do seu rosto banhado de lágrimas, da angústia refletida em seus olhos lindos, da dor evidente em sua fisionomia. Quando o vi naquele estado, desolado, me senti verdadeiramente, egoísta, o último dos seres humanos, por jamais ter cogitado ajudá-la quando poderia, por não ter tomado antes a decisão de tentar convencer o Dr. Young a atendê-la separadamente, com antecedência à aplicação do procedimento normal, separada dos demais pacientes.

No curso de medicina eu havia aprendido que um profissional da saúde jamais deveria se deixar guiar por suas emoções, jamais deveria tomar decisões médicas baseadas em seus sentimentos, afinal não se podia ajudar

todo mundo que nos comovia, contudo, eu só conseguia me sentir horrível por negar ajuda à irmã de Cariel, não apenas pelo fato de que ele havia salvado a minha vida quando os russos enviaram aquele homem para me matar, mas porque havia algo muito forte que me ligava aquele homem, uma energia poderosa que eu não conseguia decifrar, ou sequer compreender. Se esse sentimento fosse paixão, eu estaria verdadeiramente ferrada, pois com a sorte que eu tinha era bem fácil descobrir que ele era casado assim que colocasse os pés na Austrália.

Depois de vê-lo tão devastado, eu não era mais capaz de me negar a tentar ajudar Kristen, embora soubesse que era quase impossível recriar a fórmula na qual vários cientistas experientes passaram dois anos trabalhando, eu tentaria apenas em nome do remorso que me tomava por não ter me prontificado a ajudar antes e em nome daquele sentimento desconhecido que me prendia cada vez mais a Cariel.

Ver o estado em que ele ficou quando soube que Kristen havia piorado, foi apenas o início do meu pesadelo naquela manhã, eu havia perdido as pessoas mais importantes da minha vida, o Dr. Young, a quem considerava um pai, Melissa e Norman, meus melhores amigos. Eu ainda não conseguia acreditar completamente que eles haviam me traído de forma tão baixa e vil, era difícil entender tais atitudes depois de tantos anos de convivência, depois de tanto tempo acreditando que eles eram a minha família. Era praticamente impossível acreditar que foram capazes de entregar a localização do laboratório aos russos em troca de dinheiro e o que era pior: de me deixar ir encontrar Cariel mesmo sem conhecê-lo, sem saber quais eram as intenções dele, colocando a minha vida em risco.

Como foram capazes de uma coisa tão terrível? Eu não conseguia compreender, mas os seres humanos realmente são difíceis de decifrar, nunca me passou pela cabeça que Melissa e Norman fossem tão inescrupulosos.

Nas horas que se seguiram, descobrimos que viajar de carona com um caminhoneiro era a melhor forma de se fugir pelo país, tanto da polícia quanto de bandidos, pois não éramos parados em lugar nenhum, nem nas barreiras policiais, nem nas fronteiras entre estados, era como se fôssemos invisíveis.

Como não pensamos naquilo antes? Poderíamos chegar até Nova Iorque

NACIONAIS-ACHERON

desta forma, entretanto, antes de irmos até lá eu precisava ligar para minha mãe e saber se eles nos ajudariam, ou mesmo se nos receberiam, não podíamos simplesmente chegar assim de repente sem avisar, visto que aquelas pessoas eram perigosas e imprevisíveis.

Por volta das nove horas da noite, nos encontrávamos em algum lugar do estado de Arkansas, quando o motorista parou para pernoitar, em uma parada de caminhoneiros tão isolada quanto aquela na qual estivemos anteriormente, um lugarzinho perdido no meio do nada, onde havia apenas um posto de gasolina, um restaurante, um pequeno hotel e algumas poucas moradias.

Usamos o pouco dinheiro que nos restava para alugarmos um quarto e comprarmos os sanduíches que nos serviram de jantar. Após tomar um banho quente demorado, vestir roupas limpas e me alimentar, eu finalmente me sentia preparada para telefonar para a minha mãe, não que estivesse pronta para falar com ela, isso eu jamais estaria, mas não havia outra saída, precisávamos da ajuda dela, eu tinha que engolir a minha dignidade e pedir.

Como havíamos deixado o celular roubado para trás, tivemos que sair do hotel para usarmos o telefone público que havia próximo ao posto. Não precisei nem recorrer à lista telefônica, pois o número do celular dela era o único que eu tinha memorizado. Como se adivinhasse que eu precisava do seu apoio naquele instante e que aquele era um momento difícil para mim, Cariel segurou minha mão depois que disquei os números e permaneceu o tempo todo ao meu lado, reconfortando-me com sua proximidade, a qual eu apreciava mais qualquer outra coisa.

— *Alô.* — Minha mãe atendeu no terceiro toque, sua voz familiar, se sobressaindo ao barulho de uma música agitada que tocava ao fundo, despertou-me uma raiva quase doentia, ao invés do afeto que uma filha deveria sentir pela mãe.

Em questão de minutos, repassei mentalmente todos os acontecimentos que me levaram a odiá-la, lembrei-me de quando era criança e ela me deixava sozinha à noite para ir se prostituir; de quando atingi a puberdade e ela insistiu para que eu me prostituísse também, a fim de aumentar nossa renda; lembrei-me das surras que levei por me recusar a participar do tráfico de drogas depois que ela foi morar com aquele homem, como o meu irmão participava; de todas as vezes em que falei para ela que o homem com quem

NACIONAIS-ACHERON

vivia me visitava a noite, no meu quarto e tentava me tomar à força, ela simplesmente me ignorava, fingindo não acreditar em mim, quando no fundo eu sabia que ela tinha certeza de que era verdade, só não queria perder o amante. Lembrei-me também da morte do meu irmão, causada pelo tráfico de drogas no qual ela o inseriu. Foram necessários poucos minutos para que eu me lembrasse de todas as razões pelas quais a odiava, de modo que não sobrou espaço em meu íntimo para mais nada que não o ódio descomedido que eu nutria por ela.

CAPÍTULO XV

— Olá mãe, sou eu, Abby. Como você está?

Ela ficou calada por um longo momento, como se digerisse a informação, só não achei que tivesse desligado porque continuava ouvindo o som da música agitada ao fundo.

— *Você está mesmo interessada em saber como eu estou, ou só perguntou por causa de um cumprimento clichê?*

Ela sabia que eu pouco me importava em como ela estava, de modo que não precisei confirmar a sua suspeita.

— Estou em apuros. Preciso da sua ajuda. — Jamais, durante todos aqueles anos longe de casa eu esperei que um dia diria uma coisa dessas, mas nas atuais circunstâncias não havia outra opção.

— *Ora, ora, ora, eu sabia que um dia você ia precisar de mim. O mundo dá mesmo muitas voltas, não é?* — Amaldiçoei a mim mesma por estar ligando para aquela vaca. — *Mas me diga o que posso fazer por você, criança.*

Fiz um relato detalhado de tudo o que estava acontecendo, começando pelo dia em que conheci Cariel através da internet, passando pelo ataque ao laboratório, pelo fato de que Cariel salvara a minha vida quando os russos enviaram um matador para acabar comigo. Falei também sobre a sua irmã doente e finalmente lhe contei que a máfia russa estava nos caçando e que a nossa única saída seria deixar o país, levando documentos falsos, dinheiro para viagem e proteção para chegarmos até o aeroporto em segurança.

— *Minha nossa! Você se envolveu em uma encrenca das grandes!*

— Cariel é rico, pode pagar a vocês depois que estivermos em segurança na Austrália, basta que digam seu preço. E então, vai me ajudar ou não?

— *E mesmo quando está no sufoco não abaixa esse nariz prepotente, não é mesmo, Abby? Continua com a arrogância de sempre.* — Seu tom era ríspido e só serviu para atizar ainda mais o ódio dentro de mim.

— Mãe, eu sei que você me odeia, mas não é hora para demonstrar isso, você já perdeu um filho não espere para me perder também.

Pude ouvir o suspiro prolongado dela do outro lado da linha e quando voltou a falar, sua voz estava mais suavizada.

— *Eu não sei se vou poder te ajudar, preciso antes conversar com o Mário, tudo depende dele, a decisão dele será a minha decisão. Conversarei com ele agora, me liga daqui a uma hora e eu te dou uma resposta.*

Com tais palavras, ela encerrou a ligação.

Minha cara devia estar expressando exatamente a indignação que eu sentia quando desliguei o telefone e fitei Cariel dentro dos olhos, pois ele me puxou para junto do seu corpo com afeto, abraçando-me apertado, afundando o rosto no alto da minha cabeça. Inebriada pelo seu calor gostoso, o abracei de volta, descansando minha cabeça em seu peito largo, como se ele fosse meu porto seguro.

— Ela me disse para ligar daqui a uma hora, vai falar com o marido para ver se vão nos ajudar. — Declarei — Você acha que podemos confiar neles? — Cariel indagou, ainda abraçado a mim.

— Definitivamente não são pessoas de confiança, mas são a nossa única opção no momento. Ou é isso, ou teremos que assaltar um banco como você sugeriu antes.

— Espero que não tenhamos que chegar a tanto. Sua mãe pode ser má, mas ainda é sua mãe. Deve haver algum sentimento maternal dentro dela. Vamos contar com isso. Se não der certo, sobreviveremos como sobrevivemos da última vez. — Ele afastou-se do abraço, segurou-me pelos ombros e encarou-me. — Eu ainda tenho alguns dólares, tá afim de tomar uma cerveja enquanto passa essa hora?

Assenti e fomos para o bar ao lado do posto de gasolina. Era menor que o bar da cidade onde estivemos anteriormente, porém o clima era o mesmo, tocava música country em volume alto, a ventilação era precária, o ambiente estava repleto de fumaça de cigarros, impregnado por cheiro de cerveja, havia vários caminhoneiros jogando sinuca e bebendo e garotas seminuas que pareciam ter o objetivo único de arrancar o dinheiro deles. Todavia, a noite estava fria e fomos acolhidos pelo calor do lugar. Acomodamos-nos à uma

NACIONAIS-ACHERON

mesa de frente um para o outro e logo fomos atendidos pela garçonete que usava pouquíssima roupa. De acordo com ela, se estivéssemos hospedados no hotel poderíamos pagar nossa conta junto com a diária ao sairmos no dia seguinte, pois o proprietário era o mesmo.

— Bom, pelo menos podemos encher a cara se quisermos e sair amanhã de manhã de fininho sem pagar a conta. — Cariel falou, soltando uma gargalhada, tão logo a garçonete afastou-se o bastante para não poder mais ouvi-lo.

Uma hora depois estávamos de volta à cabine telefônica próxima ao posto de gasolina, novamente ligando para minha mãe, aquela raiva descomedida tomando conta de mim no instante em que a voz dela partiu do outro lado da linha.

— *Mário concordou em ajudar vocês, vamos conseguir as passagens, os passaportes falsos e os levaremos em segurança até o aeroporto. Onde vocês estão agora?*

Mal pude acreditar no que estava ouvindo, talvez Cariel estivesse certo ao supor que havia algum sentimento materno dentro daquela mulher, pois eu duvidava que Mário tivesse concordado com aquilo sem a insistência dela, considerando que eu o havia roubado na última vez em que o vi.

— Eu não sei direito, em uma cidadezinha no interior do Arkansas.

— *No Arkansas?! Isso é muito longe, eu ia enviar um carro para apanhá-los, mas só vai nos fazer perder tempo. Não podemos mandar uma aeronave porque está meio perigoso voar ultimamente, a polícia está em cima, se enviarmos um carro ele vai demorar umas doze horas no mínimo para chegar até aí, e mais doze para voltar e isso vai ser muita perda de tempo. Podemos aproveitar essas horas para irmos providenciando os documentos falsos, mas para isso preciso que você me envie fotos de vocês dois para os passaportes. Você pode enviá-las de um celular.*

Ela estava certa, não podíamos perder tempo esperando o carro vir nos apanhar, essas horas poderiam ser gastas com a produção dos passaportes.

— Sim, nós podemos arranjar um celular, só não sei se conseguiremos chegar até aí, pois estamos sem dinheiro e sem carro.

— *Vocês conseguiram chegar até o Arkansas, usem os mesmos métodos para chegar até Nova Iorque, nada é Impossível quando se quer algo. Então mande logo as fotos para este número, estarei esperando, quando vocês chegarem aqui os documentos já estarão providenciados, vocês só pegam tudo e vão embora.*

— Tudo bem, a gente dá um jeito.

Encerrei a ligação e relatei toda a conversa a Cariel, que permanecia ao meu lado durante todo o tempo.

— O que a gente faz agora? — Indaguei.

— A gente se vira. Podemos ir de carona até Nova Iorque, mas sem dinheiro não chegaremos nem na metade do caminho, precisamos assaltar alguém, roubar um carro como fizemos antes, pois precisamos de dinheiro para hospedagem e alimentação. É possível fazermos isso com apenas uma bala no revólver, pois não precisaremos atirar em ninguém para cometermos um assalto.

Foi a minha vez de abraçá-lo, contornei meus braços em torno do seu pescoço e coleí meu corpo todo ao seu, agradecendo aos céus por tê-lo comigo, afinal se não fosse por ele eu já estaria morta há dias. Mesmo que tivesse conseguido escapar do matador russo sozinha, não teria ido muito longe, talvez por essa razão sua proximidade me fazia sentir mais segura, menos inquieta com todo aquele inferno que nos cercava. Eu já não via a hora de tudo aquilo acabar, de chegar à Austrália e me enfiar dentro de um laboratório, onde era a minha zona de conforto. Definitivamente eu não era uma garota que nasceu para aventuras, aquilo tudo pelo que estávamos passando estava me deixando mentalmente esgotada, psicologicamente afetada e falar com minha mãe só havia contribuído para que eu piorasse. Enfim, eu estava de saco cheio daquilo tudo, queria sair o quanto antes daquela situação, voltar a medicar e a hibernar na frente de uma televisão nas horas vagas.

Como vinha agindo ultimamente, desde que me prometera que não voltaria me tocar até que eu pedisse, Cariel desvencilhou-se rapidamente do abraço e afastou-se, fingindo indiferença àquela energia sexual que surgia entre nós sempre que nos tocávamos, enquanto cada parte de mim implorava

por um pouco mais dele.

A cada minuto ao seu lado, eu o desejava mais, o queria como jamais havia desejado outro homem e agora que a suposição de que ele precisava me seduzir para conseguir fazer com que eu ajudasse Kristen, já não existia mais, visto que eu havia concordado em ir para a Austrália, eu podia ser dele, não havia nada mais que me impedisse.

De mãos dadas, deixamos a cabine telefônica e caminhamos vagorosamente em direção ao local onde ficava o hotel e o bar, enquanto o frio da noite nos golpeava cruelmente. Foi fácil convencermos o recepcionista do hotel a nos emprestar seu celular, com o qual tiramos as fotos que seriam usadas para falsificar os passaportes e a enviarmos para a minha mãe.

— E então, o que você quer fazer? Quer ir para o bar encher a cara? Quer ir para a estrada tentar assaltar alguém? Ou quer tentar outra carona para chegarmos o quanto antes em Nova Iorque? — Indagou Cariel, ainda na recepção.

— Todas as opções parecem convidativas. Seria uma boa encher a cara, mas isso não vai resolver nossos problemas. Precisamos chegar o quanto antes em Nova Iorque, eu só gostaria de descansar um pouco, estou exausta. Você se importa?

— Claro que não, se é isso que você precisa vamos descansar. Você está certa, precisamos dormir um pouco, sairemos durante a madrugada para roubar um carro, vai ser até mais fácil porque a estrada vai estar mais deserta.

De volta ao quarto do hotel, eu estava determinada a entregar-me a ele e saciar aquele desejo escaldante que queimava em minhas entranhas, inquietando-me, mas como seria isso se ele sequer olhava direito para mim? Eu nunca havia tomado a iniciativa como um homem, não sabia como fazer isso. Então, simplesmente deitei-me na cama e esperei que ele se deitasse meu lado, como sempre fazia, no entanto, em vez disso, Cariel pegou uma toalha e foi para o banheiro.

Lembrei-me da manhã anterior, quando acordei e ele estava só de cueca, agarrando-me por trás, na posição em que sempre dormíamos, sua ereção pressionando minha bunda. O tesão que me tomava naquele momento era tão

intenso que não resisti e remexi a bunda, me esfregando na sua masculinidade, até que ele ejaculou sem perceber. Foi magnífico ouvir seu gemido rouco, sentir o seu leite quente banhando minha pele através do tecido da calça. Eu queria aquilo de novo, mas queria dentro de mim.

Buscando coragem, respirei fundo, despi-me completamente das minhas roupas e entrei no banheiro, completamente nua. Cariel estava sob a água morna do chuveiro, seu corpo delicioso completamente à mostra, a água escorrendo através da sua pele firme, bronzeada, molhando cada pedacinho dos seus músculos bem definidos.

Ele levou um susto ao me ver, ficou paralisado por um instante, encarando-me com olhos arregalados e então seu olhar desceu pelo meu corpo, examinando-me detalhadamente, demorando-se mais sobre meus seios e sobre o meu sexo, o que me fez ficar vermelha de constrangimento, pois eu sabia que um homem com a aparência dele devia estar acostumado a ver as mulheres mais lindas sem roupas.

— O que está fazendo Abby? — Ele indagou, a voz rouca de tesão.

Seu pau endureceu subitamente, se tornando grande, grosso e potente como eu imaginava que era, o que causou um formigamento gostoso abaixo do umbigo.

— O que parece que estou fazendo? — Aproximei-me dele devagar, sem desviar meu olhar do seu.

Eu tinha que saber como fazer aquilo, afinal devia haver alguma coisa da minha mãe em mim.

Enfiei-me debaixo da água e enlacei seu pescoço com os meus braços, colando o meu corpo todo ao seu, experimentando, pela primeira vez, sua completa nudez de encontro com a minha, incendiando com o contato direto da sua pele nua e molhada.

Cariel me abraçou pela cintura e em seguida suas mãos percorressem minhas costas, passando pela minha bunda, depois pela minha silhueta.

— Faz amor comigo Cariel, estou te pedindo.

No instante em que terminei de proferir as palavras, ele usou um braço para prender meu corpo junto ao seu e a outra mão para segurar meus cabelos

atrás da minha cabeça, puxando-os, fazendo-me erguer a face para tomar minha boca com a sua, sugando meus lábios com uma fome descomedida antes de inserir sua língua entre eles, movendo-a de encontro à minha, com lascívia, fazendo meu corpo inteiro ferver de desejo, o meio das minhas pernas latejando, implorando para tê-lo dentro de mim.

Segurei-o pelos ombros e escorreguei minhas mãos através da sua pele rígida, acariciando cada contorno dos seus músculos bem desenhados, por onde a água escorria, percorri o tórax, passei pelo abdômen e então segurei o seu pau entre os meus dedos, extasiada com a maciez da sua pele cobrindo a sua rigidez.

Minha nossa! Como eu o queria! Como queria senti-lo me preenchendo inteira!

Um incêndio parecia acontecer entre as minhas pernas.

— Você tem ideia do quanto esperei por isso? — Cariel sussurrou, sua voz rouca de desejo.

Sua boca deslizou através da pele do meu pescoço, devagar, plantando beijos e lambidas pelo caminho, até alcançar um dos meus seios. Moveu a ponta da sua língua em volta do meu mamilo intumescido, numa tortura muito suave e então o colocou na boca, sugando devagar, ao mesmo tempo em que sua mão se acomodava no espaço entre minhas coxas, seus dedos se infiltrando em meio aos meus lábios vaginais para acariciar meu clitóris em círculos, quando um gemido alto escapou da minha garganta e ecoou pelo banheiro.

— Eu te quero tanto... — Minha voz era um gemido.

Sua boca gostosa partiu para o outro peito e o mamou com uma fome absurda, como se quisesse me devorar, ao mesmo tempo em que dois dos seus dedos deslizavam para dentro da minha vagina lubrificada, movendo-se em vai e vem, me levando muito próxima do orgasmo.

Movida pela luxúria que tomava conta de mim, pendurei-me nele, contornando seus quadris com as minhas pernas, buscando-o com meu corpo, quando então Cariel espalmou suas duas mãos sob minhas nádegas, para me dar firmeza e encaixou a cabeça do seu pau na entrada da minha vagina, nos conduziu para a parede do outro lado, apoiando minhas costas no azulejo e

NACIONAIS-ACHERON

foi entrando em mim devagar, sua carne rija e ao mesmo tempo macia, deslizando na minha pele sensível, quente e molhada, meu canal acolhendo-o com perfeição.

Ele estava enterrado em mim até a raiz, quando de repente puxou os quadris e os arremeteu novamente para frente, com uma estocada brusca que me fez soltar um grito alto, causando-me a sensação de que meu corpo estava todo em chamas, cada centímetro da minha pele tomada pela lascívia.

Minha nossa! Eu já havia experimentado o sexo ante, mais de uma vez, mas jamais experimentara um sexo tão bom, jamais chegara perto de sentir as sensações que me tomavam naquele momento. Cariel se encaixava em mim com uma perfeição magnífica, como se seu corpo tivesse sido desenhado para o meu, como se o meu fosse feito para o dele.

Ele puxou seus quadris novamente e voltou a remeter-se contra mim, me penetrando muito forte e fundo, me fazendo gritar novamente, minhas unhas crescidas se enterrando na pele das suas costas, minha cabeça indo para trás o êxtase se aproximando.

— Porra, Abby, isso vai ser muito rápido... — Ele sussurrou, a boca de encontro à pele do meu pescoço, sua voz lembrando o grunhido de um animal no cio. — É muito tesão acumulado, gata. Goza comigo, vai.

Alguma parte ignorada da minha mente me fez lembrar de que não usávamos preservativo e eu não tomava pílulas. Cogitei pedir que ele parasse, para evitar uma gravidez indesejada, mas se ele parasse eu seria capaz de morrer.

— Não goza dentro de mim, Cariel. — Foi tudo o que consegui dizer.

Então, ele se moveu novamente, arremetendo seus quadris contra mim cada vez mais depressa e com força, em um vai e vem incessante, tão delicioso que eu não queria que terminasse jamais, porém logo ele ficou mais duro dentro do meu canal e como se obedecesse a um comando silencioso, meu corpo inteiro enrijeceu, anunciando a chegada do êxtase, quando então levei minha boca à sua e entreguei-me ao beijo que veio faminto, carregado de luxúria.

Sua boca devorava a minha quando gozei como nunca havia gozado em minha vida, um orgasmo prolongado e intenso demais, que me fazia gritar de

NACIONAIS-ACHERON

encontro à sua boca enquanto convulsionava entre o seu corpo e a parede.

Aos poucos fui me aquietando, meu corpo ficando lânguido, meus membros pesados. Foi então que Cariel retirou-se de mim, colocou-me de volta no chão e pressionou o seu pau, úmido e quente, de encontro ao meu ventre e me apertou com mais força, imprensando-o entre nossos corpos para se esvaír em gozo, seu esperma quente jorrando contra minha pele e a sua ao mesmo tempo, um único gemido saindo da sua boca e morrendo na minha.

O que restou depois disso foi o som da nossa respiração pesada se misturando ao som da água caindo do chuveiro, nossos corpos continuavam tão colados que eu podia sentir as batidas aceleradas do seu coração. Depois de um longo momento fitando-me sem dizer nada, Cariel abriu um largo sorriso, tão lindo que iluminou o seu rosto bem esculpido.

CAPÍTULO XVI

— Me desculpe, isso foi muito rápido. É que eu estava me segurando desde a primeira vez em que a vi, aquela noite na danceteria. — Disse ele.

Como ele podia estar se desculpando por me proporcionar o melhor momento da minha existência? A melhor sensação que eu já tive?

— Não se desculpe, Cariel. Isso foi perfeito. — Falei e meus lábios se curvaram em um sorriso largo, como se tivessem ganhando vida própria.

— Eu vou te mostrar o quanto isso pode ser ainda melhor. Vem aqui, gata.

Ele me puxou novamente para debaixo da água e lavou o espermatozoide que começava a grudar em meu ventre e no seu, e continuou me dando banho, suas mãos habilidosas explorando cada centímetro da minha nudez, acariciando-me como se conhecesse cada necessidade do meu corpo, intensificando a fome que eu tinha por ele e a urgência em saciar essa fome.

Eu tinha a sensação de que meu corpo estava em chamas, meus mamilos estavam doloridos, tudo em mim se parecia sensível demais, minha intimidade umedecida latejava, numa súplica silenciosa por ser novamente tomada por ele. Só que ao invés de fazer-me sua novamente, Cariel pegou-me no colo, carregou-me até a pia do banheiro, sentou-me sobre ela e me fez abrir as pernas até o limite, os pés apoiados na borda, as mãos espalmadas atrás de mim. Deu uma boa olhada na minha boceta aberta diante do seu rosto e então sibilou, um grunhido meio animalesco escapando da sua garganta. Em seguida, agachou-se diante de mim, nivelando o seu rosto com o meu sexo e colocou sua boca nele, a língua úmida e quente tocando diretamente meu clitóris e se movendo em círculo sobre ele, tão macio e tão gostoso que deixei escapar um grito de puro prazer.

Arrebatada pela luxúria, deixei um dos meus pés escorregar para cima do ombro dele, minha cabeça foi lançada para trás, minhas costas se apoiando na parede, enquanto os meus dedos se enterravam em seus cabelos curtos e os puxavam, trazendo-o mais para mim.

Sua língua gostosa desceu para a minha vagina e penetrou-a, movendo-se em vai e vem e me fazendo gemer ainda mais alto, ensandecida, depois voltou para o meu clitóris e passou a se mover freneticamente sobre ele, quase deixando-me louca, viciada.

Jamais em minha vida esperei que algo pudesse ser tão bom quanto estava sendo pertencer àquele homem.

Sua língua macia continuava trabalhando sobre o meu ponto mais sensível, suavemente, deslizando para cima e para baixo, depois em círculo, levando-me a um delicioso delírio. Eu estava quase gozando quando seus dedos penetraram a minha vagina melada e então o êxtase veio arrebatador, fazendo-me contorcer inteira sobre aquela pia, convulsionando e gemendo, gritando o seu nome que jamais me pareceu tão doce.

Cariel introduziu novamente a língua na minha vagina, como se estivesse se alimentando dos resquícios do meu prazer.

Eu estava acabada, toda mole sobre a pia de mármore, quando ele se levantou e trouxe sua boca para a minha, pressionando seus lábios nos meus antes de introduzir a língua entre eles, fazendo com que eu a sugasse e sentisse o gosto de sexo, o meu próprio gosto.

— Isso foi maravilhoso. — Falei, minha voz entrecortada pela respiração ofegante.

— O seu gosto é tão bom que eu poderia fazer isso pelo resto da minha vida e jamais enjoaria. Mas, por ora, preciso tirar você daqui antes que pegue um resfriado.

Cariel pegou a toalha felpuda e secou-me inteira. Ergueu-me novamente em seus braços fortes e carregou-me para o quarto. Cuidadosamente, estendeu-me sobre a cama e colocou-se em pé ao lado para observar a minha nudez sob a claridade do aposento, seus olhos registrando cada detalhe de mim, enquanto meu peito subia e descia devagar, evidenciando a minha respiração ofegante.

Eu também observava a sua nudez, constatando, mais uma vez, o quanto era lindo com o peito e os braços musculosos, o abdômen em formato de um V, as coxas grossas, firmes e peludas. Uma rala camada de pelos cor de trigo circundavam a raiz do membro grande, grosso e deliciosamente duro.

— Você é linda. — Cariel falou.

— Você também é.

No instante seguinte, ele me cobriu com seu corpo gigante, apoiando o seu peso nos cotovelos. Pressionou seus lábios nos meus com lascívia, exigindo retribuição e esfreguei minha língua na dele em resposta, sentindo-me quase uma pervertida quando o tesão se alastrou pelo meu sangue novamente, deixando-me perdida, fervendo, louca por ser preenchida entre as pernas.

Cariel sentou-se no colchão, entre as minhas pernas, esticou o braço até uma gaveta do criado ao lado da cama, de onde tirou um preservativo, abriu a embalagem com os dentes e cobriu o seu membro com o látex.

— Já estava aqui quando alugamos o quarto, deve ser cortesia do hotel. — Explicou ele ao me ver observar o preservativo com questionamento.

Sua boca gostosa voltou para a minha, seus quadris se encaixaram entre as minhas pernas, seu pau se acomodando na minha entrada melada. Aos poucos, ele foi se enterrando em mim, abrindo passagem, indo devagar, sua lentidão me fazendo ansiar por mais do que ele me dava.

Eu o queria inteiro, como se minha fome por ele não tivesse fim.

Ao enterrar-se até o final com a sua pélvis peluda acariciando meu clitóris sensível, Cariel parou de mover seus quadris, subitamente, e levou sua boca para um dos meus seios e esfregou o mamilo entre seus dentes, como se o objetivo fosse me torturar, prolongar deliberadamente a minha ânsia por ele.

— Cariel. — Gemi, ensandecida de desejo.

— Do que você precisa, Abby?

Ele sabia do que eu precisava, eu não ia entrar no seu joguinho. Em resposta, apoiei meus pés sobre o colchão e movi-me para cima e para baixo, arremetendo meus quadris contra ele, fazendo com que seu pau se movesse em vai e vem dentro do meu canal, o que o fez soltar um gemido.

— Porra, Abby... — Ele praticamente grunhiu.

Então, ergueu o seu tórax, apoiando o peso do corpo nas mãos espalmadas no colchão e moveu os quadris contra mim, arremetendo-os com força, depressa, com aquela brutalidade gostosa que eu tanto queria. Seu tamanho

acrescido pressionava minhas paredes, abrindo-me toda, esticando-me, alcançando fundo dentro de mim, deixando-me louca de tanto tesão, tornando-me uma verdadeira viciada nele. Pendurou minhas pernas em seus ombros e meteu ainda mais forte, depressa, alcançando-me ainda mais fundo e me fazendo gritar de prazer, enquanto minhas unhas se afundavam nos contornos dos seus músculos.

Eu estava novamente me aproximando do êxtase e meu corpo traiçoeiro revelou isso a Cariel, pois ele subitamente parou, saiu de mim e, manuseando-me com a facilidade de quem manuseia uma boneca de pano, virou-me de bruços sobre o colchão, segurou dos dois lados dos meus quadris e me puxou para cima, colocando-me de quatro. Sem qualquer aviso prévio, voltou a entrar em mim, por trás, enterrando-se inteiro, até que sua pélvis se chocasse contra a minha bunda e eu gritei ensandecida, preenchida, totalmente tomada por ele.

Sem parar de mover-se em vai e vem, entrando e saindo de mim, Cariel encheu sua mão com meus cabelos atrás da cabeça e puxou, fazendo-me erguer o torso até que minhas costas encontrassem seu peito largo, virou o meu rosto para o lado e apossou-se da minha boca, sugando minha língua com sofreguidão ao mesmo tempo em que sua mão passava pelo meu quadril e tocava minha boceta, suavemente, o dedo do meio massageando meu clitóris em círculos, levando-me muito perto da insanidade.

Meu corpo inteiro se retesou, anunciando a chegada do orgasmo, quando então Cariel me fez inclinar novamente, o rosto repousando no colchão, a bunda empinada. Segurou meus quadris dos dois lados e meteu com uma brutalidade absurda, como se quisesse me partir ao meio, foi então que o êxtase veio arrebatador para nós dois ao mesmo tempo, tão intenso que quase me fez perder os sentidos, nossos gemidos altos ecoando juntos pelo quarto, seus espasmos se fazendo de encontro às minhas paredes que não paravam de latejar.

De súbito, perdi as forças nas minhas pernas e nos braços e me deixei cair de bruços sobre o colchão, seu corpo grande e suado estendendo-se sobre o meu, enquanto o som da nossa respiração ofegante quebrava o silêncio no quarto.

Não conseguimos parar com aquilo até que nossos corpos estiverem
NACIONAIS-ACHERON

completamente tomados pela exaustão, trêmulos, esgotados. Passava das três horas da madrugada e precisávamos de algumas horas de sono, urgentemente, porém, se dormíssemos ali e deixássemos para sairmos durante o dia, seria mais difícil e muito mais arriscado realizarmos o assalto que precisávamos. Então, nos obrigamos a sair da cama, pegamos a mochila com as poucas peças de roupas que possuíamos e o revólver, e deixamos o hotel.

Do lado de fora estava tudo muito quieto e silencioso, o bar já havia fechado e todos os caminhoneiros ali estacionados pareciam dormir tranquilamente em suas cabines.

Golpeados pelo frio gélido, caminhamos apressadamente para a estrada e mesmo ao alcançá-la continuamos andando, pois seria mais seguro fazermos aquilo o mais longe possível da cidade e, conseqüentemente, de testemunhas.

O plano era o mesmo de quando roubamos o outro carro no Texas — deixado para trás, na floresta, para evitar a perseguição da polícia —, eu ficaria sozinha na beira da estrada, Cariel se esconderia do outro lado da pista e quando um carro parasse, ele renderia o motorista e levaríamos o veículo.

Mesmo cansados, afastamo-nos cerca de quarenta metros da parada onde ficava o posto de gasolina, a fim de evitarmos o risco de termos testemunhas. Nos sentamos na beira da estrada, abraçados um ao outro para nos aquecermos, e esperando que algum carro passasse. Não seria fácil àquela hora da madrugada, mas também não seria impossível.

Por fim, depois de uma longa espera, ouvimos o ronco do motor se aproximando e ao longe surgiu o clarão dos faróis cortando a negritude da noite. Cariel deu-me um beijo de boa sorte e atravessou a pista correndo, empunhando a arma, recolhendo-se ao seu esconderijo atrás dos arbustos do outro lado.

Era um carro popular, e quando se aproximou o suficiente para que o motorista me enxergasse, comecei a acenar sem parar, torcendo internamente para que tudo desse certo. Ele reduziu a velocidade e foi parando aos poucos, até estacionar diante de mim. Eu já estava começando a comemorar quando olhei pela janela do carona e vi que havia toda uma família dentro do carro, uma mulher com traços asiáticos no assento do carona, duas crianças dormindo no banco de trás e o homem ao volante.

Não podíamos levar o carro deles e deixá-los àquela hora na beira da estrada, principalmente as crianças.

— Precisa de carona, querida? — Foi a mulher quem indagou com um tom gentil.

— Na verdade, não. Só estou aqui pegando um ar. — Foi tudo no que consegui pensar para dizer.

O casal se entreolhou, a mulher assumindo uma expressão de piedade ao voltar a me encarar.

— Algum cafajeste tentou te agarrar, você não permitiu e ele te deixou aqui sozinha, nesse fim de mundo? — Que mente fantasiosa ela tinha! — Pode nos contar, somos pessoas de bem, podemos tirar você daqui e te levar para um lugar seguro.

Quanto mais ela falava, mais eu sentia pena de como seria quando Cariel saísse do mato.

— Não é nada disso. Na verdade, vocês devem sair daqui agora mesmo, porque...

Tentei alertá-los, mas antes que eu tivesse tempo de completar a frase, Cariel saiu correndo do seu esconderijo, apontando a arma direto para cabeça do motorista e demorando um instante para perceber que havia uma família inteira dentro do veículo.

O casal ergueu as mãos no ar em rendição, os olhos arregalados de medo.

— Por favor, não machuquem as crianças. — O marido pediu.

— Porra, cara! Como é que você para com sua mulher e seus filhos para uma estranha a essa hora da madrugada, em de uma estrada deserta como essa?! — Cariel esbravejou sem deixar de apontar a arma para o homem, enquanto a mulher começava a chorar. — Não precisa ter medo, minha senhora, não somos assassinos, somos apenas duas pessoas precisando de dinheiro e de um carro.

— Por favor, não leve o nosso carro, as crianças não podem ficar expostas a esse frio, mas temos dinheiro, pode levar tudo.

Antes que Cariel tivesse tempo de dizer mais alguma coisa, o homem

pegou uma carteira no painel e entregou a ele todo o dinheiro que havia lá dentro, uma bolada.

Cogitei dizer a Cariel que recusasse, mas naquele momento estávamos muito mais necessitados daquele dinheiro que aquelas pessoas, eles podiam sacar de um caixa eletrônico na cidade seguinte, enquanto que nós não tínhamos de onde tirarmos.

— Tá legal, cara, não vou ficar com seu carro, mas vou aceitar o dinheiro. Agora some daqui e vê se não para mais a essa hora para quem você não conhece. E se você chamar a polícia, eu vou te encontrar e vou acabar com todos vocês, entendeu? — Cariel falou, parecendo um bandido de verdade.

O homem agradeceu e saiu em alta velocidade, cantando pneu no asfalto.

Meu aprendiz de bandido favorito aproximou-se de mim, exultante, mostrando o punhado de dinheiro em sua mão.

— Caramba, Abby! Deve ter uns mil dólares aqui! Dá para a gente comer e dormir até chegar a Nova York e ainda vai sobrar. — Declarou ele e eu o abracei com euforia. — A gente podia ficar rico fazendo isso. — Emendou ele.

— Você já é rico, esqueceu? Além do mais, esse tipo de coisa atrai a polícia. Vamos voltar para o posto e pedir a Joe que nos leve até mais adiante.

— Tem certeza, gata? Se roubarmos um carro, podemos chegar lá muito mais depressa.

— Se pegarmos a estrada com um carro roubado, teremos uma chance muito menor de chegarmos lá sem sermos presos pela polícia e encontrados pelos russos.

— Você está certa, temos pressa, mas também precisamos ter cautela. — Ele apertou-me ainda mais forte de encontro ao seu corpo grande, aninhou meu rosto em seu peito largo e deu um beijo demorado em minha testa.

Mesmo correndo o risco de aquele casal chamar a polícia e nos denunciar, voltamos para o quarto de hotel, onde conseguimos descansar algumas poucas horas até que o sol penetrasse as frestas da janela anunciando a chegada de um novo dia.

Ainda era cedo da manhã quando nos levantamos e deixamos o hotel. No pátio do posto, encontramos Joe de saída bem a tempo de pedirmos a ele que nos levasse mais adiante, visto que estava indo para a Virgínia, que ficava em nosso caminho. Ele concordou e tive a impressão de que até gostou, pois teria companhia por mais algum tempo.

Quando paramos para fazer um lanche em uma cidadezinha não muito distante, Cariel comprou alguns suéteres para nós, já que a temperatura despencava à medida que seguíamos para o norte. Comprou também um aparelho celular pré-pago, o qual usou para ligar para a Austrália, quando ficou sabendo que Kristen havia melhorado bastante e receberia alta do hospital ainda naquele dia. Foi a notícia que ele precisou para que o seu humor melhorasse consideravelmente, então o cara descontraído e alegre de antes estava de volta.

Em uma parada de caminhoneiros na Virgínia, Joe pediu a um de seus amigos que ia em direção a Nova York que nos levasse. Era tarde da noite quando chegamos à cidade onde nasci e cresci. Da autoestrada, onde fomos deixado pelo motorista, pegamos um táxi até o Brooklin, onde tudo me parecia muito familiar – as ruas estreitas, a estrutura precária dos prédios emendados um no outro, como se faltasse espaço para tantas moradias, a ausência de arborização, o ambiente abafado e ao mesmo tempo frio. Foi impossível não me recordar da minha infância, de quando andava por aí livremente, sempre com pressa, indo e voltando da escola ou da casa de alguma amiga que me acolhia quando eu precisava fugir do assédio do meu padrasto. Foram tempos difíceis, as recordações que aquele lugar me trazia não eram boas, eu só queria sair dali o mais depressa possível.

O taxista parou em frente a uma casa noturna bastante movimentada, diante da qual havia alguns traficantes e vários viciados – eu os reconhecia de longe. A princípio, achei que minha mãe houvesse me dado o endereço errado, afinal, quem moraria em uma casa noturna? Então lembrei-me do estilo de vida que ela gostava de levar e não tive dúvidas de que estávamos no lugar certo.

Do lado de dentro, o lugar parecia o inferno, repleto de pessoas drogadas e bêbadas agitando-se freneticamente ao som da música que tocava em volume tão alto, que fazia o chão estremecer, sob o jogo de luzes coloridas que partia

do teto e tornava tudo ainda mais aterrador.

Ao avançarmos pelo salão imenso, as mulheres por onde passávamos viravam o pescoço para olhar para Cariel, algumas até paravam de dançar para encará-lo, insinuando-se, jogando charme. Será que era assim em todos os lugares que ele ia? A julgar pelo fato de que ele tinha duas garotas no colo quando eu o encontrei naquele bar no Texas, eu acreditava que era.

CAPÍTULO XVII

Nos aproximamos do bar, onde fomos atendidos por um homem afrodescendente alto e parrudo.

— Estamos procurando por Miranda Willis. Onde podemos encontrá-la?
— Indaguei, gritando para que minha voz se sobressaísse ao som da música.

— Depende de quem está procurando por ela. — Foi a resposta do *barman*.

— Sou Abby Willis, a filha dela. Ela já está me esperando.

O sujeito me avaliou de cima a baixo e fez o mesmo com Cariel. Chamou outro homem que se encontrava parado próximo a uma parede, como se fizesse a segurança, e pediu a ele que nos levasse até Miranda. O homem, que usava terno e gravata e estava visivelmente armado, nos conduziu por uma escadaria que levava ao andar superior, onde se estendia um largo corredor ao longo do qual havia algumas portas e mais homens armados vigiando a entrada. Abriu a primeira porta e nos conduziu para dentro de uma sala enorme, com isolamento acústico, onde o som da música ensurdecadora se tornava totalmente inaudível.

Minha mãe estava sentada em um grande estofado ao centro do cômodo, bem vestida como sempre, mais jovem e saudável do que imaginei que estaria, considerando a vida que levava. Continuava a mulher atraente que sempre foi, com belos olhos verdes, o corpo longo e esguio, os cabelos ruivos como os meus, aliás, aquele era o único traço físico que eu herdara dela. Mais adiante, havia uma mesa rodeada por cadeiras onde se encontrava o seu detestável marido e alguns outros homens mal-encarados sentados perto dele.

Ao entrarmos, Miranda colocou-se em pé e aproximou-se de mim, avaliando-me de cima a baixo, mas não me tocou, nem um aperto de mão em cumprimento.

— Você cresceu, hein, garota. — Disse ela com a voz embolada pelo efeito do álcool e das drogas, exatamente como eu me lembrava.

— E você está muito bem. — Foi o que consegui dizer.

NACIONAIS-ACHERON

Ela deslocou seu olhar para Cariel e o examinou atentamente. Como sempre fazia quando olhava para um homem bonito, umedeceu os lábios com a ponta da sua língua, um gesto que me pareceu repugnante.

— Vejo que está muito bem acompanhada. Eu sabia que um dia o seu bom gosto para homens ia ser a florado. — Suas palavras estavam carregadas de insinuações maliciosas, mas, partindo dela, nada me surpreendia.

— Mãe, esse é Cariel Miller, Cariel essa é a minha mãe Miranda.

— É um prazer conhecê-la. — Cariel disse friamente e eu agradeci aos céus por ele não ter estendido a mão para apertar a dela, ou ela teria aproveitado a oportunidade para se insinuar um pouco mais.

Nesse momento, meu padrasto levantou-se e aproximou-se de nós, colocando-se ao lado de Miranda, enquanto nos examinava com seus olhos ferozes e ao mesmo tempo frios, o mesmo olhar com o qual tive pesadelos durante anos – o olhar de um assassino que visitava meu quarto quando eu era adolescente e por muitas vezes me fez fugir pela janela para não ser violentada.

— Miranda está certa, você cresceu, Abby, e se tornou uma linda mulher. — Quase vomitei com seu comentário, pois não havia gentileza por trás de suas palavras, mas apenas malícia e maldade. — Sentem-se, fiquem à vontade, e nos digam o que exatamente precisam.

Cariel e eu nos acomodamos em um sofá, enquanto os dois ocupavam outro diante de nós, a mesinha de centro, sobre a qual havia uma garrafa de uísque pela metade e alguns copos vazios, separando-nos.

— Vocês aceitam um uísque ou outra coisa? — Minha mãe indagou.

— Não queremos nada. — Recusei.

— Pelo visto, você continua caretinha como sempre. — Ela serviu-se de uma dose da bebida.

— Como Abby falou ao telefone, precisamos de passaportes falsos e passagens para a Austrália em caráter de emergência, além de proteção contra a máfia russa que está nos perseguindo. — Foi Cariel quem falou. — Podemos pagar por isso, porém, não agora, pois a minha conta bancária deve estar sendo monitorada, se eu fizer qualquer transação seremos localizados.

Transferiremos o dinheiro assim que estivermos em solo australiano. — Miranda e o marido entreolharam-se. — E então, podemos fazer negócio?

— Claro que podemos negociar. — Mário falou com aquele tom de voz diabólico que me causava calafrios. — Nós já estamos com os passaportes falsos e as passagens de vocês, o voo sai amanhã ao meio-dia. Também garantiremos a segurança de vocês até o aeroporto. — Ele fez uma pausa para se servir de uma dose do uísque. — Mas não estou de acordo em receber apenas depois que você estiver na Austrália, pois isso não me dá garantia nenhuma de que você vai me pagar. Transfira o dinheiro para a minha conta agora. Três milhões de dólares está bom.

Fritei-o, atônita. Três milhões de dólares era muito mais do que custava dois passaportes falsos e duas passagens.

— Três milhões é muito dinheiro! — Retruquei Mário olhou-me de um jeito mortal, sem que eu conseguisse sustentar aquele olhar.

— Se somarmos os juros à quantia em drogas que você me roubou quando foi embora daqui. Isso não é mais do que você me deve! — Vociferou ele com aquele tom agressivo de sempre.

— Tudo bem, o dinheiro não é problema. Eu tenho os três milhões. — Cariel interveio. — O problema é que, como já falei, não posso fazer nenhuma transação bancária antes de chegar à Austrália, pois os russos trabalham para a inteligência do governo deles, são pessoas perspicazes e têm espiões em todos os lugares. Qualquer lugar em que o meu nome aparecer eles vão estar lá, prontos para nos matar.

— Não seja exagerado. Você pede a um primo ou a algum parente para transferir o dinheiro para a nossa conta, rápido e fácil assim. Esses russos não vão te encontrar por causa disso e mesmo se encontrarem, nós temos homens e armas o bastante para eliminar todo o exército russo, se quisermos. — Mário falou.

Cariel estava certo ao supor que os russos nos encontrariam caso nosso nome aparecesse em qualquer lugar, entretanto, meu padraço também estava certo. Se ele pedisse ao seu irmão, ou à tal da Savana, para fazer a transferência, talvez os russos não nos encontrassem e se o fizessem, o tráfico e suas armas poderiam detê-los. Não tínhamos outra saída, precisávamos

arriscar. Eu conhecia Mário e minha mãe o bastante para saber que eles não nos dariam os passaportes e as passagens sem ter o dinheiro na sua conta antes, pois acreditavam que todo mundo era tão trapaceiro quanto eles.

— Não temos outra saída, Cariel, precisamos arriscar. — Falei. — Talvez não dê tempo de os russos nos encontrarem antes de partirmos, já passa da meia-noite, em menos de doze horas estaremos naquele avião. Não é possível que eles sejam tão rápidos. E mesmo se encontrarem, você viu a quantidade de homens armados que tinha lá embaixo?

— Os homens armados que estão lá embaixo não são nem metade do que temos. — Miranda falou. — Ninguém nesse planeta se atreveria a atentar contra nós, o nosso exército é grande, garota.

— Pelo visto, vocês subiram nos negócios. — Comentei com ironia.

Mas era verdade. Quando fui embora, eles ainda eram traficantes pequenos e pareciam ter se tornado donos do tráfico em toda aquela área.

— Você também parece ter se dado muito bem com o nosso dinheiro. Se tornou uma médica, não foi? — Miranda indagou.

— Sim, com muito esforço. Acredite, não foi fácil, mas consegui me tornar exatamente o que eu queria.

Ela piscou repetidamente e ingeriu mais um gole de uísque. Tive a impressão de que minhas palavras a afetaram, de que teve a sensibilidade de compreender que eu queria ser qualquer coisa na vida, menos o que ela foi e o que ela era.

— Fico muito satisfeito que você tenha conseguido o que queria, Abby, mas, voltando aos negócios, vocês vão me dar os três milhões ou não? — Mário interveio e tive um calafrio ao imaginar o que nos aconteceria se Cariel se negasse a dar aquele dinheiro a ele.

— Posso telefonar para o meu irmão e pedir que ele faça a transferência, mas antes quero ver os passaportes e as passagens. — Cariel disse.

Os lábios de Mário se curvaram em um meio sorriso diabólico, sem que seu olhar acompanhasse o gesto. Com um gesto de mão, ele fez com que um dos homens se aproximasse e depositasse sobre a mesa os dois passaportes, as passagens e uma quantia em dinheiro, cerca de dois mil dólares. Eu e

Cariel examinamos os documentos e as passagens, estava tudo ok, conseguiríamos chegar à Austrália com aquilo sem problema algum.

Enquanto os olhos escuros do meu padrasto registravam atentamente cada um dos nossos movimentos, devolvemos tudo para a mesinha de centro.

— E então, podemos fechar negócio ou não? — Indagou ele.

— Claro. Me dê o número da sua conta que vou ligar e pedir para o meu irmão fazer a transferência agora mesmo.

Mário e Miranda entreolharam-se e sorriram com satisfação, na certa, pensando no dinheiro fácil que ganharam.

Cariel usou o celular que comprara no Arkansas para telefonar para o seu irmão e depois de uma fervorosa discussão, durante a qual teve que repetir várias vezes que dependia daquele dinheiro para que a vida de Kristen fosse salva e que a sua própria vida corria risco, finalmente convenceu Alexander em fazer a transferência, de modo que cerca de uma hora depois os três milhões estavam na conta de Mário.

Satisfeito, ele finalmente nos entregou os passaportes, as passagens, os dois mil e a promessa de que no dia seguinte, ao meio-dia, uma frota de homens armados nos levaria em segurança até o aeroporto. Agora restava torcer para que Alexander não estivesse sendo monitorado e que os russos não detectassem aquela transferência a tempo de encontrar o endereço de Mário antes de deixarmos os Estados Unidos.

— Vocês estão horríveis e parecem cansados. Tem quartos desocupados no final do corredor, escolham um, tomem um banho e aproveitem o resto da noite na boate. — Miranda falou.

— Como assim tem quartos no final do corredor? Vocês moram aqui? — Perguntei, tomada pela perplexidade.

— Não, Abby, nós temos a nossa casa, mas passamos a maior parte do tempo aqui, pois é onde fazemos nossos negócios. — Foi Mário quem respondeu com a sua aspereza de sempre. — Sua mãe está certa, vocês deviam aproveitar o resto da noite na boate, bebam alguma coisa, divirtam-se e relaxem. Vocês estão com cara de quem estão vindo de um velório.

— Vocês sabem que nunca gostei desse tipo de coisa. Se você quiser ir,
NACIONAIS-ACHERON

Cariel, fique à vontade.

Cariel passou o braço em torno dos meus ombros, sem que seu gesto passasse despercebido aos olhos atentos do meu padrasto.

— Agradecemos pela gentileza, mas não estamos em clima de diversão.
— Disse ele.

— Deixe eu ver se entendi. Quer dizer que a minha filha vai para a Austrália com você para salvar a vida da sua irmã que está morrendo de câncer? — Cacete! A bêbada da minha mãe não podia ser mais indelicada.

— É exatamente isso, senhora Willis. Sua filha é uma grande médica e trabalhava ao lado de um dos cientistas mais brilhantes desse país. Ela ajudou a encontrar a cura para o câncer, mas infelizmente essa cura foi roubada pelos russos. Daqui a alguns dias, ou meses, vocês verão nos noticiários, a notícia de que a Rússia descobriu a cura para essa doença maldita, mas não foram eles, foi a sua filha. Agora a Abby vai tentar recriar a fórmula para salvar a vida da minha irmã. Ela é a nossa última esperança.

Minha mãe nos observou com desconfiança, certamente imaginando o mesmo que eu: que Cariel estava me seduzindo para me convencer a ir com ele para a Austrália, pois um homem bonito, charmoso e rico como ele jamais se interessaria de verdade por alguém como eu.

— E enquanto isso você está trepando com ela a fim de convencê-la. — Minha mãe soltou e fiquei roxa de vergonha.

— Mãe!

— Essa é a verdade, criança. Veja as minhas rugas, são de experiência com a vida. Conheço muitos homens como ele.

— Não sou igual aos homens que a senhora conhece. — Cariel se defendeu.

— Agradecemos pela gentileza. Agora se nos disser onde fica esse quarto, eu gostaria de descansar um pouco. — Falei e me desvencilhei do braço de Cariel, mecanicamente.

— Sigam pelo corredor. Todos os últimos quartos estão desocupados, é só escolher um, não tem erro.

Deixamos a sala dos chefões do tráfico de drogas de Nova York e seguimos pelo corredor ao longo do qual havia alguns homens armados. Escolhemos o último quarto e entramos, estava decorado como o aposento de uma moradia normal, com cama, closet e até uma escrivaninha com computador.

— Poxa! Meu irmão é frio, mas a sua mãe bateu o recorde. — Cariel comentou.

— Não quero falar sobre ela. — Retruquei.

Quando pendurei a toalha no ombro e me dirigi para o banheiro em busca de um banho quente, ele tentou entrar comigo, mas o impedi, lembrando-me do que Miranda dissera. Estava claro aos olhos de todos que Cariel só estava comigo para me convencer a ajudar Kristen, e embora o sexo entre nós dois fosse o melhor que já experimentei, eu preferia não continuar com aquilo para não ser magoada depois.

— Qual o problema, Abby? Por que não podemos tomar banho juntos? Não foi bom no Arkansas?

Cogitei ser sincera, falar o que eu pensava, mas isso provavelmente o faria se sentir obrigado a dizer que sentia algo por mim, sem que fosse verdade, e eu não queria colocá-lo contra a parede.

— Não há problema algum, eu só estou cansada. Preciso urgentemente de uma noite de sono. — Parte disso era verdade, nós havíamos viajado por dois dias direto, uma viagem que teria durado apenas vinte e seis horas se não precisássemos ter feito as paradas para roubar e pedir carona.

Após o banho revigorante, encontrei um conjunto de moletom no closet, muito grande para o meu tamanho, mas serviria para passar a noite, vesti-me e me deitei na beirada da cama, de costas para o espaço vazio ao lado. Não demorou muito para que, como eu já esperava, Cariel se deitasse atrás de mim e envolvesse meu corpo com seus braços fortes, entrelaçando suas pernas nas minhas, acolhendo minhas costas de encontro ao seu peito largo, como se dormirmos naquela posição houvesse se tornado um hábito.

Ele sussurrou um boa-noite em meu ouvido e deu um beijo demorado em meus cabelos, o que fez meu sangue ferver de tesão. Só que eu estava cansada demais até para sentir tesão e em questão de segundos peguei no

NACIONAIS-ACHERON

sono.

Quando acordei, sentia um calor absurdo, minha pele parecia febril, minhas entranhas estavam em chamas. Continuava na mesma posição, com Cariel abraçado a mim, por trás, seu corpo grande e sólido deixando-me tão excitada que a minha calcinha estava lambuzada. Senti a pressão da sua ereção de encontro à minha bunda, enquanto ele ainda dormia, e lembrei-me da manhã em que movi meus quadris naquela mesma posição, esfregando-me nele, fazendo com que ejaculasse sem perceber.

Um sorriso travesso brincou em meus lábios, cogitei fazer o mesmo, pois meu corpo parecia necessitar do dele, com uma urgência absurda, porém, éramos íntimos o bastante para que eu fizesse muito mais. Então, sem conseguir conter meus impulsos, levei minha mão até o seu colo, enfiei-a em sua cueca e segurei o seu membro entre os meus dedos. Estava todo babado na glândula e um gemido escapou dos meus lábios quando experimentei a maciez da pele quente cobrindo a deliciosa rigidez.

Tentei me conter, mas fui incapaz, queria demais senti-lo dentro de mim de novo e o sentiria. Então, sem me preocupar se o acordaria, abaixei a calça folgada do meu moletom até os joelhos, junto com a calcinha, liberei uma perna e a ergui no ar, para em seguida encaixar minha entrada molhada na sua glândula e mover meus quadris para trás, fazendo com que ele entrasse em mim, quente, duro, melado e gostoso. Sua rigidez deslizando na minha carne molhada, esticando as paredes da minha vagina, abrindo passagem, acomodando-se dentro de mim, tão deliciosamente que deixei escapar um gemido alto e passei a mover meus quadris em vai e vem, cada vez mais depressa e com força, e foi assim que ele acordou.

— Porra, Abby... — Sua voz saiu rouca de desejo.

De imediato, sua mão cobriu um dos meus seios e sua boca veio para a minha orelha, os dedos esfregando o mamilo, sua língua úmida acariciando o lóbulo da minha orelha.

Como se estivesse tão faminto pelo prazer quanto eu, Cariel passou a mover seus quadris no mesmo ritmo que os meus, alcançando-me ainda mais fundo, deixando-me ainda mais louca de tesão. Uma de suas mãos passou por cima dos meus quadris e cobriu minha boceta, seus dedos habilidosos

mergulhando na umidade entre os meus grandes lábios, massageando meu clitóris em círculos, deliciosamente. Foi então que o orgasmo veio, forte e arrebatador, fazendo-me gritar alto, chamando pelo nome dele, ensandecida, meu corpo todo vibrando.

Antes que tivesse tempo de me encher de esperma, Cariel retirou-se do meu interior, acomodou seu membro na fenda entre as minhas nádegas e ejaculou, banhando-me com seu sêmen, enquanto gemia no meu ouvido, rouco e selvagem.

CAPÍTULO XVIII

— Isso é assédio sexual, sabia? — Disse ele depois de um longo momento em que o silêncio do quarto era quebrado apenas pelo som da nossa respiração ofegante.

— Me processa, Cariel. — Rebatí com sarcasmo, apreciando o som do nome dele saindo da minha boca.

Tentei levantar-me para tomar um banho e começar o nosso dia, que não seria dos mais fáceis. Tínhamos uma longa viagem pela frente e precisávamos começar a nos organizar cedo, entretanto, ele me puxou de volta pelo braço, derrubando-me de costas na cama, colocando seu corpo grande sobre o meu para me aprisionar.

— Está pensando que vai me assanhar e depois tirar o corpo fora, senhorita aproveitadora de homens inconscientes?

Sorri do seu comentário bobo.

— Nossa! Quão inocente você é. — Meu tom era de deboche.

— Não sou, mas estava desacordado enquanto você se aproveitava de mim. — Um sorriso brincava em seus lábios enquanto ele falava. — Posso te processar e exigir uma indenização.

— Você não estava dormindo durante todo o ato, só na metade dele, então pagarei só metade da indenização.

— Por falar em metade, ainda estou só na metade de saciar a fome que você me causou. — Ele moveu seus quadris de encontro a mim e pude sentir o membro duro latejando contra minha coxa.

Como aquilo era possível? Ele havia acabado de gozar!

Excitada, com o meio das minhas pernas latejando de novo, cedi ao impulso e me movi com agilidade sobre a cama, invertendo nossas posições, de modo que fiquei por cima dele.

— Acho que tenho uma ideia melhor. — Falei, fitando seus olhos azuis, claros como duas piscinas cristalinas, fascinada com a luxúria que eles

NACIONAIS-ACHERON

refletiam.

Eu sabia que havia prometido a mim mesma que não me entregaria mais a ele para não sair machucada daquela história depois que ele tivesse o que realmente queria de mim, que era a cura para Kristen, mas resistir àquele homem era uma missão impossível. Eu duvidava que existisse uma mulher na face da Terra capaz de dormir nos braços dele e conseguir não se entregar quando acordasse, como eu me entregava e me lambuzava. Então, decidi que encararia o que estava acontecendo entre nós como se fosse uma aventura passageira, como estava sendo toda aquela loucura, pois se havia uma coisa da qual eu tinha certeza, era de que o interesse dele por mim logo passaria. Eu já estava até acostumada com isso.

Seguindo os meus instintos, levei minha boca até a sua e o beijo veio faminto, carregado de lascívia, nossas línguas se entrelaçando eroticamente, o que multiplicou por mil o desejo dentro de mim, a fome que eu tinha por ele.

Interrompendo o beijo, deslizei minha boca através da pele do seu pescoço, passando pelo peito musculoso, onde plantei algumas mordidas, deixando a marca dos meus dentes na pele bronzeada, passei a ponta da minha língua sobre cada um dos seus mamilos, saboreando-o, extasiada, e continuei descendo. Beijei, lambi e mordi cada pedacinho do seu abdômen de tanquinho em formato de V e desci um pouco mais, mordi suas coxas peludas e subi a boca até alcançar o membro grosso, longo e duro. Eu o segurei com uma mão e o masturbei, observando o líquido escorrer pela entrada na glândula, causando-me água na boca.

Como uma sedenta, coloquei minha língua sobre a abertura e suguei o líquido salgado, fascinada com o sabor, era o sabor da luxúria. Em seguida, abri os lábios e desci a cabeça, permitindo a penetração, e o levei até a minha garganta e voltei, passei novamente a língua na glândula, para que nenhuma gota daquele líquido gostoso me escapasse, e então o engoli novamente, levando-o até o fundo e trazendo de volta, repetidamente, os gemidos que escapavam da sua boca servindo-me de recompensa.

— Vem cá, gata, me deixa sentir o seu gosto também. — Cariel praticamente grunhiu e até a sua voz me parecia excitante. Tudo nele me deixava perdida de desejo, como se o seu corpo fosse um afrodisíaco.

Com suas mãos fortes, ele conseguiu puxar meus quadris para cima, fazendo com que eu girasse sobre seu corpo e montasse em seu rosto, uma perna de cada lado, meu sexo aberto diante da sua face, usou os polegares para abrir meus grandes lábios e passou sua língua bem em cima do meu clitóris, arrancando-me um grito de prazer.

Ficamos naquela brincadeira por mais de uma hora, atendendo ao desejo que nossos corpos sentiam um pelo outro. Passava das oito da manhã quando nos levantamos. Faltava apenas quatro horas para o nosso voo sair, estávamos mais perto que nunca de escaparmos de todo aquele pesadelo e sermos livres de novo, embora as marcas que eu levaria na alma, pelas pessoas que perdi, jamais seriam apagadas, se uniriam às outras já existentes.

Deixamos o quarto levando o passaporte, as passagens e o dinheiro em nossa mochila, onde ainda guardávamos o revólver com uma bala só. Sem sabermos ao certo o que nos esperava do lado de fora, atravessamos o corredor, que agora se encontrava em completo silêncio, sem a música agitada da noite e ao longo do qual havia outros homens fazendo a segurança. Eram tão mal-encarados quanto os que estavam lá durante a noite e não faziam questão de esconder que estavam armados.

Fomos direto para a sala onde encontramos Miranda durante a noite, verificar se ela já estava acordada e se tinha alguma informação sobre as pessoas que nos levaria ao aeroporto.

Fiquei atônita quando entramos e a encontramos ainda acordada, com as mesmas roupas que usava quando chegamos, o que indicava que ainda não tivera uma noite de sono. Parecia completamente bêbada e cheirava as fileiras de cocaína que havia sobre a mesinha de centro, junto com outro homem que não era seu marido.

Fui tomada por uma profusão de sentimentos, repreensão, perplexidade, choque, tudo se misturando dentro de mim. Pensei em dizer algo que a fizesse parar de se matar aos poucos como estava fazendo, mas sabia que nada a faria mudar os seus hábitos, aquilo tudo já fazia parte dela, era assim desde que eu me entendia por gente, tentar mudá-la seria inútil.

— Bom dia. — As palavras saíram da minha boca com um gosto amargo.

Apesar de desprezar aquela mulher por ter sido negligente comigo e com

NACIONAIS-ACHERON

meu irmão durante toda a nossa infância e adolescência, naquele instante senti piedade dela. Talvez por ter o seu sangue correndo em minhas veias, fiquei compadecida da sua condição de viciada, da vida destrutiva que levava, passando as noites em claro, bebendo e se drogando.

Será que era o tempo todo assim? Ela dissera que tinha uma casa, será que era verdade? Será que fazia pausas de toda aquela situação? Eu acreditava que não, pela forma como agia, o seu mundo parecia se resumir às drogas, ao tráfico, à bebida e a todo aquele poço de lama no qual se afundava até o pescoço.

— Já estão acordados?! A essa hora, na sua idade, com um gato desses ao meu lado, eu não me levantava da cama antes do meio-dia. — Ela mal conseguia falar, seus lábios endurecidos e meio tortos pelo efeito da cocaína.

— Queremos ir para o aeroporto, onde estão os homens que vão nos levar? — Falei.

— Ainda não chegaram, mas está cedo, o avião sai só meio-dia. Relaxem, vão tomar um café por aí.

— Ela está certa, ainda é cedo. — Cariel falou. — Vamos procurar alguma coisa para comer. — Ele afastou uma mecha do meu cabelo que caía sobre a minha testa.

— Quer ir com a gente? — Indaguei e Miranda soltou uma gargalhada macabra.

— Já estou tomando meu café. Essa é a minha refeição. Você me conhece, sabe muito bem o que curto.

Mais uma vez cogitei repreendê-la, perguntar se nunca mudaria, se morreria assim, mas era perda de tempo, ela não mudaria nunca, nada do que eu dissesse poderia refreá-la.

Então eu a deixei, decidida a não voltar a pensar nela depois que estivesse na Austrália, como não havia pensado durante todos os anos em que estive distante. Se foi aquele o destino que ela escolheu, que o seguisse até onde este a levasse.

Não havia nada para comer no bar da danceteria, de modo que Cariel e eu tivemos que ir a uma pequena lanchonete que havia do outro lado da rua,

olhando para todos os lados, receosos de que os russos pudessem aparecer de repente.

Após a rápida refeição, voltamos para o prédio. Ao entrarmos de volta na sala onde Miranda ainda se drogava, ela disse que Mário queria conversar comigo a sós, na sala ao lado.

— De jeito nenhum! Aonde ela for eu estarei junto! — Cariel protestou de imediato.

— Não seja petulante, rapaz! Mário só quer conversar com ela. Acho que ele pretende dizer o quanto sente por tudo o que aconteceu e que a perdoa por tê-lo roubado. Acredite, Isso vai ser um grande passo para ele. Agora sente-se aqui e beba um uísque comigo. — Ela gesticulou na direção do homem que se drogava junto com ela, o qual agora se encontrava em pé atrás do sofá. — Leve-a até o Mário. — Ordenou.

Antes que eu ou Cariel tivéssemos tempo de dizer mais alguma coisa, o homem segurou firme o meu antebraço e me conduziu para fora da sala.

Levou-me até a sala ao lado, a qual na verdade era um quarto, decorado com cama, um jogo de estofados e uma mesa de escritório sobre a qual havia um grande monitor. Deitada na cama, havia uma garota muito jovem, completamente nua, imóvel, com os olhos fechados, mas não parecia adormecida e sim apagada, e pelo arroxeadado em seus lábios devia ser pelo efeito de drogas. Meu padrasto estava sentado atrás da mesa, usando apenas um pijama com a parte da frente aberta, cheirando uma carreira de cocaína atrás da outra enquanto observava a tela do monitor.

— Você queria falar comigo? — Indaguei, apreensiva, tão logo o homem me deixou e saiu batendo a porta por fora.

— Sente-se. Quer dar uma cheirada?

— Você sabe que isso nunca foi muito a minha praia. — Minha resposta foi seca e firme.

— Continua a santinha de sempre. — Ele puxou uma fileira da droga através do canudo de metal antes de continuar. — Esse cara com quem você anda não é exatamente o que eu esperava que você arranjasse. Ele está ansioso demais porque estamos a sós. Parece que não confia em você. Veja.

— Ele gesticulou na direção do monitor diante de si e me aproximei, apreensiva.

Fiquei pasma ao ver a imagem de Cariel caminhando de um lado para o outro, como um animal enjaulado, na sala ao lado, enquanto a minha mãe continuava bebendo e se drogando. Havia câmeras nos outros ambientes da boate também, era possível ver cada um deles em uma imagem menor no lado direito do monitor, inclusive o salão completamente vazio.

Mário aproximou-se de mim a ponto de o seu braço roçar no meu e eu me afastei depressa, enojada com o contato.

— Nós precisamos de um carro com seguranças para ir ao aeroporto. — Fui firme ao afirmar, colocando-me no centro do aposento, o mais longe possível dele.

Mário abandonou o canudo de metal sobre a mesa e veio até mim, colocando-se à minha frente, perto demais, com uma postura ameaçadora. Encarava-me com seus olhos medonhos, causando-me tanto pavor que recuei um passo, embora não pretendesse demonstrar que estava com medo, pois pessoas como ele são como animais: se demonstrar medo, elas se tornam mais ferozes.

— Está animada com a viagem? — Indagou.

— Sim. Acredito que eu possa reconstruir a minha carreira na Austrália. Muito obrigada pela oportunidade que está nos dando, sem você não conseguiríamos.

— Realmente, sem mim vocês não iam a lugar nenhum. — Ele deu outro passo na minha direção e novamente recuei na direção da porta atrás de mim. — Você é uma garota esperta, Abby. Tenho certeza que não acredita mesmo que eu vá te deixar ir embora sem que me pague pelo que roubou de mim.

Seu tom de voz era ainda mais ameaçador e não esperei que ele continuasse para girar sobre os meus calcanhares e caminhar com passos largos na direção da porta, porém, antes que eu a alcançasse, Mário agarrou-me por trás e me arrastou até o centro do quarto e atirou-me sobre um dos sofás, com a facilidade de quem manuseava uma boneca de pano.

— O que você pensa que está fazendo? Pare com isso! — Esbravejei e

tentei me levantar, mas ele era muito mais rápido e mais forte e colocou-se sobre mim, prendendo-me entre os seus joelhos, segurando os meus braços com suas mãos, enquanto eu me debatia na fracassada tentativa de me soltar.

— Eu não vou te machucar, pode ficar tranquila. Só quero saber se você é mesmo tão gostosa quanto eu imagino. Você tem ideia de quanto tempo faz que me imagino tomando esse corpinho gostoso? Pode imaginar o tamanho do tesão que sinto por você? Sempre te desejei, Abby, desde que você começou a ter peitos, e agora quero te experimentar. Depois você pode ir embora e fingir que nada disso aconteceu.

Minha nossa! Aquilo estava mesmo acontecendo? Aquele maldito estava prestes a me violentar?

Tomada por uma profusão de medo, ódio e repulsa, soltei um grito agudo, alto o bastante para ser ouvida do outro lado do quarteirão, mas então me lembrei de que as paredes eram à prova de som. Eu podia gritar até a minha garganta doer e ninguém me ouviria do lado de fora, nem mesmo Cariel.

— Cala essa boca, sua putinha! Tá pensando que aquele babaca australiano vai te ouvir? As paredes são à prova de som, e mesmo que ele ouvisse não poderia fazer nada. Então seja esperta, Abby, pare de lutar e se entregue. Não vou arrancar nem um pedaço de você. Depois você segue a sua vida e esquece que isso aconteceu. Simples assim.

Não era tão simples assim. Eu não podia deixar aquele porco me possuir, estava acima das minhas forças, então, concentrei toda a minha força nos meus punhos cerrados e comecei a lutar bravamente contra ele, esmurrando-o no peito, tentando dar um golpe do meu joelho onde ele mais sentiria, porém, o máximo que consegui foi dar uma arranhada em seu rosto, para que em resposta ele me desferisse uma bofetada, tão violenta que vi todo o quarto girar à minha volta.

— Por favor, não faça isso. Você não precisa disso, pode ter qualquer mulher. — Implorei, indefesa, tomada pelo desespero.

— Eu sei que posso, mas o meu pau quer você. A única mulher que se recusa a dar para mim. Agora fique quietinha e relaxe, você pode até gostar disso.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO XIX

Cariel

Ansioso e agoniado, eu caminhava de um lado para o outro daquela sala com fedor de cigarro e uísque, onde a mãe de Abby não parava de se drogar. Não conseguia parar de imaginar o que aquele monstro estava fazendo com a minha garota naquele momento. Já fazia mais de dez minutos que ela estava lá, e eu não acreditava que ele a tinha chamado apenas para conversar, como Miranda tentara me convencer, algum mal ele estava fazendo a ela, enquanto eu continuava ali, sem fazer nada.

Eu não sabia o que seria capaz de fazer com aquele maldito se ele encostasse um só dedo nela, talvez o mataria e então estaríamos mais ferrados que nunca, visto que dificilmente conseguiríamos escapar de todos os homens armados que havia ali. Mas, que se fodessem os homens, eu não ia deixar a minha Abby ser maltratada, talvez violentada, por aquele maluco viciado.

— Se acalme, rapaz. Eles estão só conversando. Mário não vai fazer mal a ela. — Miranda falou ao observar o meu estado de nervosismo. — No máximo, ele vai querer dar uma trepada rápida, porque foi o que sempre quis, mas vai ser só uma foda sem importância, não vai arrancar nenhum pedaço dela.

Fiquei horrorizado com a forma como ela falava da filha. Como uma mãe podia dar tão pouca importância à pessoa que carregou no ventre e trouxe ao mundo? Como podia dizer que um estupro era algo sem importância? Como podia permitir que o próprio marido violentasse a filha?

Ela não precisou dizer mais nada, ficou claro que Mário realmente estava tentando fazer mal a Abby e podia estar forçando-a naquele exato momento, e eu não podia ficar ali parado, sem fazer nada, precisava tomar uma providência, e tinha que se depressa. Então, aproveitei um momento em que Miranda se inclinava sobre a droga para usá-la e, sem que ela percebesse, tirei meu revólver com uma bala apenas de dentro da mochila e o preendi ao cóis da calça, jogando a barra da camisa por cima para escondê-lo e deixei a

sala. Os homens armados ainda estavam no corredor e imediatamente me encararam de forma ameaçadora, quase assustadora, mas eu me deixei intimidar, precisava ajudar Abby caso ela estivesse em perigo, e eu sentia que estava.

— Mário mandou me chamar, ele ligou direto para o meu celular. Em qual das salas ele está mesmo? — Menti, torcendo internamente para que aqueles babacas caíssem no meu papo furado.

Dois deles entreolharam-se e a fração de segundos que se seguiu pareceu se transformar em uma eternidade, enquanto eles decidiam se apontariam para a porta onde estava Mário e me deixariam entrar.

Por fim, um deles gesticulou na direção da porta ao lado da sala onde Miranda estava. Apressadamente, antes que ele mudasse de ideia, abri a porta e entrei. Tão logo eu a fechei por dentro, avistei a luta que acontecia sobre o sofá no centro do cômodo. Como eu suspeitava, o maldito Mário estava em cima de Abby, aprisionando-a entre o seu corpo e o estofado, enquanto ela se debatia tentando se libertar.

Aquela imagem despertou uma fúria bestial dentro de mim. Sem pensar duas vezes, empurrei meu revólver e o apontei direto para a cabeça do miserável.

— Solte-a agora, babaca!

Somente quando ouviu o som da minha voz que ele se deu conta de que havia alguém na sala e rapidamente levantou-se, seu olhar indo direto para a arma que tinha sobre uma mesa de escritório ao lado de um grande monitor. Ciente de que ele poderia tentar alcançá-la, não desviei meu olhar do seu rosto, e com o canto do olho consegui ver Abby levantando-se de sofá, ajeitando as roupas sobre seu corpo trêmulo dos pés à cabeça, sua face contorcida de horror, o que fez com que meu dedo tremesse sobre o gatilho. Eu estava prestes a atirar quando a voz dela irrompeu pela sala.

— Não faça isso, Caryl, você não precisa disso e ele não merece que você suje suas mãos de sangue. Vamos embora daqui.

— Me matando ou não, vocês não vão mais sair daqui com vida. — Ameaçou o maldito, os olhos faiscando de raiva. — Eu ia realmente deixar vocês irem embora. Abby não devia ter se negado a mim.

NACIONAIS-ACHERON

Fala sério! Como podia ser tão inescrupuloso?

Tomado por uma raiva jamais antes experimentada, novamente senti meu dedo se mover sobre o gatilho, quando então Abby entrou na frente.

— Não ligue para ele, Cariel, é só um bastardo miserável digno de pena. A gente consegue sair daqui, tem um monitor com imagens de câmeras espalhadas em todo o lugar, basta que encontremos uma saída segura, então o deixamos amarrado aqui sem poder avisar aos capangas que estamos saindo.

Ao encerrar a sua fala, Abby foi para detrás da mesa de escritório, colocando-se diante do monitor e nesse instante o seu rosto ficou pálido, a expressão de horror intensificando-se na sua fisionomia.

— Jesus! — Exclamou ela, levando uma mão ao peito, os olhos arregalados como se estivesse vendo um fantasma. — Os russos estão aqui! Estão invadindo o lugar! Eu posso vê-los no salão da danceteria!

Putá merda! Era só o que faltava.

— Merda! Temos que sair daqui depressa. — Esbravejei. — Por onde podemos sair sem sermos vistos, cara?

— Vocês não acham mesmo que vou ajudá-los, né?

— Não seja idiota! Se aqueles russos chegarem aqui, todos nós seremos mortos, inclusive você.

— Eles não vão chegar até aqui, tem uns cem homens armados vigiando o prédio.

— Não subestime esses caras, eles são da máfia russa. O arsenal deles é rico e extenso e o treinamento é o melhor do mundo. Agora fala onde tem uma saída da merda desse lugar!

O imbecil continuo calado, encarando-me com cinismo, atestando que realmente não passava de um imbecil e atijando a fúria dentro de mim.

— Não precisamos dele, Cariel, podemos encontrar uma saída. Há câmeras espalhadas por todo o lugar, só precisamos procurar. — Sentou-se diante do monitor e começou a manusear o mouse, procurando a saída que precisávamos.

Com agilidade, mas sem deixar de mirar o revólver direto para a cabeça

NACIONAIS-ACHERON

daquele miserável, fui até a mesa e peguei o revólver dele, porque esse certamente estava carregado com mais balas, depois, fui até a porta e a tranquei por dentro para evitar que os capangas entrassem e nos impedisse de fugir. Eu não tinha medo de uma luta corporal com aquele bastardo bêbado e drogado, desarmado ele era menos que um monte de bosta, então guardei o revólver no cós da calça, fui até a cama onde havia uma garota nua desacordada, rasguei os lençóis em tiras e as usei para amarrar os pulsos dele nas costas, sem que ele reagisse, pois sabia que não tinha a mínima chance em uma luta corporal contra mim.

— Achou alguma coisa aí, gata?

— Mais ou menos. No último quarto do corredor, parece que tem uma saída de incêndio, mas não tenho certeza se já não está sendo vigiada pelos russos. Mesmo assim temos que tentar, é a nossa única chance.

— Não tem outra saída?

— Aparentemente não, ou é isso ou teremos que sair pela frente e lá está rolando o maior tiroteio.

Naquele momento ouvimos um estrondo do lado de fora, tão alto que atravessou o isolamento acústico das paredes, tão violento que sentimos o chão estremecer sob nossos pés.

— Que merda é essa? — Mário pareceu finalmente se dar conta da gravidade da situação — É a máfia russa, meu caro. Bem-vindo ao inferno. — Falei.

— Cariel, precisamos pegar a minha mãe, não podemos deixá-la para trás.

Droga! Como se já não tivéssemos problemas suficientes, tínhamos que colocar nosso pescoço em risco por causa daquela velha viciada. Eu a teria deixado para trás sem nem pestanejar, mas era a mãe de Abby e se a minha garota desejava salvá-la, eu colocaria a minha vida em risco para fazê-lo.

— Eu vou pegá-la, me espera aqui e não vá a lugar nenhum. Esse idiota tá bem preso, ele não vai tocar em você.

Corri para a porta e deixei a sala, os homens que faziam a segurança não estavam mais no corredor, certamente tinham descido para encarar a morte que veio ao encontro deles. Sem a proteção das paredes à prova de som, era

possível ouvir o barulho ensurdecador do tiroteio que acontecia lá embaixo, muitas vidas deviam estar se perdendo naquele exato momento, ainda bem que não eram vidas de inocentes.

Apenas quando abri a porta da sala de Miranda e entrei foi que percebi que a Abby estava me seguindo.

— Que parte de me espera lá e não vá a lugar nenhum você não entendeu?

— Ela não viria com você.

Encontramos Miranda sozinha na sala, caminhando de um lado para o outro, como se estivesse meio fora de órbita devido ao excesso de drogas e álcool em seu organismo.

Abby colocou-se diante dela, segurou as mãos entre as suas e a fitou diretamente nos olhos, então disse: — Mãe, presta atenção no que vou dizer. Estamos correndo risco de vida, a máfia russa nos encontrou por causa da transação bancária, lembra? Eles estão aqui, estão trocando tiros com os homens de vocês lá no salão da boate e podem subir a qualquer momento, por isso quero que venha comigo. Eu e Cariel vamos fugir.

— Ir com vocês?! Você ficou louca? O meu lugar é aqui, não vou a parte alguma. Essa máfia russa não é páreo para o que temos aqui.

— Mãe, escuta o que eu tô dizendo, eles já até soltaram uma bomba lá embaixo, sentimos o chão estremecer, em cerca de vinte minutos eles vão estar aqui, acredite em mim, eles são muito bem treinados. Vem com a gente, por favor.

Miranda puxou suas mãos das dela, abruptamente.

— Fugir como os covardes que são? — Seu tom era de desprezo. — Eu não vou a lugar nenhum, a menos que Mário me peça para ir. Você não sabe o que é isso e nem sei se um dia vai descobrir, mas existe uma ligação entre mim e ele que nem a morte pode desfazer. Então, se você quer fugir, faça isso, mas eu só saio daqui com o meu homem e quando ele mandar.

Pude ver claramente a dor se refletindo nos olhos azul-escuros de Abby, a dor de saber que a própria mãe preferia o marido a ela, de saber que era amada tão pouco a ponto de aquela mulher colocar a própria vida em risco por causa de outra pessoa que não era ela, mas Abby era forte, apesar da dor

e da angústia evidentes na sua fisionomia, ela não deixou cair uma só lágrima dos seus olhos. Observou a velha mulher por mais um instante de silêncio e então se despediu.

— Adeus, mamãe.

Não houve um abraço, não houve qualquer troca de carinho ou qualquer contato físico, foram apenas aquelas duas palavras entre uma mãe e uma filha que dificilmente voltariam a se ver, foi então que percebi o quanto Abby precisava ser amada e eu tinha muito amor para dar a ela, bastava que ela aceitasse e essa era a parte mais difícil.

Com isto, nós dois deixamos a sala correndo, fomos até o último quarto do corredor, em frente àquele no qual passamos a noite, onde supostamente havia uma escada de incêndio e encontramos a porta trancada. Precisei me arremessar contra ela várias vezes para conseguir arrombá-la. Parecia um quarto preparado para fuga, onde havia várias armas e nenhum móvel. Guardei o revólver no cós da minha calça e me armei com mais uma minimetralhadora, enquanto Abby se apossava de outra, então as penduramos em volta do nosso torso e corremos para a janela. Antes de sairmos, observei os arredores do lado de fora e parecia não haver ninguém vigiando a escada. Tratava-se de um beco escuro, sujo e estreito, aberto entre um prédio e outro. Os russos ainda não estavam lá, mas logo estariam, eram treinados demais para deixar qualquer saída sem vigilância, precisávamos ser rápidos.

Então, apressadamente, descemos pela escada de incêndio até alcançar o chão. Ainda com as minimetralhadoras penduradas no corpo, corremos na direção oposta à rua diante da qual ficava a entrada da boate. Tivemos que pular uma cerca de grades e no instante em que a atravessamos, a voz do homem falado na língua russa irrompeu pelo beco, partindo da direção por onde viemos. Estava avisando aos companheiros que havia nos encontrado.

Cacete!

Sem parar para pensar, simplesmente virei a minimetralhadora na direção dele e disparei incessantemente, sem ter certeza se o havia acertado, já que tinha alguns caixotes tapando a minha visão. Imitando-me, Abby fez o mesmo, apontou a minimetralhadora naquela direção e disparou. Se não os tivéssemos acertado, pelo menos os retardamos, o que nos deu tempo de

alcançarmos a rua do outro lado do quarteirão, quando tivemos que deixar as minimetralhadoras de lado para não atrair a atenção da polícia.

De mãos dadas, caminhamos alguns metros pela calçada, meus olhos atentos aos arredores, averiguando se os russos não estavam por perto, ao mesmo tempo em que procurava um carro que pudesse roubar. Sem o material necessário para o roubo, tudo ficava mais difícil. Então, aproveitando a primeira oportunidade que tive, aproximei-me de um motorista que acabava de estacionar um Mercedes preto em frente a um restaurante, empunhei o revólver e apontei direto para a barriga dele, o meu corpo e o de Abby ocultando a arma dos demais transeuntes que passavam por ali.

— Me dê a chave do carro, cara, não vou atirar em você, basta que me dê as chaves e seja discreto. — Falei.

Em pânico, o homem entregou-me as chaves, então eu o empurrei para longe, abri a porta, fiz com que Abby entrasse primeiro pelo lado do motorista e entrei em seguida, tomando o volante. Dei a partida e saí cantando pneus pelas ruas estreitas do Brooklin, na direção oposta da boate.

Várias viaturas policiais passaram por nós com as sirenes ligadas, correndo em alta velocidade na direção da boate. Certamente já haviam sido informados sobre o tiroteio e embora não fossem páreos para prender os russos, pelo menos conseguiram impedir que o tiroteio continuasse, o que de nada nos serviria, já que a essa altura os mafiosos estavam todos sabendo que havíamos conseguido escapar e provavelmente nos perseguiriam. Seria questão de tempo até nos localizar. Precisávamos pensar em uma forma de despistá-los, e precisávamos depressa.

Continuei dirigindo em alta velocidade, torcendo para que nenhum policial rodoviário me parasse, pois seria capaz de matá-lo só para conseguir escapar. Estava disposto a tudo para sair com vida daquela situação, recusava-me a falhar depois de tudo pelo que passei para conseguir levar Abby para a Austrália e fazer com que ela ajudasse Kristen a sobreviver.

— Se abaixe, Abby. — Falei.

— O quê?! Por quê?!

— Por que a essa altura os russos já devem estar atrás de nós, procuram

NACIONAIS-ACHERON

uma mulher de cabelos escuros e um homem dentro de um carro, se virem apenas o homem não vamos atrair a atenção deles de longe.

Sem protestar, ela obedeceu, escondendo-se entre o assento e o painel do Mercedes.

Aquilo apenas os retardaria, fazendo com que demorassem a nos localizar, o perigo real seria quando chegássemos ao aeroporto, visto que lá não teríamos para onde correr. Eu precisava pensar em algo que nos livrasse deles, pois com dois revólveres não tínhamos a menor chances de detê-los.

Já havíamos atravessado a ponte do Brooklin e ainda não havia nenhum carro nos perseguindo, pelo menos, não que eu estivesse vendo. Em Manhattan, passamos em frente a uma loja de perucas quando uma ideia meio maluca me ocorreu e fiz a volta no quarteirão para parar diante dela. Expliquei para Abby qual seria o plano e usamos o dinheiro que Mário nos deu para comprarmos perucas e roupas diferentes. Abby se tornou uma loira roqueira com longos cabelos dourados, botas e jaqueta de couro. Eu virei um executivo de cabelos cacheados negros, que usava terno e gravata e carregava uma valise de couro dentro da qual guardei os passaportes, as passagens e o dinheiro, deixando a mochila velha para trás. Os óculos escuros grandes nos ajudavam a ocultar nossos rostos, de modo que estávamos quase irreconhecíveis, aqueles malditos russos só nos encontrariam se nos enxergassem de muito perto.

Deixamos a loja e passamos a andar pelas ruas de mãos dadas, receosos, apreensivos, nos misturando à multidão, tornando-nos invisíveis aos olhos daqueles que nos cercavam. Algumas quadras adiante, pegamos um táxi e fomos direto para o aeroporto.

Ainda no táxi, nós nos livramos das armas e entramos no aeroporto, apreensivos, temendo que estivéssemos sendo monitorados pelos russos por meio das câmeras de segurança. Faltava cerca de quarenta minutos para o nosso voo sair e aqueles foram os quarenta minutos mais longos da minha vida, quando o temor tomava conta de mim por completo. Eu temia pela minha vida e a de Abby, tinha certeza de que se os nossos perseguidores nos encontrassem ali estaríamos ferrados, pois não havia uma segunda saída.

Quando por fim entramos naquele avião e este deixou o solo americano,

todas as aflições se esvaíram de mim e fui inundado por um júbilo magnífico, trazido pela certeza de que estávamos livres. Na Austrália, aqueles idiotas não chegariam perto de nós, pois teríamos a proteção do governo, eles sequer se atreveriam a tentar nos pegar. Com sorte, Abby conseguiria recriar a fórmula que inibia a ação do câncer no organismo e a minha irmã estaria salva da morte.

Estávamos no ar quando nos entreolhamos e nos abraçamos, felizes, trocando um beijo demorado em comemoração à vitória conquistada. Eu só lamentava que a mãe dela tivesse ficado para trás, mas eu duvidava que os russos a tivessem matado. Eles não estavam lá para tirar a vida de outras pessoas que não a nossa, eu podia apostar como a velha ainda estava bebendo e cheirando cocaína àquela hora.

CAPÍTULO XX

Abby

Parecia que eu estava vivendo um sonho quando aterrissamos na Austrália. Para começar, a limusine que foi nos apanhar no aeroporto era tão grande que lembrava uma sala do lado de dentro, tão luxuosa que parecia saída de um filme do James Bond, tinha até frigobar, televisão e um moderno aparelho de som, de modo que era impossível não ficar impressionada.

A paisagem à nossa volta não ficava atrás no quesito impressionável. As ruas de Sydney eram largas, arborizadas, a maioria das casas eram antigas e sem muros, mas havia algumas novas construções, como se o país estivesse em pleno desenvolvimento. A população parecia composta, em sua maioria, por imigrantes, inclusive asiáticos e árabes, e as pessoas andavam muito à vontade na rua, sem se preocuparem com o que vestiam, inclusive passamos por um sujeito que estava usando pijama e tinha os pés descalços, sem que ninguém reparasse nele, como se fosse algo natural sair à rua de pijama por ali, o que me fez sentir que eu ia gostar daquele lugar.

Fomos levados para o que parecia ser a maior aglomeração de edifícios da cidade, quando a limusine parou diante de um prédio luxuoso, situado próximo a uma praia de onde era possível enxergar pessoas surfando no mar, barcos enormes e veleiros pequenos formando pequenos pontos brancos sobre o azul turquesa do oceano.

Achei estranho quando o motorista abriu a porta para nós e chamou Cariel de senhor.

Eu não sabia se era por estar de volta em casa, prestes a rever a irmã que tanto amava, mas Cariel estava diferente, seu olhar havia mudado, aquele ar de selvageria quase constante havia desaparecido, dando lugar a um brilho de felicidade tão intenso que eu chegava a sentir ciúme das coisas e das pessoas que ele amava.

O apartamento ficava na cobertura. Tão logo o elevador se abriu, estávamos em uma sala enorme, decorada com tanto luxo e requinte que me

NACIONAIS-ACHERON

senti meio deslocada, como se não me encaixasse naquele ambiente.

Havia três pessoas nos esperando, um sujeito alto, elegante, que usava terno e gravata e tinha cabelos loiros e olhos azuis, muito parecido com Cariel, a quem deduzi ser Alexander, o irmão mais velho dele. Ao seu lado, sentada em uma poltrona, confortavelmente, estava Kristen. Eu sabia que era ela porque possuía todos os aspectos de uma pessoa com câncer, sua cabeça estava raspada, seu rosto pálido e muito abatido, a pele estava ressecada e ela era muito miúda para ter quatorze anos de idade, parecia uma menina de dez, semelhante a muitos pacientes a quem tratei no centro médico. Ela tinha os olhos azuis cristalinos, iguaizinhos aos de Cariel.

A terceira pessoa na sala era uma garota com mais ou menos a minha idade. Quando olhei para ela constatei, mais uma vez, o quanto a natureza era injusta no que se referia à distribuição de exuberância e havia sido muito generosa com ela. A criatura tinha cerca de um metro e setenta, seios fartos e tão empinados que, por pouco, não furavam o tecido de algodão da blusa que usava, sua cintura era perfeitamente desenhada, os quadris eram largos e redondos. Tinha o rosto de uma boneca e possuía uma inocência em sua fisionomia que não combinava com o tamanho do seu decote. Porém, o que mais chamava a atenção nela eram seus olhos, um deles era de cor dourada e o outro era azul, a pele era clara e parecia de porcelana, os cabelos eram ruivos, densos e caíam pelos seus ombros.

Cariel foi direto ao encontro de Kristen, pegou-a no colo, apertou o seu corpinho frágil, afundou o rosto no seu pescoço, inalando o seu cheiro e tive a impressão de que seu corpo vibrou com soluço, como se ele estivesse chorando.

— Meu Deus, quanta saudade de você! Como você está linda, minha pequena. Como senti sua falta. — Dizia ele com a menina frágil e delicada em seus braços, enquanto ela contornava seu pescoço com os braços e o apertava de encontro a si, com seus olhinhos fechados.

Era evidente a imensidão do amor que existia entre eles.

Ao devolver Kristen de volta para o sofá, Cariel abraçou a garota exuberante que parecia esperar ansiosamente por aquele abraço, enquanto o irmão dele me avaliava dos pés à cabeça, fazendo-me sentir constrangida pela

simplicidade da minha aparência em contraste com um ambiente tão luxuoso quanto aquele.

— Então é isso? Você vai para a América, se envolve com a máfia russa e me diz que está trazendo uma médica que vai curar Kristen, mas me aparece aqui com uma adolescente. — Alexander soltou com aspereza, uma ruga profunda, que parecia já fazer parte da sua testa, se aprofundando ainda mais, seus lábios transformados em uma linha fina.

Ele não se dirigiu ao irmão para abraçá-lo como as duas garotas fizeram.

Se eu já estava me sentindo desconcertada, imaginava depois de ouvir aquele comentário dele.

— Abby, esse é meu “simpático” irmão Alexander. Não dê importância aos modos dele, nossos pais foram os mesmos, mas a nossa educação provavelmente foi diferente. Alexander, essa é a Dra. Abby Willis, uma das mentoras da cura para o câncer e não uma adolescente como você diz, e sim, ela vai ajudar a nossa irmã a ficar boa. — Cariel falou.

— É um prazer conhecê-lo, Alexander. Ouvi falar muito de você. — Tentei parecer gentil. — Saiba que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar Kristen.

— E se tudo o que estiver ao seu alcance não for suficiente?! Você acha justo dar esperança a uma menina que está morrendo?! — Ele cuspiu as palavras com arrogância.

— Recentemente, eu aprendi que devemos lutar enquanto houver o mínimo vestígio de esperança. — E era verdade, foi Cariel quem me ensinou aquilo, não com palavras, mas com atitudes.

Embora fosse mais novo, ele se mostrava muito mais sábio que o irmão.

— Posso perguntar qual a sua idade? — Alexander não desistia de se mostrar insuportável, era mesmo um idiota sem noção.

— Idade suficiente para ter trabalhado como médica de confiança em um dos maiores centros médicos do mundo, e para ter ajudado a fazer a descoberta do século. — Respondi, encarando com altivez, sem me deixar intimidar pelo seu olhar duro.

— Abby, esta é a minha irmã Kristen, e esta é a nossa amiga Savana. — Cariel fez as apresentações.

Cacetada! Então aquela era a amiga da família que levava Kristen ao hospital e fizera companhia a ela durante o tempo em que estivera internada? Ela era tudo, menos o que eu havia imaginado. Na verdade, eu havia metalizado uma senhora idosa usando um vestido de gola alta, com os cabelos presos em um coque bem-comportado, exatamente o oposto do que ela era.

— É um prazer conhecê-los. — Falei.

— O prazer é todo nosso. Muito obrigada pelo que está fazendo por Kristen. — Savana falou e constatei que não era apenas a fisionomia dela que expressava uma docilidade exagerada, mas também a sua voz.

— Seja bem-vinda a Austrália, Abby. — Kristen falou. — É um prazer conhecer você.

Ai minha nossa! Até a voz dela estava fraca, parecia de uma paciente em fase terminal. Eu precisava urgentemente conversar com os médicos dela, descobrir qual o tratamento que estava sendo administrado e se podia melhorar, ou não teríamos tempo sequer de construir os equipamentos necessários para refazer a fórmula que eliminaria o tumor.

— Sua cidade é muito bonita, Kristen. Estou muito feliz por estar aqui. — Eu tentava parecer agradável, embora não levasse muito jeito com isso.

A verdade era que eu precisava ignorar a imensidão do amor que Cariel tinha por ela, precisava afastar de mim qualquer laço emocional que me ligasse àquela menina, não podia, de forma alguma, apegar-me a ela, para que mantivesse minha racionalidade imparcial, que seria necessário para trabalhar em busca da sua cura, afinal, os laços emocionais só serviam para atrapalhar o bom desempenho de um médico. Pelo menos foi isso que aprendi durante a faculdade.

— Geralmente, quem vem à Austrália pela primeira vez se espanta por não ver nenhum canguru pulando na rua. — Foi Savana quem disse.

— Acredite, eu não esperava ver nenhum canguru por aí.

Kristen sorriu do meu comentário, um risinho fraco que despertaria o afeto

NACIONAIS-ACHERON

no coração mais duro, entretanto, eu não podia deixar que despertasse no meu, precisava sufocar qualquer sentimento que surgisse em relação a ela, para que eu a visse como nada mais que uma paciente que precisava da minha competência como médica, para que meu trabalho fosse de fato produtivo e eficiente.

— Eu gostei dela, Cariel. — Kristen falou com sua vozinha meiga, fraca e doce e Cariel a pegou no colo novamente, abraçando-a apertando, beijando o seu rostinho quase infantil.

— Eu também gosto muito dela. Você não pode nem imaginar o quanto. Mas não se preocupe com nada, você ainda é a minha garota preferida no mundo todo. Depois vou te contar tudo o que ela e eu passamos juntos na América, quer dizer, nem tudo, tem algumas partes que não vou poder te falar. — Kristen gargalhou novamente e desejei que um buraco se abrisse sob os meus pés e me engolissem, quando Savana e Alexander olharam para mim ao mesmo tempo.

— Eu pedi que Rose servisse o jantar mais cedo para que fizéssemos a refeição juntos. — Foi Savannah quem disse. — Vocês querem comer agora ou preferem descansar um pouco? Vocês devem estar exaustos depois de dezenove horas voo.

Poxa, ela devia ser mesmo muito íntima da família para ter a liberdade de dar ordens aos funcionários do apartamento e ser atendida.

— Estamos realmente exaustos, mas também estamos famintos. Por mim, tanto faz. Você decide, Abby, quer jantar primeiro ou prefere tomar um banho, trocar de roupa e descansar um pouco antes de comer? — Cariel indagou.

Não sei se foi impressão minha ou se todos na sala me olharam com perplexidade devido ao fato de Cariel ter me deixado tomar a decisão por ele, embora a única que pareceu ficar irritada com isso fosse Savana, ou talvez eu estivesse cansada demais e vendo algo que não existia.

— Jantamos primeiro, só que antes eu preciso ligar para saber se a minha mãe está bem.

Prontamente, Cariel deixou Kristen sentada confortavelmente no sofá, veio até mim e acariciou suavemente meu rosto com as pontas dos dedos.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu tenho certeza que ela está bem. Aqueles russos não estavam atrás dela, pode usar o telefone fixo se quiser ficar sozinha, tem um logo ali na sala ao lado.

— Não preciso ficar sozinha, só me arranja um celular.

Para a minha total surpresa, foi Alexander quem tirou o celular de última geração de dentro do seu paletó e entregou-me. Uma gentileza que eu não esperava de alguém que parecia tão rude quanto ele.

Meu coração congelou dentro do peito quando a voz de um homem atendeu o celular da minha mãe — Eu gostaria de falar com Miranda Willis. Esse não é o telefone dela? — Indaguei, quase entrando em desespero.

— *Sim, esse telefone é dela, só que no momento ela está dormindo, quer dizer, ela parece meio apagada, acho que bebeu demais, mas isso é normal, acontece praticamente todos os dias. Aqui quem está falando é o Michael, amigo dela. Você quer deixar recado?*

Suspirei aliviada.

— Não, eu só queria saber se ela está bem, Michael, obrigada.

Com isto, encerrei a ligação, tomada pela certeza de que não voltaria a ligar para aquele número por muito tempo, talvez pelo resto da minha vida.

Agindo como se fosse muito íntima da família, Savana pediu que uma empregada servisse o jantar e nos reunimos na sala ao lado, tão grande quanto a sala de estar, em torno de uma mesa com lugar para umas dez pessoas, sobre a qual havia um lustre pendurado no teto, tão grande que eu tinha a impressão de que despencaria e se espatifaria a qualquer momento.

A comida não era muito diferente daquela com a qual eu estava acostumada, havia de tudo um pouco, saladas, purês, frango e carne assada, era a mesa mais farta que eu já havia visto na vida. O vinho servido era dos melhores e apenas Kristen não bebia.

— Me fale sobre esse trabalho que você realizava no centro médico de Houston. Como conseguiu um cargo tão alto sendo tão novinha? — Foi Alexander quem perguntou.

Ele estava sentado na cabeceira da mesa e tinha a postura de um rei, altivo

e elegante dentro do seu terno caro, com os cabelos loiros penteados para trás, impecavelmente arrumados, sem nenhum fio fora do lugar. Aquela expressão rude parecia inerente a ele, os olhos possuíam uma agressividade natural e embora Cariel já tivesse me contado que ele se tornara uma pessoa fria e insensível após a morte da esposa, percebi que aquela rudeza fazia parte da personalidade natural dele.

— Algumas pessoas acham que tive sorte, inclusive atraí falsas amizades por causa disso. — Falei entre uma garfada e outra. — Mas não foi exatamente assim. Eu sempre me dediquei muito aos estudos, trocava as festas, os passeios e os namorados pelos livros quando estava na faculdade e com isso consegui mostrar um desempenho maior que o dos outros alunos, talvez até maior que o esperado pelos professores, o que levou o Dr. Young a me convidar para trabalhar com ele, antes mesmo de eu me formar.

— Nossa! Como você conseguia ficar sem as festas e os namorados durante a faculdade? É a melhor época para a gente se divertir e curtir a vida. — Savana falou com uma animosidade exagerada e comecei a perceber que tudo nela parecia exacerbado, como se fosse falso.

Mas podia ser só impressão minha ou então eu estava implicando com ela, inconscientemente, pelo fato de ela ter sentado perto demais de Cariel à mesa e de não tirar os olhos dele nem por um minuto.

Mas quem era eu para tentar tomar a frente de uma mulher linda e sexy como aquela, caso ela quisesse ficar com Cariel? Talvez eles já tivessem sido namorados, talvez ainda fossem, talvez ele estivesse com ela quando partira para os Estados Unidos. Eram tantos “talvez”, que se eu continuasse pensando neles ia acabar perdendo o foco, era melhor impedir que meus pensamentos tomassem esse rumo, havia um objetivo para que eu estivesse ali e eu pretendia cumpri-lo, ou pelo menos tentar, o resto era só o resto.

— É admirável a sua forma de agir, você está de parabéns, é uma grande exceção no mundinho sórdido em que a farra, a internet e até as drogas são priorizados pelos jovens em detrimento dos estudos. — Alexander falou com aquele jeitinho nada delicado de ser.

Ele devia ter uns trinta anos, mas falava como se tivesse cinquenta.

— Não acho justo ser parabenizada por fazer algo que não é mais que a

NACIONAIS-ACHERON

minha obrigação. Cada pessoa escolhe o futuro que quer ter, eu escolhi me tornar uma grande médica, estou apenas cumprindo os meus objetivos de vida. — Naquele momento, não pude deixar de me lembrar da minha mãe bêbada e drogada jogada no sofá daquela sala imunda. Teria ela escolhido aquele destino, ou a vida a empurrou para aquilo? Eu jamais saberia, pois dificilmente voltaria a vê-la.

— Infelizmente nem todo mundo tem essa obstinação e às vezes até tem, mas não dispõe das oportunidades certas. — Cariel falou como se fosse capaz de ler meus pensamentos e tentasse justificar o fato de minha mãe ser como era.

— E muitas outras pessoas têm tudo, as oportunidades, a obstinação, a saúde, o caminho aberto e não fazem nada das suas vidas, tornam-se verdadeiramente inúteis. — Alexander disse com um tom de voz tão áspero e autoritário que silenciou todos à mesa.

Era óbvio que ele estava se referindo a Cariel e a tensão que surgiu entre os dois se tornou quase palpável, podia-se perceber de longe que ambos não se davam muito bem, eu só não compreendia o motivo. Alexander parecia se julgar muito melhor que Cariel, todavia, foi Cariel a arriscar a própria vida em busca de uma tentativa de cura para a sua irmã, enquanto ele estava ali, sentado, sem fazer nada.

— Nem sempre nossos objetivos de vida visam buscar méritos e metas para nós mesmos, às vezes usamos os nossos benefícios e nossa obstinação para o bem de outras pessoas. — Retruquei em defesa de Cariel e quando achei que Alexander rebateria com toda a sua arrogância, ele simplesmente se calou.

Após o jantar, nos reunimos na grande sala de estar para bebermos mais um pouco de vinho e conversarmos. Kristen parecia exultante com a volta do irmão e queria saber tudo sobre os Estados Unidos, a terra da liberdade, segundo ela.

Foi então que tive certeza que havia algo entre Savana e Cariel, pois ela sempre dava um jeito de sentar perto dele, às vezes tão perto que roçava a sua perna na dele e às vezes o arrastava para uma conversa paralela, quando podia falar com ele baixinho, de modo que apenas os dois ouviam. Parecia

uma cadelinha marcando território e a única coisa que eu podia fazer a respeito era me afastar para não ter que assistir os dois se pegando quando Cariel reaprendesse a enxergar toda a exuberância feminina que ela possuía.

Pensando em como seria a minha vida dali em diante, fui até a janela e observei a paisagem magnífica à nossa volta. Era final de tarde e o sol se punha no horizonte, formando uma faixa amarelada sobre o azul do oceano. Dali era possível enxergar a ponte que ligava os dois lados do porto e uma Casa de Óperas que parecia um monumento.

Minha única certeza naquele momento era de que eu precisava encontrar um lugarzinho só meu o mais rápido possível, não podia morar no mesmo apartamento que a minha paciente, no mesmo apartamento que Cariel, pois não demoraria muito e ele estaria se garrando com aquela ruiva que se jogava para cima dele sem ao menos disfarçar.

CAPÍTULO XXI

— Por quanto tempo pretende ficar na cidade? — Alexander indagou, aproximando-se de mim, por trás, tão silenciosamente que só percebi a proximidade quando ouvi a sua voz.

Com a taça de vinho na mão, ele recostou-se na janela ao meu lado, observando a paisagem diante de nós com a qual eu podia apostar que já estava tão familiarizado que não se impressionava mais.

— Até o fim dos meus dias. Não pretendo mais voltar para a América. Não sei até onde você conhece a situação pela qual Cariel e eu passamos lá, mas a máfia russa estava atrás de nós e a única forma de escaparmos foi vindo para a Austrália. Além do mais, não há mais nada para mim lá, o médico para quem eu trabalhava está morto, nosso laboratório foi destruído e a minha cabeça sempre vai estar a prêmio porque travei uma porta e acionei um alarme durante um ataque. — Eu não sabia se pelo efeito do vinho, mas estava falado demais. Eu nem tinha ido com a cara daquele sujeito, por que estava me abrindo com ele? Dei de ombros, imaginando o quão grande seria aquela mudança em minha vida, algo que jamais estive nos meus planos, que não foi pensado, nem elaborado, que aconteceu de repente demais, uma mudança cujos rumos eu não fazia ideia de quais seriam. Só esperava que desse tudo certo, que eu pudesse reconstruir a minha carreira naquele lugar desconhecido. — Acho que a Austrália agora é o meu lar. — Completei.

— Você vai se adaptar depressa. A cidade é povoada basicamente por pessoas que vêm de outros países, como você, e considerando que você já tem uma profissão e uma vaga garantida no maior hospital da cidade, tudo vai ficar mais fácil.

— Nada é fácil nessa vida. É uma mudança absurda pela qual estou passando. Basicamente, eu perdi tudo e todos que tinha, vou ter que começar do zero.

Ele analisou-me em silêncio por um instante, enquanto ingeria um grande gole do seu vinho.

— E por onde pretende começar?

— Não sei, talvez arranjando um lugar para morar, um cantinho que seja só meu.

— Não vai ficar morando aqui? — Ele parecia surpreso e não entendi o motivo. Por que achava que eu ficaria morando na casa de Cariel?

O que havia acontecido entre nós fora apenas uma aventura passageira, motivada pela loucura que vivíamos naquele momento, nada que nos levasse ao extremo de morarmos juntos.

— Sobre o que você está falando a sós com a minha garota, cara? — Cariel aproximou-se e abraçou-me por trás, o olhar de Alexander registrando atentamente o gesto, deixando-me constrangida.

— Nada que você não precisasse estar falando se não fosse tão desatento. — Cariel fitou-o, confuso, sem compreender suas palavras, porém, Alexander não lhe deu tempo de perguntar, examinou o relógio em seu pulso e anunciou que tinha um compromisso, então despediu-se de todos, ao que parecia ser à sua maneira, sem beijos, abraços, ou qualquer outro contato físico, e simplesmente se foi.

Continuamos ali na sala, bebericando o vinho por mais algum tempo. Cariel, Savana e Kristen sentados em um sofá, enquanto eu ocupava outro. Kristen estava entre os dois, querendo ouvir tudo o que o irmão tinha a lhe dizer sobre a América, até que adormeceu ali mesmo, parecendo ainda mais frágil e doentinha com os olhinhos fechados.

Cariel a pegou no colo e a carregou através de uma escadaria que levava a um segundo andar. Fiquei perplexa quando Savana os seguiu, com uma mão apoiada em seu ombro, como se realmente fosse muito íntima dele.

Eu os observei até que desaparecessem do meu campo de visão, enquanto o meu estômago se contorcia como se estivesse se transformando em um nó. Só que aquilo não era nada além do que eu já esperava, com a sorte que eu tinha com os homens, me admirava que eles ainda não tivessem se beijado bem na minha frente.

Sentindo-me completamente abandonada na sala, esvaziei a taça de vinho com um só gole e comecei a vagar pelo apartamento. Havia uma terceira sala,

do outro lado, uma sala de descanso com uma lareira eletrônica e um piano antigo, talvez o único móvel antigo de todo o lugar. Sobre o piano havia vários porta-retratos e com fotos de Cariel, Kristen e Alexandre, em diferentes momentos de suas vidas, desde infância, passando pela adolescência, até a idade adulta. Na maioria das fotografias de Cariel adulto, ele praticava algum tipo de esporte radical, quando não estava surfando em uma onda enorme, estava escalando alguma montanha, ou saltando de paraquedas, ou voando de parapente. Aquilo explicava porque ele tivera tamanha facilidade em se infiltrar entre os russos, era um aventureiro, apaixonado pela adrenalina. Em quase todas as fotos em que ele não estava sozinho, Savana aparecia sempre ao seu lado, junto com outras pessoas, como se eles se conhecessem há muito tempo, como se estivessem sempre juntos. Havia também uma foto de um belo casal que acreditei serem os pais dele.

Através daquelas fotografias, consegui imaginar como era toda a vida de Cariel, um cara riquinho que não precisava trabalhar e vivia a vida curtindo as aventuras que ela tinha a oferecer, sempre cercado por mulheres lindas e deslumbrantes como Savana. O que um homem como ele ia querer com uma garota como eu, cuja maior aventura que vivia era tentar responder a um questionário desafiador em um livro de medicina? Nós jamais daríamos certo, éramos diferentes demais, vivíamos em mundos completamente opostos. Meu conceito de diversão era hibernar na frente da televisão, o dele era se aventurar por aí e essa era apenas uma de nossas muitas diferenças. Ainda bem que eu percebi isso logo, antes que tivesse tempo de sair magoada daquela história.

— Ei, gata, o que faz aqui sozinha? — A voz de Cariel interrompeu meus pensamentos, quando ele entrou na sala.

Tentou abraçar-me por trás, mas dei um passo à frente, esquivando-me.

— Nada, só estou olhando suas fotos e vendo que você tem uma vida bastante agitada aqui.

Ele passou os olhos pelas fotografias e seu olhar assumiu uma expressão sonhadora, como se sentisse falta de tudo aquilo e não visse a hora de voltar para sua rotina de antes. Eu podia imaginar o quanto devia estar sendo difícil para ele afastar-se de toda aquela agitação por causa da irmã doente.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu curto muito esportes radicais e aposto como posso te fazer gostar disso também, basta que você esteja disposta a experimentar.

— Eu?! Nem morta! Meu esporte preferido é ficar vegetando na frente de uma televisão, assistindo às séries da Netflix nas horas vagas, quando não estou trabalhando. Está vendo como vivemos em mundos completamente opostos?

— Por isso dizem que os opostos se atraem.

— Não, por isso dizem que um peixe e um pássaro podem até se amar, mas onde construiriam seu ninho?

O sorriso que brincava em seus lábios sumiu de repente, ao passo em que seu olhar assumia uma expressão de gravidade. Estava abrindo a boca para dizer alguma coisa, quando Savana avançou pela sala.

— Já estou indo embora, Cariel. — Disse ela, para no instante seguinte atirar-se nos braços dele, enlaçando seu pescoço com os braços, ao passo em que ele a abraçava pela cintura, seus corpos se colando de cima a baixo.

Ficaram ali abraçados por um longo momento, enquanto eu sentia as minhas entranhas se resolverem, um nó se formando em minha garganta.

Por fim, se soltaram e após direcionar-me um rápido até logo, ela se foi.

Cogitei perguntar a ele o que havia entre os dois, mas estava muito na cara, seria idiotice da minha parte deixá-lo acreditar que eu não havia percebido nada, e mais idiotice ainda deixá-lo saber o quanto me afetava.

— Quer dar mais uma olhada por aí, ou prefere ir descansar? — Cariel indagou.

Eu estava morta de curiosidade para conhecer o terraço da cobertura, a vista de lá devia ser linda e provavelmente devia ter uma piscina enorme, mas isso teria que ficar para outra hora, pois eu estava no limite da minha exaustão, precisando urgentemente de uma noite de sono.

— Acho que se eu não me deitar agora, vou acabar dormindo em pé. — Foi a minha resposta.

Cariel tentou segurar minha mão enquanto me conduzia escada acima, mas não permiti o contato. Estava decidido que nada mais aconteceria entre

nós. Eu não era tola o bastante para me envolver em algo que me faria sair machucada. Havia sido maravilhoso o que acontecera antes, mas não passara de uma aventura que se encerrara no instante em que a nossa fuga dos russos também acabara.

No andar de cima, havia pelo menos cinco quartos. Ele abriu a porta de um desses e nos colocou para dentro. Era tão grande e sofisticado quanto o resto do apartamento.

— E você vai dormir aonde? — Indaguei, cruzando os braços na frente do corpo e vi a surpresa refletir-se na expressão do seu olhar.

— Como assim? Do que você está falando? Eu vou dormir aqui com você.

Cogitei ser sincera com ele e dizer-lhe tudo que estava entalado na minha garganta, falar como me senti quando o vi tão íntimo de Savana, entretanto, não quis parecer uma covarde sem autoconfiança e sem autoestima.

— Melhor não. Estou cansada demais, Cariel, realmente preciso de uma noite de sono.

— Mas você vai ter uma noite de sono, só que comigo ao seu lado, como tem sido desde que nos conhecemos.

Eu não sabia mais o que dizer, só restava falar a verdade, ou pelo menos parte dela.

— Aquilo acabou. Nós só dormíamos abraçados porque precisávamos um do outro para nos sentirmos menos desprotegidos em meio a toda aquela loucura, só que agora estamos seguros, não corremos mais risco de vida. O que aconteceu entre nós, não vai se repetir.

Um misto de confusão e perplexidade tomou conta da sua fisionomia.

— Isso não é verdade. — Retrucou ele. — O que aconteceu entre nós não foi apenas necessidade de nos sentirmos seguros, foi muito mais que isso. E se ficamos juntos porque precisávamos um do outro, saiba que eu ainda preciso de você e te quero do meu lado. Será que você pode entender isso?

Eu entendia que ele podia até me querer por um tempo, talvez não apenas para me convencer ajudar Kristen, até porque não precisava mais disso, eu já estava ali como ele queria, porém, entendi também que não demoraria muito

para que se cansasse de mim, para que percebesse que eu não poderia fazê-lo feliz, já que era pacata demais para acompanhá-lo em sua rotina de aventuras radicais. Logo ele iria enxergar mulheres como Savana cercando-o todo o tempo, loucas para tê-lo e me deixaria de lado. Eu olhava para nós dois, dali a alguns meses e um filme parecia se passar em minha mente. Um filme muito dramático, com direito a lágrimas nos meus olhos e tudo.

— Nós somos diferentes demais, Cariel, isso nunca daria certo. É melhor pararmos agora, antes que alguém saia machucado dessa história e provavelmente esse alguém seria eu.

— Como você pode saber se daria certo ou não? Não se pode prever o futuro. Além do mais, eu jamais te magoaria, Abby, como pode pensar isso de mim depois de tudo o que passamos juntos?

— Não magoaria de propósito, mas na primeira oportunidade, quando surgisse uma grande aventura com garotas lindas como Savana te cercando, você esqueceria até o meu nome. Eu me conheço bem, e pelo pouco que conheço de você, sei que é melhor pararmos por aqui.

— Você não sabe nada sobre mim e está agindo como agia com aquele idiota do Andrew. Está se afastando para não ter que se envolver, porque tem medo de levar as coisas a sério e ainda coloca a culpa nas pessoas que querem ficar com você. Só que eu não sou como os outros babacas que passaram pela sua vida, e não vou deixar você se afastar de mim. Você vai ser minha, pode ter certeza disso.

Ele falava com uma certeza e autoconfiança absurdas. Eu queria realmente acreditar que suas palavras eram verdadeiras, que ele verdadeiramente me queria em sua vida, mas sabia que na primeira vez que saísse para pegar onda e uma gatinha usando fio dental passasse por ele, aquele entusiasmo todo por mim desapareceria, porque eu não era o tipo de garota a quem um homem como ele se ligava, e com o tempo ele perceberia isso. Essa era a minha certeza.

Cariel não disse mais nada. Sem a minha permissão, segurou a minha face dos dois lados e plantou um beijo demorado em minha testa, para em seguida deixar o aposento.

Eu me certifiquei de que a porta estava muito bem trancada por dentro

NACIONAIS-ACHERON

antes de me atirar sobre a cama larga e confortável, pois se ele aparecesse de novo, talvez eu não encontrasse mais forças para resistir.

Nada podia ser mais frustrante que acordar de uma longa e revigorante noite de sono e não ter nada para vestir. Pelo menos consegui lavar os meus cabelos com xampu e condicionador depois de vários dias, e acabei tendo que vestir as mesmas roupas. Até que não estavam tão sujas.

Grande foi a minha surpresa quando abri a porta e me deparei com o conjunto de blazer e saia de linho, creme, pendurado no trinco do lado de fora, ainda no plástico. Só podia ser coisa de Cariel, apenas ele parecia ainda não ter percebido que eu não gostava de roupas sofisticadas.

Apesar de não fazer o meu estilo, não recusei e troquei as roupas sujas pelo conjunto com cheiro de roupa nova e pela lingerie sexy que veio junto — uma calcinha preta, minúscula e transparente fio dental e um sutiã-meia taça com rendas da mesma cor —, antes de descer para o primeiro andar.

Senti um cheiro de comida partindo da cozinha e o segui com o estômago roncando de fome. Foi na cozinha que tive a minha segunda surpresa do dia ao me deparar Cariel sentado ao balcão americano, de costas para a porta, usando apenas uma bermuda surfista colorida, com seus pés descalços.

Como se fossem puxados por um ímã, meus olhos percorreram cada contorno dos músculos perfeitos das suas costas largas e dos seus bíceps, um formigamento gostoso acontecendo na altura do meu ventre.

Comecei a me sentir meio idiota por não ter passado a noite agarrada àquele corpo gostoso, acabando-me de prazer com ele.

— Bom dia, Dra. Willis. Acordou cedo hoje. — Cariel falou com bom humor, ao ouvir os meus passos aproximando-se. Sentei-me na banqueta giratória ao seu lado, observando a mulher do lado de lá do balcão, sorrindo para mim com simpatia. — Essa é Rose, a nossa empregada. Rose, essa é a Dra. Abby Willis.

— Nós já nos conhecemos ontem à noite, esqueceu? — Falei.

— Mas não foram apresentadas formalmente.

— É um prazer conhecer você, Rose.

— O prazer é todo meu. Seja bem-vinda à Austrália.

Fiquei surpresa ao ver que Cariel comia batatas fritas com ketchup.

— Por que você está comendo batatas com ketchup no café da manhã?

— Porque é gostoso, ué.

— Na verdade, é a comida preferida dele. — Disse a simpática Rose. — E a senhora, o que vai querer para o café?

— Pode ser torrada ou panqueca, o que estiver mais fácil de preparar, e uma xícara de café puro. E por favor, não me chame de senhora, já basta como eu estou me sentindo dentro dessas roupas ridículas.

Rose sorriu ainda mais amplamente.

— Como assim, ridículas? Fui eu mesmo quem escolhi na lojinha que tem aqui ao lado. Achei que você ia gostar. É tão caretinha quanto você.

— Não é o meu estilo, você já deveria ter percebido isso.

— Pelo menos serviu, sua ingrata?

— Sim. Entrou direitinho. Como você sabe o meu tamanho?

Ele me encarou com a expressão carregada de malícia e subitamente recordei-me das suas palavras quando dissera que havia memorizado as curvas do meu corpo, o que fez com que minha face enrubescesse subitamente.

— Isso é uma pergunta retórica, ou você quer que eu responda?

— Esquece que eu perguntei. Agora me fala por que você ainda não está vestido, nós temos que levar Kristen ao hospital, preciso fazer alguns exames nela e saber que tratamento está recebendo. Achei que você fosse nos levar.

— E vou, mas achei que você gostaria de sair para fazer compras antes, ou sei lá, conhecer a cidade.

Aquele era o Cariel das fotografias sobre o piano, despreocupado e irresponsável, tentando adiar algo imprescindível por causa de coisas banais como compras e passeios pela cidade. Eu sabia que não ia demorar muito para que ele revelasse sua verdadeira natureza, só não esperava que fosse tão depressa.

— Eu não acredito que você está dizendo isso! Como assim fazer compras e passear pela cidade? Cacete! A sua irmã não está bem, nós precisamos começar a trabalhar com ela o mais rápido possível. Preciso saber qual o tratamento ela está recebendo e se posso fazer algo melhor. Nós precisamos ganhar tempo, se é que você me entende.

O sorriso que brincava em seus lábios se desfez instantaneamente e toda a descontração que havia na sua fisionomia deu lugar à tensão, uma ruga se formou no centro da sua testa, ao mesmo tempo em que seus olhos refletiam uma aflição que eu já conhecia.

— Se você prefere assim, tudo bem, temos apenas que esperar Kristen acordar, mas ela não acorda muito cedo.

Com isto, ele levantou-se e deixou a cozinha, caminhando com passos largos e apressados na direção da escadaria, enquanto Rose me observava como se eu fosse uma megera.

Doeu na minha alma ter que dizer a ele palavras tão duras àquela hora da manhã, mas precisava ser realista, não havia espaço para displicência diante da gravidade da situação em que Kristen se encontrava.

Enquanto os esperava, fui explorar mais um pouco do apartamento. Ainda no andar de baixo, encontrei uma pequena biblioteca com um acervo de livros clássicos raríssimos. Era a última coisa que eu esperava encontrar ali, depois do piano.

— Agora pronto, você achou a biblioteca, duvido que a vejamos em outro lugar do apartamento de agora em diante. — Caryl comentou ao avançar pela biblioteca.

Ele estava ainda mais bonito que antes, havia feito a barba que crescera durante os dias em que estivemos em fuga pelos Estados Unidos, exibindo seu rosto perfeito, o queixo másculo, os traços bem desenhados. Já havia se trocado, usava jeans e uma camiseta de malha com a imagem de uma banda de rock na frente.

— O que mais me choca é saber que um cara como você tem uma biblioteca em casa. — Provoquei.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO XXII

— E por que te choca? Você acha que não sou intelectualizado?

— É, eu acho sim.

— E você tem razão, a leitura não é muito a minha praia. Essa biblioteca foi montada pelos meus pais. Esse apartamento foi deles, era onde vivíamos quando eles ainda eram vivos. Depois do acidente, eu o reformei e redecorei para que ficasse mais de acordo comigo. As únicas coisas das quais não consegui me desfazer foram a biblioteca e o piano, porque me lembram demais a minha mãe. Todas as vezes que a imagem dela volta à minha mente, ou ela está nessa biblioteca, lendo, como tanto amava, ou está tocando piano.

Tentei evitar que as emoções me tomassem, mas foi impossível, e quando me dei conta, meus olhos já estavam marejados de lágrimas. Apesar do estilo de vida que levava, Cariel era marcado por perdas, tinha a alma repleta de cicatrizes, como eu, embora as suas fossem ainda mais profundas. Ele não podia perder Kristen também e cabia a mim impedir que isso acontecesse.

— Eu sinto muito pelos seus pais. — Falei com sinceridade. — Depois da morte deles, Kristen sempre morou aqui com você?

— Sim. Ela escolheu ficar comigo ao invés de com Alexander. — Aquilo era perfeitamente compreensível. — Às vezes a mulher dele a levava para passar uns dias, mas quase sempre estava trabalhando. Ela era modelo e muito requisitada, de vez em quando também tinha que viajar por causa do trabalho.

Eu nem conseguia imaginar um homem intransigente como Alexander dividindo sua esposa com revistas e passarelas.

— Será que Kristen ainda está dormindo?

— Estava no banho quando passei por lá, já deve estar pronta, vou verificar.

Mesmo parecendo muito fraquinha, Kristen conseguia caminhar sozinha, e nos acompanhou quando deixamos o apartamento. Tinha o visual típico de

uma adolescente, usando um lenço colorido na cabeça e óculos de sol com as lentes redondas e vermelhas.

Na garagem, havia vários carros de luxo, entre eles um Porsche conversível preto no qual entramos.

— Esse é Leonardo. — Disse Cariel ao entrarmos no carro.

— Esse quem?

— O carro. — Foi Kristen quem respondeu. — Ele dá nome aos carros. — Ela completou, soltando uma gargalhada.

— Nossa! Quanta criatividade.

— Ele tem também a Elionor, o Timotty e o Jack.

— Não esqueça da princesa Alanna e Frank.

— Ah, é. Ele dá nome à lancha e ao iate também. — Kristen falava e sorria, deixando perceptível que a proximidade de Cariel era responsável por toda aquela alegria.

Eles realmente se amavam muito.

Não havia palavras que pudessem descrever a sensação de estar em um carro conversível, em alta velocidade, pelas ruas de Sydney, sob o calor do sol morno – nem quente demais, nem frio –, com o vento batendo em seu rosto, apreciando a paisagem da praia que se estendia ao longo da rua.

Kristen ia no assento de trás, enquanto eu e Cariel íamos na frente. Para eles, aquilo tudo não era mais nenhuma novidade, sequer reparavam na paisagem magnífica pela qual passávamos. Quanto a mim, estava simplesmente fascinada.

Fomos direto para o Hospital Westmead, no oeste da cidade, um dos maiores hospitais de Sidney, o qual abrigava uma das sedes do projeto Sydney West Câncer Network – um projeto criado para lutar contra o câncer –, financiado pelo governo e por doações de empresários ricos. Como Cariel era um dos doadores mais generosos, conseguiu fazer com que eu fosse inserida na equipe médica principal e trabalhasse junto ao médico responsável.

Fui apresentada por ele como uma das médicas responsáveis pela

NACIONAIS-ACHERON

descoberta da cura do câncer, roubada de nós pelos russos. A princípio, os membros da equipe médica, composta por homens e mulheres com mais de trinta anos, alguns com mais de cinquenta, observaram-me com certa incredulidade devido ao fato de que eu aparentava ter bem menos idade do que tinha, e era nova demais para fazer uma descoberta tão grande. Entretanto, quando começamos a conversar sobre os tratamentos disponíveis para a doença e expus os meus conhecimentos, passaram a me olhar diferente, com mais respeito e até uma certa admiração.

O tumor que Kristen tinha no pulmão tratava-se de um adenocarcinoma, um dos mais comuns. Não me surpreendi quando fiquei sabendo que ela estava sendo tratada com quimioterapia, radioterapia e medicamentos ultrapassados. Os médicos australianos ainda não conheciam a terapia celular, a última descoberta da medicina no que se referia a cânceres mortais, de acordo com a qual modificava-se geneticamente vírus que atacavam as células doentes, matando-as. Podia-se usar diversos vírus para esta função, particularmente eu preferia trabalhar com o vírus do HIV, devido à sua agressividade, capacidade elevada de se multiplicar e a facilidade de manipulação genética.

A terapia celular não funcionava com todos os pacientes, mas dava certo com a maioria. Se desse certo com Kristen, nós conseguiríamos prolongar a vida dela por muito tempo, talvez até curá-la com isto, caso eu não conseguisse recriar a descoberta do Dr. Young.

Atendendo ao pedido de Cariel, o Dr. Cooper, chefe da equipe, deu-me carta branca para trabalhar com Kristen. Além da terapia celular, introduziria também alguns medicamentos mais atuais e suspenderia quimioterapia, a radiação e os demais medicamentos.

Como ela havia feito uma ressonância magnética recentemente, durante a ocasião em que estivera internada, pedi apenas alguns poucos exames de sangue para não cansá-la muito, já que estava ainda muito fraquinha. Pretendia começar a manipulação genética dos vírus ainda naquela tarde.

— O que você acha da gente tirar a tarde de folga para irmos ao shopping e dar uma volta na praia? Há tanto que quero te mostrar aqui, Abby. — Propôs Cariel como se não enxergasse a gravidade da situação.

— Não vai ser possível. Pretendo começar a trabalhar no novo tratamento de Kristen ainda esta tarde. É um tratamento delicado, que requer muita atenção e cuidado.

Ele pareceu ficar decepcionado, quando, na verdade, deveria estar agradecido.

— Pelo menos almoça com a gente, Abby, a comida daqui não é muito boa, mas dá para não vomitar. — Foi Kristen quem convidou.

E quem seria capaz de resistir a um convite feito com tanta doçura e meiguice?

— Tá bom, o almoço eu aceito. Só não posso demorar muito. — Concordei.

Almoçamos no refeitório repleto de pacientes e profissionais da saúde do hospital, um ambiente com o qual eu já estava acostumada, aliás, era um ambiente no qual eu me sentia completamente à vontade, como se estivesse em casa. Aquela era a minha zona de conforto e eu me sentia feliz por voltar a me encontrar entre pessoas doentes, por quem eu podia fazer alguma coisa.

Depois do almoço, Cariel e Kristen se foram e eu passei a me dedicar exclusivamente à preparação da terapia celular, ao mesmo tempo em que ensinava os procedimentos e métodos aos outros médicos da equipe.

Notei que, diferente de muitos lugares que eu já havia visto, aquele hospital não tinha carência de recursos financeiros, pelo contrário, possuía equipamentos modernos e caros, embora os médicos não soubessem ao certo o que fazer com alguns deles. O que faltava ali eram universitários com novas ideias, cérebros frescos, como costumava dizer o Dr. Young, pessoas com sede de realizar pesquisas e novas descobertas. Quando Kristen estivesse melhor, eu pretendia sugerir que o projeto desse espaço aos estudantes de medicina das universidades da cidade, da forma como o Dr. Young fazia, afinal, eles eram o futuro do mundo médico.

Quando a noite caiu, estava quase tudo pronto para que realizássemos o procedimento, poderíamos fazer isso dentro de três dias, restava torcer para que desse tudo certo, para que a terapia funcionasse com Kristen. Depois que ela estivesse melhor, teríamos a tranquilidade e o tempo necessários para trabalharmos na cura definitiva levada pelos russos.

NACIONAIS-ACHERON

Deixei o hospital tarde da noite, na limusine que Cariel enviara para me apanhar, um veículo tão confortável que fiz o percurso de volta quase dormindo nos assentos estofados.

Ao chegar ao apartamento, encontrei Cariel em pé no meio da sala, como se me esperasse. Parecia uma miragem dentro de um jeans colado e uma camisa de seda com as mangas compridas enroladas até os cotovelos.

— Como foi o seu dia, doutora? — Indagou ele.

— Cansativo, mas também produtivo.

Exausta, passei direto por ele e atirei-me no sofá, abandonando a minha bolsa de lado. Eu seria capaz de dormir ali mesmo se estivesse em um apartamento só meu.

— Está com fome? — Ele indagou, colocando-se diante de mim.

— Muita! Só não sei se o cansaço vai me deixar mover o maxilar para mastigar alguma comida.

Ele sorriu amplamente e estendeu-me a mão.

— Vem comigo, tenho uma surpresa para você.

— Que surpresa?

— Se é surpresa, não posso falar. Vem?

Vencida pela curiosidade, deixei o cansaço de lado e dei minha mão a ele, deixando que me conduzisse escada acima. Passamos pelo corredor onde ficavam os quartos e subimos mais um lance de escadas, alcançando o terraço enorme, onde havia uma piscina com borda infinita ainda maior do que eu imaginara, era tão grande que tomava todo um lado do terraço e possuía uma mini-ilha de concreto com duas espreguiçadeiras e um guarda-sol ao centro.

O lugar estava todo iluminado por luzes de velas, o luxo se refletia por todos os lados, desde as plantas exóticas, até a fileira de espreguiçadeiras estofadas. A vista noturna do porto era simplesmente deslumbrante, dali se podia enxergar até muito distante o tapete de luzes da cidade com partes negras esporádicas, indicando a existência do mar. Havia uma mesa pequena, posta perto da piscina, de onde partia o cheiro gostoso de comida.

— Minha nossa! Isso aqui é lindo! — Exclamei, verdadeiramente

NACIONAIS-ACHERON

impressionada.

Apoiei-me na amurada de vidro, observando a vista magnífica que me cercava, imaginando como teria sido para Cariel crescer em um lugar como aquele.

— Nem sempre é assim. — Ele recostou-se ao meu lado. — Eu coloquei as velas para você, também fiz o jantar, porque Rose precisou sair mais cedo para levar o filho dela ao dentista. A comida ainda está quentinha, servi quando o motorista me avisou que você estava vindo. Espero que você consiga comer o que preparei.

Ele parecia meio desconcertado e eu senti vontade de sorrir.

— E Kristen, já jantou?

— Sim, ela funciona como um aspirador de pó, jamais iria dormir sem comer alguma coisa antes.

— Nesse caso, vamos ver se você é tão bom na cozinha quanto é para se inserir na máfia russa.

— Poxa, Abby, havia tantas outras coisas com as quais você poderia ter comparado o meu talento na cozinha. — Seu tom de voz estava carregado de insinuações e um arrepio gostoso atravessou o meu corpo.

Ao nos acomodarmos à mesa, ele puxou a cadeira para mim, mostrando-se cavalheiro demais. Quando um homem agia assim, era porque só queria uma coisa e eu sabia exatamente o que era.

— Se estiver ruim me avisa, aí pedimos uma pizza. — Disse ele, servindo-se da torta de carne com batatas e cenouras cozidas.

Servi-me também, estava uma verdadeira delícia, a massa era macia e o recheio de carne moída, com molho, tinha um gosto forte, quase picante, delicioso.

— Huumm... Isso está muito bom. Você está aprovado no quesito cozinheiro.

Ele sorriu e serviu-me do vinho gelado, cujo gosto combinava perfeitamente com a comida.

As luzes que partiam das velas, a brisa fresca que soprava e a vista à nossa

NACIONAIS-ACHERON

volta, somadas ao gosto do vinho e ao sabor da comida, formavam um conjunto perfeito, que me deixava completamente relaxada e à vontade.

Fizemos a refeição envolvidos por uma conversa gostosa e descontraída. Ao terminarmos de comer, continuamos ali sentados, bebericando o vinho por um longo momento.

Eu estava cogitando levantar-me e ir dormir, quando Cariel foi até um controle remoto e ao clicar em um botão, uma música suave e muito romântica preencheu o ambiente.

— Dança comigo, Abby. — Ele convidou, estendendo-me sua mão.

— Fala sério, Cariel! Eu estou esgotada, meu corpo está implorando pela cama.

— É só uma música. Seu corpo aguenta.

Apenas para não parecer rude e mal-educada depois de tanta gentileza por parte dele, aceitei e deixei que me conduzisse para o meio do terraço, próximo à piscina, onde Cariel envolveu o meu corpo com seus braços fortes, apertando-me pela cintura, afundando o rosto no meu pescoço, enquanto eu o abraçava pelo pescoço, então passamos a nos mover lentamente, de acordo com o ritmo suave da música.

Foi inevitável, logo o meu corpo se tornou muito consciente do dele e uma corrente de calor passeou pelas minhas entranhas, instalando-se no espaço entre minhas pernas.

— Você está tão cheirosa. — Cariel cochichou no meu ouvido.

Sua voz sussurrada, unida ao seu hálito quente acariciando a minha orelha, fez com que o desejo se espalhasse ainda mais depressa por todo o meu organismo, só que eu não podia ceder às minhas emoções, havia prometido a mim mesma que nada mais aconteceria entre nós, e eu não ia quebrar essa promessa.

Entretanto, manter-se indiferente ao turbilhão de sensações lascivas que aquele homem conseguia me despertar, enquanto tentava em seduzir, era praticamente impossível.

Como se estivesse enfeitiçada, tentei me afastar, mas não fui forte o

bastante e deixei que ele continuasse me tocando, com uma fome desesperada, como se a minha vida dependesse das suas carícias e logo suas mãos estavam passeando pelas minhas costas, seus lábios deslizando pela pele do meu rosto e pescoço, intensificando a luxúria dentro de mim, fazendo-me latejar onde eu era mais sensível.

Eu não devia ter aceitado o seu convite para jantar no terraço, devia ter cortado o mal pela raiz, contudo, já que estávamos ali e eu estava encontrando dificuldades em resistir, que fôssemos logo até o final, só mais essa vez, depois pararíamos de vez.

— Cariel. — Sussurrei, minha voz entrecortada pela respiração ofegante.

— O que foi Abby?

— Me beija.

Antes que eu tivesse tempo de terminar de pronunciar as palavras, sua boca estava cobrindo a minha, seus lábios pressionando os meus com avidez em um beijo carregado de erotismo. Uma de suas mãos desceu para a altura dos meus quadris, pousou sobre minhas nádegas e fez pressão, empurrando meu ventre de encontro ao volume na sua calça, o que me fez gemer sem querer.

Cariel introduziu a língua na minha boca, entrelaçando-a com a minha, ao mesmo tempo em que eu enfiava os dedos sob o tecido da sua camiseta, e o tesão ferveu dentro de mim quando meus dedos contornaram o desenho perfeito dos músculos do seu tórax. Com um gemido rouco, ele me pegou em seus braços, carregou-me até a mesa na qual havíamos acabado de jantar e com uma mão puxou a toalha, derrubando pratos, travessas, colheres e copos para todos os lados, antes de me deitar sobre a superfície de madeira.

— Olha a bagunça que você está fazendo. — Murmurei, mal conseguindo respirar tamanho era o desejo que pulsava dentro de mim.

— Não tem problema. Rose limpa tudo amanhã.

Cariel inclinou seu corpo grande sobre o meu, segurou os meus pulsos acima da minha cabeça com uma das mãos, e com a outra puxou um lado da gola do meu terninho, abrindo-o de cima a baixo, enquanto os botões voavam para todos os lados, depois, levantou o meu sutiã, desnudando os meus seios,

admirando-os com olhos cheios de fogo.

Experimentei a brisa da noite acariciando meus mamilos sensíveis antes que sua boca gostosa cobrisse um deles, a ponta da sua língua circulando o bico antes de começar a chupar.

— Ahhh...

Ensandecida, abri mais minhas pernas, fazendo com que a minha saia colada subisse até a altura dos meus quadris e esfreguei o meu sexo, protegido pela calcinha, na sua ereção, como se aquilo fosse capaz de aplacar o incêndio que acontecia dentro de mim.

Cariel levou sua boca para o outro peito e o sugou até que o bico estivesse duro, enquanto eu continuava me esfregando nele, chegando muito perto de ter um orgasmo.

Naquele momento, eu me dei conta de que seria impossível me manter longe dele, sexualmente falando, enquanto vivêssemos sob o mesmo teto. Aquele homem era como um afrodisíaco, o meu corpo suplicada pelo dele quando tomava consciência do seu calor. Sempre que passássemos um pelo outro e nos esbarrássemos, sempre que nos tocássemos mesmo que de leve, eu iria desejar ser possuída por ele. A única forma que eu tinha de sair daquela história antes de me machucar feio, seria me mudando para outro lugar e faria isso no dia seguinte, mesmo que tivesse que pedir um adiantamento do meu salário no hospital.

Ele deslizou sua boca quente e úmida pela pele do meu tórax e do meu abdômen, suspendeu um pouco mais a minha saia, deixando-a enroscada na minha cintura e ergueu o corpo para observar o meu corpo.

— Poxa, gata, eu passei o dia todo de pau duro imaginando como essa calcinha tinha ficado em você.

— Eu tenho certeza que você já estava imaginando isso quando a comprou.

Ele sorriu e inclinou-se novamente sobre mim, beijando e lambendo minha boceta por cima do tecido fino e transparente, fazendo-me incendiar um pouco mais, minha vagina molhada latejando, suplicando para que ele entrasse em mim.

— Ah meu Deus! Me desculpem! Eu não queria interromper. — A voz alarmada, forçosamente meiga, partiu da entrada do terraço e eu levei um susto tão grande que só não caí de cima da mesa porque Cariel me segurou.

— Savana, o que faz aqui a essa hora? — Cariel indagou, erguendo seu corpo de cima do meu, porém, sem sair de entre as minhas pernas.

Desesperada, morrendo de vergonha e de raiva, lutei bravamente até alcançar as laterais do meu terno e o fechei na frente do corpo, segurando para não abrir, antes de empurrar Cariel com as pernas e levantar-me. Eu tinha certeza que meu rosto estava vermelho como um pimentão quando consegui me colocar de pé e observei a garota com olhos de duas cores, parada na entrada do terraço, usando um sobretudo quente demais para aquele clima. Eu podia apostar que por baixo daquele sobretudo ela usava uma lingerie sexy e pretendia mostrá-la a Cariel se não tivesse nos encontrado ali.

A constatação fez o meu estômago revirar.

CAPÍTULO XXIII

— Como você entrou aqui? — Cariel indagou, parecendo muito à vontade com a ereção quase furando o seu jeans.

— Eu tenho a chave, lembra? Você me deu.

Ela não precisou dizer mais nada, com aquilo, não tive mais dúvidas de que os dois estavam juntos enquanto eu fazia papel de palhaça, sendo a outra. Não havia mais como negar essa verdade, um homem não daria a chave do seu apartamento a uma mulher a menos que estivesse tendo um caso com ela, e o pior nessa história era que ele sabia que ela poderia aparecer a qualquer momento.

Como podia ser tão canalha?! Mas os homens eram assim, eu não devia estar tão surpresa.

Com o meu sangue fervendo de raiva, decidida a me mudar dali no dia seguinte, dei um passo na direção da escada, quando Cariel segurou-me pelo braço, forçando-me a ficar no lugar.

— Espera, onde você pensa que vai? — Indagou ele e eu fiquei imaginando que só faltou ter dito que ainda não havia terminado comigo para poder partir para a próxima transa.

Caramba! Que ódio! Bem feito para mim! Eu já havia percebido que existia alguma coisa entre aqueles dois, e mesmo assim dei uma de idiota me deixando seduzir pelo joguinho dele.

— Olha, gente, me desculpem, eu realmente não queria atrapalhar. — Savana disse com aquela voz tão melosa que chegava a ser enjoativa.

Ela pedia desculpas por ter nos interrompido, mas não tomava a atitude de se retirar, continuava ali parada, observando, esperando-o ficar sozinho e se ele não a mandava ir embora, era porque a queria exatamente onde estava.

Furiosa, puxei meu braço da mão dele com um supetão, mas ele segurava firme demais e não consegui me soltar.

— Me solta, Cariel, eu preciso dormir, estou cansada.

— Nada disso, mocinha, eu ainda não terminei com você.

Puta merda!

— Acho que agora você tem com o que se manter ocupado, não precisa mais de mim.

Puxei meu braço com ainda mais força e desta vez me libertei da sua mão.

Sem conseguir olhar no rosto de nenhum deles, deixei o terraço quase correndo e fui direto para o quarto onde havia passado noite anterior. Mal havia entrado quando Cariel entrou atrás de mim.

— O que você está fazendo, Abby?

Ele falava como se me culpasse por aquela situação embaraçosa, o que serviu para atizar ainda mais a raiva dentro de mim.

— O que eu estou fazendo?! Não seja cínico, Cariel! Foi você quem fez papel de canalha deixando que sua namorada nos flagrasse quase transando em cima daquela maldita mesa!

— Minha namorada? Do que você está falando? Savana e eu somos amigos, ela não é a minha namorada.

— Não minta pra mim, eu vejo as coisas, percebo a forma como vocês se olham e se tratam. Vai realmente tentar me convencer de que não existe nada entre vocês?

— Claro que não existe! — Ele fez um momento de silêncio, como se meditasse sobre o que diria em seguida. — Já existiu, não vou negar, mas isso foi há muito tempo. Hoje em dia nós somos bons amigos e mais nada. Você acha mesmo que eu seria capaz de te expor dessa maneira se eu tivesse alguma coisa com ela?

— Amigos não têm a chave do apartamento uns dos outros e não aparecem a essa hora da noite usando um sobretudo com o calor que está fazendo. Se vocês não são mais namorados, você precisa avisar isso a ela, mas não por minha causa, pois, como já te falei, o que aconteceu entre nós acabou, nada mais vai acontecer. O que houve hoje foi um deslize que não vai se repetir e para que eu tenha certeza disso, pedirei um adiantamento do meu salário amanhã e alugarei um lugar para morar.

Os olhos de Cariel se arregalaram tanto que tive a impressão que saltariam das órbitas.

— O quê?! De jeito nenhum! Daqui você não se muda nem por cima do meu cadáver!

— Não é ético que eu fique debaixo do mesmo teto que a minha paciente e de um cara com quem transei. Eu preciso de espaço e de imparcialidade.

— Um cara com quem você transou? Então é só isso que eu sou para você?

Respirei profundamente, tentando me acalmar, pois talvez o meu nervosismo estivesse me fazendo magoá-lo sem querer.

— Olha, cara, não foi isso que eu quis dizer. Eu estou cansada, preciso dormir, conversamos quando eu estiver melhor.

— Você disse que vai se mudar daqui só porque está cansada?

— Não, sobre isso eu estava falando sério. Eu já pretendia me mudar daqui assim que cheguei. Não é certo que fiquemos morando sob o mesmo teto, eu preciso de privacidade e você tem a sua vida, não quero te atrapalhar.

Ele observou-me por um longo momento de silêncio antes de falar.

— Não, Abby, o seu lugar é exatamente aqui, você não está atrapalhando a minha vida, pelo contrário, você está tornando-a melhor. E eu vou te provar que aquele papo de que somos diferentes demais um para o outro não tem nada a ver, nós somos perfeitos juntos. — Sem pedir a minha autorização, ele segurou a minha face entre suas mãos e beijou-me demoradamente na boca, deixando-me quase sem fôlego. — Agora descanse. Boa noite. — Estava a caminho da porta quando se deteve, virou-se para mim e falou: — Já que você não quis ir ao shopping esta tarde, eu e Kristen fomos e compramos roupas, um celular e um computador para você, espero que goste. As roupas foram escolhidas por Kristen, ela tem muito bom gosto. — Com isto, deu-me as costas novamente e desta vez se foi.

Sentei-me, zonzinha, na beirada da cama, tentando aplacar o fogo deixado por aquele beijo.

Por mais que eu tentasse evitar que a minha mente tomasse essa linha de

pensamento, não consegui imaginar outra coisa que não Cariel indo encontrar Savana no terraço. Ele a observaria tirando o sobretudo, revelando o corpo bem feito dentro da lingerie minúscula e os dois transariam na piscina, como ele teria feito comigo se ela não tivesse aparecido.

Droga! Droga! Droga! Maldita sorte a minha!

Acordei cedo e bem-disposta no dia seguinte. Cariel tinha razão quando disse que Kristen possuía bom gosto para roupas, as peças que ela comprara para mim eram fofas e estavam bem organizadas no closet, ainda não eram exatamente as calças folgadas e as regatas confortáveis que eu gostava de usar, mas também não eram as coisas vulgares que Cariel gostava de comprar. Eram vestidos de algodão longos, floridos e leves, conjuntos de calça de linho e blazer, macacões e alguns vestidos mais sofisticados para a noite. Havia também calçados e acessórios e quase tudo me agradou.

O celular e o computador que encontrei sobre a escrivaninha eram de última geração. Eu não tinha o costume de aceitar presentes tão caros, porém, como estava precisando de um computador para realizar pesquisas e do celular, não os rejeitaria, pagaria por eles assim que começasse a receber meu salário.

Ainda era muito cedo quando deixei o quarto, pronta para ir ao hospital. Não esperava encontrar Cariel novamente na cozinha, imaginei que ainda estivesse dormindo depois de uma noite quente de sexo com a sua namorada empata foda, entretanto, assim que atravessei a porta, lá estava ele, sentado na bancada, só de bermuda, de costas para a porta, conversando com Rose. Ainda tentei dar meia-volta e retornar antes que fosse vista, mas não fui rápida o bastante, ele já havia ouvido meus passos.

— Bom dia. Dra. Willis. Esqueceu alguma coisa no quarto? — Indagou ele, lançando-me um olhar rápido por cima do ombro.

— Achei que tivesse esquecido, mas lembrei que coloquei na bolsa. — Menti, desconcertada, e fui sentar-me ao lado dele, deixando uma banqueta vazia entre nós.

Observei atentamente o seu rosto à procura de algum vestígio de que ele tivesse passado a noite em claro, transando com a sua namorada multicolorida, mas não havia nada, pelo menos, nada que se pudesse

perceber. Na certa, devia estar tão acostumado a passar as noites em claro que não ficava mais vestígios em sua fisionomia.

— Bom dia, doutora, o que vai querer para o café? — Rose indagou com a simpatia de sempre.

— O que você puder preparar mais rápido, preciso chegar cedo ao hospital.

— Nada disso. Prepare umas panquecas bem caprichadas para ela, Rose. Ninguém pode sobreviver correndo desta forma, a alimentação é essencial para que se tenha uma vida saudável e como médica, você deveria saber disso.

Meus instintos me fizeram lançar um olhar na direção da porta. Esperava que a qualquer momento Savana entrasse por ela, usando apenas um pijama sobre o corpo sexy. Teria realmente passado a noite ali? Ainda estaria dormindo no quarto dele? Eu apostava que sim.

— Não precisa me dar conselhos sobre a minha alimentação, Cariel. Eu sou bastante crescida e sei me cuidar muito bem, mas pode preparar as panquecas, Rose, acho que dá tempo.

— Gostou das roupas que Kristen escolheu?

— Bastante. São muito melhores do que aquelas que você escolhe. — Eu não fazia questão de disfarçar o tom áspero da minha voz.

— Eu te disse que ela tem muito bom gosto. Aliás, tem outra coisa que quero te dar. Esse fui eu mesmo quem escolhi. — Ele enfiou a mão no bolso da sua bermuda, de onde tirou as chaves de um carro e entregou-me.

— É um carro? — Indaguei, perplexa.

— Sim. Quando você descer, eu te acompanho até a garagem para mostrar qual é.

— Cariel, você não pode me dar um carro.

— Claro que eu posso. Você precisa de um para ir ao trabalho todos os dias, ou quer ficar dependendo do motorista e da limusine?

Ele estava certo, ficar dependente da limusine tiraria a minha liberdade de ir e vir, além do que, eu não tinha hora para deixar o hospital à noite, o que

NACIONAIS-ACHERON

faria com que o motorista tivesse que ficar até mais tarde no trabalho me esperando e isso não seria justo com ele. Aceitaria o carro, entretanto, pagaria por ele também depois que começasse a receber meu salário.

— Obrigada. Quando receber eu te pago por ele.

— Não precisa, é um presente. — Rose serviu a ele o prato com batatas fritas, ketchup e um copo com suco de laranja, para em seguida ir preparar as minhas panquecas. — Então, o que você vai fazer hoje no hospital?

— Dar continuidade ao que comecei a fazer ontem: manipular os vírus do HIV para injetar em Kristen.

Subitamente, Cariel engasgou-se com seu suco e teve um ataque de tosse.

— Como assim?! Você vai injetar vírus da AIDS na minha irmã?! — Ele parecia chocado.

— Claro que não, tá doido? São vírus geneticamente modificados para atacar as células doentes no pulmão da sua irmã. Eles não têm os elementos patogênicos que causam a AIDS, pode ficar tranquilo.

— É sério, agora você me assustou.

— Vai começar a duvidar da minha competência depois de ter tido tanto trabalho para me trazer até aqui?

— Imagina, eu confio totalmente em você.

Após a refeição, ele acompanhou-me até a garagem para me mostrar qual carro havia comprado para mim. Ao passarmos pela sala, pegou uma camiseta de malha que estava jogada sobre o sofá e vestiu-se. Quando vi o carro, quase tive um ataque de tosse semelhante ao dele, tratava-se de uma Lamborghini vermelha novinha em folha, cujo preço eu teria que trabalhar pelo menos uns cinco anos para conseguir pagar.

— Você ficou maluco? Eu não posso aceitar esse carro. Nem que eu trabalhasse nos sábados, nos domingos e nos feriados, conseguiria te pagar em menos de cinco anos.

— Não seja boba, o carro é seu. Ele combina direitinho com você. Agora falta escolher um nome para ele.

— Na minha cultura, não costumamos dar nomes a carros. — Dei um

NACIONAIS-ACHERON

passo na direção da Lamborghini, quando então Cariel segurou-me pelo braço e me puxou de volta, com força, fazendo com que meu corpo se chocasse contra o seu bruscamente. Contornou minha cintura com um braço e segurou minha nuca com a outra mão, aprisionando-me firmemente no lugar. Sem que eu esperasse, tomou os meus lábios com os seus de forma impetuosa, como se tivesse o direito de me beijar quando quisesse. Ainda tentei resistir, mas era uma missão impossível resistir àquele homem e acabei retribuindo ao beijo sôfrego e ávido, para em seguida fugir dos seus braços e deixar o prédio o mais depressa possível.

A primeira coisa que fiz ao chegar ao hospital foi conversar com o meu superior na tentativa de conseguir um adiantamento do meu salário, para que pudesse alugar um apartamento e me mudar do de Cariel, entretanto, ele me garantiu que isso seria impossível, de acordo com as políticas internas do hospital nenhum funcionário poderia receber qualquer quantia do seu salário antes que completasse trinta dias de trabalho. Eu estava muito ferrada, teria que continuar vivendo sob o mesmo teto que aquela tentação em forma de homem, exposta ao desejo selvagem que nutria por ele e ao risco de vê-lo com Savana a qualquer momento, o que me deixaria despedaçada.

O dia de trabalho foi longo, árduo e cansativo, porém, produtivo. Embora tentasse manter os meus pensamentos focados unicamente no trabalho, a todo momento eu me flagrava pensando naquele beijo na garagem, no sabor da boca de Cariel que ainda estava na minha e em todas as emoções desconhecidas que ele me despertava. Pensei também nos acontecimentos da noite anterior, no fato de quase ter me entregado a ele depois de prometer a mim mesma que não faria isso, na visita inesperada de Savana. Eu ainda não fazia ideia se ela havia dormido no apartamento ou não, mas provavelmente havia, seria muita ingenuidade da minha parte acreditar que um homem fogo como Cariel dispensaria uma noite de sexo com uma mulher linda e exuberante como ela.

Na hora do almoço ele telefonou convidando-me para almoçarmos juntos em algum restaurante ali perto, e embora eu adorasse ter saído um pouco do ambiente fechado do hospital, tive que recusar, apenas para evitar passar ainda mais tempo com ele e me expor ao risco que isso acarretava: o risco de me apaixonar e ser abandonada depois.

Grande foi a minha surpresa quando, no início da tarde, vieram me avisar que Savana estava na recepção pedindo para falar comigo. Fui encontrá-la apenas para satisfazer a minha curiosidade sobre o que ela queria.

Estava perto do balcão da recepção, como sempre, muito sexy dentro de uma minissaia curta e justa e uma blusa com um decote supergeneroso, os cabelos ruivos cascadeavam-lhe os ombros e aquela fisionomia de coitadinha, que sempre me parecia forçada, estava estampada em seu rosto. Não havia um só homem no recinto que não olhasse para ela.

— Olá, doutora. Cariel me mandou vir aqui falar com você. — Disse ela. — Será que podemos sair um pouco? Não gosto muito desse ambiente de hospital — Claro, vamos até lá fora.

Nos dirigimos para a calçada em frente e achei agradável experimentar o calor do sol pela primeira vez depois de horas confinada no laboratório.

— Cariel disse que você pensa que somos namorados, mas nós não somos. Já fomos, há muito tempo atrás, agora somos apenas amigos. — Ela declarou e eu fiquei embaraçada.

Eles até podiam não ser mais namorados, mas que ela ainda gostava dele, disso eu não tinha dúvidas, ou não teria aparecido no apartamento dele àquela hora, usando um sobretudo que certamente servia para ocultar uma lingerie sexy. Apesar de tudo, senti pena dela, podia imaginar o quanto estava sendo difícil ter que vir falar comigo a mando dele. Era o que eu estaria fazendo para outra garota, dali a um tempo, se levasse adiante o que sentia por ele.

— Não sei por que ele te mandou vir aqui. Não tenho nada com ele. O que você viu ontem à noite foi só um deslize.

— Eu sei como é. Parece impossível morar sob o mesmo teto que ele e não ter esse tipo de deslize.

Eu sabia que devia ter encerrado aquela conversa ali, mas a curiosidade falou mais alto que eu.

— Então quer dizer que você não passou a noite com ele ontem?

— Não. Eu fui lá só para dar um oi. Como já disse, não há mais nada entre nós.

“Sim, mas sabemos que há os deslizos”.

— Foi bom falar com você. Agora se você me der licença, preciso voltar ao trabalho.

— Tudo bem, mas se ele perguntar, por favor, confirme que estive aqui.

— Certo.

Retornei para o interior do hospital ainda imaginando como ela devia estar se sentindo por ser obrigada a dizer a outra mulher que não havia nada entre ela e o homem de quem gostava em troca de não perder a amizade desse homem. Nem em mil anos eu me rebaixaria dessa forma, mas era melhor nem dizer isso em voz alta, pois era de Cariel Miller que estávamos falando e com a sorte que eu tinha, podia facilmente acabar no lugar dela só para pagar a minha língua. Pensei também no quanto Cariel era insensível por fazê-la passar por isso, ou então cego demais para perceber os verdadeiros sentimentos dela.

Ainda naquele dia, durante uma pausa para um café, usei o celular novo, com o número oculto, para ligar para Andrew e me informar sobre o que realmente havia acontecido na noite em que os russos conseguiram roubar o nosso projeto. Fiquei perplexa quando ele me contou que o Dr. Young foi assassinado por ter tentado acionar as travas da porta que dava acesso às pesquisas, exatamente como eu fiz da outra vez, só que desta vez as paredes não eram a prova de balas e eu podia apostar como ele não sabia disso, ou não teria se arriscado. Ele morreu como um herói, tentando proteger aquilo pelo que trabalhamos durante dois anos das nossas vidas, um projeto ao qual nos dedicamos quase que integralmente durante esses dois anos.

Naquele instante, enquanto falava com Andrew, decidi que se conseguisse recriar a fórmula, se conseguisse reinventar a cura para o câncer, daria a ela o nome do Dr. Young, em sua homenagem.

Apesar de ele insistir para que eu lhe dissesse onde estava, não o fiz, para sua própria segurança.

Naquele dia consegui grandes avanços na mutação do vírus, de modo que este estaria pronto para ser injetado em Kristen na data prevista, também orientei os médicos a fazerem o mesmo procedimento com outros pacientes.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO XXIV

Cheguei ao apartamento tarde da noite. Encontrei a luz da sala acesa e me surpreendi ao ver Cariel estendido no sofá, assistindo a um filme na televisão. Definitivamente, ele não era o tipo de homem que ficaria em casa à noite, sozinho, assistindo à televisão, era para estar em alguma balada por aí, enchendo a cara, dançando e se divertindo.

— O que faz acordado a uma hora dessas? — Indaguei, deixando-me afundar no sofá ao lado do seu, meu corpo cansado se aconchegando confortavelmente no estofado macio.

— Estava esperando por você. Preparei costeletas com molho para o jantar, está a fim?

— Hoje não. Comi um sanduíche antes de sair do hospital, acho que vou direto para a cama, estou exausta.

E era verdade, fiz questão de comer antes de sair do hospital para não cair novamente na sua armadilha de sedução e correr o risco de novamente ser flagrada, quase nua, transando em cima de uma mesa, por outra garota como Savana, pois duvidava que ela fosse a única a ter a chave do apartamento dele.

— Poxa, que maldade a sua. Estou até agora sem comer, morrendo de fome, esperando para jantar com você e você janta no hospital. Como pôde fazer isso comigo? — Sua voz possuía um falso tom dramático muito mal encenado. — Pelo menos me faz companhia enquanto eu como, pode ser?

Ele realmente sabia como me fazer sentir culpada, só que desta vez eu não me deixaria ser derrotada.

— Sinto muito, Cariel, eu realmente gostaria de jantar com você, mas não quero correr o risco de outra namorada sua aparecer de repente e achar que temos alguma coisa, já basta o que aconteceu ontem.

— Caramba! Quantas vezes vou ter que te dizer que não tenho namorada? Savana não foi ao hospital hoje te explicar tudo?

— Sim, ela foi e também expliquei a ela que não existe nada entre nós dois, pois como já te falei, o que aconteceu entre nós foi apenas uma aventura passageira e já acabou.

— Por que tem que ser assim, Abby? Por que tem que acabar? Por que não podemos continuar?

— Por vários motivos, e um deles é que não quero viver com medo de que apareça outra garota aqui usando um sobretudo por cima de uma lingerie sexy atrás de você.

— Como você sabe que ela estava usando uma lingerie sexy por baixo do sobretudo?

Cacete! Ele acabara de se entregar. Então era tudo mentira, eles não eram apenas amigos, ela havia passado a noite com ele, de que outra forma ele saberia que havia uma lingerie sexy por baixo daquele sobretudo?

Eu não sabia se ficava triste ou com raiva.

— Se não aconteceu nada entre vocês, como você sabe que ela estava usando uma lingerie por baixo do sobretudo?

— Por que ela chegou a tirar o casaco, mas não aconteceu nada. — A palavra “tonta” devia estar escrita bem no meio da minha testa. — Ela veio aqui ontem acreditando que ainda ia rolar alguma coisa entre a gente, mas não rolou, tá legal? E nem vai rolar. Nós já fomos namorados, mas isso foi há muito tempo, nada mais vai acontecer entre nós. De vez em quando ela tem essas recaídas, mas eu já deixei claro que a nossa história ficou no passado.

Eu já nem sabia mais o que pensar sobre esse assunto, estava na cara que Savana não desistiria facilmente dele, só foi falar comigo no hospital para agradá-lo e em algum momento ele acabaria cedendo, um homem com o fogo de Cariel não resistira a uma mulher como aquela. Em algum momento ela conseguiria fisgá-lo, porque era verdadeiramente sexy e linda, já o conhecia bem e fazia parte da sua vida. Eu não tinha a menor chance contra ela, contra a vida de aventuras que ele gostava de levar e contra tantas outras diferenças que existia entre nós. Se havia uma coisa da qual eu tinha certeza, essa coisa era que Cariel não era o cara certo para mim e eu não ia colocar a minha felicidade em risco por causa do sexo bom que ele fazia.

— Você me dispensou ontem porque acreditava que ela é a minha namorada, mas acho que está tudo esclarecido agora, não é, Abby?

— Isso não muda a minha decisão de que não podemos mais ficar juntos. Não é só por causa de Savana. Será que você não percebe que a gente não combina? Olha pra mim, eu trabalhei o dia inteiro e você ficou em casa sem fazer nada, você não tem nenhum trabalho, não tem responsabilidades. Não estou te julgando por isso, cada um vive a vida como quer e como pode, estou apenas dizendo que esse é o seu estilo de vida e é exatamente o oposto ao meu. Em algum momento, isso iria gerar atrito entre nós e nos tornaria infelizes. Tem certeza que é isso que você quer? Atrair atritos para a sua vida?

— Você está dizendo que não me quer porque eu não tenho um emprego?

Ele pronunciou aquilo como se fosse um grande absurdo e talvez fosse mesmo, ele era rico, por que precisaria trabalhar?

— Não é só pelo emprego, é pelo conjunto inteiro, é pelo abismo gigantesco de diferenças que existe entre nós. Um dia você vai perceber isso e me agradecer. Agora me dá licença, preciso dormir.

Antes que ele tivesse tempo de abrir a boca para dizer mais alguma coisa, deixei a sala com passos largos e apressados, indo direto para o meu quarto. Tranquei bem a porta por dentro e atirei-me sobre a cama do jeito que estava, sem ao menos trocar de roupas, tamanha era a minha exaustão.

No terceiro dia na Austrália, eu descobri que não havia como fugir de tomar o café da manhã junto com Cariel enquanto eu morasse naquele apartamento, pois mais uma vez me deparei com ele sentado ao balcão da cozinha americana, comendo batatas fritas, usando apenas uma bermuda, com os pés descalços, como se isso fosse um tipo de ritual. Eu não compreendia por que ele acordava tão cedo, se não tinha nada para fazer.

Chegando ao hospital, novamente tentei falar com os diretores a fim de conseguir um adiantamento e alugar um cantinho só para mim, mas foi em vão, eles se recusavam a me dar qualquer quantia adiantada, o que me deixou desalentada pela perspectiva de ter que passar o mês inteiro sob o mesmo teto que Cariel. Não que ele fosse má companhia, pelo contrário, eu amava estar com ele, a questão era que eu não podia me apegar mais do que já estava e

vendo-o todos os dias o risco de me apaixonar era enorme. Se eu já não tinha muita sorte no amor, podia imaginar como seria se me apaixonasse por um homem como ele, que podia ter qualquer mulher que desejasse.

Aquela noite, quando cheguei ao apartamento depois do trabalho, ele me convidou para assistir a nova temporada de *The Walking Dead* que acabara de ser lançada e nem precisou falar duas vezes para que eu me espichasse no sofá ao seu lado, porém depois de vinte minutos, adormeci ali mesmo e nem vi quando ele me carregou para o quarto. Pelo menos, encontrava-me sozinha na cama quando acordei no dia seguinte, ele havia respeitado a minha decisão de não dormirmos mais juntos.

Aquele era o dia mais importante para todos nós desde que chegamos à Austrália, o dia em que iniciariamos a terapia celular em Kristen, quando introduziríamos o vírus geneticamente modificado em seu organismo.

Como eu sabia que Kristen não costumava acordar cedo, eu me dei mais algumas horas de sono e quando descí as escadas, pronta para ir ao hospital, surpreendi-me ao encontrá-los já prontos e me aguardando na sala. Ao me enxergar, Cariel direcionou-me um sorriso nervoso e tentei transmitir confiança a ele com o olhar, mas não sei se consegui. Eles já haviam tomado o café da manhã, mas me fizeram companhia na cozinha enquanto eu fazia a refeição. Depois fomos para o hospital no Porsche de Cariel.

O procedimento era bem simples, e quando tudo estava pronto, eu e o chefe da equipe médica injetamos o vírus na corrente sanguínea de Kristen, que estava em um quarto particular reservado somente para ela. Realizamos o procedimento às nove horas da manhã e ao meio-dia ela já estava com febre alta e náuseas, uma reação acarretada pela infecção adquirida, comum em todo paciente que se submetia a esse tratamento. Para quem estava familiarizado com a medicina, sabia que aqueles sintomas se tratavam apenas de uma reação, porém, para quem não entedia nada, acreditava que a havíamos feito piorar. Esperei por esse tipo de acusação da parte de Cariel, mas não houve, ele parecia confiar totalmente em mim.

Os sintomas tomaram conta de Kristen durante os dois dias que se seguiram, quando ela tinha febres altas, vômitos e manchas na pele, de modo que não podíamos deixá-la sozinha em momento algum, visto que estava muito enfraquecida devido aos tratamentos anteriores e corria o risco de não

NACIONAIS-ACHERON

sobreviver. Durante aqueles dias, Cariel não saiu do lado dela, estava aflito, angustiado, de modo que mal comia ou dormia.

Quanto a Alexander, apareceu por lá para uma visita que durou menos de uma hora. Não me acusou de nada ao ver o estado em que a irmã estava, pelo menos, não com palavras, porém, arrogante como era, não deixou de expressar seu julgamento ao olhar para Cariel com aquela expressão de “eu te avisei”.

Depois de dois dias, os sintomas da infecção começaram a ceder, a febre se foi, assim como o vômito e as manchas na pele. Como Kristen ainda estava muito fraquinha, achei melhor que ficasse mais alguns dias internada no hospital sob constantes cuidados médicos.

Ela já estava um pouco mais forte quando coletei a primeira amostra de sangue com a qual verifiquei os resultados da terapia, e estes não podiam ser melhores. Quase saltei de felicidade ao ver que o vírus, geneticamente modificado, estava cumprindo sua função e começava a atacar as células cancerígenas, de modo que dentro de algum tempo as destruiria, não definitivamente, porque estas células se reproduziam e multiplicavam com muita facilidade, mas isso daria a ela muitos anos a mais de vida, o tempo que precisávamos para construir os equipamentos necessários para recriar a fórmula que foi roubada pelos russos, essa sim a livraria definitivamente do câncer. Ou talvez apenas pudéssemos adquiri-la caso os russos passassem a comercializá-la.

Outros pacientes também responderam positivamente à terapia, o que foi motivo para comemoração em todo o hospital e, pelo que fiquei sabendo, também em todas as outras sedes do projeto.

No dia seguinte, dei alta à Kristen. Era uma sexta-feira e eu estava tão feliz por saber que ela voltaria a ter uma vida normal, que poderia voltar a estudar e a sair com seus amigos, que os seus cabelos cresceriam, que decidi tirar a tarde de folga, quando nós três – eu, ela e Cariel – passamos as horas tomando banho de piscina, comendo churrasco, ouvindo música e pegando sol no terraço.

Alexander apareceu por lá para vê-la, como sempre com sua cara amarrada e às vezes com seu olhar perdido no infinito, como se existisse uma

grande redoma em torno dele, dentro da qual havia um mundinho particular que apenas ele conhecia. Não demorou muito por lá, como sempre.

No meio da tarde, Kristen adormeceu e Cariel a carregou em seus braços até o seu quarto. Cogitei voltar para o hospital e aproveitar as últimas horas do dia para trabalhar, mas estava tão gostoso e confortável ali na companhia dele, que não consegui ir a lugar nenhum e ambos passamos o resto do dia hibernando na frente da televisão, assistindo os episódios inéditos de The Walking Dead e outras séries da Netflix.

Parecia que ele havia entendido que nada mais aconteceria entre nós, pois em nenhum momento tentou me tocar ou me beijar, e eu não sabia se aquilo me deixava feliz ou arrasada. A impressão que eu tinha era que ele havia se interessado por outra pessoa e embora isso me doesse na alma, eu sabia que seria melhor assim, já que o objetivo era mantê-lo longe para não colher sofrimentos futuros. Portanto, o objetivo estava sendo cumprido.

No sábado, Kristen acordou cedo e antes que eu descesse para tomar o café da manhã, ela bateu na porta do meu quarto. Com a sua carinha de anjo e sua vozinha gostosa, acabou me convencendo para irmos à praia naquele dia, apenas à tarde, visto que eu havia deixado muitas coisas pendentes no hospital e tive que trabalhar até o meio-dia.

Eu, ela e Cariel fomos a uma praia que, segundo eles, era a mais descolada e movimentada da cidade. Ficava próxima ao prédio onde morávamos e suas areias brancas estavam abarrotadas de gente, jovens jogando vôlei ou futebol, outros apenas se refestelando ao calor do sol, adultos papeando enquanto se encontravam espichados nas espreguiçadeiras sob a proteção de guarda-sóis, outras pessoas nadavam e algumas poucas praticavam surfe.

Por onde passávamos, as mulheres viravam o pescoço para devorar Cariel com os olhos, mas quem podia culpá-las se ele estava gostoso até demais dentro de uma sunga azul colada ao seu corpo? Parecia tão acostumado a ser observado daquela maneira, que já nem se incomodava mais, sequer retribuía aos olhares, dava sua atenção exclusivamente para mim e para Kristen.

Eu não me lembrava de ter ido à praia antes, pelo menos, não para me divertir, havia estado uma vez em Galveston, fazendo um trabalho sobre biologia marítima para a faculdade, uma experiência que não se comparava

ao que eu vivia naquele momento. Pela primeira vez, eu estava usando um biquíni pequeno sem me sentir feia e constrangida, caminhando descalça pela areia morna, sentindo-me completamente livre, apreciando a companhia de Cariel e de Kristen mais que qualquer outra coisa nessa vida.

Eles dois tinham pranchas de surfe e foram pegar ondas enquanto eu me espichava sobre uma espreguiçadeira sob a sombra do guarda-sol e aproveitava para ler um pouco no meu Kindle, já que quase não tinha tempo para colocar a leitura em dia, o que não demorou muito, pois logo Kristen se cansou e Cariel insistiu tanto em me ensinar a surfar que acabei concordando. A princípio, achei aquela atividade difícilima, um esforço totalmente desnecessário, visto que subir em uma prancha e pegar uma onda não me traria nada de produtivo, entretanto, depois de algumas quedas trágicas, consegui finalmente me equilibrar sobre a prancha e pegar a minha primeira onda, uma ondinha pequena, afinal, eu estava apenas começando e definitivamente achei aquilo magnífico.

— Uau! Eu nunca imaginei que pegar onda fosse tão emocionante. — Falei, empolgada, enquanto deixava o mar junto com Cariel para irmos verificar se Kristen estava bem.

— Está vendo só? Nem sempre é tão difícil sair da zona de conforto, o pássaro pode dar um jeitinho de dar um mergulho de vez em quando, e o peixe pode emergir uma hora ou outra. — Ele falou aquilo enquanto fitava-me fixamente nos olhos e compreendi que queria dizer.

Kristen havia encontrado meu Kindle e estava presa na leitura do novo livro do Harry Potter, então voltamos para a água e ao deixarmos a praia no final da tarde, eu havia conseguido pegar várias ondas. Estava feliz como estivera em poucas ocasiões da minha vida, sentindo-me completamente relaxada, descontraída, com a sensação de que finalmente havia encontrado o meu lugar nesse mundo.

À noite, jantamos juntos no apartamento, envolvido por um clima gostoso de descontração e paz, como uma verdadeira família, depois hibernamos um pouco na frente da televisão e quando Kristen adormeceu, Cariel a levou no colo para o quarto dela.

Nós dois continuamos ali na sala conversando por mais algum tempo,

enquanto eu esperava ansiosamente que ele tentasse me beijar como fazia antes, e quando constatei que não faria, eu fui tomada por uma devastadora decepção, embora soubesse que a única culpada pela sua indiferença fosse eu mesma. Eu o havia afastado e me sentia quase deprimida com isso.

No domingo, novamente Kristen me convenceu a sair de casa, quando então quebrei meu recorde de saídas ao ir para algum lugar que não fosse meu local de trabalho por dois dias seguidos. Desta vez, fomos passear de iate, apenas nós três.

Percorremos toda a extensão do porto de Sydney, quando fiquei fascinada com aquela mistura de casas antigas e típicas, com os edifícios luxuosos e suas estruturas espelhadas. Parecia impressionante que uma cidade tão bonita e desenvolvida quanto Sidney não tivesse uma aglomeração de pessoas tão grande quanto em outros lugares como Los Angeles e Miami, por exemplo. Ali havia muitas casas apenas no litoral, onde, mesmo assim, ainda tinha espaço para terrenos desocupados.

Depois de percorrermos todo o porto, avançamos para o mar aberto, Cariel conduzindo a embarcação com habilidade. De vez em quando ele a deixava no piloto automático e vinham tomar sol junto comigo e Kristen nas espreguiçadeiras estofadas que havia na proa, tão grande que tinha inclusive uma pequena piscina. Aliás, o iate era todo grande, parecia mais uma casa, tinha academia, cozinha, sala de jogos e cabines que pareciam quartos de luxo.

Quando nos aproximamos do meio-dia, eu e Kristen fomos para a cozinha e preparamos sanduíches para o almoço. Foi então que Cariel ancorou para que fizéssemos a refeição todos juntos, como uma família de verdade. Embora isso parecesse loucura, era como eu me sentia entre eles, como se estivesse em meio a uma família, à minha família.

Depois do almoço, Kristen se recolheu em uma das cabines para o seu rotineiro cochilo da tarde. Quanto a mim, voltei para o convés e deitei-me perto da piscina, sobre uma das espreguiçadeiras acolchoadas, apreciando o calor do sol morno aquecendo minha pele, deixando-me completamente relaxada e com uma sensação gostosa de bem-estar.

Não ouvi os passos de Cariel quando ele se aproximou e levei um susto

quando senti sua mão espalhando protetor solar sobre minha barriga, o creme parecendo gelado de encontro a minha pele quente pelo sol.

— Que susto! Parece um fantasma! — Resmunguei, mas não me movi do lugar, inebriada com as sensações lascivas que o contato da sua mão sobre minha pele despertava em meu corpo.

— Achei que você tivesse adormecido sem se proteger do sol. — Disse ele e continuou espalhando o creme perfumado sobre meu corpo, subindo até os ombros, passando pelo colo, pelo tórax, pelo abdômen, até alcançar minhas pernas, fazendo uma massagem tão gostosa que despertou o desejo selvagem dentro de mim.

Esperei que ele tentasse me beijar, ou me tocar mais intimamente, como costumava fazer antes, mas não aconteceu. Após aplicar o creme, simplesmente deitou-se na espreguiçadeira ao lado e permaneceu imóvel, como se não me desejasse mais, e embora eu fosse a única culpada por tê-lo afastado, eu me senti magoada e rejeitada com a sua atitude. Lembrei-me da ocasião em que, ainda nos Estados Unidos, ele prometeu que só voltaria a me tocar quando eu pedisse, parecia estar agindo da mesma forma, como uma forma de me punir por tê-lo rejeitado tantas vezes. Talvez se eu pedisse, ele me daria mais uma chance e me faria sua ali mesmo, mas era realmente isso que eu queria? Sim. Todo o meu corpo suplicava por ele, não havia nada que eu pudesse querer mais naquele momento que senti-lo dentro de mim novamente, porém, eu não podia ser sua, acreditava que se me envolvesse com ele, que se me apaixonasse de verdade, estaria cavando meu próprio precipício, abrindo caminho em direção ao sofrimento que ele me causaria se me trocasse por outra e eu não precisava daquilo, já havia esgotado a minha cota de rejeições por uma vida inteira.

Era uma pena que as coisas tivessem que ser assim, eu o desejava demais, queria ser forte o bastante para aproveitar os momentos de prazer em seus braços sem me apaixonar, mas me conhecia o bastante para saber que não era.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

CAPÍTULO XXV

Cariel não voltou a me tocar durante o restante do dia, sequer se insinuou ou me lançou aqueles olhares fervorosos de antes e a cada instante ao lado dele, a frustração crescia dentro de mim por causa da sua indiferença.

Cacete! Será que eu não estava jogando a minha felicidade fora?

Voltamos para casa no início da noite. Fiquei fascinada ao me olhar no espelho e descobrir que havia pegado o meu primeiro bronzeado aos vinte e quatro anos de idade.

Nos dias que se seguiram, Kristen se mostrava cada vez melhor, seus fios de cabelos deram o ar da graça, seu corpinho pequeno estava mais forte, seu rosto mais corado. Faltavam dois dias para completar um mês que eu havia chegado a Sydney, quando Cariel decidiu dar uma festa em comemoração à melhora dela. De acordo com ele, convidaria apenas os amigos mais íntimos, porém, quando vi a quantidade de comida e bebida que chegavam e eram levadas para o terraço, tive a impressão de que eles eram amigos de toda a cidade.

Durante todos aqueles dias, ele não voltou a dar em cima de mim, embora saíssemos para algum lugar com Kristen todos os finais de semana. Também não o vi com outra garota, nem mesmo com Savana, apesar do que, vê-los seria difícil, já que eu saía para o hospital cedo da manhã e voltava apenas à noite. Ele podia ter reatado com ela ou estar tendo um caso com outra, que eu não ia saber.

Talvez como uma forma de me agradecer por ver sua irmã se recuperando finalmente, um dia antes da festa, Alexander me telefonou avisando que sabia sobre um apartamento disponível para aluguel, o qual seria perfeito para mim, pois ficava perto do hospital e tinha um preço acessível. Combinamos de ele me levar até lá dali a dois dias, quando eu já teria recebido meu salário.

No dia da festa, eu estava em meu quarto indecisa se participaria ou não. A música já havia começado a tocar lá em cima, no terraço, indicando o início da comemoração, quando houve uma batida fraca na porta e Kristen

entrou. Estava linda como uma princesa dentro de um vestido branco com saias rodadas e decote em meia-taça, sem alças, enfeitado com rendas. Trazia uma roupa pendurada em um cabide, protegida por um plástico.

— Já que você não teve tempo de comprar o seu vestido para a festa, eu comprei para você. — Disse ela, estendendo-me o vestido que trazia.

Abri a boca para dizer que estava indecisa se participaria da sua festa ou não, porém, ao olhar para o seu rostinho quase infantil, os olhos azuis me fitando com expectativa, não consegui recusar, aliás, era praticamente impossível recusar algo àquela garota, ela tinha um carisma único, um jeitinho meigo e ao mesmo tempo sincero de cativar as pessoas e convencê-las a fazer o que pedia. Pelo menos, comigo era assim.

— Os convidados já chegaram? — Indaguei, preguiçosamente, achando minha cama confortável demais para ser deixada de lado.

— Estão chegando aos poucos, mas você ainda não está atrasada. Quer que eu ajude a fazer sua maquiagem?

— Na verdade, quero sim.

Troquei o moletom velho que usava pelo vestido que ela havia trazido. Era o vestido mais sexy que eu já havia usado na vida, com alças largas, recobertas por um bordado cor de prata que se estendia até a cintura, tinha um decote em V tão profundo que mostrava pelo menos metade de cada seio e não poderia ser usado com um sutiã. Da cintura, partia a saia longa, esvoaçante, cor de creme, com uma fenda que se abria até o ápice da coxa.

— Nossa eu nunca me senti tão sexy. — Falei ao me olhar no espelho. — Tem certeza que esse decote não está grande demais?

— Não. Isso está na moda. Agora vou arrumar o cabelo e a maquiagem para combinar.

Fiquei até com medo do que ia sair dali quando ela tirou a chapinha de dentro de uma bolsa que trazia, me fez sentar diante do espelho da penteadeira e começou a alisar os fios rebeldes. Em questão de minutos, deixou meu cabelo completamente liso, brilhante e solto, parecendo o trabalho de uma profissional. Depois partiu para a maquiagem, agindo da mesma forma, como quem sabia o que fazia.

— Uau! Você já pode abrir um salão de cabeleireira, vai ter muitas clientes. — Exclamei, realmente impressionada com a habilidade dela.

— Cariel gosta de você, sabia? — Disse ela, de repente.

— Claro que gosta. Nós somos amigos.

— Não é só como amiga. Ele está apaixonado.

Processei aquela informação e meu coração deu uma cambalhota dentro do peito.

— Por que você acha isso? Ele falou?

— Não falou com palavras, mas com atitudes. Ele arranjou um emprego por causa de você, para te provar que pode ser um homem responsável.

Meu queixo caiu quase até o final do decote do vestido.

— É sério?

— Sim.

— Eu não sabia disso. Ele está trabalhando com o quê?

— Abriu uma agência de turismo. Isso depois de tentar trabalhar na empresa que era dos nossos pais junto com Alexander e não ter aguentado nem dois dias lá. Disse que a gravata apertava muito a sua garganta, que o paletó era quente demais e que Alexander era um mandão. Depois ele tentou dar aulas de surfe, mas desistiu. Há uma semana, ele reencontrou um amigo da época da faculdade e os dois abriram uma agência de turismo.

Minha nossa! Eu não estava sabendo de nada daquilo! Quantas novidades! Eu estava surpresa. Também, não era por menos, eu andava muito ocupada ultimamente, sem tempo de parar para conversar, embora ele pudesse ter me falado sobre isso durante um dos finais de semanas que passamos juntos.

— Ele está saindo com alguma garota? — A pergunta escapuliu.

— Não, Abby. O que eu acabei de te falar? O cara é louco por você. Está fazendo tudo isso para te conquistar, para que você perceba que ele existe.

Lembrei-me da noite em que disse a ele que não daríamos certo porque ele não trabalhava e não tinha responsabilidades. Será que estava mesmo fazendo aquilo por mim? Será que ele me queria tanto a ponto de se esforçar pelo

menos um pouco para mudar seu estilo de vida? De abrir mão das farras, da rotina de aventuras, de mulheres lindas como Savana, só para ficar comigo? Não havia mais como duvidar, Cariel não me disse com palavras, mas estava falando com atitudes, estava provando que podíamos dar certo juntos, que o peixe e o pássaro podiam sair um pouco da sua zona de conforto em nome de algo maior. Se ele estava mudando por mim, por que eu não podia mudar um pouco por ele também?

Emocionada, nem me dei conta de que Kristen havia deixado o quarto. Estava absorta em meus pensamentos, quando cheguei à conclusão de que Cariel era o cara certo para mim, o único que foi capaz de me tirar do marasmo que era a minha vida, de me fazer perceber que havia felicidade além das paredes de um hospital, além do sucesso no trabalho, que havia satisfação nas coisas da vida que pareciam tão sem importância para mim até conhecê-lo, como em uma simples ida à praia, ou em um passeio de barco, ou até mesmo em uma fuga pelas estradas dos Estados Unidos, pegando carona, assaltando pessoas. Como não percebi isso antes?

Se eu fosse colocar na balança toda a minha vida, antes e depois de conhecer Cariel, se levasse em conta tudo pelo que passei ao lado dele e antes de conhecê-lo, chegaria à conclusão de que fui muito mais feliz durante aquelas poucas semanas em que estive com ele, do que durante todo o resto da minha vida, aliás, eu não me lembrava de ter sido feliz antes de conhecê-lo.

A impressão que eu tinha era de que havia uma venda em meus olhos desde que o encontrei pela primeira vez e que essa venda acabava de ser removida. Cariel era o homem certo para mim, eu não tinha mais dúvidas e precisava dizer isso a ele.

Apressada, calcei as sandálias delicadas de saltos que a minha paciente preferida havia trazido e subi para o terraço quase correndo.

Cariel

O terraço estava todo modificado, com luzes coloridas em determinados lugares, repleto de mesas e cadeiras, com garçons circulando por todos os lados e uma música suave tocando ao fundo.

Eu havia perdido a conta de quantas festas tinha realizado naquele lugar, só que nenhuma outra foi tão especial quanto esta, porque estávamos comemorando o que um dia me disseram que seria impossível: a melhora da minha irmã.

Ela ainda não estava totalmente a salvo do câncer, de acordo com Abby, havíamos apenas ganhado tempo para que ela conseguisse montar os equipamentos necessários para recriar a fórmula que a levaria à cura definitiva, porém, eu continuava tendo esperanças, aliás, eu tinha certeza que Abby conseguiria curar Kristen e muitas outras pessoas, pois simplesmente confiava no potencial dela.

Além disso, se os russos tivessem roubado a fórmula com o objetivo de comercializá-la, em breve a disponibilizariam no mercado e poderíamos adquiri-la. De um jeito ou de outro, a vida de Kristen estava a salvo.

Entretanto, não era por causa de Kristen que eu estava nervoso aquela noite. Faltavam apenas dois dias para que Abby completasse um mês de trabalho no hospital, quando receberia seu primeiro salário e eu não teria mais como impedi-la de alugar um apartamento e se mudar de perto de mim. O médico responsável pelo hospital havia atendido o meu insistente pedido de não dar um adiantamento a ela, porém, não podia atender ao meu pedido de atrasar o seu pagamento, e eu não sabia mais o que fazer para impedi-la de ir embora. A perspectiva de que ela pudesse se mudar em dois dias estava me deixando louco.

Fazia dias que não falávamos sobre nós dois, que eu não tentava mais me aproximar e isso contribuía para o crescimento da minha loucura, porque eu precisava dela como um sedento necessitava de água no deserto, e não a ter estava se tornando a minha pior tortura. Talvez estivesse apaixonado, não tinha certeza, pois jamais havia amado uma mulher antes, pelo menos, não

verdadeiramente. Se aquilo fosse amor, eu o estava experimentando pela primeira vez na vida por alguém que não fosse da minha família.

Eu havia prometido a mim mesmo que não voltaria a dar em cima dela enquanto ela não me procurasse, afinal, eu tinha minha dignidade a zelar e esta estava sendo pisada cada vez que Abby me rejeitava. Porém, não podia esperar mais para dizer a ela tudo o que trazia em eu coração, contar-lhe o que sentia, pois corria o risco de perdê-la. Se o seu salário fosse pago no dia certo, ela se mudaria e então poderia ser tarde demais, eu a teria perdido.

Para tê-la, eu precisava que ela soubesse que podíamos dar certo juntos, mesmo possuindo pouco em comum, precisava provar a ela que era capaz de mudar, de abandonar a rotina de farras que ela tanto criticava e me adequar mais ao seu estilo de vida, de arranjar um emprego como ela queria, aliás, eu já havia feito isso. Não era exatamente um trabalho que requeria o meu tempo integralmente, era apenas uma agência de turismo na qual eu aparecia somente umas três vezes por semana, às vezes mais, mas não deixava de ser um trabalho. Abby precisava reconhecer isso, como também precisava perceber que eu era capaz de fazê-la feliz, que o que aconteceu entre nós nos Estados Unidos não foi apenas uma aventura, foi muito mais.

Fiquei quase sem fôlego quando eu a vi avançando pelo terraço, mais linda que nunca, dentro de um vestido com o decote profundo demais, o qual não fui apenas eu a reparar, todos os homens viraram o pescoço para observá-la e cogitei seriamente arrastá-la de volta para o seu quarto e deixá-la trancada lá.

Assim que entrou no terraço, ela percorreu os olhos em volta e os deteve em mim, seus lábios se curvando e um sorriso muito suave.

Como se estivesse hipnotizado, deixei a rodinha de amigos na qual me encontrava e caminhei ao seu encontro, decidido a falar sobre os meus sentimentos, contudo, antes que tivesse tempo de alcançá-la, Alexander pareceu surgir do nada, tomando a minha frente como um paredão de concreto. Convidou-a para dançar e ela aceitou, o que serviu para acender a raiva dentro de mim.

O que Alexander queria com ela? Ele nunca aparecia nas festas que eu dava, por que estava ali? Ele sabia que eu gostava de verdade de Abby, já

devia ter percebido isso e ia se ver comigo se eu desconfiasse que estava dando em cima da minha garota.

Peguei uma taça de champanhe de um garçom que passava e recostei-me em uma parede, observando os dois dançarem e conversarem ao mesmo tempo. Não estavam colados como os outros casais, até que mantinham certa distância um do outro, mas estavam sorrindo demais. Desde quando Alexander sorria? Também falavam bastante, enquanto eu me corroía por dentro, perguntando-me que assunto tão interessante podia ser aquele.

A música encerrou-se e outra se iniciou sem que eles parassem de dançar e conversar, até que perdi a paciência e fui lá tirá-la dos braços dele.

— Será que dá para você parar de monopolizar a convidada de honra? — Falei sem fazer questão de parecer gentil e a puxei de perto dele.

Alexander pareceu ficar surpreso com a minha atitude.

— Eu não estava monopolizando. Se quisesse dançar com ela era só ter pedido, garoto. — Disse ele e afastou-se em seguida.

— O que pensa que está fazendo, Caryl? — Abby indagou.

Achei que ficaria furiosa comigo, mas não havia raiva na sua fisionomia, pelo contrário, parecia calma e serena como uma noite sem brisa.

— Estou cuidando para que ninguém a tire de mim. — Falei e ela sorriu, seus olhos azul-escuros brilhando como duas joias raras.

Contornei sua cintura e a puxei para mim, conduzindo-a lentamente pelo salão no ritmo da música, enquanto ela enlaçava meu pescoço com seus braços e colava seu corpo todo ao meu, seu calor gostoso despertando o desejo primitivo dentro de mim.

— Para começar, eu não sou sua para que alguém me tire de você, e para terminar, não estávamos fazendo nada de mais, apenas conversando e dançando.

— Posso saber sobre o que tanto conversavam? O papo parecia muito interessante.

Ela hesitou antes de falar, como se estivesse receosa, piscou várias vezes como se decide se falaria ou não.

— No dia em que cheguei, eu disse a ele que pretendia alugar um apartamento para me mudar, então ele veio me avisar que sabe de um que está disponível para aluguel.

Meu coração quase parou de bater por um instante. Então era aquilo, eu estava muito perto de perdê-la e o maldito do meu irmão estava contribuindo para isso. Ele nunca participava da minha vida, ou da de Kristen, estava sempre distante, mantinha-se sempre indiferente e quando por fim decidiu participar era para me prejudicar. Quem precisava de inimigos quando se tinha um irmão como ele?

— E você vai mesmo se mudar? — Ela não respondeu, apenas ficou encarando-me em silêncio. Era o momento de falar o que estava sentindo, não podia adiar mais. — Preciso falar com você.

Dissemos a frase ao mesmo tempo, em uníssono, e soltamos uma gargalhada em seguida.

— Fala você primeiro. — Disse ela.

— Imagina. Primeiro as damas.

Um sorriso nervoso brincou em seus lábios ao mesmo tempo em que sua face linda ficava corada, o que atiçou a curiosidade dentro de mim sobre o que elaalaria.

— Eu tenho agido como uma idiota com você, Cariel. O que aconteceu entre nós nos Estados Unidos não foi apenas uma aventura, foi a melhor coisa que podia me acontecer. — Começou e meu coração deu uma pirueta dentro do peito. — Demorei a perceber isso, mas você me faz feliz como nenhum outro homem já conseguiu fazer. Eu gosto de você de verdade e acho que você é o cara certo para mim. Estou pronta para assumir meus sentimentos, se você ainda me quiser.

Se eu ainda a quisesse? Mas era claro que eu queria! Aliás, não havia nada que eu pudesse querer mais e não encontrei outra forma de dizer isso a ela que não avançando minha boca sobre a sua e a tomando em um beijo carregado de saudade. Pressionei os meus lábios nos seus com voracidade, como um faminto que encontrava um banquete para em seguida inserir minha língua entre seus lábios e explorar sua boca avidamente, enquanto ela correspondia com a mesma sofreguidão, e o desejo veio arrebatador, fazendo

NACIONAIS-ACHERON

meu sangue ferver nas veias, causando-me uma ereção.

— Eu te quero mais do que já quis qualquer coisa na vida, Abby. — Sussurrei, levando minha boca ao seu ouvido. — Quero que você seja minha mulher, a minha amante e a minha namorada, que jamais se afaste de mim de novo, porque apesar das nossas diferenças, eu sei que posso te fazer feliz. Inclusive já até arranjei um emprego como você queria. — Ela soltou uma gargalhada e eu a apertei tão forte que pude sentir as batidas aceleradas do seu coração de encontro ao meu corpo. — Nós somos perfeitos um para o outro, eu posso levar um pouco de entusiasmo à sua vida pacata e você pode trazer o equilíbrio que eu preciso na minha. Até um cego perceberia isso.

— Eu sei que demorei a perceber isso, mas agora eu sei, você é o homem certo para mim, Cariel. Me desculpe ter demorado tanto a enxergar essa verdade, eu estava vendada pelo medo de me apaixonar e sofrer por isso depois.

— Eu jamais a farei sofrer, você tem a minha palavra.

A música encerrou e começou a tocar *Same Mistake*, de *James Blunt*. Era uma música antiga, já conhecida, porém sua letra jamais havia feito tanto sentido antes, jamais aquela melodia havia tocado a minha alma tão profundamente como naquele momento.

Emocionado, apertei Abby ainda mais forte de encontro a mim e naquele instante fui tomado por um medo absurdo de perdê-la, então percebi que o meu mundo se resumia a ela, que nada era mais importante para mim que tê-la ao meu lado e não havia outra explicação para isso, que não a certeza de que eu amava, amava tanto que chegava a ser assustador.

CAPÍTULO XXVI

— Eu te amo, Abby. — Falei com os lábios de encontro ao seu ouvido e ela abraçou-me ainda mais forte.

— Eu também te amo, Cariel.

Três palavras tão simples, mas que foram capazes de fazer meu coração bater ainda mais acelerado no peito.

Novamente a beijei com ferocidade, tomado pela certeza de que havia encontrado o meu caminho e esse caminho era ela.

— Vamos sair daqui. — Propus e ela concordou com um sorriso.

Deixamos a pista de dança de mãos dadas e ao nos aproximarmos da porta do terraço, Savana estava entrando, acompanhada de Jonathan, um dos nossos amigos em comum. Eu não a havia convidado, provavelmente fora Jonathan.

Não convidei porque ultimamente Savana estava mudada, de uma forma negativa. Eu sempre soube que ela não se conformara com o fim do nosso namoro, mas pelo menos antes ela fingia estar satisfeita com apenas a minha amizade, fingia ser minha amiga, contudo, depois que Abby se mudou para o meu apartamento, ela deixou a máscara cair e passou a se jogar para cima de mim, tomando as atitudes mais baixas, como aparecer de repente em meu quarto e tirar a roupa na minha frente.

Provavelmente ela foi a primeira a perceber que havia muito mais que sexo entre mim e Abby, assim como também percebeu que em breve eu não estaria mais livre e foi isso que a motivou a perder o controle e mostrar quem realmente era, que jamais foi minha amiga de verdade, mas esteve durante todo esse tempo próxima a mim com a intenção de me fazer voltar para ela.

Seus olhos de duas cores se deslocaram do meu rosto para o de Abby e depois para as nossas mãos juntas. Desta vez não conseguiu disfarçar a fúria que a tomava e esta se refletiu na expressão do seu olhar, algo que não passou despercebido a Abby também.

Cumprimentei Jonathan com um aperto de mão e acenei brevemente com a cabeça na direção de Savana, para em seguida passar direto por eles, levando a minha garota comigo.

— Você sabe que ela ainda gosta de você, não é? — Abby indagou, enquanto descíamos as escadas.

— Infelizmente percebi isso há poucos dias. Antes eu acreditava que ela era a minha amiga, mas ela nunca foi, estava por perto apenas esperando que eu reatasse nosso namoro.

— E você não tem pena de desprezar o amor dela?

— Eu até teria se ela tivesse sido sincera comigo desde o início, mas não gosto de gente falsa. De Savana agora eu quero só distância. — Abby mordeu o lábio e tive a impressão que estava curiosa para saber o que me levou a romper meu relacionamento com Savana, só que eu não queria falar sobre ela naquele momento e sim sobre nós dois, ou melhor, queria fazer tudo, menos falar.

Tão logo entramos em meu quarto, fiz o que queria fazer desde que a vi entrando naquele terraço, deslizei as alças do seu vestido pelos seus ombros e braços, tirando a peça do seu corpo, deixando-a cair aos seus pés. Como eu já imaginava, Abby não usava sutiã e afastei-me alguns centímetros para admirar o seu corpo esguio, só de calcinha. Tinha os seios pequenos e empinados, a pele lisinha, sem qualquer imperfeição, a cintura era fina, as pernas longas e bem torneadas. Parecia uma menina frágil e delicada, mas na verdade era uma mulher forte, inteligente e corajosa, e esse contraste entre sua aparência e sua personalidade era o que mais me fascinava nela.

— Tão linda... — Murmurei, o desejo queimando em minhas veias.

— Eu te quero tanto, Cariel...

Com dois passos, ela eliminou a distância entre nós, abraçou-me pelo pescoço e eu a beijei como se seus lábios fossem o último resquício de oxigênio na Terra. Impaciente e impulsiva como sempre, Abby levou as mãos ao zíper da minha calça, tentando abri-lo com ansiedade, contudo, a última coisa que eu queria naquele momento era pressa, queria experimentá-la devagar, saborear cada pedacinho dela, matar a saudade que vinha me atormentando nos últimos dias.

NACIONAIS-ACHERON

Então, agachei-me diante dela e tirei sua calcinha de renda e as sandálias, observando de perto sua boceta pequena e depilada. Sem conseguir resistir, afastei seus lábios vaginais com meus polegares e dei uma lambida entre eles, percorrendo minha língua da entrada da sua vagina até seu clitóris, extasiado com seu sabor de fêmea excitada, fascinado com o gemido que escapou da sua boca.

Levantei-me e a ergui em meus braços, para então carregá-la até a cama, deitando-a cuidadosamente sobre o colchão. Estiquei minha mão até o criado-mudo e peguei a primeira coisa que ela alcançou: um rolo de fita adesiva. Tirei um grande pedaço, suspendi um dos pulsos de Abby acima da sua cabeça e o preendi com a fita no espaldar da cama.

— O que você está fazendo? — Indagou ela, encarando-me com nervosismo e ansiedade ao mesmo tempo.

— Nada de mais, só quero ter você presa em minha cama por um instante.

Suspendi seu outro pulso e também o preendi com a fita, de modo que ela estava aprisionada à minha cama. Aquilo não era nenhum tipo de fetiche, ou algo assim, talvez se tratasse de um desejo insano de possuí-la enquanto era tomado pela certeza de que ela não me escaparia, não importasse o que eu fizesse. Aquilo parecia meio sádico, mas era também muito excitante.

Invadido pela sensação de que naquele instante eu a tinha sob meu total domínio, coloquei-me em pé próximo aos pés da cama, observando sua completa nudez, maravilhado com sua fragilidade totalmente ao meu dispor, quando então o tesão alcançou níveis alarmantes dentro de mim.

Vagarosamente despi-me de minhas roupas, ciente que seus olhos capturavam cada parte do meu corpo que eu desnudava. Completamente nu, fui até o frigobar e me servi de uma dose de uísque, ingeri um grande gole e enchi a boca novamente com a bebida, dessa vez levei minha boca até a de Abby, fazendo com que bebesse o líquido dourado, para em seguida beijá-la com toda a fome que jazia dentro de mim.

Derramei uma pequena quantidade de uísque no espaço entre seus seios, observando o seu corpo estremecer brevemente ao contato com a bebida gelada sobre sua pele quente. Levei minha boca até lá e suguei até a última gota da bebida. Depois, derramei uísque sobre seus seios, seu ventre e no

espaço entre suas pernas. Abandonei o copo sobre o criado e coloquei minha boca novamente em seu corpo, lambendo e sugando seus seios, limpando-a do uísque, enquanto os seus gemidos suaves ecoavam pelo quarto, incentivando-me a continuar.

Desci minha boca pelo seu ventre achatado, refestelando-me com o seu sabor misturado ao sabor da bebida, o desejo dentro de mim me ordenando a estar dentro dela.

Abri suas pernas com as duas mãos, passei a língua no interior das suas coxas e então levei minha boca até sua boceta lisinha, movendo a língua sobre seu clitóris, em círculos, sentindo-o inchar sob meu toque, enquanto suas costas arqueavam na cama, suas mãos ansiosas tentando se libertar da fita adesiva.

Deslizei minha língua para sua vagina molhada e a penetrei, deleitando-me mais um pouco com o seu sabor. Lambi o espaço entre sua vagina e seu ânus e por fim movi minha língua sobre seu pequeno orifício, antes de voltar a brincar com o clitóris intumescido, estimulando-o com a ponta da minha língua. Segurei-o entre os meus lábios e suguei suavemente, ao mesmo tempo em que introduzia dois dedos na sua vagina apertada, movendo-os em vai e vem, massageando o seu ponto G. E foi assim que ela gozou, gemendo dengosa, repetindo meu nome enquanto me alimentava com o seu prazer.

Levei minha boca de volta para a sua e introduzi minha língua entre seus lábios, fazendo com que ela experimentasse o próprio gosto, o gosto da luxúria.

— Cariel... Me deixe sentir o seu gosto também. — Pediu ela, ofegante.

Até que não seria má ideia, entretanto, eu estava gostando de tê-la ali, aprisionada na minha cama e não pretendia soltá-la tão cedo, então eu a montei na altura dos seus ombros, os joelhos apoiados no colchão, um de cada lado do seu corpo e aproximei meu membro, duro como uma pedra, da sua boquinha delicada.

Como uma faminta, Abby ergueu a cabeça e passou a língua da raiz até a glândula do meu pau, para depois sugar o líquido que escorria da ponta, sua face linda e feminina se contraindo de prazer, seus olhos se fechando por uma fração de segundos. Abriu a boca e moveu-se de encontro a mim, quando

então arremeti meus quadris contra ela, penetrando-a fundo até a garganta. Continuei movendo os quadris, entrando e saindo dela, apreciando a vista dos seus lábios rosados em torno do meu pau, a vista mais bonita e excitante que um homem poderia ter.

Abby me chupava parecendo uma bezerrinha viciada. Quando fiquei mais duro dentro dela, tive que parar para não encher sua boquinha de leite. Talvez mais tarde fizesse isso, no momento, eu precisava estar dentro dela de outra forma, com uma urgência meio desesperada.

Ainda naquela posição, abri a gaveta do criado-mudo, de onde tirei um pacote de preservativos, liberei um deles da embalagem e me cobri, para em seguida encaixar meus quadris entre suas pernas e entrar nela devagar, apreciando cada centímetro das suas paredes molhadas me acolhendo, latejando em torno da minha rigidez, levando-me a uma deliciosa loucura.

— Cariel... — Meu nome escapou da sua boca de um jeito tão doce, que me fez amá-la um pouco mais.

Puxei meus quadris e passei a me mover dentro dela em um vai e vem, abrindo-a cada vez mais, deslizando na sua deliciosa umidade, sem desviar os meus olhos dos seus nem por um instante, e quando o meu corpo inteiro se retesou, anunciando a chegada do gozo, eu parei, porque não queria que acabasse ainda.

Retirei-me do seu interior e libertei suas mãos da fita, virei-a de bruços e a montei por trás, penetrando-a nesta posição, quando então a sua bocetinha parecia ainda mais apertada e gostosa.

Porra! Eu não ia conseguir me segurar por muito mais tempo.

Abby empinou o traseiro, abrindo-se um pouco mais para mim e meti nela como um louco, com força, ora depressa, ora devagar, acabando-me de prazer, extasiado com a forma como seu canal parecia me morder, latejando em volta de mim.

Estava muito próximo do orgasmo quando me retirei e a virei de frente, sentei-me na cama e a puxei novamente para mim, fazendo com que montasse meus quadris, e a penetrei mais uma vez, encaixando-me com perfeição em seu canal apertado.

Ensandecido, passei um braço em torno da sua cintura e a apertei mais forte de encontro a mim, seus seios pequenos pressionando meu tórax, minha pélvis esfregando o seu clitóris à medida que nos movíamos um contra o outro. Segurei seus cabelos na altura da sua nuca e me apossei da sua boca, dando minha língua para que ela sugasse, fazendo com que ela me desse a sua, até que explodimos juntos, gozando ao mesmo tempo, nossos corpos ondulando sobre a cama, grudados um no outro, minha boca abafando seus gemidos, meus espasmos se fazendo de encontro ao latejar das suas paredes molhadas.

Foi um gozo intenso e prolongado, que ao cessar deixou o som da nossa respiração pesada enchendo o ambiente, o coração acelerado batendo de encontro ao corpo um do outro.

— Isso foi magnífico. — Abby sussurrou, ofegante.

— Estamos apenas começando, baby.

Eu sabia que precisava fazer uma pausa, oferecer-lhe uma bebida ou algo para comer, entretanto, não consegui me afastar, minha fome por ela era grande demais, afinal, foi quase um mês de espera para tê-la em minha cama pela primeira vez.

Então, sem sair do seu interior, deitei-a no colchão e passei a me mover dentro dela devagar, meu corpo colado ao seu de cima a baixo, suas pernas abraçadas aos meus quadris.

— Cariel, você precisa trocar o preservativo. — Sussurrou quase sem fôlego.

Eu a deixei apenas pelo tempo necessário para tirar o preservativo usado e colocar outro novo, para em seguida voltar a me aconchegar no seu interior, onde era o meu lugar.

Acordamos tarde no dia seguinte, um belo domingo de sol, e encontramos uma Kristen animada na sala, nos esperando.

— Nossa! Finalmente vocês apareceram. Eu estava quase chamando o corpo de bombeiro para arrombar a porta do quarto e verificar se vocês ainda estavam vivos lá dentro. — Falou a minha irmã, tão logo avançamos pelo cômodo.

Abby e eu sorrimos um para o outro, tomados por uma felicidade tão plena que se uma bomba explodisse do nosso lado, nós continuaríamos sorrindo como bobos.

— Estávamos matando a saudade, Kristen. — Expliquei. — Abby e eu agora somos oficialmente namorados.

Os olhos de Kristen brilharam de euforia, ao mesmo tempo em que seus lábios se curvavam em um sorriso largo.

— Nem acredito que ganhei uma irmã. — Disse ela, exultante, e correu para abraçar Abby.

— E quanto a mim? Não vou ganhar um abraço também? — Reclamei e ela atirou-se em meus braços, pendurando-se em meu pescoço, como costumava fazer.

— Caryl, podemos ir passear de iate hoje? Eu gostaria de convidar algumas amigas da escola com quem conversei pelo Facebook. Estava só esperando você acordar para te pedir. Por favor, me diga que podemos.

E eu tinha como recusar a um pedido partido com aquela voz tão meiga e delicada?

— Tá bom, a gente vai passear de iate. Tudo bem para você, Abby?

Abby concordou e Kristen nos abraçou novamente, ainda mais exultante, antes de voltar correndo para o computador que deixara sobre o sofá.

Tivemos um domingo agradável, passeando pelas águas do mar, tomando sol, ouvindo música e observando a felicidade de Kristen ao reencontrar, pela primeira vez depois que começou a se recuperar, as amigas da escola. Ela havia passado muito tempo isolada, sem querer ver ninguém, envergonhada pelo fato de não ter cabelos e fraquinha demais para resgatar a sua autoestima. Não existiam palavras que pudessem descrever o que eu sentia ao vê-la feliz de novo.

Na segunda-feira, Kristen voltou para a escola depois de muito tempo, e fiz questão levá-la pessoalmente no primeiro dia quando percebi o quanto a fazia feliz voltar à sua rotina normal.

Naquele dia, antes de Abby sair para trabalhar, fiz com que promettesse

que viria almoçar comigo. Na verdade, foi uma chantagem, disse a ela que se não viesse invadiria o hospital e a penduraria em meu ombro, trazendo-a para casa de qualquer jeito. Pelo visto, deu certo, pois na hora do almoço ela estava ao meu lado e fizemos a refeição juntos, como a família na qual estávamos nos transformando. O difícil foi deixá-la sair para trabalhar depois.

Na terça-feira, a rotina se repetiu, Kristen foi para a escola, Abby para o hospital e eu fiquei em casa decidindo se iria ou não até a agência de turismo ver como estavam as coisas por lá.

Pouco antes do meio-dia, recebi uma ligação de Savana no meu celular.

— Oi, Cariel, como você está? — Indagou ela com a voz carregada de tristeza, o que me fez sentir pena, uma pena que durou poucos minutos.

— Estou ótimo e você?

Ela fez um longo momento de silêncio antes de continuar.

— Estou sentindo falta da sua companhia. — Disse e fez outra pausa, como se esperasse resposta, como não obteve, prosseguiu. — Cariel, eu detesto ser portadora de más notícias, mas tenho algo para te contar.

— Então conta.

— Hoje eu estava passando pelo centro da cidade, quando por acaso vi Abby e Alexander entrando em um prédio residencial. — Subitamente, um frio atravessou meu estômago. — Eu não queria dar uma de intrometida, mas fiquei curiosa e fui até a recepção perguntar em que apartamento eles estavam. Fui informada de que estão no trezentos e um. Isso foi há cerca de dez minutos. Sinceramente, achei uma falta de vergonha na cara por parte dos dois. Ainda pensei em subir lá e...

Ela continuou falando, mas eu já não ouvia mais, tudo dentro de mim parecia se transformar em um furacão de raiva e agonia. Se Abby e Alexander estavam juntos em um prédio residencial, isso significava que ele a havia levado para conhecer o apartamento disponível para aluguel que mencionara antes, o que não seria nada de mais se Abby não tivesse me prometido que desistiria de se mudar, que ligaria para ele ainda naquele dia e desmarcaria o compromisso.

Se eles tivessem ido lá apenas para olhar um apartamento, por que ela

NACIONAIS-ACHERON

mentiria para mim? Estariam tendo um caso? Desde quando?

— Qual o endereço desse prédio?

Savana me deu o endereço e eu anotei com as mãos trêmulas.

Tomado por uma profusão de sentimentos ruins, desliguei o telefone, peguei as chaves de um dos carros e deixei o apartamento quase correndo. Eu não sabia exatamente o que ia fazer lá, tampouco sabia como encontraria os dois, podiam estar apenas olhando um apartamento inocentemente, como também podiam estar transando, porque se o objetivo do encontro fosse apenas alugar o apartamento, ela não precisaria ter mentido para mim. Havia algo de muito errado por trás daquele encontro e eu pretendia descobrir do que se tratava. Queria vê-los juntos com os meus próprios olhos, deixá-los saber que foram vistos e que se estivesse me enganando durante todo esse tempo, não me enganariam mais dali em diante.

CAPÍTULO XXVII

Fiz o percurso de quase vinte minutos praticamente sem vê-lo, com o carro em altíssima velocidade. Ao estacionar diante do edifício indicado, passei direto pela recepção, sem me apresentar, afinal, já sabia o número do apartamento em que estavam. Meu corpo tremia dos pés à cabeça enquanto eu subia de elevador, tomado por um misto de inquietude, raiva e medo, o aterrador medo de perder a mulher que eu amava, de descobrir que ela não era nada daquilo que eu esperava.

Eu ainda tremia e suava frio quando toquei a campainha do apartamento, várias vezes, sem que ninguém atendesse, porém, se eles realmente estivessem lá dentro, fazendo mais que avaliar o lugar, certamente não abririam a porta para mim, já que podiam me ver pelo olho mágico. Então, decidi arrombar, entretanto, ao mexer no trinco, surpreendi-me ao descobrir que estava destrancada e entrei.

Realmente se parecia com um apartamento que estava para alugar, considerando que alguns móveis estavam cobertos por lençóis brancos e que faltavam vários itens na decoração. Atravessei a sala ampla e deserta, fui até a pequena cozinha e por fim abri a porta do quarto, quando meu coração quase parou de bater dentro do peito.

Abby e Alexander estavam deitados na cama grande de casal, completamente nus, abraçados, as pernas entrelaçadas, profundamente adormecidos, como se tivessem acabado de transar até à exaustão.

Fiquei ali parado, observando-os, tomado pela sensação de que meu mundo estava desmoronando, o chão parecia se abrir sob os meus pés, um negro abismo me engolia. A dor que me tomava naquele instante se equiparava a dor de mil pontas de punhais afiados perfurando lentamente minha pele. Naquele momento, eu não estava perdendo apenas a única mulher a quem fui capaz de amar na vida, estava perdendo também o meu irmão, da pior forma que se podia perder uma pessoa, por meio da traição pelas costas.

Quando consegui voltar a me mover, como se emergisse de um demorado

NACIONAIS-ACHERON

estado de transe, eu só queria sair dali, afastar-me para o mais longe possível de toda aquela sujeira, distanciar-me de seres humanos tão baixos e vis. Então, deixei o quarto quase correndo, o peito angustiado, a dor se revolvendo em minhas entranhas.

Havia aberto a porta para sair, quando percebi que era incapaz de deixar as coisas como estavam. Alexander tirava o que era meu, ele sabia que eu amava Abby e mesmo assim a estava tirando de mim, no mínimo, uma surra era o que ele merecia levar.

Tomado pelo misto de fúria e dor, voltei ao quarto, determinado a quebrar a cara dele. Quase me arrependi por ter retornado quando vi novamente a cena, o corpo pequeno de Abby aconchegado ao dele.

— Levanta daí, cara! Se quer me destruir, faça isso como um homem! — Esbravejei e esmurrei as costas de Alexander com todas as forças que consegui reuni nos meus punhos cerrados.

O golpe foi o bastante para acordar qualquer ser humano de um sono profundo, porém, ele nem se moveu, continuou dormindo, como se nada tivesse acontecido.

Cego de ódio, bati com ainda mais força e nada de ele se mover, então chutei e bati mais uma vez e nada.

Foi então que comecei a achar aquilo estranho. Alexander nunca teve o sono pesado e mesmo que tivesse, ninguém seria capaz de continuar dormindo depois de apanhar tanto. Havia algo de muito errado naquela história. Contornei a cama e sacudi Abby pelos ombros tentando acordá-la, mas ela continuou imóvel, adormecida. Sacudi com mais força, chamei pelo seu nome várias vezes e nada. Eles não estavam dormindo, estavam desacordados.

Tudo dentro de mim deu lugar ao desespero quando passou pela minha cabeça que pudessem estar mortos e apressei-me em verificar se estavam respirando, se tinham pulso e sim, eles estavam vivos, porém, completamente inconscientes, por qual razão eu nem desconfiava.

Sem parar para pensar, peguei meu celular e chamei uma ambulância. Enquanto esperava, procurei por lençóis dentro de um armário e ocultei a nudez de ambos, não sem antes distanciá-los um pouco. Intrigado, comecei a

NACIONAIS-ACHERON

me perguntar o que havia acontecido com eles, teriam sido dopados? Mas quem faria uma coisa dessas e por quê? Por alguma razão desconhecida, o rosto de Savana se projetou se em minha mente, talvez porque foi ela quem me ligou para avisar sobre aquele encontro entre os dois.

Teria ela armado toda aquela farsa para me fazer acreditar que Abby e Alexander estavam tendo um caso? Era difícil acreditar que a garota com quem passei três anos da minha vida pudesse ser capaz de chegar a tanto, de tomar uma atitude tão baixa e arriscada. Eu me recusava a acreditar que tivesse sido ela, preferiria achar que estava enganado.

Em busca de alguma pista que pudesse me dar indícios do que havia acontecido ali, vaguei pelo apartamento, examinando-o atentamente. Nada parecia fora do lugar, nada parecia estranho ou suspeito até eu ver a cartela de comprimidos vazia dentro da lixeira. Era Valium, o qual, se ingerido em grande quantidade, poderia facilmente levar alguém a ficar desacordado como eles estavam, como também poderia levá-los a um coma irreversível.

Minha nossa! Quem fez aquilo com eles parecia disposto a tirar suas vidas para me fazer acreditar que eu estava sendo traído, realmente não podia ter sido Savana, eu me recusava a acreditar que convivi por tanto tempo com uma pessoa assim e não a conheci realmente.

Ou a ambulância estava demorando mais que o normal, ou a minha ansiedade estava me fazendo perceber o tempo passar muito lentamente. Ainda em busca de respostas, usei o interfone do apartamento para ligar para a recepção do prédio. Fui atendido por uma voz masculina.

— Olá, aqui quem fala é Cariel Miller. Fui avisado de que duas pessoas da minha família haviam entrado no prédio, neste apartamento, e acabei de encontrá-los desacordados. Você sabe me explicar o que aconteceu aqui?

O cara pareceu ficar meio chocado do outro lado da linha, preocupado em perder seu emprego, já que não percebeu o momento em que entrei e com esse senso de percepção dele, eu duvidava que tivesse notado outras pessoas também.

— *Esse apartamento estava para alugar, fui avisado hoje cedo que o corretor de imóveis traria um casal para dar uma olhada. Devem ser os seus parentes.*

— Sim, mas onde está o corretor de imóveis? Você viu como ele era? Tem a descrição do cara? Sabe o nome dele e em que agência trabalha?

O sujeito pareceu ficar desesperado com as minhas perguntas e se enrolou todo com suas palavras, até que por fim trouxe a solução para todo o problema. Ou, pelo menos, para que descobríssemos a identidade de quem fez aquilo com Abby e Alexander.

— *Nós colocamos câmeras nos apartamentos que estão desocupados, isso não é para bisbilhotar, espero que o senhor compreenda, é apenas para termos certeza de que os visitantes não levarão nada que faça parte da mobília.*

— Pouco me interessa por que razão vocês colocam câmeras nos apartamentos desalugados, eu só quero saber onde estão as imagens dessas câmeras. Você pode me mostrar ou prefere que eu chame a polícia?

— *Podemos acessá-las de uma sala reservada aqui na recepção, o senhor pode descer?*

Ah, que merda! Eu precisava descer até lá e desvendar aquele mistério, entretanto, não queria deixar os dois sozinhos, visto que podia ser perigoso. Por outro lado, se a pessoa que fez aquilo descobrisse que havia câmeras no apartamento e voltasse para roubar as imagens antes que a ambulância chegasse, talvez jamais descobriríamos quem armou aquilo tudo.

— Eu já disse que os dois estão desmaiados. Tem como você trazer esse monitor aqui, ou pedir que alguém suba para ficar com eles enquanto eu desço?

— *Espere, foi o senhor que chamou uma ambulância?*

— Chamei sim, por quê?

— *Por que acaba de parar uma aqui na frente do prédio. Quer que mande que subam?*

— Claro que quero. Peça que se apresse, por favor, e que tragam macas.

Em questão de minutos, os profissionais da saúde que vieram da ambulância tocaram a campainha e deixei que entrassem empurrando duas marcas. Mostrei a eles a cartela de comprimidos que havia encontrado na

lixeira e um deles examinou atentamente Alexander e Abby.

— Estão dormindo por causa do efeito do medicamento. — Declarou. — Precisamos levá-los ao hospital para fazer uma lavagem estomacal.

— Eles estão correndo risco de vida? — Indaguei, aflito.

— Não. Já vi isso acontecer antes, se ainda não entraram em coma é porque não vão mais entrar. Daqui a algumas horas o efeito do medicamento passa e eles estarão acordados.

Respirei aliviado e deixei que os enfermeiros os colocassem na maca e os levassem para a ambulância. Doeu-me na alma não os acompanhar até o hospital, mas eu precisava descobrir o responsável por aquela armação, antes que este colocasse as mãos nas imagens das câmeras, se era que ainda não tivesse feito isso.

Na recepção, encontrei o garoto responsável pela entrada do prédio. Não me espantei que tantas pessoas tivessem entrado lá despercebidas, inclusive eu, o cara não passava de um garoto dentuço e lerdo, que não tinha mais de dezoito anos de idade.

— E então, onde posso ver as imagens das câmeras do apartamento? — Perguntei.

— Venha comigo. — Ele gesticulou para que eu o seguisse e me conduziu até uma sala pequena, onde ligou um painel antigo, com vários monitores. — Por favor, não conte nada disso ao proprietário do prédio, ou vou perder meu emprego e preciso desse salário para sustentar a minha mãe e a minha irmã.

— Falamos sobre isso depois. Agora mostre-me as imagens.

Ele usou um controle remoto para localizar as imagens que procurávamos, quando pude constatar que havia câmeras em todos os cômodos do apartamento e transmitiam imagens em tempo real, de modo que podíamos vê-lo completamente vazio naquele momento.

Meio atrapalhado, o garoto voltou as imagens até o momento em que os funcionários da ambulância deixavam o apartamento, levando Abby e Alexander nas macas, e então pausou. Impaciente, tirei o controle remoto da mão dele e voltei mais as imagens, até o momento em que meu irmão e minha garota adentravam o imóvel, na companhia de um homem alto, que

usava terno e gravata e carregava uma valise de couro, o qual tinha toda pinta de corretor de imóveis.

Eles não olharam o apartamento como quem pretendia alugá-lo, apenas sentaram-se nas cadeiras que havia descobertas na sala, diante um do outro e tiveram uma longa conversa, sem que se pudesse ouvir o que diziam, já que as imagens não tinham áudio. Enquanto conversavam, o suposto corretor foi até a cozinha e colocou os comprimidos em dois copos com sucos de laranja para em seguida oferecer-lhes a bebida, a qual eles ingeriram sem desconfiar que caíam em uma armadilha. Abby e Alexander foram perdendo a coordenação motora devagar, ela foi a primeira a perceber que havia algo errado, quando então Alexander a levou para o quarto, já quase desacordada. Embora parecesse começar a sentir-se mal também, ele a ajudou a deitar-se e tentou sair do quarto em seguida, mas então foi desabando aos poucos, até que desmaiou, ainda na porta do quarto.

Naquele momento o sujeito partiu para a segunda parte do que parecia um plano. Tirou as roupas dos dois e deitou Alexander ao lado de Abby na cama, fazendo com que desse a entender que haviam dormido juntos. Com isto, deixou o apartamento e nada mais aconteceu até que eu entrei.

As imagens estavam claras, não havia dúvidas de que Alexander e Abby haviam caído em uma armadilha, mas por parte de quem? Quem havia planejado aquilo tudo? Quem era o homem se fazendo passar por corretor de imóveis? Teria mesmo sido Savana a mandante com a intenção de nos separar? Era o que eu pretendia descobrir.

— Uma garota me ligou dizendo que veio aqui e perguntou, na recepção, em qual apartamento eles estavam. Foi com você que ela falou? — O garoto refletiu por um momento, parecendo tão aéreo que sua resposta seria duvidosa. — É uma garota ruiva, muito bonita, que tem um olho dourado e o outro azul.

— Não. Definitivamente eu me lembraria se uma garota com um olho azul e outro dourado tivesse falado comigo. — Foi a resposta dele.

Então era aquilo mesmo, não havia mais como duvidar. Savana armou para cima dos dois com o intuito de me separar de Abby, sem dar importância ao fato de que podia tê-los matado com uma overdose de soníferos, porém,

não passou pela cabeça dela que havia câmeras no apartamento e que eu a faria pagar por isso, denunciando-a à polícia, assim como também o seu cúmplice. Só que deixaria isso para depois, naquele momento eu precisava ir para o hospital ver como eles estavam.

Alexander foi o primeiro a acordar, cerca de doze horas após ter ingerido os remédios. Ainda estava meio zozinho e meio fora de órbita, ele demorou para entender o que havia acontecido. Fui contando a ele devagar, para evitar que perdesse a cabeça e fizesse algo contra Savana que pudesse prejudicá-lo. Eu conhecia o temperamento do meu irmão, sabia que quando furioso, ele tomava atitudes extremas e arriscadas.

Abby acordou algumas horas depois, também completamente zozinha e desorientada. Não contei a ela de imediato, esperei até que tivesse recebido alta e estivéssemos em casa, até porque precisava que ela me explicasse o motivo de ir ver aquele maldito apartamento com Alexander se ela havia prometido que não faria isso.

— Depois que falamos sobre isso, eu liguei para o celular dele para avisar que não ia mais ver o apartamento, só que ele não atendeu, então deixei uma mensagem de voz. Algumas horas depois, ele respondeu com uma mensagem de texto dizendo que a imobiliária não aceitaria o cancelamento da visita, que podíamos ir lá rapidamente só para cumprir o trato, então foi o que fiz, eu o encontrei diante do prédio no horário combinado. — Foi o que Abby me respondeu.

— Tem alguma coisa mal explicada nessa história. Como uma imobiliária não aceita o cancelamento da visita a um imóvel para aluguel? Isso é impossível, Abby.

— Também achei estranho, mas achei que fosse costume australiano, sei lá. Isso só Alexander pode explicar, precisamos falar com ele.

Não deixei que a ira me tomasse novamente, como quando os vi nus naquela cama, pois, obviamente, Savana havia armado também para que o compromisso não fosse cancelado. Eu duvidava que Alexander tivesse a sua parcela de culpa. A fim de esclarecer tudo, telefonei para ele no mesmo instante e perguntei por que não quis cancelar a maldita visita quando Abby pediu.

— *Eu não recebi telefonema algum de Abby, tampouco enviei a ela uma mensagem de texto, até porque eu perdi meu telefone na festa que teve aí, eu avisei a Kristen que procurasse. Ela não falou para vocês?* — Foi o que ele disse, e suas palavras serviram como a última peça para montar aquele quebra-cabeça.

— Pois é, ela não disse, deve ter esquecido por causa de tantas novidades que está vivendo nesse momento. Mas acredito que não seja mais necessário procurar pelo telefone, provavelmente foi Savana quem o encontrou e enviou a mensagem de texto a Abby.

— *Acho que isso também explica como ela sabia sobre essa visita ao apartamento. Abby e eu trocamos algumas informações via mensagens de voz. Acho até que enviei o endereço para ela por mensagem de texto. Na certa, Savana conseguiu a chave com o moleque da recepção, ou com o verdadeiro agente imobiliário e contratou aquele sujeito para se passar por ele.*

— Estou perplexo com que o ser humano é capaz de fazer.

— *Eu não me surpreendo com mais nada. O que você pretende fazer agora?*

— Vou denunciá-la à polícia, o que ela fez foi muito grave, poderia tê-los matado, tem que pagar por isso.

— *Me avise se precisar de testemunhas, provavelmente vai precisar. Agora preciso trabalhar. Até mais, garoto.*

Quando Kristen chegou da escola, perguntei a ela por que não me avisou que Alexander perdeu seu telefone no dia da festa e, como eu havia desconfiado, ela disse que esqueceu.

No dia seguinte, denunciei Savana à polícia e na mesma hora ela foi presa. Confessou toda a armação e ainda teve o descaramento de me pedir desculpas e tentar se justificar dizendo que fez tudo aquilo por me amar demais e embora eu tentasse não guardar rancor, não podia ignorar a gravidade dos seus atos e dar espaço para que fizesse de novo. Então, mandei que ela ficasse longe de mim e garanti que ela e seu cúmplice pegassem pelo menos alguns meses de cadeia, por tentativa de homicídio.

Aquela semana Abby não voltou a trabalhar, devido ao fato de que ainda estava desnorteada pelo efeito do excesso do remédio. Esse foi o lado bom de toda aquela história, a oportunidade de tê-la a semana toda perto de mim, sem que seu trabalho nos obrigasse a ficarmos longe um do outro.

EPÍLOGO

Já fazia quase um mês que eu havia comprado um anel de diamantes para pedir a mão de Abby em casamento e ainda não havia encontrado coragem, porque embora a minha pequena garota me amasse verdadeiramente e disso eu não tivesse dúvidas, ela era mestre na arte de me rejeitar. Havia feito isso por duas vezes, logo que nos conhecemos na América, enquanto fugíamos dos assassinos russos e logo depois que chegou à Austrália, quando cismou que eu não seria o cara certo para ela, porque podia deixá-la.

Apesar de estarmos muito bem — mais que isso, nós estávamos realmente felizes —, eu queria mais, queria que ela fosse oficialmente minha, por meio do matrimônio, porém temia que ela dissesse não.

Então, esperei pela oportunidade certa para fazer o pedido, que poderia ser durante uma de nossas viagens à ilha Kristen — a antiga Ilha do Pecado, em Singapura, cujo nome precisei modificar porque a minha irmã gostava de levar os amigos da escola lá e não ficava bem para garotos daquela idade frequentarem uma ilha que se chamava pecado.

Entretanto, estávamos na ilha já fazia dois dias e eu ainda não dera o passo mais importante da minha vida. Todas as vezes que tentava, me acordava e dizia para mim mesmo que fazia o pedido no dia seguinte. Pedia à governanta da casa que preparasse jantares românticos na praia, para criar o clima certo e em cima da hora amarelava. Não porque tivesse dúvidas de que a queria, na verdade essa era a minha maior certeza, o problema era o receio de ser rejeitado pela terceira vez, pela mulher que eu amava. Principalmente depois que ela havia mudado tanto.

Pois é, Abby estava completamente transformada, o pássaro havia aprendido a respirar debaixo d'água e o peixe havia criado asas. Apesar de estar feliz, a medica certinha e nerd tinha se tornado uma verdadeira porra louca — embora ainda fosse a melhor médica do país, reconhecida mundialmente por ter encontrado a cura para o câncer —, adepta dos esportes radicais. Aprendera a pegar onda e não saía mais de cima de uma prancha, também pegara o gosto pela velocidade e só vivia correndo com a sua

NACIONAIS-ACHERON

Lamborghini por aí, aprendera também a saltar de paraquedas e a cada dia o meu desespero crescia, porque se havia algo que eu não suportava, era vê-la em perigo e ultimamente ela vivia se colocando em risco.

Parte daquela transformação era culpa minha. Eu a ensinara a ser assim, e embora esse comportamento só fizesse com que eu a amasse cada dia mais, não podia ignorar o fato de que se acontecesse alguma coisa com ela, a culpa seria minha.

Ela também havia deixado seus cabelos ficarem com a cor natural, um ruivo claro que a tornava ainda mais linda.

Quanto a mim, por mais incrível que pudesse parecer, havia me transformado em um homem de negócios. A partir do momento em que a agência de turismo começara a dar lucros, eu tomara o gosto pela coisa e abrira mais duas agências, todas muito lucrativas, por sinal.

Aquele era o nosso último dia na ilha Kristen, no dia seguinte voltaríamos para casa. Eu precisava fazer o pedido, ou teria que esperar mais um mês até encontrar uma ocasião especial novamente. Naquela manhã, acordei com o ronco do motor do avião de pequeno porte que havia na ilha, levei até um susto, porque estávamos apenas eu, Abby, Kristen, os empregados e os amigos da minha irmã na ilha, os empregados não pegariam o avião sem a minha permissão, então quem poderia estar usando-o?

Sobressaltado, levantei-me depressa, sem encontrar Abby ao meu lado na cama, corri para a janela, a fim de me certificar de que realmente o avião estava no ar. O avistei de longe, sobrevoando a praia em torno da Ilha. Para o meu completo desespero, era seguido por água pela lancha com a prancha estendida, de modo que não foi difícil deduzir o que estava acontecendo ali: alguém saltaria de paraquedas e tentaria pousar na lancha e, considerando que a minha garota era a porra louca da família agora, não havia dúvidas de que esse alguém era ela. Só que aquele tipo de prática, apesar de divertida, era também super perigosa ela, estava colocando o seu pescoço lindo em risco, eu precisava impedir que cometesse essa loucura e se machucasse.

Então, apressadamente, vesti uma calça de moletom, joguei uma camiseta por cima e corri direto para a praia, mas era tarde demais, antes que eu tivesse tempo de fazer com que a lancha parasse, Abby saltou de paraquedas do

avião e prendi a minha respiração enquanto ela descia alinhada à lancha, meu coração quase parando de bater por medo de que ela não conseguisse abrir o paraquedas a tempo, ou que caísse na frente da lancha e fosse atropelada, ou que algo mais desse errado, porque naquela situação as possibilidades de erro eram muitas.

O tempo que ela levou entre saltar do avião e abrir o paraquedas me pareceu uma eternidade. Até que por fim conseguiu pousar bem no alvo, na proa estendida da lancha, onde Kristen e dois de seus amigos a esperavam e fizeram a maior algazarra para comemorar o seu feito.

Chacoalhei os braços no ar, na direção da lancha, pedindo que atracasse até que fui atendido pelo piloto, o único ali incapaz de me desobedecer.

— O que você pensa que estava fazendo lá? Não percebe o perigo em que se colocou? — Esbravejei, no instante em que Abby desceu da lancha e veio pela areia ao meu encontro, um sorriso travesso brincando em seus lábios.

— Imagina amor, não tem perigo algum. Você já fez isso tantas vezes e olha para você, está inteirinho.

— Nós já conversamos sobre isso Abby, você não pode se colocar em perigo dessa maneira. Eu cresci cometendo esse tipo de loucuras, por isso o risco é menor para mim, mas você não está acostumada com nada disso, pode se machucar feio.

— Ah, fala sério, Cariel, você sabia que uma hora dessas eu ia fazer esse salto, foi a minha vontade desde que você me contou que era possível.

Kristen e sua amiga loirinha, junto com o garoto cheio de espinhas, deixaram a lancha e se dirigiram na direção da casa, minha irmã me olhando com o canto do olho, ciente que havia feito algo errado, ao se tornar cúmplice de Abby em sua louca aventura.

— Nem pense que vai escapar de mim, mocinha. Mais tarde teremos uma conversa séria. — Esbravejei e voltei novamente meu olhar para a minha garota, que parecia ainda mais linda sob o sol fraco daquela manhã, com o rosto tingido de vermelho, quase da cor dos seus cabelos, os olhos grandes, azuis escuros, brilhando contra a claridade da luz.

— Não foi culpa dela, deixa de ser dramático, eu a convenci a embarcar

NACIONAIS-ACHERON

nessa e nada de mal aconteceu, está vendo? Eu fiz o salto e estou inteirinha da silva.

— Mas podia ter acontecido e você sabe disso. Está tão ciente que errou, que veio cometer essa loucura enquanto eu estava dormindo, para que eu não visse.

— Para que você não tentasse me impedir, porque às vezes acho que você pensa que eu sou feita de cera, mas eu não sou.

Com isto ela deu meia volta e tentou seguir na direção da casa, porém a detetive, segurando-a pelo braço.

— Espera aí, a nossa conversa ainda não acabou. Você precisa me prometer que vai parar de cometer essas loucuras, ou vou acabar morrendo do coração, porque eu não suportaria ver você machucada, será que você pode compreender isso?

Com um risinho safado nos lábios, ela eliminou a distância entre nós e abraçou-me pelo pescoço, pressionando o seu corpo pequeno ao meu, aproximando sua boca da minha.

— Eu não vou me machucar, gatinho, pode manter sua cabeça fria.

Capaz de me dobrar como ninguém mais, ela trouxe a sua boca até a minha e contornou os meus lábios com a ponta da sua língua, ao mesmo tempo em que introduzia sua mão sob o tecido de algodão da minha camiseta, passando seus dedos delicados sobre os contornos do meu tórax, o que foi suficiente para que todo o sangue do meu corpo parecesse se concentrar unicamente no meu pau.

Agindo como o faminto que era, enchi minha mão com seus cabelos avermelhados, na altura da sua nuca e inseri minha língua na sua boca, explorando-a deliciosamente, deixando que a lascívia tomasse conta de mim por completo, enquanto Abby continuava me provocando, esfregando seu ventre achatado na minha ereção.

Eu podia possuí-la ali mesmo, sobre as areias da praia, era realmente uma pena que houvesse tantos adolescentes na ilha e precisei afastar-me para conseguir controlar minha libido.

— Você realmente sabe como mudar de assunto, não é mocinha? — Ela sorriu com seu jeitinho safado que eu amava mais que tudo nessa vida. — Mas fique sabendo que eu ainda não esqueci o assunto, você está sob severa vigilância a partir de hoje.

A segurei pela mão e a conduzi para a casa, a fim de levá-la para o quarto e terminar o que foi começado ali, sem que as imagens daquele salto tão perigoso deixassem a minha mente. Já havíamos entrado no aposento, Abby já estava se despedindo das suas roupas e eu ainda pensava naquele salto, imaginava o quanto seria terrível perdê-la. Aquela mulher era a minha vida, sem ela eu não seria nada, nem ninguém.

Tais constatações me deram coragem para deixar que ela soubesse que eu a queria do meu lado para o resto das nossas vidas, não apenas como namorada, amiga, ou amante, mas como minha esposa. Queria que ela se tornasse a senhora Abby Miller, até porque ela ficava muito bem com esse sobrenome.

— Espera, Abby, preciso te falar uma coisa. — Declarei, tomado por uma coragem súbita de fazer aquilo que vinha adiando há quase um mês.

Ela havia tirado a blusa e a parte de cima do biquíni, usava apenas um shortinho minúsculo jeans, seus seios pequenos e empinados à mostra, os bicos rosados me atraindo tanto que quase me fizeram perder a cabeça, mas ainda assim, mantive o foco. Fui até a gaveta no closet, onde havia deixado o anel e quase tive um infarto ao abrir a caixinha preta de veludo e encontrá-la vazia.

Santo Deus! Alguém havia roubado a joia! Droga! Logo agora que eu havia encontrado coragem de pedir a mão dela!

Deixei o closet com a caixinha na mão, e a certeza de que não havia uma gota de sangue na minha face.

— Acho que fomos roubados, Abby. — Declarei, com pesar, lamentando que aquele incidente estivesse estragando o momento mais importante da minha vida.

Minha garota me surpreendeu quando seus lábios se curvaram em um largo sorriso.

— Acho que sei pelo que você está procurando. — Inesperadamente, ela enfiou os dedos no bolso do shortinho jeans, de onde tirou o anel que eu havia comprado e o colocou no dedo anelar, sem nem por um instante desviar os seus olhos dos meus, ou deixar que o sorriso se desfizesse dos seus lábios. — Era para mim, não era?

Ela indagou, com irreverência e meu coração deu uma pirueta dentro do peito. Aquilo era um sim? Ela estava dizendo que aceitava se casar comigo?

— Com certeza era para você, mas desde quando você sabe?

— Desde que você o deixou cair do bolso da sua camisa, enquanto transávamos sobre a mesa do terraço, depois de um jantar romântico.

— Ah, minha nossa! Isso foi há dias. Você deve estar achando que sou um covarde por não ter tido coragem de pedir.

— Não estou achando nada disso, só acho que você é o cara certo para mim, com quem quero passar o resto da minha vida.

Meu coração deu outra pirueta e achei que teria um infarto antes que tivesse tempo de torna-la definitivamente minha.

— Isso significa que você aceita se casar comigo?

— Mas é claro que aceito, seu bobo, que outra razão eu teria para viver?

Meus lábios se curvaram o em um sorriso de pura emoção, mas aquilo não estava certo eu precisava fazer as coisas direito. Então, fui até ela e me ajoelhei diante de si, segurei a sua mão frágil entre as minhas e, sem medo algum de errar, ou de ser rejeitado pedi: — Doutora Abby Francis Willis, você aceita se casar comigo?

Ela ficou séria por uma fração de segundos, mas foi apenas para me dar um susto, logo sua boca linda se curvou amplamente em um sorriso e ela respondeu.

— Sim, eu aceito.

Então, levantei-me, a tomei em meus braços, apertando o seu corpo frágil de encontro ao meu e tomei sua boca com voracidade. Sem deixar de beijá-la, a ergui em meus braços e a carreguei para a cama, tomado pela certeza de que

a teria pelo resto da minha vida e a sensação que eu tinha era de que não precisava de mais nada para ser feliz.

— Obrigado por travar aquelas portas e acionar o alarme no laboratório, Abby Miller. Se não fosse por isso, nossos destinos não teriam se cruzado e eu não teria me tornado o homem mais feliz dessa terra.

— Obrigada por ter invadindo o meu laboratório junto com aqueles russos, eu não seria nada sem você, Cariel, você é o homem da minha vida.

Cheio de tesão, deslizei minha mão para dentro do seu shortinho pequeno e mergulhei dois dedos na sua intimidade, extasiado ao encontrá-la toda molhadinha, pronta para me receber. Massageie seu clitóris em círculos e ela gemeu dengosa na minha boca, tentando erguer os quadris para encaixar seu corpo no meu, sem que eu permitisse.

— Me promete que não vai mais saltar de paraquedas, Abby. — Sussurrei de encontro à sua boca.

— Cariel... Não é hora de falar sobre isso... Faz amor comigo... — Ela novamente tentou erguer seus quadris do colchão e novamente mantive minha mão pressionada sobre sua pélvis, impedindo-a de sair do lugar, ao mesmo tempo em que continuava movendo meus dedos em círculos sobre seu ponto mais sensível.

— Me promete, Abby, nada de saltar de paraquedas de novo. — Exigi, com firmeza e introduzi dois dedos na sua vagina lubrificada, movendo-os em vai e vem.

Suas costas arquearam da cama e ela gemeu alto. Estava quase gozando quando abocanhei um dos seus seios e desacelerei os movimentos dos meus dedos, sentindo suas paredes lubrificadas se contraírem e relaxarem em torno deles.

— Cariel... — Proferiu meu nome, com tom de súplica.

— Me promete, Abby.

— Ok, eu prometo, nada de paraquedas.

— Ótimo.

Com isto, voltei a mover meus dedos dentro dela, depressa, sem deixar de sugar seu mamilo delicado, até que ela alcançou o clímax, gemendo alto, quase chorando, banhando minha mão com seu gozo abundante.

— Depois eu é quem sou a manipuladora dessa relação, não é? — Protestou, dengosa e ofegante.

— Cada um usa as armas que tem, Baby.

Tomado pela felicidade mais plena que um ser humano podia adquirir na vida, voltei a beijar lá na boca e a fiz minha devagar, explorando cada pedacinho do seu corpo gostoso, saciando aquela fome de Abby que já fazia parte de mim e crescia mais a cada dia, a media em que eu a amava mais que a mim mesmo.

FIM

PROMOÇÃO

Você que chegou até aqui com esse livro e gostou da história de Abby e Cariel, quer ganhar marcadores do livro para lembrar deles?

É muito simples!

Avalie o livro na Amazon, opine sobre o que achou dele (isso me ajuda muito a ter o seu feedback), depois, é só enviar o print da sua avaliação e o seu endereço para o e-mail: ari.ela_pereira@hotmail.com.

Prontinho! Você receberá em sua casa um lindo kit com marcadores variados, inclusive do livro!

Espero que goste e um grande beijo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de estar fazendo o que amo, que é escrever; Agradeço à minha filha querida pelo apoio, por toda a ajuda, por estar sempre aqui ao meu lado; Agradeço às blogueiras parceiras que fazem um ótimo trabalho de divulgação; E, por fim, agradeço às minhas leitoras amadas por prestigiarem o meu trabalho, por me transmitirem força e apoio quando as adversidades pelas quais um autor passa nesse país, me fazem querer desistir. Obrigada a todas, amo vocês!